WORLD AFTER



SUSAN EE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Nesta sequência do thriller de fantasia best-seller, Angelfall, os sobreviventes do apocalipse angelical começam a juntar novamente o que resta do mundo moderno.

Quando um grupo de pessoas capturam Paige, a irmã de Penryn pensando que ela é um monstro, a situação termina em um massacre. Paige desaparece. Os seres humanos são aterrorizados. Mamãe está com o coração partido.

Penryn dirige pelas ruas de San Francisco à procura de Paige. Por que as ruas estão tão vazias? Onde estão todos? Sua busca a leva para o coração dos planos secretos dos anjos onde ela pega um vislumbre de suas motivações, e aprende a extensão horrível do que os anjos estão dispostos a fazer.

Enquanto isso, Raffe caça suas asas. Sem elas, ele não pode se juntar aos anjos, não pode tomar seu lugar de direito como um dos seus líderes. Quando confrontado entre a recaptura de suas asas ou ajudar Penryn à sobreviver, o que ele vai escolher?

Dedicado aos primeiros leitores de Angelfall.
Obrigado por caírem primeiro.

1

TODO MUNDO PENSA que eu estou morta.

Eu deito com minha cabeça no colo da minha mãe na caçamba aberta de um grande caminhão. A luz do amanhecer delineia as linhas de tristeza no rosto de minha mãe, enquanto o estrondo dos motores vibra através do meu corpo inerte. Nós somos parte da caravana de Resistência. Meia dúzia de caminhões militares, vans e SUVs[{1}] tecem através de carros mortos para longe de São Francisco. No horizonte atrás de nós, a fortaleza dos anjos ainda arde em chamas após o ataque da Resistência.

Jornais cobrem as vitrines das lojas ao longo da estrada, fazendo um corredor de lembretes do Grande Ataque. Eu não preciso ler os jornais para saber o que eles dizem. Todo mundo estava colado às notícias durante os dias iniciais em que os repórteres ainda estavam relatando.

PARIS EM CHAMAS, NOVA YORQUE ALAGADA, MOSCOU DESTRUÍDA
QUEM ATIROU EM GABRIEL, O MENSAGEIRO DE DEUS?
ANJOS MUITO ÁGEIS PARA MÍSSEIS
LÍDERES NACIONAIS DISPERSOS E PERDIDOS
O FIM DOS DIAS

Nós dirigimos ao redor de três pessoas calvas envoltas em lençóis cinza. Eles estão estampando os manchados e amarrotados panfletos de um dos cultos do apocalipse. Entre as gangues de rua, os cultos e a Resistência, eu me pergunto quanto tempo resta antes de todo mundo fazer parte de um grupo ou outro. Mesmo o fim do mundo não pode nos impedir de querer pertencer a algo, eu acho.

Os membros do culto param na calçada para nos ver passar em nosso caminhão lotado.

Como uma família, devemos parecer pequenas – apenas uma mãe assustada, uma adolescente de cabelos escuros e uma menina de sete anos de idade, sentadas na caçamba de um caminhão cheio de homens armados. Em qualquer outro momento, teríamos sido ovelhas na companhia de lobos. Mas, agora, nós temos o que as pessoas poderiam chamar de — presença — .

Alguns dos homens em nossa caravana usam roupas de camuflagem e

seguram rifles. Alguns homens com metralhadoras ainda voltadas para o céu. Alguns são recém-saídos das ruas, com tatuagens de gangue caseiras feitas de queimaduras auto infligidas que marcam as mortes que eles fizeram.

Ainda assim, esses homens se amontoam para longe de nós para manter uma distância segura.

Minha mãe continua a balançar para trás e para frente como ela tem feito pela última hora desde que deixamos a fortaleza explodindo, cantando em sua própria versão de falar em línguas. A voz dela sobe e desce como se ela estivesse tendo uma discussão feroz com Deus. Ou talvez o diabo.

Uma lágrima cai do queixo dela e aterrissa na minha testa, e eu sei que o coração dela está quebrando. Está quebrado por mim, a filha de dezessete anos de idade, cujo trabalho era cuidar da família.

Até onde ela sabe, eu sou apenas um corpo sem vida trazido a ela pelo diabo. Ela provavelmente nunca conseguirá apagar a imagem de mim deitada mole nos braços de Raffe com as asas de demônio dele iluminadas por trás pelas chamas.

Eu me pergunto o que ela pensaria se alguém dissesse a ela que Raffe era, na verdade, um anjo que foi enganado e terminou com asas de demônio. Seria aquilo mais estranho do que ser informada que eu não estou realmente morta, mas apenas picada, ficando numa paralisia estranha por um monstro escorpião-anjo? Ela provavelmente pensaria que essa pessoa era tão louca quanto ela é.

Minha pequena irmã se senta aos meus pés, aparentemente congelada. Os olhos dela contemplam o nada sem expressão e as costas dela estão perfeitamente retas, apesar dos desvios do caminhão. É como se Paige tivesse se fechado.

Os homens durões no caminhão continuam dando olhadas para ela como menininhos espreitando sobre seus cobertores. Ela se parece com uma boneca costurada e machucada de um pesadelo. Odeio pensar no que pode ter acontecido com ela para ficar assim. Uma parte de mim deseja que eu saiba mais, mas uma parte de mim está feliz por não saber.

Respiro fundo. Eu terei que me levantar mais cedo ou mais tarde. Eu não tenho escolha a não ser enfrentar o mundo. Estou totalmente descongelada agora. Eu duvido que eu possa lutar ou qualquer coisa assim, mas tanto quanto eu posso perceber, eu devo conseguir me mover.

Eu me sento.

Eu acho que se eu realmente tivesse pensado sobre a situação, eu teria estado preparada para os gritos.

O maior dos gritos é da minha mãe. Os músculos dela enrijecem em

puro terror, os olhos incrivelmente grandes.

— Está tudo bem, — eu digo. — Está tudo bem. — Minhas palavras estão arrastadas, mas eu sou grata por não soar como um zumbi.

Seria engraçado, exceto por um pensamento preocupante que vem à minha cabeça: Nós agora vivemos em um mundo onde alguém como eu poderia ser morto por ser uma aberração.

Eu levanto minhas mãos em um gesto de apaziguamento. Eu digo alguma coisa para tentar tranquilizá-los, mas se perde nos gritos. Pânico em uma área pequena como a traseira de um caminhão é contagioso, aparentemente.

Os outros refugiados se esmagam uns contra os outros, conforme se apertam em direção à parte traseira do caminhão. Alguns deles parecem dispostos a saltar para fora do veículo em movimento.

Um soldado com espinhas gordurosas aponta sua arma para mim, agarrando-a como se ele estivesse prestes a cometer seu primeiro e horrível assassinato.

Eu totalmente subestimei o nível de medo primitivo girando em torno de nós. Eles perderam tudo: suas famílias, sua segurança, seu Deus.

E agora, um cadáver reanimado os alcançou.

— Eu estou bem, — eu digo lentamente, com tanta clareza quanto eu posso. Eu sustento o olhar do soldado, com a intenção de convencê-lo de que não há nada sobrenatural acontecendo. — Eu estou viva.

Há um momento em que eu não tenho certeza se eles vão relaxar ou me atirar para fora do caminhão com uma rajada de tiros. Eu ainda tenho a espada de Raffe amarrada às minhas costas, na maior parte escondida sob o casaco. Isso me dá um pouco de conforto, mesmo que, obviamente, não possa parar balas.

— Vamos lá. — Eu mantenho a minha voz suave e meus movimentos muito lentos. — Eu estava apenas nocauteada. Isso é tudo.

— Você estava morta — diz o soldado pálido, que não parece um dia mais velho do que eu.

Alguém bate no teto do caminhão.

Todos nós pulamos, e eu tenho sorte de o soldado não puxar o gatilho acidentalmente.

A janela traseira desliza aberta e a cabeça de Dee aparece. Ele pareceria severo, exceto que é difícil levá-lo muito a sério com seu cabelo vermelho e sardas de menino. — Ei! Afastem-se da garota morta. Ela é propriedade da Resistência.

— Sim — diz o irmão gêmeo dele, Dum, de dentro da cabine. — Precisamos dela para autópsias e outras coisas. Vocês acham que as garotas

mortas por príncipes demônios são fáceis de encontrar? — Como de costume, eu não posso diferenciar os gêmeos, então eu atribuo aleatoriamente Dee para um e Dum para o outro.

— Não matem a menina morta — diz Dee. — Eu estou falando com você, Soldado. — Ele aponta para o cara com o rifle e o encara. Você acharia que um conjunto de viciados, parecidos com Ronald McDonalds e com apelidos como Tweedledee e Tweedledum iria tirá-los toda a autoridade. Mas, de alguma forma, esses caras parecem ter talento para passar de brincalhões para mortais num piscar de olhos.

Pelo menos, eu espero que eles estejam brincando sobre a autópsia.

O caminhão para em um estacionamento. Isso tira a atenção de cima de mim enquanto todos nós olhamos ao redor.

O edifício de estilo adobe[{2}] na frente de nós é familiar. Não é a minha escola, mas é uma escola que eu já vi muitas vezes. É escola de Palo Alto, carinhosamente conhecida como Paly High.

Meia dúzia de caminhões e SUVs param no estacionamento. O soldado ainda mantém um olho em mim, mas ele abaixa a arma a um ângulo de 45 graus.

Muitas pessoas nos encaram conforme o resto da pequena caravana desce no estacionamento. Todos eles me viram nos braços da criatura demônio-alado que na verdade era Raffe, e todos eles pensaram que eu estava morta. Eu me sinto constrangida, então me sento no banco ao lado da minha irmã.

Um dos homens chega para tocar no meu braço. Talvez ele queira ver se eu estou quente como os vivos, ou fria como os mortos.

O rosto da minha irmã muda, instantaneamente, de uma folha em branco para um animal rosnando enquanto ela range para o homem. Os dentes de navalha enxertados dela piscam enquanto ela se move, enfatizando a ameaça.

Assim que o homem se afasta, ela volta para a expressão em branco e a postura de boneca.

O homem encara, olhando para trás e para frente entre nós, em busca de pistas para perguntas que eu não posso responder. Todo mundo no estacionamento viu o que aconteceu, e todos eles estão nos encarando também.

Bem-vindos ao show de horrores.



Paige e eu estamos acostumadas a sermos observadas. Eu apenas ignorava enquanto Paige sempre sorria para os curiosos ante a cadeira de rodas dela. Eles quase sempre sorriam de volta. O encanto de Paige era difícil de resistir.

Há muito tempo atrás.

Nossa mãe começa a falar em línguas novamente. Desta vez, ela está olhando para mim enquanto canta, como se estivesse orando por mim. As guturais quase-palavras vindas da garganta dela dominam os ruídos abafados da multidão. Deixe com a mamãe para adicionar uma dose séria de bizarrice mesmo à luz esfumaçada do dia.

— Tudo bem, vamos sair — diz Obi com uma voz forte. Ele tem, no mínimo, um metro e oitenta de altura, com ombros largos e um corpo musculoso, mas é a presença de comando e confiança nele que o distinguem como o líder da Resistência. Todo mundo vê e ouve enquanto ele anda pelos diversos caminhões e SUVs, parecendo um verdadeiro comandante militar em uma zona de guerra. — Esvaziem os caminhões e se dirijam para dentro do prédio. Fiquem fora de céu aberto tanto quanto possível.

Isso quebra o clima e as pessoas começam a pular fora dos caminhões. As pessoas em nosso caminhão empurram e forçam uns aos outros na sua corrida para ficar longe de nós.

— Motoristas — chama Obi. — Quando os caminhões estiverem vazios, espalhem seus veículos e os estacionem com fácil acesso. Escondam entre o tráfego morto ou em algum lugar que é difícil ver por cima. — Ele caminha através do rio de refugiados e soldados, dando propósito e direção para as pessoas que, de outra forma, estariam perdidas.

— Eu não quero nenhum sinal de que esta área está ocupada. Nada é para ser jogado ou despejado dentro de um raio de um quilometro e meio. — Obi pausa quando ele vê Dee e Dum lado a lado, olhando para nós.

— Cavalheiros — diz Obi. Dee e Dum saem de seu transe e olham para Obi. — Por favor, mostrem aos novos recrutas aonde ir e o que fazer.

— Certo — diz Dee, dando uma saudação de menininho com um sorriso a Obi.

— Novatos! — chama Dum. — Qualquer um que não sabe o que supostamente se deve fazer, sigam-nos.

— Caminhem direto para cima, gente — diz Dee.

Eu acho que é para nós. Eu me levanto rigidamente e alcanço automaticamente minha irmã, mas eu paro antes de tocá-la, como se uma parte de mim acreditasse que ela é um animal perigoso. — Vamos lá, Paige.

Eu não tenho certeza do que eu vou fazer se ela não se mover. Mas ela se levanta e me segue. Eu não sei se vou me acostumar a vê-la em pé com suas próprias pernas.

Mamãe me segue também. Ela não para de cantar, apesar de tudo. Está mais alto e mais fervoroso do que antes.

Todas nós entramos no fluxo de recém-chegados seguindo os gêmeos.

Dum anda de ré, conversando com a gente. — Nós estamos indo de volta para a escola, onde nossos instintos de sobrevivência estão no seu melhor.

— Se você tiver vontade de pichar as paredes ou bater em seu velho professor de matemática — diz Dee, — faça isso onde as aves não podem ver você.

Andamos pelo edifício principal de adobe. Da rua, a escola parece enganosamente pequena. Atrás do edifício principal, no entanto, há todo um campus de edifícios modernos ligados por passarelas cobertas.

— Se algum de vocês está ferido, sente-se nesta legal sala de aula. — Dee abre a porta mais próxima e espreita dentro. É uma sala de aula com um esqueleto de tamanho natural pendurada em um suporte. — Ossos irá te fazer companhia enquanto você espera pelo médico.

— E se algum de vocês é médico — diz Dum, — seus pacientes estão esperando por você.

— Isso somos todos nós? — Eu pergunto. — Nós somos os únicos sobreviventes?

Dee olha para Dum. — As meninas zumbis estão autorizados a falar?

— Se elas são bonitas e estão dispostas a fazer uma luta menina-zumbi na lama.

— Caaara. Certo.

— Essa é uma imagem nojenta. — Eu dou a eles um olhar de desaprovação, mas eu estou secretamente contente que eles não estão apavorados sobre eu voltando da morte.

— Não é como se nós tivéssemos escolhido os deteriorados, Penryn. Apenas aqueles como você, frescos da morte.

— Apenas, com roupas rasgadas e outras coisas.

— E com fome de seeeeeios.

— Ele quer dizer cérebros.

— Aquilo é exatamente o que eu quis dizer.

— Você poderia, por favor, responder a pergunta? — pergunta um rapaz de óculos que está completamente livre de rachaduras. Ele não parece estar em humor para brincadeira.

— Certo — diz Dee ficando todo sério. — Este é o nosso ponto de encontro. Os outros vão nos encontrar aqui.

Continuamos caminhando sob o sol fraco, e o cara com os óculos termina na parte de trás do grupo.

Dum se inclina para Dee e sussurra alto o suficiente para eu ouvir, — Quanto você quer apostar que aquele cara vai ser o primeiro na fila para apostar na briga de menina-zumbi?

Eles trocam sorrisos e mexem as sobrancelhas um para o outro.

Ventos de outubro infiltram-se através da minha blusa e eu não posso evitar olhar para o céu nublado procurando por um anjo em particular com asas em forma de morcego e um senso de humor tolo. Eu enrosco meu pé na grama cheia e me obrigo a desviar o olhar.

As janelas das classes estão cheias de cartazes e avisos sobre requisitos de vestibular. Outra janela exibe prateleiras de arte estudantil. Argila, madeira e bonecos de papel machê de todas as cores e estilos cobrem cada centímetro de espaço na prateleira. Alguns deles são tão bons que me deixa triste que aquelas crianças não estarão fazendo arte de novo por um longo, longo tempo.

À medida que caminhamos através da escola, os gêmeos têm o cuidado de ficar atrás da minha família. Eu diminuo o passo, pensando que não é uma má ideia ter Paige na frente onde posso ficar de olho nela. Ela caminha com dificuldade, como se ela ainda não estivesse acostumada às pernas dela. Eu não estou acostumada a vê-la assim também, e eu não posso parar de olhar para os pontos em cruz por todo o seu corpo que a faziamm parecer como uma boneca de vodu.

— Então essa é a sua irmã? — pergunta Dee em uma voz calma.

— Sim.

— Pela qual você arriscou sua vida?

— Sim.

Os gêmeos acenam educadamente, daquela forma automática que as pessoas fazem quando não querem dizer algo insultante.

— Sua família é melhor? — Eu pergunto.

Dee e Dum olham um para o outro, avaliando.

— Não — diz Dee.

— Não mesmo — diz Dum ao mesmo tempo.

NOSSA NOVA casa é uma classe de história. As paredes estão cheias de linhas do tempo e cartazes da história da humanidade. Mesopotâmia, a Grande Pirâmide de Gizé, o Império Otomano, a dinastia Ming. E a Peste Negra.

Meu professor de história disse que a Peste Negra eliminou de trinta a sessenta por cento da população da Europa. Ele nos pediu para imaginar o que seria ter sessenta por cento do seu mundo morto. Eu não pude imaginar na época. Parecia tão irreal.

Em um contraste estranho, dominando todos esses cartazes de história antiga, está uma imagem de um astronauta na lua com a Terra azul surgindo atrás dele. Toda vez que vejo a nossa bola azul e branca no espaço, eu acho que deve ser o mundo mais bonito do universo.

Mas isso parece irreal agora, também.

Lá fora, mais caminhões roncam no estacionamento. Vou até a janela conforme mamãe começa a empurrar mesas e cadeiras para um lado. Eu espreito lá fora para ver um dos gêmeos levando os recém-chegados atordoados para dentro da escola como o Flautista[3].

Atrás de mim, a minha irmãzinha diz: — Com fome.

Eu endureço e encho todos os tipos de feiura no cofre da minha cabeça.

Eu vejo um reflexo de Paige na janela. No outro mundo borrado daquela imagem, ela olha para mamãe como qualquer outra criança esperando o jantar. Mas no espelho deformado, a cabeça dela está distorcida, ampliando seus pontos e alongando os dentes de navalha enxertados.

Mamãe se abaixa e acaricia os cabelos de seu bebê. Ela começa a sussurrar sua assombrosa canção de desculpas.



Eu me estabeleço em uma cama de armar no canto. Deitada com as costas contra a parede, eu posso ver o quarto inteiro ao luar.

Minha irmãzinha se deita em uma cama contra a parede à minha frente. Paige parece minúscula sob o cobertor abaixo dos cartazes de figuras históricas extraordinárias. Confúcio, Florence Nightingale, Gandhi, Helen Keller, o Dalai Lama.

Ela teria acabado como eles se não estivéssemos no Mundo de Depois?

Minha mãe se senta com as pernas cruzadas perto da cama de Paige, cantarolando sua melodia. Nós tentamos dar a minha irmã as duas coisas que eu pude conseguir a partir da desorganizada bagunça na cantina, que supostamente se transformará em uma cozinha de manhã. Mas ela não conseguia segurar no estômago nem a sopa enlatada e nem a barra de proteína.

Eu mudo meu peso sobre a lona da cama, tentando encontrar uma posição em que o punho da minha espada não vá espetar minhas costelas. Tê-la comigo é a melhor maneira de impedir alguém de tentar pegá-la e descobrir que eu sou a única que pode levantá-la. A última coisa que eu preciso é ter que explicar como eu terminei com uma espada de anjo.

Dormir com uma arma não tem nada a ver com a minha irmã estar no quarto. Absolutamente nada.

Também não tem nada a ver com Raffe. Não é como se a espada fosse minha única lembrança do meu tempo com ele. Eu tenho dezenas de cortes e contusões para me lembrar dos dias que passei com meu inimigo anjo.

Quem eu provavelmente nunca verei novamente.

Até o momento, ninguém perguntou sobre ele. Eu acho que isso é mais comum do que não ter o seu grupo separado nos dias de hoje.

Eu desligo aquele pensamento e fecho os olhos.

Minha irmã geme novamente sobre o zumbido da minha mãe.

— Vá dormir, Paige — eu digo. Para minha surpresa, a respiração dela relaxa e ela se ajeita. Eu respiro fundo e fecho os olhos.

A melodia da minha mãe desaparece no esquecimento.

EU SONHO que estou na floresta onde o massacre aconteceu. Eu

estou em frente ao antigo acampamento da Resistência, onde os soldados morreram tentando defender-se contra os demônios baixos.

Sangue escorre dos galhos e cai sobre as folhas mortas, como gotas de chuva. No meu sonho, nenhum dos corpos que deveriam estar aqui, estão aqui, e nem são os soldados aterrorizados que se amontoam costas-com-costas com os rifles apontados para fora.

É apenas uma clareira pingando de sangue.

No centro, está Paige.

Ela usa um vestido com flores desenhadas à moda antiga, como os que aquelas meninas penduradas na árvore usavam. O cabelo dela está encharcado de sangue e também o vestido. Eu não tenho certeza do que é mais difícil de olhar, o sangue ou os pontos dos machucados cruzando o rosto dela.

Ela ergue os braços em minha direção como se esperando que eu a pegue, mesmo que ela tenha sete anos agora.

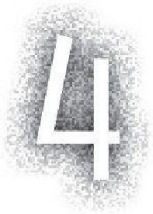
Tenho certeza de que minha irmã não fazia parte do massacre, mas aqui está ela de qualquer maneira. Em algum lugar na floresta, a minha mãe diz: — Olhe dentro dos olhos dela. Eles são os mesmos que sempre foram.

Mas eu não posso. Eu não posso olhar para ela de forma alguma. Os olhos dela não são os mesmos. Eles não podem ser.

Eu me viro e corro para longe dela.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto e eu grito dentro da floresta para longe da menina atrás de mim. — Paige! — Minha voz racha. — Estou indo. Aguente. Eu estarei aí em breve.

Mas o único sinal de minha irmã é a trituração das folhas mortas conforme a nova Paige me assombra pela floresta.



EU ACORDO com a minha mãe raspando algo do bolso do suéter dela. Ela coloca aquilo no peitoril da janela, onde a luz da manhã passa. É gema amarelo-marrom e cascas de ovos esmagadas. Ela é muito cuidadosa com aquilo, tentando colocar cada gota nojenta sobre o peitoril.

Paige respira uniformemente, soando como se ela fosse estar nocauteada por algum tempo. Eu tento sacudir os resquícios do meu sonho, mas partes dele ficam comigo.

Alguém bate na porta.

A porta se abre e o rosto sardento de um dos gêmeos espreita em nossa sala de aula. Eu não sei qual deles é, então eu só penso nele como Dee-Dum. O nariz dele enruga em desgosto quando ele cheira o ovo podre.

— Obi quer você. Ele tem algumas perguntas.

— Ótimo — eu digo, sonolenta.

— Vamos. Vai ser divertido. — Ele me lança um sorriso demasiado brilhante.

— E se eu não quiser ir?

— Eu gosto de você, garota — diz ele. — Você é uma rebelde. — Ele se inclina contra o batente da porta e acena em aprovação. — Mas para ser honesto, ninguém tem obrigação de te alimentar, te dar um abrigo, te proteger, ser legal com você, tratá-la como um ser humano –

— Ok, ok. Eu entendo. — Eu me arrasto para fora da cama, feliz que eu dormi vestindo uma camiseta e shorts. Minha espada cai no chão. Eu tinha esquecido que eu a tinha comigo debaixo do cobertor.

— Shh! Você vai acordar Paige, — sussurra minha mãe.

Os olhos de Paige se abrem instantaneamente. Ela deita lá como os mortos, encarando o teto.

— Espada legal — Dee-Dum diz muito casualmente.

Sirenes de alarme disparam na minha cabeça. — Quase tão boa quanto um marcador de vaca. — Eu meio que espero mamãe dar um cutucão nele com o marcador dela, mas aquilo balança inocentemente na estrutura da cama dela.

Mais culpa me atinge quando eu percebo o quanto estou feliz que Mamãe tem o marcador, no caso dela precisar se defender de... Pessoas.

Mais da metade das pessoas aqui estão carregando algum tipo improvisado de arma. A espada é uma das melhores, e eu estou feliz que eu não

tenho que explicar por que eu estou carregando-a. Mas há algo sobre uma espada que parece chamar mais atenção do que eu gosto. Eu a pego e prendo através do meu ombro para desencorajá-lo de tentar brincar com ela.

— Tem um nome para ela? — pergunta Dee-Dum.

— Quem?

— A sua espada. — Ele diz da maneira que eu poderia dizer *Duh*.

— Oh, por favor. Não você também. — Eu escolho através da variedade aleatória de roupas que minha mãe recolheu ontem à noite. Ela também voltou com um bando de garrafas de refrigerante vazias e outras porcarias quem sabe de onde, mas eu deixo aquela pilha em paz.

— Eu conhecia um cara que tinha uma katana.

— Uma o quê?

— Uma espada samurai japonesa. Linda. — Ele aperta o coração como se estivesse apaixonado. — Ele a chamava de Espada da Luz. Eu teria vendido minha avó como escrava por aquilo.

Concordo como se aquilo fosse óbvio.

— Posso nomear sua espada?

— Não. — Eu tiro um par de jeans que caibam e uma meia.

— Por que não?

— Já tem um nome. — Continuo cavando através da pilha por uma meia correspondente.

— Qual é?

— Pooky Bear[{4}].

O rosto amigável dele de repente se torna sério. — Você está nomeando seu item de colecionador, espada fodona que é feita para mutilar e matar, especificamente projetada para trazer os seus giganormes[{5}] inimigos de joelhos *e* ouvir a lamentação das mulheres deles de “Pooky Bear?”

— Sim, você gosta?

— Mesmo brincar sobre isso é um crime contra a natureza. Você sabe disso, certo? Eu estou tentando desesperadamente não fazer um comentário anti-garota agora mesmo, mas você está tornando isso muito difícil.

— Sim, você está certo. — Eu dou de ombros. — Eu poderia chamá-la de Toto ou Flossy ao invés. O que você acha?

Ele olha para mim como se eu fosse mais amalucada do que minha mãe. — Eu estou enganado? Você, na verdade, tem uma bolsa para cão naquela bainha?

— Oh, eu imagino se eu posso encontrar uma bainha rosa para Pooky Bear. Talvez com pequenos strass? O quê? Exagerado?

Ele sai balançando a cabeça.

Ele é simplesmente muito fácil de provocar. Eu levo o meu tempo me trocando e me preparando antes de seguir Dee-Dum porta afora.

O corredor parece tão cheio como o Coliseu Oakland{6} durante o World Series{7}.

Um par de homens de meia-idade troca uma pena por um frasco de pílulas prescritas. Eu acho que essa é a versão do Mundo de Depois de uma transação de drogas. Outro mostra o que parece ser um dedo pequeno, então arrebata de volta quando um cara avança naquilo. Eles começam a argumentar sussurrando.

Um par de mulheres caminha ao redor debruçadas sobre algumas latas de sopa como se segurassem um pote de ouro em seus braços. Elas examinam todos nervosamente enquanto andam através do corredor. Ao lado da porta principal, um par de pessoas com a cabeça recentemente raspada, estampam folhetos do culto do apocalipse.

Lá fora, o gramado alto está misteriosamente deserto com lixo soprando pelo vento. Qualquer um que olhe para baixo do céu iria assumir que esse prédio está tão abandonado quanto qualquer outro.

Dee-Dum me diz que já é uma grande piada que o escalão superior da Resistência assumiu a sala dos professores e que Obi tomou o escritório do diretor. Nós andamos através do terreno da escola para a missão no prédio de adobe de Obi, permanecendo na passagem coberta mesmo que isso signifique ir pelo caminho mais longo.

A entrada e os corredores do edifício principal estão ainda mais movimentados do que o meu, mas as pessoas aqui parecem que têm um propósito. Um cara se apressa pelo corredor arrastando cabos atrás dele. Várias pessoas movem mesas e cadeiras de uma sala para outra.

Um garoto adolescente empurra um carrinho empilhado com sanduíches e jarros de água. Conforme aquilo rola, as pessoas pegam a comida e bebida, como se eles tivessem o direito a entrega de refeições se eles trabalhassem neste edifício.

Dee-Dum pega um par de sanduíches e me entrega um. Apenas assim, eu sou parte da multidão.

Eu devoro meu café da manhã antes que alguém perceba que eu não pertenço aqui. Mas eu quase engasgo com uma porção quando eu noto uma coisa.

Os canos de armas neste edifício são extralongos. Eles parecem com os silenciadores que você vê assassinos parafusando em seus rifles em filmes.

Se formos atacados por anjos, o ruído não vai importar porque os anjos já saberão onde estamos. Mas se estivermos atirando um no outro...

A comida em minha boca repentinamente tem o gosto de presunto frio e viscoso e pão duro como pedra, em vez do delicioso prazer que era um momento atrás.

Dee-Dum empurra através de uma porta.

— ...confusão — diz uma voz masculina de dentro do quarto.

Diversas fileiras de pessoas se sentam na frente de computadores, totalmente imersos nas suas telas. Eu não tenho visto nada parecido com isso desde antes do ataque. Alguns deles são uma figura, com os óculos colidindo com as tatuagens de chifres de diabo das gangues.

Mais pessoas estão instalando computadores nas filas atrás e rolando TVs grandes na frente do quadro-negro. Parece que a Resistência descobriu como obter uma fonte de energia constante, pelo menos para um quarto.

No centro de toda a atividade está Obi. Uma fila de pessoas o segue ao redor, à espera de sua aprovação em alguma coisa. Várias pessoas na sala parecem ter um olho nele e um olho em alguma outra coisa.

Boden está ao lado dele. O nariz ainda está inchado e machucado da nossa pequena luta no pátio de escola há poucos dias. Talvez, da próxima vez, ele vai falar com as pessoas como se elas fossem seres humanos, ao invés de intimidá-las, mesmo que elas sejam meninas pequenas como eu, que parecem alvos fáceis.

— Foi um ajuste nos planos, e não uma confusão — diz Boden. — E de jeito nenhum aquilo foi uma 'traição contra a humanidade'. Quantas vezes eu tenho que explicar isso?

Espantosamente, há uma cesta de barras de doces na porta. Dee-Dum pega duas e me entrega uma. Quando eu sinto a barra de Snickers na minha mão, eu sei que estou no santuário interior.

— Saltar com a arma não é um ajuste nos planos, Boden — diz Obi enquanto olha para um documento entregue a ele por um tipo de soldado durão. — Nós não podemos executar uma estratégia militar deixando um soldado decidir o tempo certo, só porque ele não conseguiu manter a boca fechada e confessou todos os detalhes. Cada peregrino de rua e prostituta de hotel sabia sobre isso.

— Mas não foi –

— Culpa sua — diz Obi. — Eu sei. Você tem dito isso ad nauseam[{8}]. Obi olha na minha direção enquanto escuta o próximo na fila.

Após um momento fantasiando sobre o gosto da barra de doce, eu a coloco no bolso da minha jaqueta. Talvez eu possa seduzir Paige a comê-la.

— Você está dispensado por agora, Boden. — Obi gesticula para eu me juntar a ele.

Boden me dá um grunhido quando passamos um pelo outro.

Obi sorri para mim. A mulher que é a próxima na fila examina e me olha com mais do que curiosidade profissional.

— Bom te ver viva, Penryn — diz Obi.

— É bom estar viva — eu digo. — Teremos uma noite de cinema?

— Estamos criando um sistema de vigilância remoto ao redor da área da baia — diz Obi. — Vale a pena ter tantos gênios no Valley[{9}] que podem tornar o impossível em possível de novo.

Alguém na última fila grita, — Câmera vinte e cinco está online. — Os outros programadores continuam a digitar em seus computadores, mas eu posso sentir o entusiasmo deles.

— O que você está procurando? — Eu pergunto.

— Qualquer coisa interessante — diz Obi.

— Eu tenho alguma coisa! — Um programador na parte de trás grita. — Anjos no Sunnyvale na Via Expressa Lawrence.

— Coloque na tela da frente, — diz Obi.

Uma das grandes telas de TV na parte da frente da sala de aula aparece.



A TV É LIGADA.

Um anjo com asas azuis espreita através dos escombros de uma rua abandonada. A estrada tem uma rachadura gigante ziguezagueando para baixo do centro, com um lado mais alto do que o outro.

Outro anjo aterrissa atrás do primeiro, em seguida, outros dois. Eles olham ao redor, depois, caminham para fora da tela.

— Você pode virar a câmera?

— Essa não, desculpe.

— Peguei outro! — diz um programador à minha direita. — Essa está no SFO[{10}]. — Eu sempre quis saber como eles chegaram ao SFO do Aeroporto Internacional de São Francisco.

— Coloque na tela — diz Obi.

Outra TV ganha vida na frente do quadro-negro.

Um anjo corre meio mancando, meio correndo ao longo de um campo de asfalto. Uma asa branca está fora de bom funcionamento e se arrastando atrás dele.

— Temos um pássaro manco — diz alguém atrás de mim. Ele soa animado.

— Do que ele está fugindo? — Obi pergunta quase para si mesmo.

A câmera tem problemas com as imagens. Mantém-se mudando de muito brilhante para muito escura. Ajusta-se com a iluminação para o fundo brilhante, tornando os detalhes do anjo escuros e difíceis de ver.

Quando ele se aproxima, porém, ele se vira para ver o que quer que o esteja perseguindo, nos dando uma boa olhadela do rosto dele.

É Beliel, o demônio que roubou as asas de Raffe. Ele está em má forma. Fico imaginando, o que aconteceu?

Apenas uma das asas roubadas parece funcional. Ela se mantém abrindo e fechando como se reflexivamente tentasse voar enquanto a outra asa se arrasta na poeira. Eu odeio ver as lindas asas de Raffe maltratadas assim, e eu tento não pensar no maltrato que elas tiveram sob minha responsabilidade.

Há algo de errado com o joelho de Beliel. Ele manca e o segura enquanto tenta correr. Ele está se movendo mais rápido do que qualquer ser humano ferido poderia, mas eu estou supondo que é ainda menos do que a metade de sua velocidade normal.

Mesmo a esta distância, eu posso ver uma mancha vermelha vívida que escoa através da calça branca dele logo acima das botas. Engraçado que o demônio decidiu vestir branco, provavelmente porque ele tem novas asas.

Conforme ele se aproxima da câmera, ele vira a cabeça novamente para olhar para trás. Há o escárnio familiar. Arrogante, irritado, mas desta vez, com mais do que um toque de medo.

— Do que ele está com medo? — Obi questiona o que eu estou me perguntando.

Beliel manca para fora da imagem, deixando apenas uma seção cruzada do vazio do fugitivo.

— Podemos ver o que está por trás dele? — pergunta Obi.

— Isso é o máximo que a câmera chega.

Alguns segundos vão passando, e parece que a sala está prendendo a respiração.

Então, o perseguidor de Beliel aparece na tela em toda a sua glória.

Asas demoníacas espalhadas acima da cabeça dele. Luz brilha dos ganchos curvados, deslizando para baixo da borda das asas conforme persegue sua presa.

— Jesus Cristo — diz alguém atrás de mim.

O perseguidor não parece estar com pressa, quase como se estivesse saboreando o momento. A cabeça dele está para baixo, com as asas protegendo seu rosto, fazendo os detalhes ainda mais difíceis de ver do que com Beliel. E ao contrário de Beliel, ele não vira a cabeça para nos dar uma boa olhada de seu rosto.

Mas eu o conheço. Mesmo com suas novas asas de demônio, eu o conheço.

É Raffe.

Tudo sobre ele – o ritmo, as asas arqueadas, a face sombreada – é a perfeita imagem do pesadelo, do diabo perseguindo sua presa.

Mesmo que eu tenha certeza que é Raffe, meu coração gagueja com medo à visão dele.

Este não é o Raffe que eu conheci.

Será que Obi o reconhece como o cara que estava comigo quando nós fomos para o acampamento da Resistência?

Eu estou supondo que não. Não tenho certeza que *eu* teria reconhecido Raffe se eu não soubesse sobre suas novas asas, apesar de todas as características do rosto e corpo dele terem sido queimadas em minha memória.

Obi se vira para seus homens. — Nós achamos o pote de ouro! Um anjo coxo *e* um demônio. Eu quero um grupo de caça no caminho para o

aeroporto, em dois minutos!

Os gêmeos estavam se movendo antes que a ordem fosse dada. — Estamos nisso — eles dizem em uníssono enquanto correm para fora da porta.

— Vão! Vão! Vão! — Eu nunca vi Obi tão animado.

Obi faz uma pausa na porta para dizer, — Penryn, junte-se a nós. Você é a única que esteve perto de um demônio. — Todo mundo ainda acha que um demônio me carregou até à minha família quando eu aparentemente estava morta.

Fecho minha boca antes que eu possa dizer que eu não sei de nada. Eu corro para alcançar o grupo debandando pelo corredor.



O AEROPORTO INTERNACIONAL de San Francisco costumava estar a cerca de vinte minutos a norte de Palo Alto, se não houvesse trânsito. Claro, a autoestrada está entupida agora e dirigir a sessenta quilômetros por hora já não é viável, nem uma boa ideia. Mas ninguém parece ter dito isso a Dee-Dum. Ele toma estradas laterais abertas em nosso SUV, costurando através de carros abandonados e batendo em calçadas, como um piloto de corridas bêbado.

— Estou ficando enjoada — eu digo.

— Eu estou ordenando a você que não fique — diz Obi.

— Ah, não diga isso — diz Dee-Dum. — Ela é uma rebelde nata. Ela vai vomitar apenas pelo desafio.

— Você está aqui por uma razão, Penryn — diz Obi. — E vomitar no meu carro não é parte dela. Anime-se, Soldado.

— Eu não sou seu soldado.

— Ainda não — diz Obi com um sorriso largo. — Por que você não nos ocupa contando sobre o que aconteceu na fortaleza? Conte-nos tudo o que você viu e ouviu, mesmo que você ache que não seja útil.

— E se você tiver que ficar enjoada — diz Dee-Dum, — mire na direção de Obi, não na minha.

Eu acabo contando a eles quase tudo o que eu vi. Eu deixo de fora todas as coisas sobre Raffe, mas eu conto sobre a interminável festa dos anjos na fortaleza com champanhe e hors d'oeuvres[{11}], trajes, servos, e da pura decadência disso tudo. Então, eu conto a eles sobre os fetos de anjo-escorpião no laboratório subterrâneo, e as pessoas que são alimentos para os escorpiões.

Hesito em contar a eles sobre os experimentos em crianças. Será que eles vão juntar dois e dois e suspeitar que essas crianças possam ser os demônios baixos que estavam rasgando pessoas nas estradas? Eles vão suspeitar que Paige possa ser um deles? Eu não tenho certeza do que fazer, mas eu acabo contando em termos vagos que as crianças têm sido operadas.

— Então sua irmã, ela está bem? — pergunta Obi.

— Sim, eu tenho certeza que ela voltará a ser ela mesma em breve. — Digo isso sem hesitação. É claro que ela está bem. O que mais ela pode estar? Que escolha temos? Tento irradiar confiança através da minha voz, apesar da preocupação que me atormenta.

— Conte-nos mais sobre estes anjos-escorpião — diz nosso outro

passageiro. Ele tem cabelo ondulado, óculos e pele marrom. Ele tem o ar de um estudioso que parece um nerd interessado sobre seu assunto favorito.

No meu alívio em mudar do assunto sobre Paige, eu conto a eles todos os detalhes que eu posso recordar. O tamanho deles, as asas de libélula, a total falta de uniformidade, que é tão diferente de amostras de laboratório que você vê nos filmes. Como alguns deles pareciam embrionários, mas outros pareciam quase completamente formados. Eu conto a ele sobre as pessoas presas nos tanques com eles, tendo a vida sugada para fora deles.

Quando eu termino, há uma pausa enquanto todos absorvem minha história.

Assim que eu penso que essa sessão de pergunta-e-resposta será fácil, eles perguntam sobre o demônio que me carregou e me deixou no caminhão de resgate da Resistência durante o ataque à fortaleza. Eu não tenho nenhuma ideia do que dizer, então minha resposta a todas as perguntas é: — Eu não sei. Eu estava inconsciente.

Apesar disso, eu estou surpresa com a quantidade de perguntas que eles fazem sobre “o demônio”.

Ele era o diabo? Ele disse alguma coisa sobre o que ele estava fazendo lá? Onde você o conheceu? Você sabe para onde ele foi? Por que ele a deixou com a gente?

— Eu não sei — eu digo pela enésima vez. — Eu estava inconsciente.

— Você pode falar com ele de novo?

Essa última questão aperta meu coração um pouco. — Não.

Dee-Dum faz uma rápida inversão na pista para evitar um lado lotado da estrada.

— Há qualquer outra coisa que você gostaria de nos contar? — pergunta Obi.

— Não.

— Obrigado — diz Obi. Ele se vira para olhar para o outro passageiro. — Sanjay, sua vez. Eu soube que você tem uma teoria sobre os anjos que deseja compartilhar conosco?

— Sim — diz o estudioso segurando um mapa do mundo. — Eu acho que a maioria das mortes durante o Grande Ataque pode ter sido acidental. Uma espécie de efeito colateral dos anjos virem aqui. Minha hipótese é que quando um par deles entra no nosso mundo, é um fenômeno local.

Sanjay espeta um pino através do mapa. — Um buraco em nosso mundo é criado, que os permite entrar. Isso provavelmente provoca algum tipo de perturbação do tempo local, mas nada muito dramático. Mas quando uma legião inteira entra, isto é o que acontece.

Ele soca uma chave de fenda no papel. O cabo e a mão dele também passam, rasgando o mapa.

— Minha teoria é que o mundo rasga quando eles invadem. Isto é o que desencadeou os terremotos, os tsunamis, os distúrbios no tempo – toda catástrofe que causou a maioria dos danos e morte. — Um trovão rola através do céu cinzento, como se concordando com ele.

— Não foram os próprios anjos que controlaram a natureza quando eles invadiram — diz Sanjay. — É por isso que eles não criaram um tsunami gigante para nos engolir quando atacamos a fortaleza. Eles não podem. Eles são criaturas vivas e que respiram, como nós. Eles podem ter habilidades que não temos, mas não são como Deus.

— Você está nos dizendo que eles mataram esse tanto de pessoas e eles não estavam sequer tentando?

Sanjay corre os dedos pelo cabelo espesso. — Bem, eles realmente mataram muitas pessoas depois que matamos o líder deles, mas eles podem não ser tão todo-poderosos como pensamos inicialmente. Claro, eu não tenho nenhuma prova. É apenas uma teoria que se encaixa com o pouco que sabemos. Mas se vocês puderem trazer de volta alguns corpos para nós estudarmos, nós podemos ser capazes de lançar alguma luz sobre este assunto.

— Quer que eu confisque algumas partes de anjo dos corredores? — pergunta Dee-Dum.

Eu não brinco sobre como ele e seu irmão provavelmente estão lidando com partes de anjos, apenas no caso de ser verdade.

— Não há nenhuma garantia de qualquer daquelas partes serem autênticas — diz Sanjay. — Na verdade, eu estaria surpreso se alguma delas fosse. Além disso, seria muito mais útil estudar um corpo inteiro. — Os pedaços de papel retratando nosso mundo descansam no colo de Sanjay.

— Cruze os dedos — diz Obi. — Se estivermos com sorte, poderemos ser capazes de te trazer alguns vivos.

Eu sinto uma vibração de inquietação. Mas eu digo a mim mesma que eles não vão capturar Raffe. Eles não podem. Ele vai ficar bem.

O rádio de duas vias no painel vem à vida e uma voz diz, — Alguma coisa está acontecendo na antiga fortaleza.

Obi pega o telefone e pergunta, — Que tipo de coisa?

— Anjos no ar. Muitos para caçar.

Obi pega um par de binóculos no porta-luvas e olha para a cidade. Na maioria dos lugares ele não teria uma visão clara, mas estamos perto da água, então ele tem uma chance de ver alguma coisa.

— O que eles estão fazendo? — pergunta Dee-Dum.

— Não tenho ideia — diz Obi olhando através dos binóculos. — Há um monte deles, no entanto. Algo interessante está acontecendo.

— Estamos a meio caminho da cidade, já — diz Dee-Dum.

— Ele disse que havia muitos para capturar — diz Sanjay soando nervoso.

— É verdade — diz Obi. — Mas é uma chance de descobrir o que eles estão fazendo. E você queria corpos de anjo para estudar. A fortaleza será o melhor lugar para encontrá-los.

— Eu acho que tem que ser um lugar ou outro, chefe — diz Dee-Dum. — Se nós vamos para o aeroporto, precisará de todos nós para ensacar nossos alvos, assumindo que eles ainda estejam lá.

Obi suspira, parecendo relutante. Ele fala no rádio. — Mudança de planos. Todos os veículos se dirijam para a velha fortaleza. Abordagem com extrema cautela. Repito, abordagem com extrema cautela. Hostis tem sido avistados. Esta é agora uma missão de observação. Mas se você tiver a chance, traga de volta um espécime de pássaros. Morto ou vivo.



A CHUVA gelada bombardeia meu rosto enquanto corremos através de carros abandonados em um mar de lixo. Bem, correr é uma palavra forte para um SUV rolando a cinquenta quilômetros por hora, mas nos dias de hoje essa velocidade é de quebrar pescoços – literalmente, uma vez que estou empoleirada na janela me apegando à minha preciosa vida.

— Tanque às duas horas — eu grito.

— Tanque? Sério? — pergunta Dee-Dum. Ele estica o pescoço para ver por cima dos escombros atravancando a estrada. Ele soa animado, mesmo embora nós dois saibamos que os anjos ouviriam um tanque a quilômetros de distância.

— Não estou brincando. Parece morto. — Meu cabelo encharcado da chuva escorre pelo meu pescoço e traça um dedo de gelo nas minhas costas. É uma chuva leve, como a maioria das chuvas de São Francisco são, mas suficiente para infiltrar-se através de tudo. O frio úmido congela minhas mãos e é difícil me pendurar na alça do teto.

— Ônibus às doze horas — eu digo.

— Sim, esse eu posso ver.

O ônibus está virado. Eu brevemente me pergunto se ele ficou inclinado por um dos terremotos que abalou o mundo quando os anjos vieram, ou se foi pego e lançado por anjos vingadores quando a Resistência atingiu a fortaleza deles. Meu palpite é que ele foi lançado, já que há uma longa cratera na estrada perto do ônibus com um Hummer de cabeça para baixo nela.

— Uh, cratera gigante... — Antes que eu possa terminar minha sentença, Dee-Dum desvia o carro. Eu me agarro firme quando sou arremessada para a direita. Por um momento, eu acho que vou cair de cara no asfalto.

Ele faz uma manobra louca em zigue-zague antes de endireitar o carro.

— Um pequeno aviso prévio seria agradável — diz Dee-Dum em uma voz cantante.

— Um pouco de condução mais suave seria mais agradável — eu digo imitando o tom dele. O duro metal da porta do carro pressiona contra as minhas coxas, machucando meus músculos quando esbarramos na calçada.

Como se isso não fosse ruim o suficiente, eu não tenho visto um único indício de asas de morcego ligadas a um corpo de Adonis em qualquer lugar ao longo do caminho. Não que eu esperasse ver Raffe.

— É isso. Óculos ou não, é a vez de Sanjay. — Eu deslizo para baixo do meu poleiro e afundo no banco de trás enquanto Sanjay sobe para sentar na janela aberta do lado dele.

Estamos nos aproximando do Distrito Financeiro de uma direção diferente da que Raffe e eu usamos um par de dias atrás. Esta parte da cidade parece que não foi a parte mais legal para se começar, mas alguns prédios ainda estão de pé com apenas as bordas chamuscadas.

Pérolas coloridas estão salpicadas sobre a calçada na frente de uma loja com um cartaz dizendo Pérolas e Penas. Mas não há uma única pena à vista. A recompensa que alguém publicou para as partes de anjos ainda deve estar forte. Eu imagino se todas as galinhas e pombos têm sido depenados... As penas deles podem valer mais do que a sua carne se puderem ser confundidos como penas de anjo.

Meu estômago parece cheio de gelo conforme nos aproximamos da zona de desastre que já foi o Distrito Financeiro. A área está deserta agora, sem nem mesmo catadores procurando por pedaços de fornecimento utilizáveis ou de restos de comida.

— Onde está todo mundo?

O Distrito Financeiro ainda está de pé, ou pelo menos uns poucos quarteirões dele estão. No centro, há um buraco no horizonte onde a fortaleza costumava estar. Dois meses atrás, era um sofisticado hotel Art-Deco. Então, os anjos assumiram e transformaram-no em sua fortaleza. Agora é apenas uma pilha de escombros de quando a Resistência colidiu um caminhão cheio de explosivos nele.

— Oh, isso não é bom — diz Dee-Dum, olhando para o céu.

Eu vejo ao mesmo tempo em que ele vê.

Um funil de anjos sobrevoa o lugar onde a fortaleza costumava estar.

— O que eles estão fazendo aqui? — Eu sussurro.

Dee-Dum puxa o SUV acima e desliga o motor. Sem uma palavra, ele pega dois pares de binóculos do porta-luvas e dá um para mim. Obi já tem o dele, então eu acho que eu devo compartilhar o meu com Sanjay.

Obi agarra seu rifle e sai. Eu o sigo com meu coração estrondando no meu peito.

Eu me preocupo se os anjos ouviram nossos motores, mas eles continuam a voar, sem olhar em nossa direção. Nós ziguezagueamos de carro para carro em direção à velha fortaleza. Não parece ocorrer a Obi ou Dee-Dum fugir.

Um anjo com asas brancas de neve decola dentro do cobertor de nuvens. Meus olhos o seguem, embora eu saiba que Raffe não tem mais aquelas

asas.

Quando estamos perto do edifício destruído que foi a fortaleza, tudo está coberto de poeira. O concreto pulverizado caiu sobre os carros, as ruas, e os corpos dos mortos. Carros estão espalhados de cabeça para baixo e de lado nas calçadas, em cima de outros carros, e parcialmente incorporados em edifícios próximos.

Nossos pés trituram sobre o concreto quebrado enquanto nos movemos entre carros e detritos. Os anjos não ficaram satisfeitos com o ataque no meio de sua festa, e eles deixaram o local da forma que uma criança deixaria uma cidade Lego após um acesso de raiva.

Há corpos estendidos na rua e são todos humanos. Tenho a sensação doentia de que o ataque não fez tanto dano aos anjos como tínhamos pensado. Onde estão os corpos dos anjos?

Eu olho para Dee-Dum e vejo nos olhos dele que ele está pensando a mesma coisa. Fazemos uma pausa suficientemente perto para ver o que está acontecendo.

A velha fortaleza é apenas um monte de pedregulho quebrado e vergalhões dobrados. As vigas de aço que costumavam apoiar o alto hotel agora estão quebradas e expostas como ossos manchados de sangue.

Eu esperava que a fortaleza fosse ser uma montanha de escombros. Em vez disso, o entulho está espalhado em todos os lugares.

O lugar é um enxame de anjos.

Corpos alados se estendem ao acaso nos destroços enquanto alguns estão dispostos em uma linha no asfalto. Anjos desenterram enormes pedras e as atiram longe do que era a fortaleza. Alguns deles arrastam corpos de anjos e os alinham na estrada.

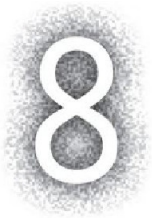
Meu coração está batendo tão forte que eu juro que tenho de engolir para evitar que saia a galope da minha boca.

Um guerreiro com asas manchadas sai de um dos edifícios próximos com um balde em cada mão, chapinhando água a cada passo. Ele chuta o corpo mais próximo.

O anjo supostamente morto geme e começa a se mover.

O guerreiro joga água sobre os corpos na rua. Eles estavam molhados da garoa de qualquer maneira, mas agora eles estão encharcados.

Assim que os corpos ficam molhados, eles começam a se mover.



— MAS O QUE... — diz Sanjay, muito assustado para se lembrar de ficar quieto.

Dois dos anjos deitados no asfalto imediatamente ressuscitam e agitam vigorosamente as gotas fora de seu cabelo como cães. Os outros gemem e se movem lentamente, como se o despertador tivesse tocado mais cedo do que esperado.

Alguns deles estão claramente com disparos de balas. As feridas deles têm pontos de entrada feios e pontos de saída ainda mais feios, que se parecem com flores de hambúrguer cru.

O guerreiro com asas manchadas pega seu outro balde e joga a água no resto dos “corpos”. Ele também chuta alguns dos feridos ainda deitados no asfalto.

— Levantem-se, vermes! O que vocês acham que é isso? Hora da soneca? Vocês são uma vergonha.

Aparentemente, Sanjay não é o único que se esqueceu de ficar quieto porque um dos anjos pega um pedaço de concreto quebrado e joga em um carro, da forma como alguém pode lançar uma pedra em um rato. E, assim como ratos, dois dos nossos homens pulam fora do caminho conforme aquilo se choca contra o carro que eles estavam escondidos atrás.

Um par de outros anjos pegam pedaços de luminárias quebradas e vergalhões e os jogam em nós. Eu mal tenho tempo para mergulhar na calçada quando as janelas do carro quebram.

Eu me levanto e corro tão rápido que estou hiperventilando no momento em que eu me escondo na porta de um edifício. Eu espreito os anjos. Eles não estão nos perseguindo mais do que nós perseguiríamos ratos em um depósito de lixo.

Obi e Dee-Dum me veem do esconderijo deles atrás de um caminhão e correm para a minha porta. Nós nos amontoamos e espreitamos através dos nossos binóculos.

Um grupo de anjos escava no centro dos escombros, lançando destroços à esquerda e à direita. Quando encontram corpos, eles deixam os humanos mortos e puxam anjos moles que podem acordar a qualquer momento.

Os anjos fazendo a escavação são maiores do que os que estão sendo escavados para fora. Os maiores carregam espadas na cintura, o que eu presumo

que significa que eles são guerreiros. Do que eu posso ver, todas as vítimas são menores e não carregam espadas.

Agora que penso nisso, quantos guerreiros eu vi na fortaleza quando Raffe e eu entramos nela? Havia os guardas. Alguns nos corredores. E aquela mesa cheia de guerreiros, onde aquele canalha albino Josiah estava. Além deles, ninguém mais carregava espadas. Eles trouxeram administradores e outros tipos de não-combatentes ao nosso mundo? Cozinheiros? Médicos? E se sim, onde estavam os guerreiros quando a fortaleza foi atacada?

Eu gemo alto.

— O quê? — sinaliza Obi.

Eu tento descobrir como falar com eles sem ser ouvida. Dee-Dum deve ter uma ideia do que eu quero, porque ele puxa um bloco de papel e um lápis e entrega para mim.

Eu escrevo, — Quantos anjos guerreiros vocês viram na fortaleza na noite passada?

Dee-Dum balança a cabeça e coloca o polegar e o indicador apenas uma polegada de distância, dizendo-me que muito poucos.

Ele olha para os anjos e eu posso ver a compreensão descendo no rosto dele. Ele escreve, — Mais aqui agora do que durante o nosso ataque.

— Talvez eles estivessem em uma missão?

Ele acena.

Por pura sorte, parece que a Resistência atingiu a fortaleza quando quase todos os lutadores estavam longe. Não admira que muitos dos anjos caíram sem uma luta adequada. Eu me lembro do caos no vestíbulo quando humanos e os anjos corriam em todas as direções, no início do ataque. Havia anjos que corriam em direção ao tiroteio da metralhadora para tentar levantar voo. Eu pensei que era puro comportamento temerário, mas talvez fosse simplesmente inexperiência e pânico.

Ainda assim, mesmo os anjos civis eram uma força a ser reconhecida pela forma que eles agarraram os caminhões da Resistência, jogaram soldados e esmagaram multidões frenéticas.

Agora, alguns dos anjos estavam deitados no asfalto parecendo seriamente feridos. Alguns deles estão tão mal que eles não podem voar por si próprios. Os guerreiros os puxam pelos braços como se irritados e voam com eles para fora.

Nenhum deles está morto, tanto quanto eu posso ver.

A expressão de Obi mostra que ele está começando a compreender os poderes de cura deles. Eu disse a eles durante a sessão de pergunta-e-resposta que os anjos poderiam se curar até mesmo de coisas que matariam um ser

humano, mas parece que só agora Obi está começando a acreditar.

Quando os guerreiros cavam até o nível da terra, o que está no comando sinaliza e mais de metade dos anjos restantes pegam seus feridos e voa. Os demais anjos parecem ressentidos enquanto cavam. Eu suspeito que guerreiros não gostem de fazer trabalho servil.

Embora eu não possa ver dentro da cova que eles estão cavando, eu posso ouvir guinchos. Eu reconheço o barulho da coisa que me atacou e paralisou no porão da fortaleza. Há ainda alguns fetos de escorpião vivos lá embaixo.

O guerreiro no comando saca sua espada e pula dentro.

Um escorpião guincha. Dado ao som daquilo, ele está sendo espetado.



NÃO demora muito tempo antes que as ruas estejam silenciosas. Não havia muitos escorpiões sobreviventes para começar, mas agora eu estou disposta a apostar que não há nenhum.

Corpos masculinos irrompem fora da cova e desaparecem na cobertura das nuvens. Um deles carrega um anjo mole, o único que eu vi que parece morto.

Em algum lugar, bem longe, um trovão estronda. O vento assobia através do corredor de edifícios.

Nós esperamos até que parece seguro para nos levantarmos e dar uma olhada de perto. Eu ficaria chocada se houvesse até mesmo uma amostra de pele dos anjos que poderíamos levar de volta.

Nós nos aproximamos dos escombros, permanecendo escondidos tanto quanto possível, apesar da costa parecer vazia.

Estamos a poucos passos de distância dos destroços fumegantes quando uma pedra de concreto cai com um estampido para o lado da pilha de escombros. Eu congelo, olhos e ouvidos atentos.

Outra peça cai e rola em um pequeno deslizamento de terra.

Algo está vindo dos escombros do porão. Todos nós nos escondemos atrás de carros, observando cuidadosamente.

Mais detritos do tamanho de rochas caem e pouco tempo antes de mãos atingirem o topo dos escombros. Uma cabeça emerge. No início, eu acho que é algum tipo de demônio que fez um túnel para fora do inferno. Mas, em seguida, a criatura puxa o resto de si para cima, tremendo e respirando ofegante o tempo todo.

É uma mulher velha.

Mas eu nunca vi nada parecido com ela. Ela é enrugada, frágil e óssea. O mais impressionante de tudo, a pele dela é tão seca que parece carne seca.

Dee-Dum e eu olhamos um para o outro, ambos imaginando o que ela está fazendo lá dentro. Ela escala para o pico e começa uma trêmula caminhada ao longo da pilha de entulho, movendo-se como se ela tivesse artrite.

Ela usa um jaleco esfarrapado que é cinco tamanhos maiores que ela. Está tão manchado com sujeira e manchas cor de ferrugem que é difícil acreditar que foi branco. Ela o mantém fechado enquanto cuidadosamente anda através dos escombros, parecendo como se ela estivesse segurando-se inteira.

O vento sopra o cabelo dela em seu rosto e ela balança a cabeça para

tirá-lo do caminho. Há algo de estranho tanto sobre o cabelo cheio dela quanto com aquele gesto. Leva-me um minuto para descobrir o que é.

Quando foi a última vez que eu vi uma mulher velha balançar a cabeça para tirar seu cabelo longe do rosto? E o cabelo dela é escuro por todo o couro cabeludo, embora a última moda pós-apocalíptica para as mulheres mais velhas é, no mínimo, uma polegada de raízes cinzentas.

Ela congela como um animal assustado e olha para nós quando saímos de trás dos carros. Mesmo com o rosto seco, há algo familiar sobre ela que está me incomodando.

Então, uma memória faz cócegas na minha mente.

Uma imagem de duas crianças pequenas penduradas na cerca, assistindo a mãe delas caminhar em direção à fortaleza. A mãe se vira para soprar um beijo de despedida.

Ela terminou como jantar no tanque do feto de um dos anjos-escorpião. Eu quebrei o tanque dela com a minha espada e deixei-a lá para se defender por si mesma, porque eu não podia arrastá-la para fora.

Ela está viva.

Só que, ela parece que envelheceu cinquenta anos. Os antigos belos olhos dela se afundaram em seu rosto. As bochechas estão tão magras que eu quase posso ver o esqueleto abaixo delas. As mãos são garras cobertas de pele fina.

Ela tropeça para longe em terror abjeto quando ela nos vê levantar de nossos esconderijos. Ela está quase de quatro quando ela foge, e meu coração se quebra ao lembrar a saúde e beleza dela antes de os monstros a pegarem. Ela não pode ir muito longe com sua condição, e ela se esconde, tremendo, atrás de uma caixa de correio.

Ela é um pequeno pedaço de uma coisa, mas ela é uma sobrevivente e eu tenho que respeitar isso. Ela merece fugir do lugar onde ela estava enterrada viva, e ela vai precisar de energia para isso. Eu vasculho meus bolsos e sinto a barra de Snickers. Eu procuro ao redor para ver se há algo menos valioso, mas não encontro nada.

Eu dou alguns passos em direção a pobre coisa conforme ela se encolhe em seu esconderijo.

Minha irmã tem mais experiência com este tipo de coisa que eu. Mas eu acho que eu tenho aprendido uma coisa ou duas ao assistir Paige ajudando todos aqueles gatos abandonados e crianças danificadas. Eu coloco a barra de chocolate na estrada onde a senhora pode vê-la, em seguida, tomo alguns passos para trás para dar-lhe algum espaço seguro.

Há um momento em que a mulher me olha como um animal

espancado. Então, ela arrebata a barra de chocolate mais rápido do que eu lhe teria dado crédito. Ela arranca a embalagem em uma fração de segundo e enche a boca com o doce. O rosto tenso relaxa, conforme ela prova o agradável sabor doce do Mundo de Antes.

— Meus filhos, meu marido — diz ela em uma voz rouca. — Para onde foram todos?

— Eu não sei — eu digo. — Mas um monte de gente acabou no acampamento da Resistência. Eles podem estar lá.

— Que acampamento da Resistência?

— É a Resistência que atacou os anjos. As pessoas estão se reunindo para se juntar a eles.

Ela pisca para mim. — Eu me lembro de você. Você morreu.

— Nenhuma de nós morreu — eu digo.

— Eu morri — diz ela. — E eu fui para o inferno. — Ela envolve os braços finos em torno de si novamente.

Eu não sei o que dizer. Que diferença faz se ela realmente morreu ou não? Ela certamente passou pelo inferno e ela parecia que tinha passado mesmo.

Sanjay caminha até nós como se ele estivesse se aproximando de um gato de rua. — Qual o seu nome?

Ela olha para mim por reafirmação. Eu concordo com a cabeça.

— Clara.

— Eu sou Sanjay. O que aconteceu com você?

Ela olha para sua mão seca. — Eu fui sugada por um monstro.

— Que monstro? — Sanjay pergunta.

— Os anjos-escorpião que lhe falei — eu digo.

— O médico do inferno disse que eu poderia ficar livre se eu o levasse às minhas filhas — ela diz com a voz seca dela. — Mas eu não iria entregá-las. Ele disse que o monstro iria liquefazer minhas entranhas e bebê-las. Disse que os maduros não iriam até o fim e matariam se pudessem evitar, mas os em desenvolvimento iriam.

Clara começa a tremer. — Ele disse que seria a coisa mais dolorosa que eu poderia imaginar. — Ela fecha os olhos como se estivesse tentando manter lágrimas dentro. — Graças a Deus eu não acreditei nele. — A voz dela soa embargada. — Graças a Deus eu não conhecia nada melhor. — Ela começa a chorar em secos suspiros, como se todo o fluido tivesse realmente sido sugado fora dela.

— Você não desistiu das suas crianças e você está viva — eu digo. — Isso é tudo que importa.

Ela coloca sua mão trêmula no meu braço, então se vira para Sanjay.

— O monstro estava me matando. E, do nada, ela veio e me salvou.

Sanjay olha para mim com um novo respeito. Eu me preocupo com ela contando a ele sobre Raffe, mas acontece que ela desmaiou no porão assim que ela me viu ser picada por um escorpião, então ela não se lembra de muita coisa.

A condição de Clara me corrói como ácido enquanto nós examinamos os escombros. Sanjay se senta na calçada ao lado dela, falando suavemente com ela e tomando notas. Consolar alguém como ela é o tipo de coisa que minha irmã teria feito no Mundo de Antes.

Encontramos um casal de escorpiões esmagados, mas não achamos nada dos próprios anjos. Nem uma gota de sangue ou uma raspagem de pele que poderia nos ajudar a aprender algo sobre eles.

— Uma pequena bomba nuclear — diz Dum, analisando os escombros. — Isso é tudo que eu peço. Eu não sou ganancioso.

— Sim, isso e as chaves de detonação — diz Dee, chutando sobre uma pedra de concreto. Ele soa enojado. — Sério, eles realmente têm que esconder as armas nucleares do resto de nós? Não é como se nós teríamos jogado isso como um brinquedo e explodido um pasto cheio de vacas ou algo assim.

— Oh, cara — diz Dum. — Isso teria sido tão incrível. Você pode imaginar? Boom! — Ele imita uma nuvem de cogumelo. — Muu!

Dee dá a ele um longo olhar de pesar. — Você é tão criança. Você não pode simplesmente gastar uma arma nuclear assim. Você tem que descobrir uma maneira de controlar a trajetória de modo que, quando a bomba dispara, ele dispara as vacas radioativas em seus inimigos.

— No alvo — diz Dum. — Esmague algumas, infecte as outras.

— Claro, você tem que colocar as vacas no perímetro zero do terreno, perto o suficiente para que elas se lancem como foguetes, mas longe o suficiente para que elas não se transformem em poeira radioativa — diz Dee. — Tenho certeza de que, com um pouco de prática, poderíamos ter as vacas apontadas *exatamente* certo.

— Eu ouvi os israelenses bombardearam os anjos. Os explodiram direto no céu — diz Dum.

— Isso é uma mentira — diz Dee. — Ninguém explodiria seu país inteiro na esperança de que alguns anjos poderem estar no ar quando você fizesse isso. É apenas um comportamento irresponsável com as armas nucleares.

— Ao contrário de mísseis nucleares de vaca, — diz Dum.

— Exatamente.

— Além disso, — diz Dum. — Eles podem transformar-se em anti-super-heróis radioativos por tudo que sabemos. Talvez eles apenas absorvessem a radioatividade e a dispariam de volta em nós.

— Eles não são super-heróis, seu idiota, — diz Dee. — Eles são apenas pessoas que podem, você sabe, voar. Eles vão explodir em pedacinhos como qualquer outra pessoa.

— Então, como é que não há corpos de anjo aqui? — pergunta Dum. Nós estamos no meio dos escombros, olhando para o buraco que vai para baixo para o que costumava ser o porão.

Corpos humanos destroçados jazem espalhados pelos escombros, mas nenhum deles tem asas.

O vento vem, nos atingindo com uma fria garoa.

— Eles não podem apenas não terem sido feridos, não com aquele tanto de balas e edifícios em colapso, — diz um dos caras que viera em outro carro. — Poderiam?

Nós todos olhamos um para os outros, não querendo dizer o que estamos pensando.

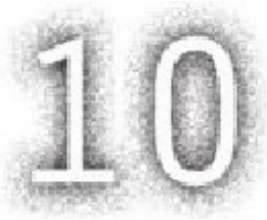
— Eles levaram alguns corpos, — diz Dee.

— Sim, — diz Dum, — mas eles poderiam estar apenas inconscientes, pelo que sabemos.

— Tem que ter um anjo morto por aqui, — diz Dee, levantando um pedaço de concreto e olhando por baixo.

— Concordo. Tem que haver alguma coisa.

Mas não há.



NO FINAL, a única coisa que nós trazemos é o que resta dos poucos escorpiões mortos que encontramos espalhados sob os escombros, e sua única vítima sobrevivente, Clara.

Quando estacionamos na frente da escola, Sanjay caminha com ela, calmamente fazendo perguntas. Eu não tenho que perguntar nada a ela para saber que ela só quer encontrar o marido e as crianças. Todo mundo que a vê se afasta, parecendo que eles acham que ela é contagiosa.

Quando eu volto para a nossa classe de história, o cheiro de ovos podres me atinge assim que eu abro a porta. As janelas estão revestidas com caixas de ovos velhas. De alguma forma, minha mãe conseguiu encontrar um esconderijo para eles.

Mamãe está fora. Eu não sei o que ela está fazendo ou onde ela está, mas isso é muito normal para nós.

Paige senta em sua cama com a cabeça para baixo de modo que o cabelo cobre os pontos, e eu posso quase fingir não vê-los. O cabelo dela é tão brilhante e saudável como o de qualquer criança de sete anos de idade. Ela está usando um vestido com estampas floridas, calças justas, e tênis de cano alto rosa que oscilam ao longo da borda da cama.

— Onde está a mamãe?

Paige balança a cabeça. Ela não tem falado muito desde que a encontramos.

Em uma cadeira ao lado da cama dela, está uma tigela de canja de galinha com uma colher nela. Parece que mamãe não tem tido muita sorte em alimentá-la. Quando foi a última vez que Paige comeu? Pego a tigela e sento na cadeira.

Levantando uma colher de sopa, eu a movo em direção a ela. Mas Paige não abre a boca.

— Eeee o trem entra no túnel. — Eu dou a ela um sorriso bobo enquanto empurro a colher em direção a boca dela. — Choo-Choo! — Costumava funcionar quando ela era realmente pequena.

Ela me espia e tenta sorrir. Ela para quando os pontos começam a enrugar.

— Vamos lá, está delicioso. — Tem carne nisso. Eu tinha derrubado a lei e declarado que Paige não podia mais ser uma vegetariana logo que

começamos a ter dificuldade em encontrar alimentos. Talvez seja isso que a impeça de experimentar a sopa?

Talvez não.

Paige balança a cabeça. Ela não está mais vomitando, mas ela já não está tentando comer também.

Eu coloco a colher dentro da tigela. — O que aconteceu quando você estava com os anjos? — Pergunto tão delicadamente quanto posso. — Você pode falar sobre isso?

Ela olha para o chão. Uma lágrima brilha nos cílios dela.

Eu sei que ela *pode* falar, porque ela me chamou — Ryn-Ryn — como ela costumava fazer quando ela era pequena, e "Mamãe" ou "Mãezinha". E "Com fome". Ela disse isso várias vezes.

— É só a gente. Ninguém mais está escutando. Você quer me dizer o que aconteceu?

Ela balança a cabeça lentamente, olhando para seus pés. Uma lágrima cai sobre seu vestido.

— Ok, não temos que falar sobre isso agora. Nós nunca vamos falar sobre isso, se você não quiser. — Eu coloco a tigela no chão. — Mas você sabe o que você pode comer?

Ela balança a cabeça novamente. — Com fome. — O sussurro é tão silencioso que eu mal ouço. Os lábios dela quase não abrem para falar, mas eu ainda posso pegar um vislumbre dos dentes em forma de navalha dela.

Minhas entranhas se agitam. — Você pode me dizer do que você está com fome? — Uma parte de mim desesperadamente quer saber a resposta. Mas o resto de mim teme o que ela poderia dizer.

Ela hesita antes de balançar a cabeça em um "não" novamente.

Minha mão levanta sem que eu pense sobre isso. Estou prestes a acariciar o cabelo dela como eu sempre fazia. Ela olha para mim, e o cabelo dela cai longe de seus pontos.

Brutos e irregulares pontos cruzam o rosto dela. Os pontos que correm entre os lábios e ouvidos dão a ela um sorriso forçado que corta seu rosto. Vermelho, preto, e ferido, eles gritam por atenção. Eles correm por seu pescoço e dentro de seu vestido. Eu gostaria que não tivesse um corte através do pescoço dela como se eles tivessem costurado a cabeça sobre o corpo dela.

Minha mão hesita sobre sua cabeça, quase tocando seu cabelo, mas não lá.

Então, eu a abaixo de volta para o meu lado.

Eu me afasto de Paige.

Uma pilha de roupas está na cama da minha mãe. Eu cavo à procura de

jeans e uma camisa. Mamãe não se incomodou em arrancar as etiquetas, mas ela já costurou uma estrela amarela na parte inferior da perna da calça para proteção contra o bicho-papão. Eu não me importo, desde que esteja seco e não cheire muito como ovos podres.

Eu mudo de minhas roupas molhadas. — Eu vou ver se eu posso encontrar outra coisa para você comer. Estarei de volta em breve, ok?

Paige acena, olhando para o chão novamente.

Eu saio, desejando que eu tivesse uma jaqueta seca para cobrir minha espada. Eu considero vestir a molhada, mas decido que não.

A escola fica em uma esquina privilegiada, com um bosque de propriedade da Universidade de Stanford, através de toda uma rua e um shopping elegante através da outra. Eu caminho entre as lojas.

Meu pai sempre disse que havia uma grande quantidade de dinheiro nesta área e até mesmo o shopping mostra isso. De volta àqueles dias, no Mundo de Antes, você poderia ver Steve Jobs, fundador da Apple, tomando café da manhã aqui, enquanto ele ainda era um vivo residente do Vale do Silício. Ou pegar Mark Zuckerberg, fundador do Facebook, comendo alguma coisa com os amigos dele.

Todos eles pareciam como gerentes de nível médio para mim, mas meu pai estava por dentro de tudo isso. Tecnocratas, ele os chamava. Eu tenho quase certeza que vi Zuckerberg cavando a vala da latrina ao lado de Raffe no acampamento há poucos dias. Eu acho que um bilhão de dólares não compra muito respeito no Mundo de Depois.

Eu escorrego de carro para carro como se eu fosse apenas uma sobrevivente aleatória na rua. O estacionamento e passarelas estão, na sua maioria, desertos, mas dentro das lojas pessoas se movem ao redor. Alguns estão escolhendo roupas. Este é provavelmente um lugar tão bom quanto qualquer outro para encontrar uma jaqueta, mas a comida vem em primeiro lugar.

Os sinais de lanchonetes, lugares de burrito, e lojas de suco dão água na minha boca. Houve um tempo em que eu poderia andar em qualquer um destes e pedir comida. Difícil de acreditar.

Eu vou para o supermercado. Há uma linha no interior, onde as pessoas não podem ser vistas de cima. Eu não entro um mercado desde os primeiros dias do ataque.

Algumas lojas tiveram suas prateleiras esvaziadas por pessoas em pânico, enquanto outros derrubaram completamente para que ninguém pudesse entrar. As gangues estabelecidas no Mundo de Antes tomaram as lojas logo após o Grande Ataque, quando ficou claro que nada era certo.

A pena sangrenta pendurada na porta me diz que este supermercado

está em propriedade das gangues. Mas, pelo que parece com todas as pessoas aqui, a quadrilha é ou generosa o suficiente para compartilhar com o resto de nós, ou perderam algum tipo de luta contra a Resistência.

As manchas sangrentas de mãos nas portas de vidro da frente me fazem pensar que a gangue não ficou nada feliz em desistir de seus tesouros.

Dentro, o pessoal da Resistência dá pequenas quantidades de alimentos. Um punhado de bolachas, uma colher de nozes, macarrão instantâneo. Têm quase tantos soldados aqui quanto durante o ataque a fortaleza. Eles estão de guarda nas mesas de alimentos, com seus rifles claramente à vista.

— Isso é tudo que vocês pegarão, minha gente — diz um trabalhador dos alimentos. — Aguentem firme e poderemos começar a fazer refeições em breve. Isto é apenas para mantê-los até chegarmos às cozinhas.

Um soldado grita: — Um pacote por família! Sem exceções!

Eu acho que ninguém disse a eles sobre a entrega de alimentos na sede do Obi. Eu olho em volta e escapo da situação.

Há crianças da minha idade, mas eu não reconheço qualquer um deles. Mesmo que muitos deles sejam tão altos quanto os adultos, eles não ficam muito longe de seus pais. Algumas das meninas estão sob os braços de suas mães ou pais, como crianças pequenas. Elas parecem seguras, protegidas e amadas, demonstrando pertencimento.

Eu me pergunto como é isso. É tão bom quanto parece do lado de fora?

Eu percebo que eu estou embalando meus cotovelos como se estivesse me abraçando. Eu relaxo meus braços e me endireito. Linguagem corporal diz muito sobre o seu lugar no mundo, e a última coisa que eu preciso é parecer vulnerável.

Eu percebo outra coisa. Muitos estão olhando para mim, a adolescente solitária na fila. Já me disseram que eu pareço mais jovem do que meus dezessete anos, provavelmente porque eu sou pequena.

Existem grandes caras carregando martelos e bastões, que eu tenho certeza que prefeririam levar uma espada como a que está em minhas costas. Um revólver seria melhor, mas revólveres podem ser complicados para roubar, e nesta fase do jogo, só os homens corpulentos parecem tê-los.

Eu observo os homens me olhando, e eu sei que não há tal coisa como um porto seguro no Mundo de Depois.

Por nenhuma razão, o rosto esculpido de Raffe estala em minha mente. Ele tem um hábito irritante de fazer isso.

Até o momento em que eu chego à frente da fila, eu estou com muita fome. Eu odeio pensar em como Paige deve estar se sentindo. Alcanço a mesa de distribuição e estendo a minha mão, mas o cara dá uma olhada para mim e

balança a cabeça.

— Um pacote por família, sinto muito. Sua mãe já passou por aqui.

— Oh. — Ah, as alegrias e os infortúnios da fama. Somos provavelmente a única da família que é reconhecida por metade das pessoas no acampamento.

O cara olha para mim como se ele já ouviu de tudo – qualquer desculpa para pegar mais alimentos dele já foi tentada. — Nós temos ovos podres na parte de trás se você quiser mais caixas.

Ótimo.

— Ela levou apenas ovos podres ou levou alguma comida de verdade também?

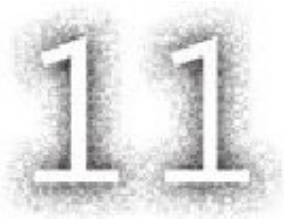
— Eu fiz com que ela pegasse alguma comida de verdade.

— Obrigada. Eu agradeço. — Eu me afasto. Eu posso sentir o peso de olhos me observando andar sozinha em direção ao estacionamento escuro. Eu não percebi o quão tarde estava ficando.

Na borda da minha visão, eu vejo um homem balançando a cabeça para o outro, que em seguida, sinaliza para outro cara.

Eles são todos grandes e estão carregando armas. Um tem um bastão em seu ombro. Outro tem alças de martelo que aparecem dos bolsos da jaqueta dele. O terceiro tem uma grande faca de cozinha presa em seu cinto.

Eles deslizam casualmente atrás de mim.



EU TINHA planejado procurar um casaco, mas de jeito nenhum eu vou para um espaço fechado ao anoitecer com esses valentões atrás de mim.

Eu me dirijo para o estacionamento aberto, abaixando de carro para carro como fomos instruídos a fazer.

Os caras atrás de mim fazem o mesmo.

Meus instintos de Mundo de Depois gritam para que eu inicie uma corrida. Meu eu primitivo sabe que estou sendo perseguida e caçada.

Mas o meu cérebro do Mundo de Antes me diz que eles não fizeram nada de ameaçador. Eles estão apenas andando atrás de mim, e aonde mais eles iriam exceto à escola do outro lado da rua?

Estou de volta em um grupo semi-organizado de pessoas. Eu não posso me comportar como uma selvagem, como se eu fosse uma esquizofrênica paranoica.

Certo.

Eu arranco em velocidade.

Também fazem os caras atrás de mim.

Os pés deles batem mais rápidos e mais perto de mim a cada passo que dou.

As pernas deles são mais longas e mais fortes do que as minhas. É apenas uma questão de segundos antes deles me alcançarem. Meu centro de gravidade é bem mais baixo do que o deles então eu posso ziguezaguear mais rápido, mas isso só vai me comprar mais alguns segundos.

Eu corro por várias pessoas que se agacham atrás de carros em seu caminho de volta para a escola. Nenhum deles parece disposto a ajudar.

O conselho padrão contra assaltantes é jogar fora tudo o que quer que eles estejam atrás e correr como o inferno, porque a sua segurança vale muito mais do que sua bolsa. Isso é óbvio. Só que eles estão ou atrás de mim ou da espada do Raffe. Eu não posso desistir de nenhum desses.

Minha adrenalina está bombeando e medo está gritando para mim. Mas meu treinamento me acerta e eu automaticamente corro através das minhas opções.

Eu poderia gritar. Os homens de Obi estariam aqui fora em um segundo. Mas também estariam os anjos se houver algum longe o suficiente para ouvir. Há uma razão pela qual precisamos ficar quietos e fora de vista. Eu estaria

colocando todos em risco se gritasse, e os soldados poderiam atirar em todos nós com o seu aprimorado silenciador de armas para me calar.

Eu poderia correr para o prédio de Obi. Mas é muito longe.

Eu poderia parar e lutar. Mas minhas chances são muito poucas contra três homens com armas.

Eu não gosto de nenhuma das minhas opções.

Eu corro tão rápido e tão longe quanto eu posso. Meus pulmões queimam e eu estou tendo pontadas do meu lado, mas quanto mais perto eu chegar do prédio de Obi, maior a chance de os homens de Obi nos ver e parar os atacantes.

Quando minhas costas formigam, me dizendo que eles estão chegando muito perto, eu me viro e puxo minha espada.

Droga, eu com certeza gostaria de saber como usá-la.

Os homens derrapam para parar e se espalham em torno de mim.

Um levanta seu bastão em posição de ataque. Outra tira dois martelos de seus bolsos do casaco. O terceiro puxa a faca de cozinha do cinto.

Eu estou tão ferrada.

As pessoas param para assistir – uns poucos rostos através das janelas, uma mãe e um filho em uma porta aberta, um casal de idosos sob um toldo.

— Chamem os homens de Obi — eu meio que sussurro, meio grito para o casal.

Eles se agarram com força e se escondem atrás de um poste.

Eu estendo a minha espada como um sabre de luz. É, basicamente, o único conhecimento que tenho sobre espadas. Eu tenho treinado com facas, mas uma espada é outra história. Acho que eu poderia acertá-los com isso como com um bastão. Ou, talvez se eu jogá-la neles, eu poderia ter uma chance de correr.

Mas há um brilho nos olhos deles que me diz que isto não é apenas sobre conseguir uma boa arma de um alvo fácil.

Eu começo a me mover para o lado para alinhá-los, de modo que eles vão entrar nos caminhos uns do outros se todos correrem na minha direção ao mesmo tempo. Mas, antes que eu possa me posicionar, um dos caras joga um martelo em mim.

Eu desvio.

Eles atacam.

Então, tudo acontece tão rápido que eu mal posso absorver o que está acontecendo.

Eu não tenho espaço para balançar então eu bato em um dos atacantes com o punho da espada. Eu sinto triturar as costelas dele enquanto ele cai.

Eu tento balançar a lâmina nos outros homens, mas mãos me agarram

e me empurram para fora de equilíbrio. Eu me preparo para uma grande pancada, esperançosamente de um bastão e não do martelo.

Apenas minha sorte, ambas as armas sobem juntas, uma com cada homem. O bastão e o martelo são recortes negros contra o céu em crepúsculo naquele minúsculo momento antes de descerem para um golpe esmagador.

Um borrão rosnando se choca contra os homens, derrubando-os no chão.

Um deles fica boquiaberto ao olhar para si mesmo. O sangue se infiltra em toda sua camisa. Ele olha em volta desnorteado.

Todos os nossos olhos pousam na coisa, agachada e rosnando nas sombras, que parece estar prestes a atacar novamente.

Quando a coisa sai do escuro, eu vejo o familiar vestido de flores, calças justas e tênis rosa da minha irmã.

Um moletom com capuz e zíper está pendurado nos ombros dela e seu cabelo cai em faixas sobre o rosto, dando vislumbres dos irados pontos dela de raiva e dos dentes em forma de navalha. Paige espreita em torno dos homens como uma hiena, dobrada quase de quatro.

— Que diabos — diz um dos atacantes no chão, rastejando para trás como um caranguejo.

Está me enlouquecendo vê-la assim. Com todos os cortes em seu rosto e o metal brilhando sobre os dentes, ela parece como um pesadelo vindo à vida, do qual eu deveria estar correndo. Posso dizer que os outros pensam assim, também.

— Shh — eu digo, hesitantemente me estendendo em direção a Paige. — Está tudo bem.

Ela rosna um baixo som gutural. Ela está prestes a atacar um dos caras.

— Calma, garota — eu digo. — Eu estou bem. Vamos apenas sair daqui, ok?

Ela nem olha para mim. O lábio dela se contrai quando ela olha sua presa.

Há muitas pessoas assistindo.

— Paige, abaixe seu capuz — eu sussurro. Eu não me importo com o que os atacantes pensam, mas eu me preocupo com as histórias que os espectadores podem espalhar.

Para minha surpresa, Paige puxa o capuz. Um pouco da tensão alivia dos meus músculos. Ela está consciente e me ouvindo.

— Está tudo bem — eu sussurro avançando na direção dela, lutando contra meus instintos de correr dela. — Estes homens maus estão indo embora e nos deixando sozinhas.

Os homens se levantam, sem tirar os olhos de Paige. — Tire essa aberração de perto de mim — diz um deles. — Essa coisa não é humana.

Minha mãe tem se aproximado dos atacantes sem que qualquer um de nós perceba. — Ela é mais humana do que você jamais poderia ser.

Ela empurra seu espetador nas costelas dele. Ele se empurra para longe dela com um grito abafado.

— Ela é mais humana do que qualquer um de nós. — Mamãe tem um jeito de sussurrar que dá a impressão de estar gritando.

— Aquela coisa precisa ser derrubada — diz o cara que estava segurando o bastão.

— Você precisa ser derrubado — diz minha mãe, se aproximando dele com o marcador.

— Afaste-se de mim. — Sem o bastão dele e seus amigos apoiando-o, ele parece como um cara de tamanho regular, com menos coragem do que o normal.

Minha mãe o cutuca com o marcador dela, girando aquilo no ar.

Ele salta para trás, escapando por pouco. — Você todas são malditas loucas. — Ele se vira e corre.

Minha mãe corre atrás dele enquanto ele se apressa para dentro de um edifício.

Aquele cara não vai ter uma noite boa.

Eu embainho a minha espada com as mãos trêmulas da adrenalina pós-luta. — Vamos lá, Paige. Vamos para dentro.

Paige caminha a minha frente. Com o capuz posto, ela se parece com uma menininha dócil. Mas o casal sob o toldo não se deixa enganar. Eles viram o que aconteceu e eles encaram Paige com os olhos arregalados e apavorados. Eu me pergunto quantos outros estão fazendo o mesmo?

Eu quase coloco minha mão nos ombros dela, mas não consigo fazê-lo. Eu deixo minha mão cair sem tocá-la.

Caminhamos para o nosso prédio com o peso de olhos em nossas costas.

12

NAQUELA NOITE, eu tenho um sonho bizarro.

Estou em uma aldeia de cabanas feitas de barro com telhados de palha. Há uma enorme fogueira que ilumina a noite e todo mundo está comendo, bebendo e correndo por aí em trajes. Música guincha e as pessoas giram em torno do fogo, jogando coisas nele.

Todas as características de uma festa estão aqui, mas as pessoas estão muito alertas. Eles olham a escuridão atrás deles, e há apenas alguns risos estridentes. A grande fogueira joga longas sombras contra a encosta que muda e torce como seres sinistros.

Talvez eu esteja ficando assustada porque as pessoas estão em fantasias de monstros, que são orgânicas demais para o meu gosto. Não há nenhuma borracha e plástico para me lembrar de que é apenas uma fantasia. Estas pessoas estão vestindo peles, cabeças de animais e garras que parecem muito reais para serem confortáveis.

Raffe está perto nas sombras, ereto, com suas asas cobertas de neve meio abertas. É de tirar o fôlego ver os ombros largos dele e seus braços musculosos aureolados por suas próprias asas. Me deixa triste saber que fora deste sonho, ele não as tem mais.

Os aldeões olham para ele, especialmente quando passam por ele, mas seus olhares não são chocados e assustados como que eu esperaria. Eles agem como se estivessem acostumados a ver anjos e não prestam muita atenção nele. Pelo menos, os homens não.

As mulheres, por outro lado, estão se reunindo em torno dele. De alguma forma, eu não estou muito surpresa.

As mulheres usam vestidos escuros que parecem como cortinas de palco. Seus rostos estão maquiados com círculos pretos ao redor dos olhos e lábios vermelhos sangrentos. Uma tem chifres de diabos. Algumas têm garras ligadas às suas mãos. Outras usam peles de cabra completa, com cascos e chifres, e maquiagem para combinar.

Elas parecem estranhamente bárbaras, e a mudança de luz do fogo aumenta a aparência selvagem delas. Apesar das suas asas, Raffe é o único que parece “normal”.

Estranhamente, meu sonho capta alguns dos pensamentos de Raffe. Eu vejo os humanos da maneira como ele os vê, alienígenas e bestiais. Comparados

à perfeição dos anjos, estas Filhas dos Homens são feias e cheiram como suínos. Ele tenta imaginar o que seus Vigilantes poderiam ter visto nelas. Ele não pode ver nada que valha a pena arriscar uma reprimenda menor, muito menos o Inferno.

Mesmo que ele pudesse ter passado suas aparências e comportamentos, elas não têm asas. Como os anjos dele podiam tolerar aquilo?

— Onde estão os nossos maridos? — pergunta uma das mulheres. Ela fala uma língua gutural, que eu normalmente não entenderia exceto que, no meu sonho, eu entendo.

— Eles foram condenados ao Inferno por casarem-se com as Filhas dos Homens. — A voz dele está controlada, mas há um tom de raiva. Eles tinham sido seus melhores guerreiros e bom amigos.

As mulheres começam a chorar. — Por quanto tempo?

— Até o Dia do Julgamento, quando eles finalmente ganharem o julgamento deles. Vocês não irão vê-los novamente.

As mulheres choram nos braços umas das outras.

— E os nossos filhos?

Raffe permanece em silêncio. Como alguém conta a uma mãe que ele está aqui para caçar e matar seus bebês? Ele veio à Terra para poupar seus Vigilantes da dor de ter que caçar suas próprias crianças. Mesmo que eles fossem nephilim – monstros que comem carne humana – que tipo de punição é essa para um pai? Ele não podia permitir isso, não para seus soldados.

— Você está aqui para nos punir?

— Eu estou aqui para proteger vocês. — Ele não estava planejando proteger as mulheres. Mas os Vigilantes imploraram a ele. Imploraram. Ele não conseguia entender a ideia de seus guerreiros mais ferozes implorando por alguma coisa, muito menos pelas Filhas dos Homens.

— Do que?

— As esposas dos Vigilantes foram dadas aos demônios. Eles estarão vindo por vocês esta noite. Precisamos levá-las para algum lugar seguro. Vamos.

Eu olho em volta para todas as fantasias e a fogueira e percebo que isso deve ser alguma versão antiga do Halloween, quando os monstros e demônios supostamente vagavam pelas ruas. Eles estarão vindo com força esta noite.

As mulheres se agarram umas às outras em pavor.

— Eu disse a vocês para ficarem fora dos negócios de deuses e anjos — diz uma mulher de cabelos grisalhos que segura uma mulher mais nova protetoramente. Ela está vestida com uma pele de cordeiro, completa com a cabeça que se agita sobre a testa dela. Tem presas ligadas àquilo como uma

espécie de besta com dentes de sabre.

Raffe começa a caminhar para longe da aldeia. — Ou vêm comigo ou fiquem. Eu só posso ajudar aquelas que querem ser ajudadas.

A mulher mais velha empurra sua filha para Raffe. As outras seguem, amontoando-se juntas e se apressando para se manterem como um zoológico estranho.

Música levanta perto da fogueira enquanto caminhamos longe dela. O ritmo acelera e a batida palpita até que a respiração das mulheres corresponde àquilo.

Logo que eu penso que o tom vai atingir seu pico, a música para.

Um bebê chora na noite.

Então, para repentinamente no meio de uma lamúria. Termina muito abruptamente para ser natural, e o silêncio cortante faz com que o pelo em meus braços arrepiem.

Uma mulher grita com o coração partido. Não há nenhuma surpresa no grito, apenas dor e luto.

Isso me faz querer tanto correr para o fogo para ver se o bebê está bem quanto fugir destes aldeões bárbaros. Eles parecem, em sua maioria, nem surpresos nem afetados pelo que quer que esteja acontecendo perto do fogo, como se isso fosse parte do ritual normal deles.

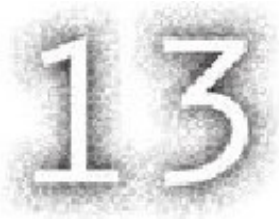
Eu quero dizer a Raffe que não somos todos como essas pessoas. Que *eu não sou* como essas pessoas. Mas eu sou apenas um fantasma em meu próprio sonho.

Raffe puxa tranquilamente a espada, em alerta máximo.

Eles estão vindo.

Assim que a música começa de novo, desta vez acompanhada por cânticos, Raffe gira para olhar atrás dele.

A encosta resvala com sombras.



AGACHADOS E GALOPANDO. Asas negras atrofiadas. As formas de homens magros.

Eu não sei o que eles são, mas meu cérebro primitivo os reconhece, porque mesmo no meu sonho, meu coração acelera e meus instintos sussurram *corra, corra, corra*.

As sombras saltam em nossa direção.

Duas delas pousam em uma mulher, derrubando-a. Eles mostram as garras. Ela implora a Raffe com os olhos aterrorizados.

Um dos guerreiros dele amou esta Filha do Homem. Desistiu de toda a vida dele por ela. Preocupou-se com ela, mesmo quando ele estava sendo condenado ao Inferno. O porquê disso está além da compreensão de Raffe, mas isso não impede que a compaixão dele floresça.

Raffe arranca um diabinho que pousa sobre ele e balança sua espada contra os demônios atacando a mulher.

Então, uma coisa estranha acontece.

Estranha mesmo para este sonho.

Raffe entra em câmera lenta.

E o mesmo acontece com tudo o mais – exceto por mim.

Eu nunca tive um sonho em câmera lenta antes. Eu posso ver quase todos os músculos quando Raffe move sua espada e corta os diabinhos que estão arranhando a mulher caída.

Quando um guincha o seu grito de morte, eu dou uma olhada decente. Ele tem uma cara de morcego, esmagada e enrugada, com dentes afiados. Muito feia se você me perguntar.

Estou prestes a colocar a minha mão instintivamente para bloquear o sangue em câmera lenta vindo em minha direção, quando percebo que a espada de Raffe também está em minhas mãos, embora ele já esteja usando-a.

Cada detalhe de Raffe cortando os demônios conforme eles atacam é claro. Em câmera lenta, eu posso absorver a posição dele, o deslocamento de seu peso, a maneira como ele segura a espada.

Quando ele corta uma área através da onda de monstros, aquela parte do sonho para. Em seguida, a sequência se repete.

Isto é como um vídeo de instruções do tipo orgânico.

Eu devo ter estado seriamente frustrada pela minha falta de habilidades

de combate com a espada para imaginar tudo isso. Minha cabeça dói só de pensar sobre isso.

Eu levanto minha espada, imitando a postura de Raffe. Por que não? Ele é um mestre espadachim, e é possível que o meu subconsciente captou detalhes quando eu o vi lutar na vida real que o meu cérebro acordado não captou. Eu tento balançar, imitando Raffe. Mas eu devo estar fazendo isso errado, porque o balanço dele se repete.

Eu tento de novo. Raffe completa o seu balanço, rola a espada, e balança de volta para completar um oito.

Eu faço o mesmo.

Divido para a esquerda, balanço para cima e ao redor, corto para a direita e de volta balanço para cima e ao redor. Ele faz isso um par de vezes e então troca sua tática e suas estocadas. Provavelmente não é uma má ideia certificar-se de que seus movimentos não são previsíveis.

A espada ajusta a si mesma aqui e ali para melhorar a minha técnica. Praticamente funciona sozinha, deixando-me concentrar no trabalho de pés de Raffe. Aprendi ao longo dos anos, em vários treinamentos de autodefesa, que o trabalho dos pés é tão importante quanto o que os braços e as mãos fazem.

Ele desliza para frente e para trás como um dançarino, nunca cruzando os pés. Eu imito a dança dele.

Braços musculosos estouram através da terra, pulverizando sujeira em câmera lenta em toda parte para pegar as mulheres. Eles saem do solo, rasgando a terra e a cuspindo fora de suas bocas conforme eles sobem.

Algumas das mulheres entram em pânico e correm para a noite.

— Fiquem comigo! — Raffe grita.

Mas é tarde demais. Os demônios as atacam e os gritos delas se intensificam.

Raffe agarra a mulher mais próxima quando ela está sendo puxado para o chão por mãos demoníacas. As garras afiadas engancham na carne dela enquanto ela se debate em pânico em câmera lenta.

Raffe a puxa para fora da terra, simultaneamente balançando sua espada enquanto corta e chuta os monstros.

Este é o jeito que um herói luta.

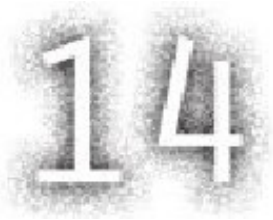
Eu o copio, movimento por movimento, desejando que eu pudesse ajudar.

Nós lutamos, Raffe e eu, durante toda a noite.

EU ACORDO tremendo no escuro naquele tempo de silêncio antes do nascer do sol. Este sonho era tão vívido que é como se eu estivesse fisicamente

lá. Demora alguns minutos antes que meu coração se acalme de volta ao normal e minha adrenalina se dissipe.

Eu me movo, de modo que o vinco da minha espada não esteja cutucando minhas costelas sob o cobertor. Eu me deito ouvindo o vento, imaginando onde Raffe está agora.



ELA NÃO TEM comido por três dias.

Minha irmã tem bebido um pouco de água, mas isso é tudo o que ela conseguiu segurar. Mamãe e eu a persuadimos a engolir um par de colheres de guisado de veado, mas ela fechou a boca na mesma hora. Temos tentado de tudo, desde caldo até vegetais. Ela não consegue segurar nada disso.

Mamãe está profundamente preocupada. Tanto que ela quase não saiu do lado de Paige desde que a encontramos no laboratório subterrâneo da fortaleza. A pele de Paige está branca como um cadáver. É como se todo o sangue dela se drenasse através dos orifícios manchados de vermelho dos pontos irregulares.

— Olhe para os olhos dela — diz a minha mãe, embora ela entenda que as peculiaridades de Paige dominam quando eu olho para ela agora.

Mas eu não posso. Eu continuo olhando para os pontos dela enquanto eu ofereço um pouco de pão de milho. O corte na bochecha dela é torto, como se o cirurgião não se incomodasse em prestar atenção.

— Olhe para os olhos dela — mamãe diz de novo.

Eu me forço a levantar os olhos. Minha irmã me faz o favor de olhar para longe.

Não é o movimento dos olhos de um animal. Isso seria muito fácil. É o olhar abatido de uma menina que está muito familiarizada com a rejeição. Esse é o olhar que ela costumava ter quando outras crianças apontavam para ela conforme passava por elas em sua cadeira de rodas.

Eu poderia me chutar. Eu me forço a olhar para ela, mas ela não encontra meus olhos. — Você quer um pouco de pão de milho? Eu o tenho fresco, direto do forno.

Ela dá o menor aceno de cabeça. Não há nada de taciturno sobre isso, só tristeza, como se ela estivesse me perguntando se eu estou brava com ela ou tendo pensamentos ruins sobre ela. Em algum lugar atrás de seus pontos e contusões, vislumbro a alma solitária e perdida de minha irmã.

— Ela está morrendo de fome — diz mamãe. Os ombros dela estão caídos, sua postura abatida. Minha mãe não é exatamente o tipo de pessoa otimista. Mas eu não a tenho visto desesperada desse jeito desde o acidente de Paige, quando ela perdeu o uso das pernas.

— Você acha que você pode comer alguma carne crua? — Eu odeio

perguntar isso. Eu estava tão acostumada a ela ser estritamente vegetariana que parece como se eu estivesse desistindo da ideia de Paige sendo Paige.

Ela rouba um olhar para mim. Há culpa e timidez. Mas há ansiedade também. Ela olha para baixo de novo, como se estivesse envergonhada. Seu trago é inconfundível. A boca dela está salivando com o pensamento de carne crua.

— Eu vou ver se consigo encontrar alguma para ela. — Eu coloco minha espada.

— Faça isso — diz mamãe. A voz dela é plana e morta.

Eu ando para fora, determinada a encontrar algo que Paige possa comer.

O café tem uma fila como sempre. Eu preciso chegar com uma história que convença os trabalhadores da cozinha que eles devem me dar a carne crua. Eu não consigo pensar em uma única razão. Até mesmo um cão come carne cozida.

Então, eu relutantemente me afasto da fila da comida e me dirijo para o bosque através de El Camino Real. Eu me preparo para agir como uma mulher das cavernas e espero que eu possa pegar um esquilo ou um coelho. Claro, eu não tenho ideia do que vou fazer com ele se eu pegá-lo.

Na minha mente ainda civilizada, a carne vem como alimento embalado na geladeira. Mas se eu estiver com sorte, eu vou descobrir de perto e pessoalmente por que Paige decidiu ser vegetariana quando tinha três anos de idade.

No meu caminho para o bosque, eu faço um desvio para fazer um pouco de compras primeiro. Brincar com Dee-Dum no outro dia me fez pensar. Caras querem uma arma. Uma fodona máquina de matar, cuja função principal é a de intimidar quando você a move por aí. Mas, se a mesma espada afiada estivesse disfarçada como um gracioso brinquedo fofinho, então os grandes homens maus poderiam procurar em outro lugar uma arma para roubar.

Estou com sorte. Há uma loja de brinquedos no shopping. O segundo em que eu entro na colorida loja cheia de blocos gigantes e pipas em arco-íris, eu tenho um puxão de nostalgia. Eu só quero me esconder no canto de jogos, cercada de suaves bichos de pelúcia e ler livros ilustrados.

Minha mãe nunca foi normal, mas ela era melhor quando eu era pequena. Eu me lembro de correr em cantos de jogo como esse, cantar músicas com ela ou sentar no colo dela enquanto ela lia para mim. Eu corro minhas mãos sobre a pelúcia macia dos ursos panda e o plástico liso dos trens de brinquedo, lembrando como era quando os ursos, os trens e mães me faziam sentir segura.

Leva um tempo para eu descobrir o que fazer. Eu finalmente decido

cortar a parte inferior de um ursinho de pelúcia e encaixar no cabo. Eu apenas terei que tirar o urso se eu precisar usar a espada.

— Vamos, admita, Pooky Bear — eu digo à espada. — Você ama seu novo visual. Todas as outras espadas vão ficar com inveja.

Até o momento em que eu atravesso da rua para o bosque, meu ursinho de pelúcia está usando multi-camadas de saia de chiffon feita de um véu de noiva que eu encontrei em uma das boutiques. Eu tingi o véu no banheiro com água manchada de roupas novas para que não tivesse mais aquele branco de noiva feito para atrair a atenção. A saia cai abaixo da extremidade da bainha, escondendo-a totalmente – ou vai, quando secar. A parte traseira está aberta, para que eu possa arrancar o urso e a saia sem ter que pensar sobre isso.

Parece ridículo e diz todos os tipos de coisas embaraçosas sobre mim. Mas uma coisa que não diz é assassina espada de anjo. Bom o suficiente.

Eu teço através da rua e escalo a cerca na altura do peito que circunda o bosque. Esta área parece aberta, mas tem árvores suficientes para dar sombras a partir do final do sol da tarde. Um lugar perfeito para coelhos.

Eu tiro o urso de pelúcia, satisfeita quando sai tão rápido. Eu fico na grama alta com a espada de anjo apontada como uma vara de condão. Certo anjo, que deve permanecer sem nome porque eu estou tentando parar de pensar nele, me disse que esta pequena espada não é uma espada comum. Há estranheza suficiente na minha vida como ela é, mas, às vezes, você só tem que ir com ela.

— Encontrar um coelho.

Um esquilo se agarrando ao lado de uma árvore ri em uma série de silvos.

— Isso não é engraçado. — Na verdade, é tão grave quanto pode ser. Carne crua de animal é a minha melhor esperança para Paige. Eu não quero nem pensar no que acontecerá se ela não puder comer isso.

Eu miro o esquilo, meus braços soltos e prontos para ser ajustados pela espada. O esquilo decola.

— Desculpe, esquilo. Só mais uma coisa para culpar os anjos. — Uma imagem do rosto de Raffe vem à mente – um auréola de chamas em torno do cabelo dele, mostrando as linhas de dor na face sombreada. Eu imagino onde ele está. Eu me pergunto se ele está com dor. Ajustar-se a novas asas deve ser como ajustar-se a novas pernas: doloroso, solitário e, durante a guerra, perigoso.

Eu elevo a espada sobre a minha cabeça. Eu não posso olhar e não posso deixar de olhar, então faço uma estranha combinação de virar a cabeça e fechar os olhos apenas o suficiente para ser capaz de mirar.

Eu balanço a espada para baixo.

O mundo de repente se inclina, me deixando tonta.

Meu estômago dá uma guinada.

Minha visão vacila e lampeja.

Num segundo, a espada está descendo no esquilo.

No próximo segundo, a espada está sendo erguida até um céu azul.

O punho que a está segurando é o de Raffe. E o céu não é o meu céu.

Ele paira na cabeça de um exército de anjos que estão abaixo dele em formação. As gloriosas asas dele, brancas e inteiras, enquadram seu corpo, fazendo com que pareça uma estátua de um deus guerreiro grego.

15

RAFFE LEVANTA a espada no ar. A legião de anjos levantam as espadas deles em resposta. Um grito de guerra sobe enquanto fileira após fileira de homens alados levantam voo.

É uma visão de tirar o fôlego ver tantos anjos levantarem em formação. A legião voa para a batalha, liderada por Raffe.

Há um sussurro de um pensamento em minha cabeça.

Glória.

Então, tão rápido quanto um piscar de olhos, o céu azul e os homens alados desaparecem.

Nós estamos em um campo de noite.

Uma horda de demônios assustadores-como-todo-o-inferno e com faces-de-morcego se precipitam para mim como uma avalanche, guinchando um grito infernal. Raffe anda à frente e começa a balançar a espada com perfeita precisão, assim como nos meus sonhos.

Lutando ao lado dele e protegendo suas costas estão os anjos guerreiros, alguns dos quais eu vi antes na antiga fortaleza. Eles estão brincando e incitando-se mutuamente enquanto lutam e defendem um ao outro dos monstros da noite.

Outro pensamento ecoa na minha cabeça.

Vitória.

A cena muda de novo e nós estamos no céu, só que, desta vez, no meio de uma tempestade com raios. Trovões ressoam através das nuvens escuras e relâmpagos iluminam a cena em forte contraste. Raffe e um pequeno grupo de guerreiros pairam na chuva, observando outro grupo de anjos sendo arrastados em correntes.

Os prisioneiros voam com grilhões perfurantes em torno de seus pulsos, tornozelos, pescoço e cabeça. Os pregos estão no interior, então eles são voltados para a pele deles. Sangue se lava com a chuva em regatos irregulares por seus rostos, mãos e pés.

Um demônio atarracado com cara e asas de morcego cavalga sobre os ombros de cada prisioneiro. Os demônios seguram as correntes do colarinho, usando-a como uma rédea. Eles empurram as correntes em uma direção, depois outra, cruelmente dirigindo os pregos e fazendo-os voar como bêbados. Mais diabinhos se penduram, alguns nos grilhões do tornozelo e punho que prendem

os prisioneiros um no outro.

Alguns desses anjos lutaram ao lado de Raffe no campo. Eles tinham rido com ele e dado cobertura a ele. Agora, eles o assistem com uma dor insuportável em seus olhos conforme são conduzidos como gado torturado.

Os outros anjos assistem com imensa tristeza, alguns com a cabeça inclinada. Mas Raffe é o único que voa para fora do grupo, roçando as mãos em alguns dos prisioneiros em seu caminho em direção à Terra.

À medida que a cena se desvanece, outra palavra toma forma na minha cabeça.

Honra.

E então, eu estou novamente de pé sob as árvores no bosque de Stanford.

Meu estômago dá uma guinada conforme eu termino meu balanço e esmago a lâmina no chão, onde o esquilo estava um segundo atrás. Minhas mãos estão cerradas com tanta força ao redor do punho que meus dedos parecem que poderiam se rachar.

O esquilo correu para uma árvore e está me observando. Parece débil e insignificante depois das coisas que eu acabei de ver.

Eu deixo a espada cair e caio de bunda.

Eu não sei quanto tempo eu sento lá ofegante, mas eu suspeito que seja um longo tempo. Não há nada além do céu azul de outubro, o cheiro da grama e o silêncio incomum que tem estado em todos os lugares desde que as pessoas abandonaram carros.

A espada poderia estar se comunicando comigo? Enviando-me a mensagem de que foi feita para batalhas épicas e glória, não para perseguir esquilos e estar vestida como um decorativo bicho de pelúcia?

Claro, isso é conversa de louco.

Mas, não mais louco do que o que eu já vi.

Eu quero enterrar minha linha de pensamento. Qualquer coisa que cheire remotamente insano é um cheiro que eu não quero seguir. Mas eu me deixo fazê-lo apenas uma vez.

Raffe disse que a espada era uma espécie de senciente[{12}]. Se por algum acaso verdadeiramente bizarro isso for verdade, então talvez ela tenha sentimentos. Talvez tenha memórias que pode compartilhar comigo.

Na noite em que aqueles homens me atacaram, ela se sentiu frustrada porque eu não tinha ideia de como usá-la durante a luta? É embaraçoso para uma espada ser exercida por alguém que a balança como um bastão? Ela estava, na verdade, tentando me ensinar como usá-la através dos meus sonhos?

A coisa me assusta. Eu deveria trocar por uma arma ou algo que seja

um pouco menos invasivo e tenha menos opiniões. Eu, realmente, me levanto, viro minhas costas para ela e tomo alguns passos de distância.

Mas, claro, eu não posso deixá-la.

É a espada de Raffe. Ele vai querê-la de volta algum dia.

NO MEU caminho de volta, hesito perto da fila de alimentos. É um novo grupo de pessoas, mas a fila tem aproximadamente o mesmo comprimento. A Resistência está estabelecendo um sistema que inclui a limitação de comida para duas refeições por dia. Mas enquanto isso está sendo estabelecido, os recém-chegados ainda estão acumulando e gastando uma boa parte do seu tempo de pé na fila de alimentos.

Eu suspiro e vou para o fim da fila.

Quando eu volto para o nosso quarto, ele está vazio. Eu não tenho certeza que é uma boa ideia Paige estar em público, mas eu assumo que elas estarão de volta logo. Coloco três hambúrgueres na mesa do professor. Eu não perguntei que tipo de carne era, mas eu duvido que seja de vaca.

Eu tinha pedido por carnes super mal-passadas, mencionando especificamente a palavra “sangrento”, pensando que era o mais próximo que poderia chegar de crua, sem levantar suspeitas. Mas estou desapontada ao descobrir que a carne mal está rosa no meio.

Eu corto a parte cozida do centro rosa e separo para Paige. Posso, ao menos, tentar ver se ela pode segurar a carne rosa. Eu tento não pensar muito sobre isso.

Eu suspeito que ela não tinha estado fora do laboratório em sua nova forma antes que a encontrássemos, caso contrário, ela saberia o que poderia comer. Se eu tivesse a encontrado um dia antes, eu poderia tê-la salvado disso?

Eu tranco aqueles pensamentos no velho cofre da minha mente e metodicamente como meu hambúrguer. A alface e o tomate são reconstituídos de algo que provavelmente não é o que está fingindo ser, mas me lembra de verduras e isso é bom o suficiente. O pão, entretanto, é recém-saído do forno e delicioso. O acampamento teve sorte e encontrou alguém que sabe como fazer pão a partir do zero.

Eu tiro a espada de Raffe e coloco a lâmina despida em meu colo. Eu bato meus dedos ao longo do metal. A luz atinge as dobras fluidas ao longo do aço, mostrando as ondas azul-prata que a decoram.

Se eu relaxar, posso sentir o fluxo fraco de tristeza vindo dela. A espada está de luto. Não é preciso ser um gênio para descobrir pelo que está de luto.

— Mostre-me mais, — eu digo, mesmo que eu não tenha certeza de

que eu posso lidar com mais agora. Meus joelhos já estão fracos e eu estou me sentindo drenada. Mesmo em um mundo onde os anjos existem, ainda é um choque existir um dos seus bens que compartilha memórias com você.

— Conte-me sobre Raffe.

Nada.

— Tudo bem. Vamos praticar combate — eu digo em uma voz entusiasmada como se eu estivesse falando com uma criança pequena. — Eu poderia ter mais aulas.

Eu respiro fundo e fecho os olhos.

Nada.

— Certo. Bem, eu acho que não tenho nada melhor para fazer agora do que decorar o ursinho de pelúcia com fitas e arcos. O que você acha de rosa escuro?

O quarto oscila, em seguida, se transforma.

16

O TEMPO TEM uma maneira de ser engraçado nos sonhos e eu suponho que o mesmo acontece com memórias. Pelo que parece uma década, eu pratico com a minha espada, lutando com inimigo atrás de inimigo ao lado de Raffe.

Os diabinhos devem ter ficado furiosos que ele pegou algumas das esposas das mandíbulas deles e levou o que eles achavam que pertencia a eles. Eles têm estado rastreando-o desde então, caçando qualquer um que pode ter sido um companheiro para ele. Eu estou supondo que demônios não são do tipo que perdoam e esquecem.

Era após era em todo o mundo, é o mesmo em todos os lugares. Vilas medievais, campos de batalha da Primeira Guerra Mundial, mosteiros budistas no Tibete, clandestinos em Chicago. Raffe segue rumores de Nephilim, mata diabinhos e qualquer outra coisa que aterrorize os habitantes locais, em seguida, desaparece na noite. Ele voa para longe de qualquer pessoa que ele poderia ter se ligado, no processo para evitar que os matem.

Sozinho.

Apenas Raffe e sua espada.

E agora ele não tem sequer isso.

Logo quando eu acho que as aulas acabaram, a memória da espada sacode para uma situação que quase me quebra.

Assim que eu chego, eu sou lançada com a intensidade da memória.

Raffe ruge com indignação e agonia.

Ele está em sérios apuros. A dor é insuportável. O choque é pior.

Meu corpo fantasma oscila enquanto perde seus limites, fazendo-me sentir totalmente desorientada. A experiência de Raffe é tão intensa que meus próprios pensamentos e sensações estão sobrecarregados pelos dele.

A respiração irregular dele é tudo que eu posso ouvir. É tudo o que ele pode ouvir.

Mãos e joelhos o seguram, mas sangue faz as mãos deles deslizarem sobre a pele dele. Raffe está encharcado de seu próprio sangue.

Dor se irradia das costas dele através do corpo inteiro. Esmagando seus ossos. Esfaqueando seus olhos. Esmurrando seus pulmões.

O sangue se espalha pelo asfalto.

Grandes mãos movem algo branco no canto da visão dele. Ele

desesperadamente não quer olhar, mas não pode evitar a si mesmo.

Asas.

Asas branco-neve.

Decepadas e deitadas na estrada suja.

A respiração dele torna-se mais forte, e tudo que ele pode ver são aquelas penas brancas deitadas moles no asfalto preto.

Uma gota de sangue da mão de alguém goteja sobre uma pena. O demônio Beliel permanece sobre as asas de Raffe como se fosse dono delas.

Raffe mal registra que alguém grita, — Ei!

Ele se obriga a olhar para cima.

A visão dele está borrada pela dor e pelo suor. Ele pisca várias vezes para tentar se concentrar além da dor lancinante nas costas dele.

É uma magra Filha do Homem, parecendo minúscula ao lado de um de seus atacantes. Ela está meio oculta atrás do guerreiro com as asas laranja-queimado, mas Raffe a vê e sabe que foi ela quem gritou.

Aquela sou eu. Eu realmente pareço tão insignificante ao lado de um anjo?

Ela joga algo para ele com toda sua pouca força.

A espada dele? Poderia ser?

Ele não tem tempo para se maravilhar. A espada faria qualquer coisa por ele, até mesmo deixar um humano ligar-se a ela para ajudá-lo.

Uma onda de fúria empresta a ele uma dose de força. Ele irrompe da posse de seus atacantes e levanta a mão. O braço treme com o esforço.

O mundo dele se resume agora a espada, Beliel e os anjos atrás dele.

Ele pega a espada e no mesmo movimento corta o demônio Beliel no estômago. Raffe quase perde o equilíbrio no processo.

Em seguida, ele consegue usar seu impulso para cortar o anjo ao lado dele.

A cena não ocorre em câmera lenta como nas outras brigas. Não precisa. Eu sinto cada músculo tremendo, cada passo cambaleante, cada respiração ofegante.

Ele está tonto e mal consegue ficar de pé. Quando os atacantes voam, ele vê o guerreiro com as asas laranja-queimado bater na garota. Ela é lançada contra a estrada, e Raffe pensa que ela deve estar morta.

Através da névoa de agonia, ele se pergunta quem ela é e por que uma Filha do Homem se sacrificaria para ajudá-lo.

Ele se obriga a ficar em pé. Leva tudo o que ele tem para manter a espada pronta conforme Burnt o avalia. As pernas de Raffe tremem violentamente e ele está perdendo a consciência, mas ele fica acordado por pura

teimosia e fúria.

Burnt, obviamente muito covarde para enfrentá-lo sozinho, desiste e sai voando. Raffe desmorona sobre o asfalto assim que Burnt sai.

Deitado na estrada, o mundo escurece com apenas ocasionais manchas de cor. A respiração dele enche seus ouvidos, mas ele se concentra para ouvir sons na área circundante.

Pés se arrastam por trás das portas fechadas. Dentro dos edifícios, os seres humanos sussurram e argumentam sobre se é seguro sair. Eles falam sobre o quanto Raffe valeria a pena se eles o rasgassem em pedaços.

Mas eles não são aqueles que o preocupam. Há ruídos mais sutis se arrastando e deslizando. Cliques suaves, como baratas nas paredes.

Eles estão vindo por ele. Os diabinhos o encontraram. Eles sempre encontram, eventualmente.

Mas, desta vez, eles estão com sorte. Desta vez, ele está totalmente desamparado. Eles serão capazes de arrastá-lo para o inferno e, lentamente, torturá-lo ao longo dos tempos, enquanto ele fica desesperado e sem asas.

Ele tenta desesperadamente ficar alerta, mas o mundo derrete na escuridão.

Alguém está chamando por sua mãe. A voz é forte e determinada.

Deve ser um sonho febril, porque ninguém seria tão estúpido em um lugar cheio de gangues humanas. Mas os passos nas escadas do edifício silenciam. Os ratos humanos sussurram, certos de que a menina que grita pela mãe deve ter sua gangue nas proximidades. O que mais faria uma garota tão ousada?

Os diabinhos param seu deslizar também. Eles não são inteligentes o suficiente para descobrir muito, caso contrário, eles teriam chegado a ele há séculos coordenando um ataque real, ao invés de apenas mergulhar nas oportunidades aleatórias. Eles estão confusos. Atacar ou fugir?

Ele tenta se puxar para longe da estrada exposta, mas manchas pretas florescem na visão dele e ele desmorona novamente.

Alguém o vira. Dor grita e arranha as costas dele.

A pequena mão lhe dá um tapa.

Ele abre os olhos por um momento.

Contra o brilho do céu, cabelo escuro se agita na brisa. Olhos intensos cercados por cílios longos. Lábios tão vermelhos que a menina deve tê-los mordido.

Leva um tempo para ele perceber que ela é a Filha do Homem que arriscou a si mesma para ajudá-lo. Ela está perguntando alguma coisa a ele. A voz dela é insistente, mas melódica. É um bom som para morrer.

Ele desmaia e acorda enquanto ela o move. Ele continua esperando que ela o corte ou que os diabinhos saltem sobre ela. Em vez disso, ela coloca ataduras nele e o levanta em uma cadeira de rodas que é muito pequena.

Quando a menina grunhe e exagera para indicar que ele deve ser pesado – provavelmente para mostrar o quão forte ela é – ele não pode evitar ficar entretido, mesmo através da névoa de dor. Ela é uma atriz terrível. Filhas dos Homens são notoriamente densas e pesadas em comparação com os anjos, e há algo delirantemente engraçado sobre o fingimento dela.

Talvez os Vigilantes dele se casaram com suas esposas porque as acharam divertidas. Não é muito um motivo para ser condenado ao Inferno, mas é o primeiro no qual ele pensou a respeito.

Sapatos batem na calçada conforme ratos humanos correm em direção a Raffe. Encorajados pelos ratos, os diabinhos deslizam em direção a ele também.

Ele tenta avisar a menina.

Mas não há necessidade. Ela já está correndo para as sombras, empurrando-o tão rápido quanto ela pode. Se ela puder ficar à frente deles tempo suficiente, os diabinhos vão se distrair pelos ratos humanos suculentos.

O último pensamento dele antes de desmaiar é que seus Vigilantes teriam gostado dessa garota.

17

AS SOMBRAS através das janelas estão longas no momento que estremeço acordada. Eu ainda estou tremendo com a experiência de Raffe. Eu não apenas sabia o que ele estava pensando; eu realmente sentia o que ele sentia, pensava o que ele pensava.

A espada era realmente tão próxima de Raffe? Talvez só em tempos extremamente intensos. A experiência toda era estranhamente louca em todos os níveis.

Eu passo minha mão trêmula sobre a lâmina quente, dizendo a meu corpo que está tudo bem.

Estou começando a juntar algumas peças. Algumas das ações de Raffe fazem mais sentido agora.

Ele não podia saltar para me ajudar durante as minhas brigas públicas no último acampamento da Resistência sem rumores se espalhando sobre nós. Os diabinhos sempre o localizavam eventualmente, e era, provavelmente, por uma combinação de sorte, rastreando e ouvindo fofocas humanas. Uma história sobre uma luta como essa seria definitivamente comentada. Ele apostou contra mim para anunciar a todos que não éramos amigos, que ele não se importava com o que acontecia comigo.

E ele caçou os demônios baixos na floresta, mesmo depois de eles correrem, porque eles pareciam ter vindo do inferno, não é? Se algum deles vivesse para contar sobre como ele viera ao resgate de uma Filha do Homem, seria apenas uma questão de tempo antes que eles me alcançassem.

Mas ele tinha que ir tão longe e me dizer que ele nem mesmo gostava de mim depois do nosso beijo? Aquilo foi totalmente desnecessário, em minha opinião.

O beijo.

Como uma semente germinando, eu tenho o crescente impulso de perguntar a espada sobre isso.

É bobagem e embaraçoso e, talvez, até superficial depois do que eu acabei de ver Raffe passar. Mas por causa do que eu acabei de ver, eu quero vê-lo em um tipo diferente de momento. Um onde ele esteja arrogante e no controle. Um onde ele esteja experimentando algo diferente de ameaças e dor, mesmo que apenas por dois segundos.

Isso, e eu estou morrendo de vontade de saber o que ele sentiu durante

o nosso beijo.

Eu sei que isso não importa. Eu sei que não vai mudar nada. Eu sei que é juvenil.

Tanto faz.

Uma menina não pode ser uma menina por, tipo, cinco minutos?

— Mostre-me suas lembranças do beijo. — Eu fecho meus olhos. O calor sobe em minhas bochechas, o que é bobagem porque a espada estava lá quando o beijo aconteceu e viu a coisa toda. E daí se eu estou curiosa sobre o que ele sentiu?

— Oh, vamos lá. Nós temos que fazer isso de novo?

Nada.

— Essa última foi totalmente horrível. Eu preciso de um pouco de conforto. É apenas um pequeno favor. Por favor?

Nada.

— Fitas extras e arcos para você — eu tento soar como se quisesse dizer isso. — Talvez até mesmo maquiagem brilhante no ursinho de pelúcia.

Ainda nada.

— Traidora. — Eu sei que é uma declaração engraçada, uma vez que a espada está, na verdade, sendo leal a Raffe, mas eu não me importo.

Eu a deslizo de volta na bainha, que tem estado encostada em minha cadeira, e empurro o urso ao longo do cabo.

Eu deslizo a alça por cima do meu ombro e caminho para fora, para ver se posso encontrar mamãe e Paige.

O corredor ainda está lotado, como de costume. Dois caras idênticos com cabelos loiros estão tecendo através do espaço apertado, dizendo olá para um bando de pessoas conforme passam por ele. Parece que todo mundo gosta deles. Leva-me um segundo para perceber que são Dee e Dum. O cabelo deles agora é loiro arenoso.

Dee discretamente mostra a Dum algo na palma da mão, e Dum quase revira os olhos tentando segurar uma risada. Eu estou supondo que Dee apenas afanou de alguém algo que o proprietário provavelmente lhes disse que eles não poderiam ter.

Eles acenam para mim e eu espero por eles.

— O que aconteceu com o cabelo de vocês? — Eu pergunto.

— Nós somos superespiões, lembra? — diz Dee.

— Como *mestres* do disfarce — diz Dum.

— Bem — diz Dee esfregando tintura na borda da linha de cabelo dele, — ‘mestre’ é meio que uma palavra forte.

— ‘Disfarce’ também é — eu digo com um meio sorriso.

— Cara, você parece ótimo — diz Dum para Dee. — Bonito como sempre.

— O que você afanou? — Eu mantenho a minha voz baixa, no caso de o proprietário não ter um senso de humor.

— Ooh, você está perdendo seu jeito, Bro. Ela viu. — Dum olha em volta para ver se alguém está ouvindo.

— De jeito nenhum. Meu toque é como manteiga. — Dee abre as palmas das mãos, agora vazias, e mexe os dedos. — Ela é apenas inteligente, isso é tudo. Ela pode descobrir as coisas.

— Sim, e é por isso que nos sentimos tão mal por apenas pensar em você como uma candidata para lutas, Penryn. Falando nisso, como você se sente sobre vestir o hábito de uma freira?

— Melhor ainda, óculos descolados de bibliotecária. — Dee acena com a cabeça para mim como se estivesse me dando uma dica. — Acontece de nós termos as duas aqui, bibliotecárias *e* freiras.

— Isso pode ficar melhor? — Os olhos de Dum estão arregalados de admiração.

Eles olham um para o outro e, simultaneamente, gritam — Luta na lama de bibliotecárias! — Eles agitam as mãos no ar como garotinhos animados.

Todo mundo no corredor olha para nós.

— Está vendo? Olhe para o interesse — diz Dee.

Mas, em seguida, o corredor se esvazia conforme as pessoas se derramam através da porta. Alguma coisa está ocorrendo.

— O que está acontecendo? — Eu pergunto a alguém conforme ele se esgueira para fora.

— Não tenho ideia — diz ele. Ele parece assustado, mas animado. — Apenas seguindo a multidão para ver o que está acontecendo. Você também, né?

Uma mulher roça perto de nós. — Alguém foi encontrado morto ou mutilado ou algo assim.

Ela empurra as portas, deixando ar frio entrar.

Morto ou mutilado.

Eu a sigo.

Lá fora, uma pequena multidão cheia de tensão paira sobre a passarela em frente ao prédio principal. O sol pode estar baixo no horizonte, mas o céu nublado simplesmente drena a cor, pintando todo mundo em tons de cinza.

As pessoas olham através de El Camino. Do outro lado está o bosque cercado, onde eu persegui o esquilo. Durante o dia é lindo e pacífico, com as árvores espaçadas longe o suficiente, para dar um tom manchado à área sem a escuridão. Mas conforme a luz escurece, o bosque começa a parecer sinistro e

enunciar mau presságio.

Algumas pessoas correm em linha reta do edifício para o bosque, enquanto outros hesitam antes de andarem para lá. Outros permanecem parados na esperança de segurança perto do prédio, enquanto apertam os olhos para ver o que está acontecendo nas sombras embaixo das árvores.

Faço uma pausa para assimilar a situação, então me junto àqueles que estão correndo para o bosque. Eu não posso evitar imaginar o que os atrai lá à luz do escurecimento. Fragmentos de conversa ao longo do caminho me dão pistas.

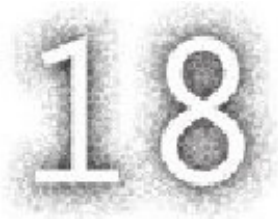
Eu não sou a única pessoa que se preocupa com alguém que ama. Muitas pessoas se separaram durante o caos da invasão dos anjos ou o ataque à fortaleza. Agora elas estão freneticamente preocupadas que, quem quer que tenha partido na família deles, pode ter sido ferido ou morto. Outros são apenas mais curiosos do que inteligentes, encorajados por serem parte de uma organização cheia de pessoas com propósito, algo que eles pensaram que poderia nunca acontecer novamente.

Em qualquer caso, há o suficiente de nós para criar um bloqueio na cerca. É uma cerca moldada em metal, na altura do peito para mim e requer escalada de verdade. Já que a cerca percorre o bosque por vários quarteirões em qualquer direção, não há escolha além de escalá-la.

Sob as árvores, uma pequena multidão se reúne. Eu posso sentir a inquietação deles e ouvir a tensão em suas vozes. Uma sensação de urgência dispara através de mim. Algo está seriamente errado aqui e eu estou convencida de que tem algo a ver com a minha família.

Corro para a multidão, forçando o meu caminho para dentro.

O que eu vejo é algo que não serei capaz de apagar da minha mente enquanto eu viver.



MINHA IRMÃZINHA LUTA sob as sombras.

Irradiando dela, cordas são puxadas por homens. Uma corda está amarrada em volta do pescoço dela, outras duas em torno de seus pulsos, e mais duas em volta de seus tornozelos.

Os homens lutam contra as cordas como se estivessem contendo um cavalo selvagem.

O cabelo de Paige está emaranhado e há sangue nele. Há também manchas de sangue em todo o rosto dela, manchando seu vestido com flores impressas. O contraste do sangue escuro e os pontos sobre a pele pálida fazem-na parecer como se ela tivesse levantado dos mortos.

Ela luta contra as cordas como alguém possuído. Ela dá uma guinada quando os homens a puxam para tentar ganhar controle. Mesmo nesta luz, eu posso ver o atrito sangrento das cordas ao redor do pescoço e punhos dela conforme ela se sacode ao redor como um fantoche vodu macabro.

Meu primeiro instinto é guinchar como uma alma penada e puxar a espada.

Mas há algo deitado na frente de Paige.

O choque de vê-la tão cruelmente amarrada como um animal me impediu de ver o resto da cena. Mas agora eu vejo uma protuberância sombria, parada como pedra, mas com a forma de algo que eu desejo não ter reconhecido.

É um corpo.

É o cara que levava o bastão quando ele e seus amigos me atacaram.

Eu desvio o olhar. Eu não quero processar o que meus olhos acabaram de ver. Eu não quero registrar os pedaços faltando nele.

Eu não quero pensar sobre o que isso significa.

Eu não posso.

A língua de Paige estala fora e lambe o sangue de seus lábios.

Ela fecha os olhos e engole. O rosto dela relaxa apenas por um segundo.

Paz.

Ela abre os olhos e olha para o corpo perto de seus pés. É como se ela não pudesse evitar.

Uma parte de mim ainda espera que ela se encolha em desgosto com a visão do cadáver. Há nojo lá. Mas também há um lampejo de desejo. Fome.

Ela lança um olhar para mim. Vergonha.

Ela para de lutar e olha diretamente para mim.

Ela vê minha hesitação. Ela vê que eu não estou mais correndo para salvá-la. Ela vê julgamento nos meus olhos.

— Ryn-Ryn, — ela chora. A voz dela está cheia de perda. Lágrimas riscam as bochechas manchadas de sangue dela, deixando faixas limpas. O rosto dela muda de parecer como um monstro feroz para uma menina assustada.

Paige começa a se debater novamente. Meus pulsos, tornozelos e pescoço doem em simpatia conforme as cordas se atritam contra sua pele sangrenta.

Os homens oscilam nas extremidades das cordas, de modo que é difícil dizer se eles a tem presa ou se *ela* está segurando-os. Eu já vi quão forte o novo corpo dela pode ser. Ela é poderosa o suficiente para desafiá-los seriamente e dar-lhes uma luta real. Neste terreno desigual, ela pode ser capaz de desequilibrá-los e fazê-los cair.

Em vez disso, ela luta ineficazmente.

Apenas o suficiente para que as cordas a cortem. Apenas o suficiente para machucar a si mesma em punição. Apenas o suficiente para que ninguém mais se machuque.

Minha irmãzinha chora em soluços de quebrar o coração.

Eu começo a correr novamente. Não importa o que aconteceu, ela não merece isso. Nenhuma criatura viva merece isso.

Um soldado à minha direita levanta o rifle e aponta para mim. Está tão perto que eu posso olhar direto para o buraco negro do silenciador.

Eu paro, quase derrapando.

Outro homem está ao lado dele, apontando um rifle para Paige.

Eu levanto as minhas mãos abertas.

Homens agarram meus braços, e eu posso dizer pela aspereza deles que eles esperam uma grande luta. Nós, jovens meninas, estamos ganhando uma reputação.

Os homens relaxam quando veem que eu não estou prestes a começar uma luta. Mano-a-mano é uma coisa, mas armas estão além de mim. Tudo que posso fazer é permanecer viva até eu ter a chance de fazer algo mais proativo.

Mas a minha mãe tem a sua própria lógica.

Ela corre para fora das sombras, silenciosa como um fantasma.

Ela pula sobre o soldado apontando o fuzil para Paige.

O outro soldado levanta o cabo de seu rifle e bate no rosto da mamãe.

— Não! — Eu chuto o cara segurando meu braço. Mas, antes que ele atinja o chão e antes que eu possa tirar o outro cara de cima de mim, três deles

saltam em mim. Eles me empurram no chão, como experientes membros de gangue antes de eu ter uma chance de me estabilizar.

Minha mãe levanta a mão para desviar outro golpe da coronha do rifle.

Minha irmã aumenta sua luta. Desta vez, é cheia de pânico e fúria. Ela grita para o ar como se estivesse pedindo ao céu para vir ajudá-la.

— Calem-na! Calem-na! — alguém está meio sussurrando, meio gritando.

— Não atire! — Meio sussurra, meio grita Sanjay. — Precisamos dela viva para o estudo. — Ele tem a decência de me lançar um olhar rápido e culpado. Eu não sei se estou com raiva ou grata.

Eu tenho que ajudar a minha família. Meu cérebro grita para mim sobre as armas, mas o que eu posso fazer? Deitar aqui, enquanto eles torturam e matam minha irmãzinha e mãe?

Três homens me seguram. Um agarra meus braços acima da minha cabeça, outro tem meus tornozelos, e o terceiro senta no meu estômago. Parece que ninguém está me subestimando mais. Assim seja.

Eu alcanço os pulsos do cara segurando minhas mãos, usando-o como alavanca, certificando-me de que ele não pode fugir.

Eu torço e bombeio minhas pernas, chutando a mão do que segura meu tornozelo para longe. É difícil para qualquer um, grande ou não, igualar o poder de um pontapé com o aperto da mão dele.

Então eu puxo minha perna livre e o chuto em cheio no rosto.

Com minhas pernas livres, eu as elevo e envolvo ao redor do pescoço do cara sentado no meu estômago.

Eu bato minhas pernas em direção ao chão, sacudindo-o para trás. Eu arranco minha perna debaixo dele e dou um pontapé na virilha dele.

Eu chuto tão forte que ele desliza para longe de mim na grama com um grito sem fôlego. Ele não vai ser qualquer problema por um tempo.

Por agora, o cara segurando meus pulsos tem começado a lutar contra meu aperto, tentando fugir. Se eu pensasse que ele apenas correria e me deixaria em paz, eu estaria feliz em soltá-lo.

Mas há muita chance de que ele vá ter ideias sobre me enfrentar enquanto eu estou deitada. Caras algumas vezes são assim, como quando se trata de perder uma luta para uma pequena mulher. Eles atribuem à sorte ou algo assim.

Meu aperto sobre ele é firme. Usando-o para me alavancar, eu me torço e giro no meu quadril, no que alguém na minha academia tem descrito como parecer que eu estou subindo uma parede, só que eu estou fazendo isso enquanto estava deitada no chão.

Eu balanço minha perna, girando no lado do meu quadril enquanto eu chuto o cara acima de mim na cabeça.

Aposto que ele não estava esperando aquele pequeno movimento.

Eu pulo de pé, examinando a cena em torno de mim, pronta para mais um ataque.

Minha mãe está no chão, empurrando um soldado com o rifle dele. Ela agarra o cano enquanto está apontado direto para ela. Ela ou não percebe que tudo o que ele tem a fazer é puxar o gatilho para derrubá-la, ou ela não se importa.

Minha irmã guincha para o céu como o monstro que todos pensam que ela é. As veias no pescoço e testa dela parecem como se fossem estourar.

Dois dos homens segurando suas cordas estão no chão agora. Um terceiro cai enquanto eu assisto.

Eu mergulho em direção à mamãe, esperando que o rifle não dispare antes que eu possa fazer alguma coisa.

Felizmente, estes soldados são cidadãos soldados, recém-formados e inexperientes. Esperançosamente, este não disparou em ninguém ainda e não está disposto a ter uma mãe desesperada como sua primeira morte.

19

SEM PENSAR, todos nós olhamos para cima. No início, eu nem tenho certeza do por que eu faço isso.

Então, eu percebo que há um zumbido vindo do céu. Tão baixo que é apenas audível.

Mas está ficando cada vez mais alto.

Através das lacunas nas árvores, eu posso ver uma mancha escura no céu crepuscular. Ela se aproxima a um ritmo alarmante.

O zumbido permanece baixo, apenas o suficiente para senti-lo em seus ossos, em vez de ouvi-lo. É um som ameaçador, como algo reconhecível em um nível primitivo, um medo inconsciente profundamente enterrado transformado em som.

Antes que eu possa identificá-lo, as pessoas se voltam e correm.

Ninguém grita ou berra ou chama por ninguém. As pessoas simplesmente silenciosamente e desesperadamente correm.

O pânico é contagioso. Os homens segurando minha mãe a soltam e se juntam a debandada. Quase imediatamente depois, os caras segurando minha irmã liberam suas cordas e correm também.

Paige arfa, olhando para o céu. Ela parece hipnotizada.

— Corra! — Eu grito. Isso quebra o feitiço.

Minha irmã se vira e corre na outra direção, longe do acampamento da Resistência. Ela corre profundamente para dentro do bosque, com suas cordas arrastando na sujeira como cobras deslizando nas sombras atrás dela.

Mamãe olha para mim. Sangue escorre do olho cortado dela. Mesmo sob essa luz, eu posso ver uma contusão começando a se formar.

Depois da mais breve hesitação, minha mãe persegue a minha irmã para as árvores.

Eu permaneço congelada enquanto o zumbido fica mais alto. Eu vou atrás delas ou corro de volta para a segurança?

A decisão é tomada por mim quando a nuvem negra chega perto o suficiente para que identifique formas individuais.

Homens alados com caudas de escorpião.

Dezenas deles escurecendo o céu. Eles estão voando baixo e ficando mais baixo.

Devia ter outro lote deles ou vários outros lotes fora da fortaleza.

Eu corro.

Eu arranco para longe deles, o que me leva correndo em direção a escola como todo mundo. Eu sou a última do grupo, por isso sou um alvo fácil.

Um escorpião desce rapidamente e aterrissa diante de mim.

Ao contrário dos que eu vi na fortaleza, este está totalmente formado, com o cabelo desgrenhado e dentes que amadureceram para presas de leão. Seus braços e pernas parecem perturbadoramente humanos, exceto que suas coxas e braços são extra-musculosos. O corpo, à primeira vista, é humano, mas a barriga e o peito parecem um pouco como um cruzamento entre abdominais definidos e o seccionado baixo-ventre de gafanhotos.

Os dentes são tão grandes que a besta não consegue fechar a boca e baba escorre dos lábios. Ele rosna para mim e eleva sua gorda cauda de escorpião acima da cabeça.

Medo me agarra de uma forma que nunca aconteceu antes.

É como se eu estivesse revivendo o ataque de escorpião no porão da fortaleza. Meu pescoço torna-se hipersensível, quase se contorcendo na expectativa de um ferrão apontando para ele.

Outro escorpião aterrissa perto de mim. Este tem dentes pontudos que se descobrem quando ele sibila.

Eu estou presa.

Eu arrebato o urso de pelúcia e puxo minha espada. Ela parece menos desajeitada na minha mão do que antes, mas isso é tão longe quanto a minha confiança vai.

Tiros são disparados, mas, principalmente, a noite é preenchida com o som do estrondo de asas e os gritos agudos das pessoas.

Eu mal tenho tempo para me colocar em posição de prontidão, que eu aprendi no meu sonho, antes de um dos monstros saltar em minha direção.

Eu balanço minha espada em um ângulo de quarenta e cinco graus, visando fatiar na junção entre o pescoço e ombro dele. Em vez disso, corta através do seu ferrão, quando aquilo chicoteia em minha direção.

O monstro grita, um som perturbadoramente humano, que sai da sua boca cheia de presas.

Não há tempo para acabar com ele, porque um segundo empurra seu ferrão em mim.

Fecho meus olhos e balanço descontroladamente em pânico. É tudo o que posso fazer para manter as memórias de ser picada me congelando completamente.

Felizmente, minha espada não tem esses problemas. A alegria rolando dela é inconfundível. Ela se ajusta ao ângulo certo. É peso pena na ascensão e

pesada como chumbo na descida.

Quando abro meus olhos, o segundo escorpião está sangrando no chão, a cauda se contorcendo. O primeiro se foi, provavelmente, tendo voado para longe para cuidar da lesão ou para morrer em paz.

Eu sou a única coisa viva em pé na minha parte do bosque. Eu deslizo para a sombra da árvore mais próxima, tentando acalmar minha respiração.

Os escorpiões ainda estão pousando, mas não perto de mim. Eles são atraídos para a massa de pessoas que estão obstruídas na cerca.

Eles pegam as pessoas e as picam repetidamente em diferentes ângulos, quase como se praticando, ou talvez apenas se divertindo. Mesmo quando elas agarram às suas vítimas com a boca para sugá-las, outros escorpiões vêm e picam as mesmas vítimas.

Pessoas gritam e empurram umas às outras na cerca, tentando passar por cima dela. Elas se espalham para tentar chegar a um lugar onde possam pular a cerca, mas são apanhadas pelos escorpiões, também.

Os poucos que conseguem ir para o outro lado parecem estar bem. Os escorpiões estão ocupados picando os que estão no bosque, como predadores preguiçosos, e não prestam atenção aos que conseguem sair.

Quando as vítimas deslizam para o chão, os escorpiões começam a sucção. No momento em que todo mundo está ou caído contra a cerca ou correndo para o prédio da escola através da rua, os escorpiões perderam o interesse. Eles decolam para o ar e rodopiam como uma nuvem de insetos antes de desaparecerem para o céu escurecendo.

Algo se agita atrás de mim, e eu giro com a minha espada pronta.

É a mamãe bamboleando em direção a mim.

Somos as únicas pessoas se movendo deste lado da cerca. Cada um dos outros parece morto. Eu continuo a me esconder nas sombras, de qualquer maneira, em caso dos escorpiões voltarem, mas tudo permanece silencioso e imóvel.

Minha mãe tropeça na minha frente. — Ela se foi. Eu a perdi. — Lágrimas brilham no rosto sangrento dela. Ela cambaleia em direção à cerca, ignorando as pessoas caídas.

— Eu estou bem, mamãe. Obrigada por perguntar. — Eu pego o urso e limpo o sangue da espada com a saia de chiffon. — Você está bem? Como você sobreviveu?

— É claro que você está bem. — Ela continua andando. — Você é a noiva do diabo e estas são as criaturas dele.

Eu deslizo a lâmina na bainha e coloco o urso de volta na ponta. — Eu não sou a noiva do diabo.

— Ele carregou você para fora do fogo e está deixando você nos visitar dos mortos. Quem mais teria esses privilégios, exceto a noiva dele?

Ela me vê uma vez nos braços de um cara e ela já nos casou. Eu imagino o que Raffe pensaria da minha mãe sendo sua sogra. — Você viu aonde Paige foi?

— Embora. — A voz dela quebra. — Eu a perdi no bosque. — Minha reação àquilo teria sido tão simples na semana passada. Esta noite, porém, eu não sei se eu estou em pânico ou aliviada. Talvez os dois.

— Você se escondeu do escorpião? — Eu pergunto. — Como você sobreviveu? — Nenhuma resposta.

Se alguém me dissesse que as mães têm poderes mágicos, eu não teria nenhuma dificuldade em acreditar. Nem sequer me surpreende muito que ela, de alguma forma, sobreviveu.

Eu a sigo para a cerca. Ao longo do caminho, eu ando por vítimas deitadas em posições desconfortáveis e não naturais. Embora elas não estejam mais sendo atacadas, elas continuam a murchar e secar como carne seca. O bosque parece um campo de batalha, com pessoas espalhadas por todo o lugar.

Quero tranquilizar as vítimas e dizer que eles vão sair dessa, que eles vão ficar bem. Mas com a crueldade do ataque, eu não tenho certeza se eles vão.

Um par de corpos de escorpião estende-se entre as vítimas no campo. Um atingido no estômago, outro na cabeça.

Mamãe examina as vítimas como se estivesse procurando por alguém. Ela escolhe um com a mais horrorizada e contorcida expressão congelada no rosto e o puxa para uma seção da cerca que foi pisoteada.

— O que você está fazendo? — Eu pergunto.

— Uma oferenda — ela diz, arrastando penosamente o pobre rapaz. — Precisamos encontrar Paige, assim precisamos de uma oferenda.

— Você está me assustando, mamãe. — Um desperdício de ar.

Como se ela soubesse melhor do que pedir pela minha ajuda, ela ergue o homem contra uma estaca da cerca. Ele desliza de volta para baixo em uma pilha.

Eu quero detê-la, mas quando ela forma um projeto louco na cabeça, nada na terra vai impedi-la.

A noite está começando a cair. A nuvem de escorpiões está ficando mais longe, e não há um só perdido no céu.

O pensamento de vagar ao redor do bosque, no escuro, à procura da minha irmã demônio baixo, não é minha ideia de diversão. Mas ela não pode ser deixada perambulando por si mesma, por todos os tipos de razões. E vai ser muito melhor se for eu a encontrá-la do que se o povo assustado da Resistência a

encontre.

Então eu deixo a minha mãe fazer o que quer que ela esteja fazendo e volto para as sombras do bosque.



É QUASE NOITE quando eu volto para a carnificina na grade. Há pessoas andando em uma confusão em volta das vítimas. Alguns estão curvados sobre algum amado morto, outros estão andando, chorando e parecendo aterrorizados. Poucos estão cavando covas rasas.

Minha mãe havia terminado seu projeto, apesar de não estar em um lugar visível. O homem que ela arrastou agora senta em uma pilha de corpos com os braços esticados sobre a grade como um espantalho assustado e assustador. Ela o havia amarrado com pedaços de corda que provavelmente havia encontrado em um dos caras que laçara Paige.

Seus lábios contorcidos e gritantes estão enfáticos pelo batom vermelho rubi. Sua camisa de botão está aberta, mostrando o peito quase sem pelos. Nele, uma mensagem escrita com batom dizia:

Me ToquE & VocÊ TOMarÁ meu LugAR

O fator arrepiante do projeto de minha mãe é bem alto. Todos saem do caminho para andar longe dele.

Enquanto eu passo pelos corpos, um homem se inclina para checar o pulso de uma mulher ao meu lado.

— Escuta — eu digo, — essas pessoas podem não estar mortas.

— Esta está — ele vai para o próximo corpo.

— Eles podem parecer que estão mortos, mas podem simplesmente estar paralisados. É o que os ferrões fazem. Eles paralisam e fazem parecer que estão mortos de qualquer jeito.

— Sim, bem, não ter batimentos cardíacos faz isso também — ele balança a cabeça, solta o pulso do cara que estava checando, e vai até a próxima vítima.

Eu o sigo enquanto soldados apontam seus rifles para o céu à procura de algum sinal de outro ataque.

— Mas você pode não conseguir sentir seus batimentos. Acho que desacelera tudo. Eu acho...

— Você é médica? — Ele pergunta sem parar seu trabalho.

— Não, mas...

— Ora, eu sou. E eu sei que se não há batimentos cardíacos, não há chance de uma pessoa estar viva exceto em uma situação muito incomum como uma criança caindo em um lago congelado. Não vejo nenhuma criança que tenha caído em um lago congelado por aqui, você vê?

— Eu sei que isso parece loucura, mas...

Dois homens levantam uma mulher e a colocam em uma cova rasa.

— Não! — Eu grito. Poderia ter sido eu. Todos pensaram que eu estava morta por um tempo, e se as circunstâncias fossem diferentes, eles poderiam ter me jogado em um buraco e me enterrado viva enquanto eu ficava olhando, paralisada mas completamente consciente.

Eu corro e paro entre os homens e o buraco.

— Não façam isso.

— Nos deixe em paz — o homem mais velho nem olha para mim enquanto sombriamente carrega a vítima.

— Ela pode estar viva.

— Minha mulher está morta — a voz dele falha.

— Me escuta. Há uma chance de ela estar viva.

— Você não pode nos deixar em paz? — Ele me olha de canto de olho. — Minha mulher está morta — lágrimas escorrem de seus olhos vermelhos. — E ela vai continuar morta.

— Provavelmente ela pode te ouvir agora.

O rosto do homem fica vermelho, e olhar para ele fica doloroso.

— Ela nunca vai voltar. E se ela voltar, não será nossa Mary. Será uma abominação — ele aponta para uma mulher sozinha perto de uma árvore. — Como ela.

A mulher parece frágil, perdida e sozinha. Mesmo com o lenço marrom enrolado na cabeça e as luvas nas mãos, eu reconheço o rosto murcho de Clara, a mulher que escalou as ruínas do ninho. Ela veste um casaco desbotado que indica que ela não deseja ser notada. Acho que as pessoas não têm sido exatamente receptivas.

Ela se abraça como se segurasse o marido e os filhos que ela tanto procura. Tudo o que ela queria era encontrar sua família.

A família de Mary arrasta seu corpo paralisado para a cova.

— Você não pode fazer isso — eu digo. — Ela está completamente consciente. Ela sabe que está sendo enterrada viva.

O menino mais novo pergunta:

— Pai, você acha...

— Sua mãe está morta, filho. Ela era um ser humano decente e terá um enterro decente — ele pega a pá.

Eu agarro seu braço.

— Me larga! — Ele se solta, tremendo de fúria. — Só porque você não tem a decência de fazer o que é certo para sua família não significa que você tem algum direito de impedir os outros de fazerem o que é certo para eles.

— O que você quer dizer?

— Você deveria ter deixado sua irmã ir humanamente e com amor antes de estranhos terem que tentar fazer isso por você.

O homem mais velho pega a pá cheia de terra e a joga sobre a mulher na cova.

A terra cai em seu rosto, cobrindo-o.

21

NO BOSQUE ESCURO, Obi acena para um de seus homens.

— Por favor, coloque a Sra. Young com sua mãe e assegure-se que elas estão a salvo e seguras durante a noite.

— Você está me prendendo? — Eu pergunto. — Pelo quê?

— É para sua proteção — diz Obi.

— Proteção do quê? — Pergunto. — A Constituição dos Estados Unidos?

Obi suspira.

— Não podemos deixar você ou sua família soltas e causando pânico. Preciso manter o controle.

O parceiro de Obi aponta a arma com silenciador para o meu peito.

— Ande até a rua e não me dê nenhum problema.

— Ela está tentando salvar as vidas das pessoas — disse uma voz tremulante. Era Clara, puxando o casaco em volta do corpo como se ela desejasse desaparecer.

Ninguém dá atenção a ela.

Eu dou a Obi um olhar que diz *Você está falando sério?* Mas ele está ocupado acenando para outro cara.

Ele aponta para a vítima do projeto da minha mãe.

— Por que aquela pilha horrível de corpos ainda está por aqui? Falei para levá-los embora.

O homem diz a outros dois para levarem os corpos. Aparentemente, ele não quer fazer isso.

Os dois caras balançam a cabeça e se afastam. Um deles faz o sinal da cruz. Eles se viram e correm para a escola, o mais longe dos corpos que conseguem chegar.

Enquanto meu guarda me acompanha pelo massacre, eu ouço Sanjay dizer às pessoas para guardarem os corpos não reclamados em uma van para autópsias.

Eu vacilo. Simplesmente não consigo olhar. Talvez essas pessoas estejam realmente mortas. Espero mesmo que sim.

Sou jogada no banco de trás de um carro de polícia estacionado na estrada. Mamãe já está lá.

A viatura tem uma cerca metálica entre os bancos de trás e os da

frente. Há barras nas janelas de trás. Embaixo do para-brisa traseiro, há cobertores e algumas garrafas de água. Meu pé bate em um balde com tampa, cheio de pacotes de lenços descartáveis.

Levo um minuto para entender que eles não vão nos levar a lugar algum. Esta é nossa cela.

Ótimo.

Pelo menos o guarda não pegou minha espada. Ele nem me revistou, então eu presumo que ele não era um policial no Mundo Anterior. Mesmo assim, ele provavelmente teria pegado minha espada se ela não parecesse com um urso de pelúcia pós-apocalíptico.

Tomo um gole de uma garrafa d'água, bebendo quase o bastante para matar minha sede, mas não o bastante para me dar vontade de urinar logo.

Pessoas correndo freneticamente, tentando terminar seus trabalhos antes de escurecer completamente, seja seu trabalho arrastar corpos para a van da autopsia ou enterrar entes queridos. Eles olhavam para o céu de vez em quando, mas enquanto a escuridão se arrastava, as pessoas começavam a olhar para trás nervosas como se estivessem preocupadas que algo fosse atacá-los.

Eu entendi. Há algo assustador em ser deixado sozinho no escuro, principalmente com alguém que você imagina estar morto.

Eu tento não pensar em como deve ser para as vítimas. Paralisados mas conscientes, deixados desamparados no escuro com monstros e família.

Quando o último corpo é jogado na van, os funcionários a fecham e vão embora.

Aqueles que não foram na van seguem pela rua da escola. Então as famílias, tendo jogado ou não terra por cima dos seus amados, soltam as pás e correm atrás dos funcionários, obviamente sem querer ficar para trás.

Mamãe começa a fazer barulhos animalescos de ansiedade enquanto observa todos irem embora. Quando você está paranoico, o último lugar que você quer estar é preso em um carro de onde você não pode correr e se esconder.

— Está tudo bem — digo. — Eles voltarão. Nos deixarão livre quando eles se acalmarem. E aí vamos encontrar Paige.

Ela puxa a maçaneta da porta, depois pula para o meu lado para tentar a outra. Ela bate na janela. Ela sacode a tela que separa os bancos da frente dos de trás. Sua respiração fica mais forte.

Ela está entrando em algum modo sério de surto.

A última coisa de que precisamos é uma histeria enorme em um espaço menor do que um sofá.

Enquanto os últimos vagabundos passam correndo pela janela, eu grito a eles:

— Me coloquem em outro carro!

Eles nem olham na minha direção enquanto se atropelam na rua na direção do escuro.

E eu sou deixada presa em um espaço pequeno com a Mamãe.

22

TODOS OS TIPOS de preocupação giravam em minha cabeça.

Eu tomo fôlego. Tento empurrar todas as preocupações de lado e me concentro.

— Mãe? — Mantenho a voz baixa e calma. O que eu realmente quero é me rastejar sob o assento e sair de seu caminho quando ela fica nervosa. Mas esta não é uma opção.

Eu estendo a garrafa de água.

— Quer um pouco d'água?

Ela me olha como se eu fosse louca.

— Pare de beber isso! — Ela a arranca da minha mão e esconde debaixo da janela traseira. — Precisamos conservá-la.

Os olhos dela disparam em cada canto de nossa cela. Sua pressa desesperada aparece em cada linha de seu rosto, e ela é um retrato da ansiedade. Parece haver mais dessas linhas aparecendo a cada dia entre suas sobrancelhas e em volta da boca. O stress está matando-a.

Ela remexeu os bolsos. A cada ovo esmagado que ela encontrava nos bolsos, ela ficava mais frenética. Para meu alívio, alguém tinha pegado o aguilhão. Odeio imaginar quanta força aquilo precisa.

— Mãe?

— Cala-a-boca-cala-a-boca-*cala-a-boca!* Você deixou aqueles homens a levarem! — Ela agarra a cerca metálica com uma mão e a traseira do banco com a outra. Ela aperta até o sangue escorrer por suas mãos, transformando-as em garras brancas.

— Você deixou aqueles monstros fazerem todas aquelas coisas horríveis com ela! Você se vendeu àquele demônio e não podia nem salvar sua irmã? — As ondinhas entre suas sobrancelhas se juntaram tanto que elas pareciam vindas de um pesadelo. — Você não pôde nem olhar nos olhos dela quando ela mais precisou. Você estava lá fora caçando-a, não estava? Então você mesma poderia tê-la matado! Não estava? — Lágrimas corriam pela máscara torturada de seu rosto.

— Que bem você faz? — Ela grita na minha cara com tanta intensidade que seu rosto fica vermelho como se ela estivesse prestes a explodir. — Você não tem coração! Quantas vezes eu te disse para deixar Paige segura? Você é muito inútil.

Ela bate a mão contra o metal várias vezes até eu achar que vai sangrar.

Eu tento bloquear.

Mas não importa quantas vezes eu a ouça com raiva de mim, suas palavras sempre me perfuram.

Eu me curvo em um canto, tentando me afastar dela o máximo que posso. Ela vai distorcer qualquer coisa que eu disser para se ajustar à lógica maluca dela e depois jogar tudo contra mim.

Me abraço por causa de uma de suas tempestades de fúria. Não é algo que eu gosto de vivenciar em uma cadeia tão pequena que não conseguimos nem deitar. Não é algo que eu gosto de vivenciar em qualquer lugar e qualquer hora.

Se ela vier para cima, sou grande o suficiente agora para bater nela em uma briga, mas ela não pararia até eu ter que machucá-la. Melhor se eu puder somente acalmá-la.

Mas não consigo pensar em nada para dizer para acalmá-la. Paige sempre fez isso. Então eu faço a única coisa que me vem à cabeça.

Eu murmuro.

É a música que ela murmura para nós quando ela está saindo de um feitiço particularmente ruim. É o que eu penso de uma música de perdão. Pores-do-sol, castelos, surf, machucados.

Ela pode estar me ignorando ou ela pode estar doida. Me ouvir murmurando sua música poderia acalmá-la ou deixá-la mais nervosa do que nunca. Se há uma coisa com a qual é possível contar é que ela é imprevisível.

Sua mão balança e me acerta o rosto.

Ela bate tão forte que eu penso que vou carregar para sempre a marca de uma mão na bochecha.

Ela me bate outra vez.

Na terceira vez, eu agarro seu pulso antes que ela faça contato.

No meu treinamento, eu apanhei, levei socos, chutes, empurrões, tapas, e fui sufocada por todos os tipos de oponentes. Mas nada machuca mais do que o tapa de sua mãe.

Lembrei que já faz várias semanas que ela está sem tomar a medicação, mas isso não ajuda em nada a aliviar.

Me aperto para dominá-la de alguma forma sem machucar, esperando que isso não fique por muito tempo fora de controle. Mas acontece que eu não preciso fazer isso.

Sua expressão muda de fúria para angústia. Seus dedos ficam frouxos contra o metal. Seus ombros caem, e ela se curva como uma bola fetal contra a porta.

Ela se balança enquanto as lágrimas a dominam. Ela chora com grandes soluços de menina.

Como se seu marido a tivesse abandonado para os monstros.

Como se suas filhas tivessem sido arrancadas dela por demônios.

Como se seu mundo tivesse chegado ao fim.

E ninguém entende.

Se Paige estivesse aqui, ela seguraria Mamãe e afagaria seu cabelo. Paige iria confortá-la até ela dormir. Ela fez isso inúmeras vezes, mesmo depois de nossa mãe tê-la machucado.

Mas eu não sou Paige.

Eu me curvo no meu canto, apertando o pelo macio do meu ursinho de pelúcia.

23

EU SONHO que estou com Raffe outra vez.

O ambiente parece familiar. Estamos no chalé de hóspedes onde Raffe e eu dormimos na noite em que saímos do escritório. Foi a noite em que aprendi seu nome, a noite em que ele passou de prisioneiro para parceiro, e a noite em que ele me abraçou enquanto eu tremia com um pesadelo.

O batuque da chuva contra as janelas preenche a cabine.

Eu olho para mim mesma abaixo, que está dormindo no sofá debaixo de uma coberta fina.

Raffe está deitado no outro sofá, me observando. Seu corpo musculoso se estica languidamente sobre as almofadas. Seus olhos azuis giram com pensamentos que não consigo ouvir. É como se a espada se tornasse autoconsciente depois de me contar tanto sobre Raffe, e agora está mantendo seus pensamentos escondidos. Talvez eu tenha pressionado muito quando perguntei sobre aquele beijo.

Há uma suavidade no olhar de Raffe que nunca vi antes. Não é que eu veja um desejo nu, ou um amor suave, ou algo assim. E se eu visse, seria somente em minhas bagunçadas fantasias.

Não que eu tenha fantasias com ele.

É como o jeito que um cara durão que não gosta de gatos pode olhar para um gatinho e perceber pela primeira vez que ele pode ser fofinho. Um reconhecimento relutante e particular de que talvez gatos não sejam *tão* maus.

O momento inesperado acaba em um instante. Os olhos de Raffe se mexem e olham na direção do corredor. Ele ouve algo.

Ele fica tenso.

Eu espero, ansiosa para ver.

Dois pares de olhos vermelhos ficam maiores enquanto eles se aproximam, silenciosos como a morte. Eles espiam pela sala de estar vindo da escuridão do corredor, me olhando.

Uau. Por que eu não sabia disso?

Como um raio, Raffe levanta e corre, pegando sua espada no caminho para o corredor.

As sombras infernais se viram e voltam na direção do quarto, um preto absoluto contra um cinza escuro. Elas mergulham pela porta aberta por onde o ar gelado flui como um rio.

Raffe e as criaturas ficam em câmera lenta enquanto correm pela janela quebrada ao lado da cama. A chuva entra pela abertura enquanto as cortinas dançam com o vento em câmera lenta.

Eu sei que devo copiar os movimentos de Raffe enquanto ele ataca, mas estou muito ocupada olhando o que está acontecendo. As criaturas estão correndo, não atacando.

Elas estavam espionando? Elas vão voltar com reforço?

Os diabinhos teriam escapado pela janela se o primeiro não tivesse empurrado o outro para fora do caminho e jogado ele nas cortinas, fazendo o segundo agarrar o primeiro em pânico.

Enquanto eles brigam por uma posição, Raffe dá um golpe no que estava pulando pela janela, cortando-o quase pela metade. Então ele acertou o segundo, cortando sua garganta.

Raffe olhou pela janela, para ter certeza de que só havia aqueles dois.

Ele cambaleia até a cama e geme de dor, se inclinando para recuperar o fôlego. Os curativos em suas costas floresceram com as manchas escuras de sangue onde as asas costumavam ficar.

Ele tinha acabado de acordar de seu sono de cura algumas horas antes e essa havia sido sua terceira luta desde então. Uma vez comigo, uma com a gangue de rua que invadiu nosso prédio e agora com essas coisas assustadoras. Não posso imaginar como deve ser difícil para ele. Uma coisa é ser expulso de seu bando e cercado de inimigos, mas ser gravemente ferido deve ser o sentimento mais solitário do mundo.

Ele limpa sua espada na roupa de cama, polindo-a amavelmente com o lençol. As criaturas finalmente terminam suas agoniam enquanto ele vai embora.

De forma surpreendente, eu ainda estou dormindo na sala de estar. Claro, eu não tinha tido uma noite de sono decente e eu estava praticamente inconsciente de tão exausta. Meu corpo está tremendo no sofá. O frio entrou pela porta do quarto aberta.

Raffe para e se inclina no sofá, prendendo a respiração.

Eu choro durante o sono, estremecendo sob ele.

O que ele está pensando?

Que se algum dos demônios estão observando, não faz diferença se estamos deitados em diferentes sofás ou no mesmo. Ou que já estou condenada porque eu estive em sua companhia por tanto tempo.

Eu choro de novo, puxando os joelhos contra o peito sob a coberta fina.

Ele se inclina e sussurra — Silêncio. Shhh — .

Talvez ele só precise sentir o calor de outro ser vivo depois de passar

por uma amputação tão dramática. Talvez ele esteja muito exausto para se importar se sou uma Filha do Homem, tão estranha e primitiva quando as esposas do Observador.

Seja qual for o motivo, ele relutantemente puxa as almofadas de trás do meu sofá. Ele para, parecendo que está prestes a mudar de ideia.

Então ele desliza atrás de mim.

No começo, seu abraço é forte e desconfortável. Mas quando ele começa a relaxar, a tensão em seu rosto se acalma.

Ele afaga meu cabelo e sussurra — Shhh.

Seja lá o conforto que ele esteja me proporcionando, eu estou no mínimo retribuindo somente pelo fato de ser um corpo quente para ele segurar no momento em que ele mais precisa.

Eu chego mais perto dele no meu sono e meu choro diminuiu para um suspiro contido. Quase dói ver Raffe fechando os olhos e me abraçando de um jeito que uma criança deve segurar um animal empalhado para confortá-lo.

Eu estico minha mão fantasma para acariciar seu rosto. Mas, é claro, não consigo senti-lo. Só consigo sentir o que a espada lembra.

Mesmo assim, passo minha mão pelas linhas de seu pescoço e os músculos de seu ombro.

Imaginando seu calor suave.

Lembrando-me de como é ser abraçada por seus braços.

24

ESTÁ ESCURO QUANDO ACORDO. Flutuo de volta à realidade, ainda atolada em meu sonho.

Acaricio o pelo macio do meu urso. No meu sonho havia mais consolo do que uma aula de luta tem o direito de ter. É como se a espada escolhesse uma memória que me acalmasse e eu estou agradecida.

Leva um minuto para eu lembrar por que estou dormindo no banco de trás do carro.

Certo. Somos prisioneiras em uma viatura da polícia.

E então o resto das informações volta como uma enchente e eu desejo poder voltar ao meu sonho.

Lá fora, montes de carros pontilham a rua e as sombras dos galhos balançam para frente e para trás com o vento. Como muitos lugares, as ruas ficam surreais e assustadoras à noite.

Algo se move do lado de fora da janela.

Antes que eu consiga identificar a sombra, ela bate na janela.

Eu grito.

Silenciosamente, minha mãe segura meu braço, rapidamente me puxando para baixo com ela.

— Sou eu, Clara — a sombra sussurra.

Uma chave vira e a porta do motorista abre. Com sorte, alguém desligou a sirene do carro, então nós não somos um farol.

Sua forma magra desliza para o banco do motorista.

— Você é a mulher morta — minha mãe diz. — Toda enrugada e parecendo que tinha rastejado da cova.

— Ela não está morta, mãe — eu saio do chão do carro e sento no banco.

— Às vezes eu gostaria de estar — diz Clara. Ela liga o carro, que soa instantaneamente alto.

— O que você está fazendo? — Pergunto.

— Tirando vocês daqui. Para longe dessas pessoas horríveis — o carro se move em uma curva sinuosa para evitar os carros.

— Desligue os faróis — eu digo. — Eles chamam muita atenção.

— São as luzes automáticas — diz. — Não dá pra desligar.

Enquanto ela desvia dos obstáculos, nossas luzes atingem a pilha de

corpos da Mamãe. Aparentemente, ninguém queria tocá-los apesar das ordens de Obi.

O corpo com aparência de macabra sentado no topo da pilha tenta lentamente levantar a mão para bloquear a luz.

— Os mortos estão ressuscitando — diz minha mãe. Ela parece animada, como se sempre soubesse que isso fosse acontecer.

— Ele não estava morto, mãe.

— Você foi a primeira a ressuscitar — diz ela. — A primeira dos mortos.

— Eu também não estava morta — eu digo.

— Espero que ele encontre sua família e que eles o aceitem de volta — diz Clara. Seu tom de voz deixa claro que ela duvida disso.

Tento não pensar no resto das vítimas.

Ironicamente, minha mãe pode ter salvado as únicas vítimas do escorpião que vão sobreviver essa noite.

Assim que tomamos certa distância entre nós e o quartel da Resistência, Clara para o carro para que eu me sente no banco do passageiro. E já que minha mãe não queria mais ficar na cadeia do banco de trás, nós todas nos juntamos no banco da frente, comigo no meio.

— Obrigada Clara — digo. — Como conseguiu a chave?

— Sorte idiota — ela diz. — Aqueles gêmeos com nomes engraçados deixaram cair só a alguns metros de mim.

— Eles... Deixaram cair? — Aqueles caras são os trapaceiros de mão leve mais habilidosos que eu já vi. Difícil de imaginar eles deixando algo cair.

— É, eles estavam carregando um monte de coisas entre eles enquanto andavam. A chave simplesmente caiu e eles não perceberam.

— Mas você sim.

— Claro.

— Como você sabia que era a chave do nosso carro de polícia?

Ela levantou a etiqueta da chave para me mostrar. É uma capinha de plástico que provavelmente deveria conter uma imagem. Essa tinha um pedaço de papel com uma nota rabiscada com letras infantis de forma: — Carro da polícia de Penryn – Super Secreto.

Se algum dia eu visse os gêmeos novamente, parece que devo a eles uma luta de garotas-zumbis na lama.

— Espero que eles não tenham problemas — diz Clara. — Eles parecem ser bons rapazes.

— Eu ficaria surpresa se alguém soubesse que eles ao menos tinham a

chave. Não se preocupe, eles não irão ter problemas, — mas acho que um de seus arqui-inimigos vai.

Minha mãe sussurra urgentemente ao meu lado no celular, conversando com alguém que não está lá.

— Então, aonde devemos ir? — Pergunta Clara.

Isso apaga meu humor. Uma pergunta tão simples. Não consigo nem começar a pensar nisso. Mamãe e Clara são mais velhas do que eu, mas de alguma forma elas presumem que *eu* vou resolver isso.

Paige foi embora. E o corpo morto do qual ela estava em cima...

Fecho os olhos e tento rever a imagem, o que só piora as coisas. O sangue no rosto dela não era dela, tenho certeza. Ou ela vai caçar as pessoas ou as pessoas vão caçá-la. Ou os dois.

Não aguento pensar nisso. Se pegarem-na, vão tratá-la como o pessoal da Resistência tratou – amarrá-la como um animal ou matá-la. Se ela pegá-los...

Não pense nisso.

Mas tenho que pensar, não tenho? Não posso deixá-la sozinha, desesperada, e assustada.

A Resistência provavelmente vai procurá-la pela manhã. Se pudermos encontrá-la antes, talvez possamos descobrir um jeito de lidar com seus problemas. Mas como faremos para encontrá-la?

Tomo fôlego e falo devagar.

— Vamos a algumas cidades longe da Resistência, e nos escondemos até descobrir o que fazer.

— Boa ideia — diz Clara, que olha para o céu tanto quanto para a estrada.

— Não — diz mamãe, apontando para frente com uma mão e segurando o celular com a outra. — Continue reto. Paige foi por aqui — ela parece cheia de certeza.

Há algo estranho com o celular dela. É maior e mais desajeitado do que o normal. Parece vagamente familiar.

— Isso é um celular? — E estico o braço para pegar.

— Não! — Mamãe o afasta e vira o corpo em volta dele para protegê-lo. — Não é pra você, Penryn. Nem agora, nem nunca.

Minha mãe tem um relacionamento com objetos inanimados diferente de nós. Às vezes, um interruptor de luz é só um interruptor de luz. Até deixar de ser.

De repente, depois de anos usando o mesmo interruptor para acender a luz, ela se convenceu de que ela precisava ficar mexendo pra lá e pra cá para salvar a cidade de Chicago. Depois disso, era somente um interruptor. Até o dia

em que ela precisava ficar mexendo pra lá e pra cá para salvar Nova York.

— O que é isso? — Pergunto.

— É o demônio.

— O demônio é uma caixinha preta? — Não importa, na verdade. Nunca importa. Mas por algum motivo, quero que ela me conte sobre isso. Talvez ajude minha memória a lembrar de o que é e onde eu vi isso.

— O demônio fala comigo pela caixinha preta.

— Oh — eu balanço a cabeça, tentando imaginar algo para dizer. — Que tal jogarmos isso fora então? — Se isso pudesse ser simples.

— E aí como vamos encontrar sua irmã?

A conversa vai ficar dando voltas. Estou perdendo tempo.

Minha mãe se mexe e eu tenho um vislumbre da tela do celular. É um mapa da Área da Baía com setas amarelas apontando para dois pontos.

Eu conheço essa tela. Lembro-me de alguma coisa que meu pai levou para casa uma vez.

— É o protótipo do papai.

Mamãe esconde o objeto atrás das costas como se estivesse preocupada que eu fosse pegar.

— Não acredito que você roubou e deixou-o ser demitido por isso — não é à toa que ele nos deixou.

— Ele não gostava daquele emprego mesmo.

— Ele amava aquele emprego. Ele ficou totalmente arrasado quando perdeu o emprego. Não se lembra dele procurando por essa coisa em todos os lugares?

— A empresa não precisava disso tanto quanto eu. O demônio queria que fosse meu. Não era para ficar com ele.

— Mãe... — de que adiantava?

Se ele não tivesse sido demitido por perder o protótipo, ele teria sido demitido por alguma coisa que ela teria feito. É difícil ser um engenheiro quando sua esposa liga a cada dois minutos. E se ele não atendesse, ela ligaria para a recepcionista ou para o chefe ou algum colega aleatório para descobrir se ele estava bem. E se ninguém atendesse, aí ele poderia ter uma visita surpresa da polícia, querendo falar com ele sobre sua esposa ter surtado em público, gritando e berrando o que *eles* tinham feito com o marido dela.

— O que é isso? — Pergunta Clara.

— Um protótipo de um aparelho para rastrear animais de estimação — digo. — Ele usa um pequeno rastreador. À prova d’água e resistente a impactos. Meu pai mostrou para a gente uma vez. Aparentemente, minha mãe gostou bastante.

— Ele era um engenheiro?

— Era — digo. Não digo a ela que quando ele finalmente nos deixou, ele estava trabalhando em turnos noturnos no 7-Eleven, a loja de conveniência mais próxima de nós, onde minha mãe ficava sentada no canto enquanto ele trabalhava de caixa.

— Meu marido Brad era engenheiro também — ela disse melancolicamente, quase que somente para ela ouvir.

No aparelho de minha mãe, a seta pisca e segue um caminho. Seu alvo está em movimento.

— O que estamos rastreando? — Pergunto.

— Paige. — minha mãe diz.

— Como sabe que é Paige? — Pergunto, com certeza de que é outra fantasia. Uma coisa é ter o aparelho rastreador do Papai. Outra é realmente estar rastreando Paige, considerando que ela precisa ter o transmissor nela.

— O demônio me disse — ela abaixa a cabeça, parecendo estar em apuros. — Se eu prometer a ele certas coisas — ela murmura.

— Tudo bem — eu esfrego a testa, tentando ser paciente. Há uma certa arte em conseguir informações da minha mãe. Você precisa ter um pé na realidade e outro no mundo dela para ter uma visão melhor do que ela está falando. — Como o demônio sabe onde Paige está?

Ela olha para mim como se eu tivesse feito a pergunta mais estúpida do mundo.

— O transmissor, é claro.

25

ÀS VEZES, eu ainda cometo o erro de subestimar minha mãe. É fácil assumir que ela não é esperta ou astuta só porque ela acredita em coisas que não fazem muito sentido e por ela fazer decisões muito tolas. Mas, sua condição não tem nada a ver com sua inteligência. Eu me esqueço disso às vezes.

— O transmissor está na Paige? — Eu prendo minha respiração, sem me atrever em respirar.

— Sim.

— Aonde? Como? — Se minha mãe pôs o transmissor na mochila ou qualquer coisa, pensando que Paige ainda a tem com ela, então nós provavelmente estamos seguindo o caminhão de lixo da Resistência ao invés de Paige.

— Ali. — Minha mãe aponta para meu sapato.

Eu olho para baixo e de primeira não vejo nada. Então, eu reparo que ela não está apontando para o sapato. Ela está apontando para a estrela amarela na barra do meu jeans. Eu estou tão acostumada com essa estrela que eu nem a vejo mais.

Eu me abaixo para dar uma boa olhada na estrela pela primeira vez. A ponta dura sob os fios amarelos cutuca meu polegar. É bem pequeno e nem dá para notar, ou, pelo menos, eu nunca notei.

— Essa é você. — Ela diz, com seu dedo na seta mais abaixo em Redwood City. — Essa é Paige. — Ela move seu dedo até a seta mais acima, em San Francisco.

Ela poderia ter ido tão longe em um tempo tão curto?

Eu respiro fundo. Quem sabe o que ela é capaz de fazer agora?

Eu me lembro do meu pai mostrando para nós um pequeno chip empoleirado na ponta de seu dedo. Ele tinha um punhado deles no recipiente com o receptor. O chip estava revestido por uma embalagem plástica que o faz à prova d'água e livre de sujeira, de modo que os cães poderiam rolar na lama e serem até pulverizados sem afetar o transmissor.

Foi assim que minha mãe aparecia quando eu e Raffe estávamos na estrada. Foi assim que ela terminou na área.

— Mãe, você é uma gênia.

Minha mãe parece surpresa. Então, ela abre um sorriso iluminado. Eu não a tinha visto tão feliz desde eu não sei quando. Seu rosto irradia felicidade

como uma garotinha que acabou de descobrir que ela fez algo certo pela primeira vez na vida.

Eu balanço a cabeça. — Bom trabalho, mãe. — É meio que perturbador descobrir que sua própria mãe precisa de encorajamento vindo de você.

NÓS TROCAMOS o carro de polícia barulhento por um elétrico bem silencioso que tem chaves na ignição.

Eu revisto o porta-luvas do carro de polícia atrás de algo que possa ser útil para o novo carro. Eu pego binóculos e um saco de suprimentos de emergência. Se há uma coisa em que Obi é bom, é em sobreviver em uma fuga. Eu meio que suspeito que todos os veículos da Resistência tem um saco desses.

Clara me aborda no seu caminho até o novo carro. — Não crie expectativas. — Ela sussurra.

— Não se preocupe. Eu sei que minhas chances de encontrar Paige são pequenas.

— Eu não quis dizer isso. Estou me referindo a sua mãe.

— Acredite em mim, eu não tenho nenhuma esperança sobre ela.

— Mas você tem sim. Eu posso ver. Há um ditado que diz “Só porque você é paranoico, não quer dizer que eles não vão te pegar.” Bom, o inverso é verdade também. Só porque alguém está aí fora para te pegar, não quer dizer que você não é paranoico.

— Não estou entendendo.

— O mundo estar louco não quer dizer que sua mãe não está louca, também.

Eu me afasto dela. Eu não estava pensando nisso.

Não de verdade.

Mas ela tem mesmo que tirar essa possibilidade de mim?

— Eu costumava ser uma enfermeira. Eu sei o quão difícil esse tipo de condição pode ser para a família. Ajuda falar sobre isso. Eu só não quero que você se machuque, pensando que sua mãe pode ser –

Eu chuto os faróis dianteiros e as luzes que funcionam no novo carro para que não seja um farol alto. Eu os esmago com tanta força que as lâmpadas praticamente são pulverizadas.

Nós não precisamos dessas luzes. A luz da lua é o suficiente para ver os carros nas estradas mesmo que não consigamos ver muitos detalhes.

Eu deslizo para o banco do passageiro.

— Desculpe — Clara diz enquanto desliza para o banco do motorista.

Eu concordo.

E esse é o final daquele tópico horrível.

Ela liga o motor e nós dirigimos novamente para o norte devagar em direção a San Francisco.

— Porque você está aqui, Clara? Eu e minha mãe não somos exatamente as melhores companhias para viagens.

Ela dirige em silêncio por um tempo. — Talvez eu tenha perdido a fé na humanidade. Talvez eles estão certos em nos exterminar.

— O que isso tem a ver com você viajar conosco?

— Você é uma heroína. Eu tenho esperanças que você irá restaurar minha fé e me mostrará que vale a pena sermos salvos.

— Eu sou tão não heroína.

— Você salvou minha vida lá na área. Então, você é minha heroína.

— Eu te deixei na base para morrer.

— Você me tirou do alcance de uma vida horrível quando eu pensei que não houvesse mais esperança. Você me deu a oportunidade de voltar a vida quando ninguém mais pode.

Ela olha para mim, seus olhos brilhando na escuridão. — Você é uma heroína, Penryn, você gostando ou não.

26

MINHA MÃE murmura sem parar no receptor. A voz dela se transforma em uma cadência, e me assusta que é a mesma cadência de quando ela reza. Porque, desta vez, ela está se dirigindo ao diabo.

É lento caminho através de carros mortos no escuro, mas conseguimos. Nós seguimos o mesmo caminho que Raffe e eu fizemos quando dirigimos para dentro da cidade. Só que desta vez não há ninguém na estrada. Nenhum refugiado, nenhuma criança de 12 anos dirigindo carros, nenhum acampamento. Apenas quilometro após quilometro de ruas vazias, jornais caindo ao longo das calçadas, e telefones celulares abandonados esmagados sob os nossos pneus.

Onde estão as pessoas? Eles estão se escondendo por trás das janelas escuras dos prédios? Mesmo após o ataque à fortaleza, eu não posso imaginar que todos deixaram a cidade.

Eu me encontro acariciando a pele macia do urso de pelúcia. Há algo especialmente misterioso sobre as ruas da cidade desertas e algo especialmente reconfortante em ter uma espada fodona pendurada em volta dos meus ombros, mesmo que esteja disfarçada como um brinquedo de pelúcia.

Em um par de horas, nós nos encontramos nos encaminhando em direção ao cais.

Nós alcançamos o cume de uma colina na calada da noite. San Francisco deveria ser uma cidade agitada com luzes brilhantes, movimento e barulho. Eu costumava aguardar ansiosamente e ter pavor de vir aqui ao mesmo tempo, por causa de toda a sobrecarga sensorial. Eu quase sempre me perdia vagando em torno das ruas ventosas nas poucas vezes que visitei com amigos ou meu pai.

Agora, é um terreno baldio.

A lua minguante derrama alguma luz sobre as latas de lixo derrubadas e os ratos correndo, mas a cidade está tão suja de fuligem dos intensos incêndios durante o Grande Ataque que isso absorve mais luz do que parece possível. A outrora bela cidade tornou-se uma paisagem de pesadelo.

Mamãe examina a terra com um olhar cansado. É como se ela sempre soubesse que seria assim. Como se ela já tivesse visto coisas como essa a vida inteira.

Mas mesmo ela toma fôlego ante a visão da Ilha de Alcatraz.

Alcatraz é notória por ser a prisão que mantinha os criminosos mais

infames. Situa-se na baía, brilhando vagamente sob o luar refletido na água.

Ela devia ter o seu próprio gerador, que alguém desligou. As luzes de Alcatraz não são pontinhos de brilhos de acolhimento. Em vez disso, há um brilho opaco e pesado, que permeia a ilha, apenas o suficiente para que ela seja visível na baía escura.

E apenas brilhante o suficiente para nós vermos o enxame de criaturas em forma não natural rodopiando no ar acima dela.

Mamãe olha para o piscar no receptor dela. Ela aponta para Alcatraz.

— Lá — ela diz. — Paige está lá.

Ótimo. Como ela conseguiu fazer todo o caminho até aqui em tão pouco tempo? Ela pode realmente correr tão rápido, ou alguém a conduziu ou a trouxe voando pra lá?

Eu respiro fundo e solto o ar lentamente.

Pelo menos, os anjos não têm o senso de humor para assumir a Ilha do Anjo, em vez disso. Isso é algo que Raffe provavelmente teria feito se tivesse estado no comando.

Clara estaciona nosso carro em um ângulo aleatório na rua, tentando se misturar. Eu pego os binóculos quando saímos. Estamos no Pier 39, próximo ao Cais dos Pescadores. No Mundo de Antes, era uma grande atração turística repleta de lojas de camisetas, lojas de doces e mercados abertos de peixe.

— Minhas meninas costumavam amar este lugar — diz Clara. — Todos os domingos nós vínhamos aqui para almoçar. As meninas pensavam que era um grande prazer comer sopa de mariscos em uma bacia de pão e observar os leões marinhos. Este lugar era como a felicidade em uma garrafa para elas. — Ela contempla o lugar com um olhar triste nos olhos.

Os leões-marinhos ainda estão aqui, pelo menos. Eu posso ouvi-los latindo em algum lugar perto da água. Eles são as únicas coisas familiares, no entanto.

As docas estão enviesadas e quebradas como estruturas de palito. Muitos dos edifícios desabaram em pilhas de troncos. Parece que os incêndios não chegaram a esta área, mas a água colérica com certeza.

O surf feroz dos tsunamis em todo o mundo foi amortecido antes de chegar à baía, mas isso não impediu o estrago. Só manteve essa parte da cidade longe de ser inundada e totalmente destruída.

Há um navio deitado de lado na rua. Outro se sobressai do telhado de um edifício demolido.

Lascas do tamanho de sequoias estão por todos os lugares. Pena que os anjos não são mortos como vampiros. Poderíamos atraí-los aqui e ter um dia de campo.

Há um navio de cruzeiro surpreendentemente intacto ancorado na água. Eu quero correr até ele, leva-lo até a ilha e gritar por Paige. Em vez disso, eu me agacho atrás de uma pilha de engradados quebrados de onde posso ver, mas não ser vista.

Espio Alcatraz através dos binóculos.

As coisas que rodam no céu noturno acima da ilha estão muito escuras para ver em detalhes, mas eu posso distinguir as silhuetas contra o céu iluminado pela lua.

As formas de homens.

Asas.

Caudas gordas de escorpião.

27

O QUE A PRINCÍPIO parecia um enxame caótico acabou por ser um padrão de voo ordenado.

Mais ou menos.

A maioria dos escorpiões segue um anjo conforme ele sobe, logo se inclina, então mergulha. Os escorpiões o seguem ao redor como bebês pássaros. A maioria deles, de qualquer maneira.

Alguns se retardam tanto para trás que quase ficam no caminho do anjo enquanto ele passa por sua rotina de voo. E é uma rotina. Ele repete seu padrão de voo para ficar perto da ilha. Ele varia aqui e ali, mas é principalmente um padrão previsível.

Se eu não soubesse melhor, eu diria que ele está ensinando-os a voar.

Bebês pássaros são ensinados a voar e bebês golfinhos são ensinados a respirar. Talvez bebês monstros precisem ser ensinados a como serem monstros. Geralmente, bebês são ensinados por suas mães, mas essas coisas não têm mães.

O anjo está fazendo um mau trabalho ensinando, no entanto. Vários dos escorpiões estão lutando. Até eu posso ver que alguns deles estão batendo as asas muito rápido. Eles não são beija-flores e estão propensos a se cansar ou dar a eles mesmos um ataque cardíaco, assumindo que eles têm um coração.

Um deles cai direto dentro da água. Ele chafurda lá, gritando.

Outro escorpião oscila muito baixo perto do que caiu. Eu não posso dizer qual escorpião agarra-se a qual – se aquele no ar tenta ajudar o parceiro ou se aquele na água agarra o que está no ar – mas, de qualquer forma, o segundo chapinha na água, também.

Eles se debatem e tentam subir um em cima do outro. Cada um luta por poucos mais segundos de ar, tentando ser aquele em pé em cima do outro. Mas o vencedor só consegue ar suficiente para um grito final antes que os dois afundem.

A primeira vez que vi essas coisas no porão da fortaleza, eles estavam suspensos em tubos de líquido. Mas eu acho que eles deviam ter tido algum tipo de cordão umbilical, ou eles mudaram quando “nasceram” porque agora eles estão claramente se afogando.

Passos me fazem girar e me agachar ainda mais. Mamãe e Clara se agacham ao meu lado, atrás de um caixote quebrado.

Há tantas sombras ao longo da antiga área comercial do cais que um

exército poderia marchar em nossa direção e eu não os veria. Nós nos amontoamos mais fundo na escuridão.

Mais passos. Correndo agora.

Pessoas se lançam para dentro e para fora das sombras e colidem em campo aberto, onde o luar os expõe. Uma pequena debandada de pessoas, desesperadamente fugindo de alguma coisa.

Um par deles olha para trás com um olhar de terror enquanto correm.

Além dos pés batendo nas pranchas de madeira curvadas, eles não fazem qualquer outro ruído. Sem gritos, sem chamar uns aos outros.

Mesmo quando uma mulher cai, obviamente torcendo o tornozelo, ela não faz nenhum barulho além do baque suave de seu impacto. O rosto dela se contorce em dor e terror, mas nenhum som sai de sua boca. Ela se levanta e manca o mais rápido que pode em uma corrida saltitante, freneticamente tentando manter-se com o resto da debandada.

O pânico deles ecoa em meu peito. Eu tenho vontade de correr, mesmo que eu não tenha nenhuma ideia do que eles estão fugindo.

Assim que minha perna se contorce de indecisão, as coisas perseguindo a multidão viram ao redor da esquina.

Há três deles. Dois escorpiões pairando baixo perto do chão, zumbindo com suas asas de inseto. No centro manca um anjo que parece que tem usado esteroides.

O anjo enorme tem asas de neve.

As asas de Raffe.

Beliel.

28

MESMO NESTA situação perigosa, meu coração se contorce ao ver as belas asas de Raffe sob o demônio Beliel.

A última vez que vi Beliel ele estava mancando com uma asa ferida. Alguém deve ter costurado a asa de volta no lugar, depois de Raffe ter rasgado os pontos. Deve ser bom ter médicos maus na mão. O mancar de Beliel é perceptível, mas não tão ruim como era quando Raffe o perseguiu no aeroporto.

Ele também tem ataduras frescas enroladas em torno do estômago, onde Raffe o cortou com a espada dele a primeira vez que eu o conheci. É bom ver mais evidências de que as feridas de espada dos anjos não se curam depressa como outras feridas, assim como Raffe disse.

Os escorpiões voam vagarosamente, balançando para trás e para frente, mergulhando baixo o suficiente para olhar pelas janelas. Um quebra uma janela – provavelmente a última janela intacta no cais.

O barulho do estilhaço é imediatamente seguido por um grito em pânico. Uma família com crianças se lança para fora da porta da loja e se junta ao grupo correndo dos monstros.

Há algo sobre a maneira como os escorpiões estão se movendo que levanta bandeiras vermelhas em minha cabeça. Eles não estão perseguindo para pegar.

Eles estão expulsando as presas.

Antes que minha mente possa formar a palavra “armadilha”, luzes se acendem e uma rede de pesca cai do céu.

Isso é quando os gritos começam.

Uma, duas, cinco redes de pesca, grandes como casas de tenda, caem do céu escuro.

Sombras mais escuras mergulham para baixo vindo de cima. Elas pousam de quatro, correndo ao longo do chão como escorpiões reais antes de se levantarem com as pernas de formas humanas.

Dois deles realmente batem na doca quebrada de cara, como se eles não tivessem muito jeito para aterrissar ainda. Um deles guincha sua fúria nas pessoas presas, mostrando uma boca cheia de dentes de leão. Ele cruelmente puxa a borda da rede, fazendo-a chicotear os tornozelos das pessoas.

Existem dezenas de pessoas presas sob as redes, arranhando e se contorcendo, tentando encontrar o limite da armadilha para que possam escapar.

Umas poucas picadas dos ferrões de escorpião levam as pessoas a se amontoarem juntas no meio de suas armadilhas. Eles choram e gritam, todo o silêncio anterior abandonado.

Tiros ressoam de um dos grupos de presos. Um escorpião nas proximidades cai, gritando.

Como se um sino do jantar tocasse, um bando de escorpiões mergulha para o grupo dentro da rede de onde o tiro veio. Ferrões chicoteiam para cima e para baixo, repetidamente picando até que sangue goteja das pontas. As cabeças-monstro deles se trancam nas vítimas para suga-las.

Os gritos e a luta se aquietam depois de um minuto, deixando apenas uma pilha de corpos enrugados contraindo-se sob uma mortalha de malha.

Eu não sei se mais alguém tem uma arma, mas depois disso, ninguém se atreve a atirar.

Um menino de cerca de oito anos foi separado do pai. Eles alcançam um ao outro debaixo de diferentes redes. O garoto está chorando pelo pai, mas é o pai que parece pálido e totalmente aterrorizado por terem sido separados.

Os escorpiões os encurralam, meio arrastando as redes, meio os mantendo em movimento pela ameaça com seus ferrões.

Nós nos agachamos mais para as sombras, mal ousando respirar.

Os monstros marcham os cativos para um container de metal para transporte – do tipo que caminhões, trens e navios transportam. Não está longe de nós, mas com todos os detritos espalhados ao redor, eu não tinha notado aquilo.

Eles abrem a porta do container. Um portão de grade de metal enrolado está por trás dele.

E por trás do portão, as pessoas se agrupam tão longe da entrada quanto podem.

Metade do container já está abarrotada de homens, mulheres e até mesmo algumas crianças. Eles estão aterrorizados e amontoados juntos como as vítimas indefesas que são.

Os escorpiões enrolam o portão de metal, levantando as redes. Os novos prisioneiros correm para longe dos monstros e para dentro do container.

29

OS ESCORPIÕES fazem uma coisa surpreendente. Eles decolam para o céu noturno, deixando Beliel sozinho para desenrolar a porta de cadeia dos prisioneiros e bloqueá-la.

Ele não tem pressa fazendo isso, como se para provocar os cativos. Quando ele termina, ele pendura a chave sobre uma das lâmpadas ao lado do container.

A tela do portão de enrolar é tecida folgadamente o suficiente para colocar um braço ou o pé através de uma abertura, mas mesmo uma criança não conseguiria sair.

Os antigos prisioneiros estão silenciosos, mas os novos fazem um pouco de barulho com o seu choro e perguntas em pânico.

— O que está acontecendo?

— O que é que eles vão fazer com a gente?

Beliel manca ao redor desligando o tripé de luzes na doca. O joelho dele parece estar incomodando mais do que antes. Ele deixa as luzes acesas somente perto do container de transporte. O círculo de luz é brilhante lá e eu estou contente que nós ainda estamos escondidas nas sombras.

Como se o medo e histeria dos prisioneiros não fossem suficientes para ele, Beliel balança a porta do container, então bate a palma da mão aberta sobre o lado de metal. O alto tinido ecoa através do cais.

Todo mundo se encolhe e o choro fica mais alto. O terror e o desespero vêm em ondas tão grandes que elas me cobrem.

Beliel empurra o rosto nas correntes do portão. Todo mundo se afasta ainda mais. Ele silva e rosna para eles. Então ele pega a borda do container e o agita.

Agora, até mesmo os prisioneiros veteranos estão gritando.

O que ele está fazendo?

Eu já o vi em fúria quando ele esteve totalmente fora de controle. Isto é diferente. Não há paixão no que ele está fazendo. É apenas um trabalho.

Ele está no limite, no entanto, e roubando olhares para o céu.

Ele está sendo vigiado? Talvez isto seja mais treinamento para os escorpiões? Talvez eles ainda estejam ao redor, assistindo de algum lugar? Para qual propósito?

Eu olho para cima para a escuridão e para os telhados restantes, me

sentindo exposta de repente.

Eu vejo apenas os feixes de luz perto do container-prisão. As luzes são um farol da paisagem desoladora de prédios retorcidos e da noite sem vida.

Eu ainda não posso dar um sentido a isso.

Então, uma silhueta mais escura aparece contra o céu.

Ameaçadoras asas de demônio.

Ombros largos.

A forma de um deus grego deslizando através do céu.

Raffe.

Cada nervo do meu corpo ganha vida e pulsa.

Minha mente chora armadilha, armadilha, armadilha!

É por isso que Beliel está sozinho, fazendo todo esse ruído. O barulho que tanto atrairia a atenção quanto disfarçaria quaisquer ruídos que os escorpiões fariam. Os escorpiões estão lá fora. Escondidos. Esperando.

Sem pensar, eu instintivamente salto e abro a minha boca para gritar um aviso para Raffe.

Mas mãos como alicates apertam meu braço, me derrubando fora de equilíbrio. Mãos contem minha boca e tudo o que posso ver são os enormes e aterrorizados olhos da minha mãe. Ela olha para mim como se eu tivesse enlouquecido.

Meu cérebro finalmente alcança o resto de mim.

Ela está certa.

Claro que ela está certa. Quão ruins estão as coisas quando sua mãe clinicamente insana é mais racional do que você?

Raffe.

Eu assinto para mostrar que estou sã novamente e me movo para que eu possa ver o que está acontecendo. Mamãe me solta.

Raffe aterrissa em silêncio. As asas dele não dobram por inteiro. As foices na borda das asas desembainham e ele as saca. Elas são retráteis. Eu não tinha percebido isso antes.

Freneticamente, eu corro através de minhas opções. O que posso fazer? Gritar vai colocar todos nós em problemas. Além disso, Raffe acha que eu estou morta. Gritar para ele pode só colocá-lo em mais perigo, dado o choque para ele.

Os presos gritam quando veem Raffe com suas asas de demônio. É doloroso ver que as pessoas preferem um cara mau que parece um anjo do que um bom rapaz que se parece com um demônio.

Beliel finge choque teatral como um palhaço. — Ora, é Raphael! Ah, como eu me defenderei da grande Ira que é o eco caído do que já foi? — Ele

deixa cair a atuação. — Sério, Raphael, não há nada mais triste do que um naufrágio quebrado não mais popular obcecado com a tentativa de reviver o seu passado de glória. Tenha um pouco de dignidade, certo? Você está embaraçando a si mesmo.

— Eu devo arrancar seus braços e pernas primeiro, e em seguida, arrancar as asas? Ou começar pelo último? — a voz de Raffe está cheia de violência crua em um tom que eu não tinha ouvido antes. Ele soa como se ele gostaria de poder fazer dos dois jeitos.

— Por que você quer tanto voltar, Raphael? O que era tão grande sobre ser parte dos anfitriões angelicais, afinal? Tantas regras. Eu tinha esquecido exatamente quantas. Talvez você tenha esquecido, também.

Beliel está parado. Mantendo Raffe no lugar até que os escorpiões possam descer sobre ele. Eu estou morrendo de vontade de gritar um aviso para ele. E tudo o que eu posso fazer era ficar quieta.

— Toda essa teoria sobre como uma raça de guerreiros mestres só pode sobreviver se cada pequena infração das regras é punida ao extremo. — Beliel gesticula a mão em um gesto que diz, *Que seja*. — Pode ter feito sentido em uma época em que havia apenas algumas regras, mas agora, as coisas ficaram fora de mão, você não acha? Nós, os Caídos, por outro lado, temos demonstrado que uma raça de guerreiros mestres pode sobreviver muito bem com o sistema oposto. Sem regras. Você faz o que você quer. Para quem você quiser.

Raffe avança sobre ele, as luzes duras enfatizando as sombras em seu rosto. Ele parece com o Anjo da Morte. Ou talvez o Anjo da Vingança. Alguém que eu não possa imaginar se aproximando.

— Você poderia ter economizado muito incômodo se você tivesse ouvido a razão e se juntado a nós — diz Beliel. — Aquela pequena Filha do Homem que morreu em seus braços? Ela poderia ter sido sua. Ninguém teria dito não. Ninguém se atreveria a tentar tomá-la de você.

Com um grunhido perverso, Raffe ataca.

30

ELE SALTA para Beliel e bate suas asas para ele, deixando claro a intenção de golpear através dele.

Beliel gira fora do caminho, parcialmente evitando o golpe. Ele joga uma luminária na direção de Raffe.

A luz colide em direção ao cais. Ela pisca, falhando, iluminando os lutadores em uma luz estroboscópica aleatória.

O sangue escorre do rosto sarcástico e dos braços de Beliel. — Admita. Você gosta das novas asas. Por que se preocupar com a maciez e as plumas quando você pode ter a liberdade e o poder?

— Eu poderia perguntar o mesmo a você, Beliel. — Raffe espreita ameaçadoramente em direção a Beliel.

— Eu tive minha vida de liberdade e agitações. É tempo para uma mudança. Um pouco de respeitabilidade. Um pouco de admiração merecida, você não acha? — Eles circulam entre si como tubarões preparando para atacar. A hesitação de Beliel se esvaiu agora que ele atraiu Raffe.

— Respeitabilidade e admiração estão além de você — disse Raffe. — Você não passa de um patético servo para os anjos.

— Eu não sou um servo! — Seu rosto torna-se vermelho e furioso. — Eu nunca fui um servo. Nem para os demônios, nem para os anjos, nem para ninguém! — A luz piscando aleatoriamente destaca as duras sombras de seu rosto manchado de sangue.

Raffe salta para Beliel de novo. Mas o seu movimento é interrompido por uma rede caindo sobre ele do céu noturno.

Raffe rola no cais, emaranhado na rede.

Levante-se, levante-se!

Toda a luta trava-se dentro de mim. Posso observar enquanto Raffe é executado? Cada fibra de minha existência fala melodicamente, Não, não, não.

O que eu posso fazer? O que eu posso fazer?

Raffe não está lutando contra a rede como eu esperava. Ao invés disso, ele bate suas asas abertas. A foice semelhante a ganchos em suas asas prendem a rede.

Então suas asas se separam, cortando os fios da rede.

Ela cai em volta dele como um véu caído no momento em que ele salta, pronto para uma luta.

Escorpiões caem do céu, alguns deles pousando em Raffe. Ele se abaixa, mas de relance, seus golpes rasantes o desequilibram.

As asas, braços e pernas de Raffe chicoteiam em torno dele. Três escorpiões caem, contorcendo-se de dor. Isso ainda deixa meia dúzia a mais além de Beliel. Como se isso não fosse o suficiente, mais três aterrissam nos arredores da luta.

Eu arranco meu suporte e tiro minha espada, pronta para mergulhar.

Mamãe agarra minha camisa e me puxa com tanta força que eu caio de bunda como uma criança pequena.

Por sorte, Raffe parece ser capaz de segurar a si próprio. Eu duvido que ele esteja em paz com suas asas, mas ele pelo menos está aprendendo a controlá-las melhor do que da última vez que o vi.

Ele é também um lutador destemido. Eu ainda não tinha percebido o quão feroz ele poderia ser, mas agora que eu penso sobre isso, essa pode ser a primeira vez que eu o vi lutar que não fosse logo após um grande ferimento. A memória da espada somente continha ele lutando com uma espada, o que era algo a ver, mas isto é mais como uma dança feroz.

Eu estou certa de que Raffe ainda não se recuperou totalmente, mas ele é uma maravilha de assistir. Ele é rápido. Mais rápido do que os escorpiões que continuam tentando picá-lo. Um único escorpião é não mais do que um jogo para ele do que uma mordida de formiga é para uma pessoa.

Mas ele está longe de acabar com os escorpiões. Ainda assim, ele parece despreocupado enquanto lentamente corta seu caminho para perto de Beliel.

Beliel se dá conta do que está acontecendo e se retira para o céu noturno. Aparentemente, seu plano de saúde maligno cobre lesões na asa porque suas asas parecem funcionar muito bem.

Raffe retira-se atrás dele.

Eu o observo ir para mais longe de mim. Ele nem sequer sabia que eu estava perto.

Ele desaparece na escuridão como um sonho desbotado.

Eu fico olhando para o céu onde ele desapareceu, por mais tempo do que provavelmente deveria.

31

OS ESCORPIÕES hesitaram depois dos primeiros saírem do chão. Eu presumi que eles estão voando atrás de Raffe, mas eu não estou inteiramente certa. Há certa relutância no jeito como eles decolam. Quase metade deles permanecem no chão, olhando incertos uns para os outros.

Estes têm de ser os piores servos. O que quer que fora criado dentro deles, coragem não estava na lista. Não é à toa que Beliel teve que lutar contra Raffe por tanto tempo antes que os escorpiões chegassem.

Eventualmente, todos aqueles que podem decolar o fazem. Meia-dúzia são deixados sangrando e morrem estilhaçados na doca, enquanto alguns se contorcem e sibilam de dor ao lado deles. Eles não parecem mais capazes de causar muito dano, mas eu mantenho meus olhos atentos a eles, só por precaução.

Mamãe solta um profundo suspiro ao meu lado. Porém, Clara ainda parece estar congelada de medo. Ela provavelmente está passando por alguma questão de estresse pós-traumático bem agora depois de ver tantos escorpiões.

É hora de nós sairmos daqui. Para algum lugar seguro para passar a noite onde nós podemos inventar algum plano para resgatar Paige. Mas mesmo eu não posso incitar muito entusiasmo para planos loucos agora.

Eu sou apenas uma garota. Eu não sou páreo para estes monstros. Eles podem ter parecido fracos em comparação com Raffe, e eu posso ter me sentido uma igual em certos momentos durante minha viagem com ele, mas depois de ver o que eu vi, eu caí na real.

Seria suicídio esgueirar-se para a ilha de Alcatraz. Está cheio destes monstros e não há uma maneira de sair.

Apesar do meu comportamento errático, tanto mamãe e Clara ainda dependem de mim para decidir o momento de nossa saída daqui. Nós estamos nas sombras e deve ter uma chance decente de fazê-la de forma despercebida.

Eu escuto os inimigos e monstros. Tudo que ouço são soluços aterrorizantes de pessoas trancadas em um contêiner. Os sons estão abafados agora, provavelmente para evitar chamar atenção, mas os prisioneiros não parecem conseguir parar de fazer barulho.

O contêiner se ilumina com flashes intermitentes da lâmpada de trabalho caída no chão. Atrás da porta de enrolar, os prisioneiros aglomeram-se, me dando uma impressão de desespero e sujeira toda vez que a luz pisca.

Eu estou pronta para correr da pilha de caixas que estamos nos escondendo atrás. Mas eu não consigo sair. Meus olhos mantêm-se à deriva sobre as pessoas trancadas dentro do contêiner.

Na teoria, seria uma ideia estúpida passar correndo e deixá-los sair. Levaria apenas alguns minutos para libertar um grupo de pessoas de quaisquer horrores que os aguardam.

Se eu tivesse a chave.

Beliel a pendurou em uma das lâmpadas, mas agora eu não estou certa qual das duas lâmpadas ele usou. Se foi aquela que ele jogou em Raffe, poderia demorar uma hora para achá-la.

Eu fecho meus olhos, tentando afastar as imagens e os sons dos prisioneiros. Eu preciso me concentrar em Paige e mamãe. Eu não posso simplesmente ficar distraída por todos aqueles que precisam de ajuda porque nós todos precisamos de ajuda agora. Desesperadamente.

Eu olho para mamãe e vejo o terror em seu rosto. Ela está movendo seus lábios silenciosamente e balançando para frente e para trás. Estes são monstros reais saídos de seus pesadelos. Clara está parecendo ainda pior, se isto é possível.

Eu preciso levantar e nos tirar daqui. Eu preciso cuidar do meu próprio povo.

Um coração quebrado, um soluço aterrorizado chega através do cais e me pega.

Eu tento ignorá-lo.

Mas eu não consigo.

Poderia ter sido Paige antes daqueles anjos monstros pegarem-na. É quase certo ser a irmã, filha ou mãe de alguém. E não teria sido uma maravilha se alguém lá fora, pudesse ter ajudado Paige do jeito que eu poderia ajudar estas pessoas?

Ugh. Por que eu não consigo me livrar desse pensamento estúpido?

Yeah, tudo bem, vamos lá.

Eu levanto da minha posição. Preocupação e medo intensificam no rosto de minha mãe quando ela me vê de olho no caminho para os prisioneiros. Não tenho que me preocupar com ela me seguindo. Às vezes, ser paranoica realmente salva sua vida.

Certamente não há chance de que Clara irá me seguir. Ela tem excelentes razões para estar petrificada por causa dos escorpiões. Mas junto com o medo, há alguma coisa em seus olhos que eu não esperava.

Orgulho.

Ela espera que eu resgate eles. Ela ainda pensa que eu sou uma heroína

estúpida. Uma parte dela ficaria desapontada se eu apenas fosse embora

Isto quase me fez abandonar a ideia toda.

Mas é claro que eu não faço isso.

Eu corro para fora da relativa segurança da escuridão das sombras.

32

OS ESCORPIÕES feridos me notam de imediato. Meu coração praticamente para quando eles se viram e assobiam por minha causa.

Eu quase posso sentir a dor excruciante da picada, o pânico de perder o controle do meu corpo enquanto ainda estou consciente. O pensamento de ter que passar por isso de novo me faz correr tão forte que eu acho que poderia desmaiar.

No meu estado descontrolado, eu não presto atenção suficiente ao meu pé e escorrego no sangue.

Eu me seguro ao cair, fazendo uma dança estranha de mão e uso a espada como equilíbrio.

Foco.

Não deixe que os escorpiões o machuquem duas vezes só porque você está em pânico com a possibilidade.

Eu coloco tudo - medo, esperança, pensamentos - no cofre na minha cabeça e bato com a porta fechada, antes de explodir para fora. Está ficando cada vez mais complicado abrir a porta do cofre.

A única coisa no mundo que agora é o meu caminho para o recipiente dos prisioneiros. Eu esfrego a sola do meu sapato no chão para limpar o sangue.

Por todos os seus assobios e gritos, os escorpiões feridos ficam para baixo. Eu mantenho um olho neles para me certificar que não estão rastejando em minha direção.

Antes de eu entrar no círculo de luz, olho em volta para me certificar de que não há escorpiões, anjos, ou ratos alados em meu caminho. Não ajuda que meus olhos já estejam se ajustando à luz, tornando as sombras muito escuras.

Eu mergulho na luz, como se estivesse pulando na água.

Me sinto exposta instantaneamente.

Qualquer um no cais pode me ver agora. Eu corro mais rápido que eu posso para a luz ainda de pé pela prisão metal. Todos os prisioneiros acalmam como se estivessem segurando a respiração coletiva.

A chave não está em pé na luz de trabalho ou em qualquer lugar perto dela.

Eu olho para trás na luz piscando que Beliel jogou no cais. A chave poderia ter voado para qualquer lugar.

Ou eu comprometo-me a procurá-la neste mar de tábuas lascadas, ou desisto e certifico-me de que mamãe e Clara saiam daqui com segurança.

Ou, eu poderia ver se a minha espada pode cortar metal.

Facilmente corta ossos durante os meus sonhos de treinamento, e ela deveria ser especial.

Antes que eu possa pensar sobre isso, eu levanto a espada e corto para baixo.

A lâmina corta facilmente através do bloqueio e da guia de metal do portão.

Uau.

Nada mau.

Eu ergo minha espada para o segundo bloqueio. Mas antes que eu possa cortá-lo, há um barulho atrás de mim.

Eu giro com a minha espada ainda por cima de mim, meio convencida de que um escorpião ferido se arrastou, pronto para atacar.

Mas não é um dos escorpiões feridos.

É um saudável.

Ele dobra suas asas leves, como se acabasse de desembarcar. Segue em minha direção, com os pés descalços muito semelhantes a humanos. De alguma forma, eu poderia me sentir melhor se eles tivessem pés com garras ou qualquer outra coisa que os fizesse parecer menos humanos.

Mais dois anjos escorpião pousam atrás do primeiro.

Há apenas mais um bloqueio. Eu giro ao redor e corto-o com minha espada.

Ele vem voando. O elo do portão da cadeia fica aberto agora. Tudo o que tenho a fazer é enrolá-lo e fugir.

Em vez disso, os presos se amontoam atrás, congelados de terror.

— Vamos! — Eu bato na lateral do recipiente para colocá-los em ação. — Corram!

Eu não espero para ver se eles o fazem. Acabei de colocar a mamãe e a Clara em perigo de uma morte horrível. Eu poderia não convencê-los a ir embora sem mim.

O portão balança nas minhas costas.

Os prisioneiros libertados começam a correr, espalhando-se por toda parte, seus passos batendo no cais de madeira.

Eu corro na direção oposta de mamãe e Clara, na esperança de atrair os escorpiões para longe delas.

Então eu ouço a minha mãe.

Ela grita um grito horripilante de terror.

Quando um dos asseclas chega perto da minha espada disfarçada com o urso, eu tenho que me esforçar para levantar a alça por cima do meu ombro e coloco-o sobre a pilha a minha frente. É preciso toda a minha força de vontade para fazê-lo, uma vez que uma parte de mim quer arrancá-la e cortar alguns escorpiões. Mas deve haver vinte, talvez trinta deles aqui.

Eu deslizo a bainha para o fundo da pilha, tentando esconder tanto dele quanto possível.

Alguém acabará por encontrá-la. O que acontece depois disso é uma incógnita.

Mamãe e Clara me puxam para cima e junto com elas. Eu acho que eu parecia que não queria deixá-la para trás. Eu olho para trás, o ursinho bobo parcialmente enterrado sob uma pilha de armas e sacos e não posso deixar de pensar que talvez eu nunca veja Raffe ou sua espada novamente.

Atrás de mim, a mulher que estendeu a mão para seu amante chora baixinho.

33

TODOS SE ESPALHAM, instintivamente indo em direções diferentes.

Há apenas alguns monstros e um monte de gente. Há uma boa chance de que alguns de nós fugiremos.

Eu corro em direção a uma massa de sombras, onde um cartaz de sorvete rosa se destaca em uma pilha de tábuas quebradas. Se eu puder dar a volta, eu poderia ser capaz de desaparecer nas sombras recortadas.

Mas antes de eu chegar lá, algo bate em minha cabeça e cortinas caem sobre mim.

Eu estou enrolada em uma rede.

Meu primeiro pensamento é cortar com a minha espada, mas agora eu estou cercada por pessoas que estavam correndo atrás de mim e não há espaço suficiente. Quanto mais nos debatemos, mais emaranhados ficamos.

Sombras caem do céu. Sombras com asas de insetos e ferrões.

Eles caem em lugares aleatórios. Um em cima do contêiner de transporte, fazendo um estrondo oco.

Vários terrenos em frente à antiga linha de lojas, onde meia dúzia de pessoas se dirigiam antes, uma rede caiu sobre eles também.

Cinco, dez, vinte. Tantas que eles começam a soar como se estivéssemos em uma colmeia.

Estamos presos.

Todo mundo está chorando de novo. Desta vez, o desespero é tão espesso que eu sinto como se estivesse me afogando nele.

Mesmo se eu pudesse cortar a rede, eu não poderia cortar o meu caminho através de todos esses escorpiões. Eu deslizo minha espada na bainha para torná-la menos perceptível.

A rede fede a peixes. No início, eu não acho que nós possamos andar com ela sobre nós, mas um dos escorpiões agarra a borda da nossa rede e puxa como um cordão. Nós ficamos juntos em bando quando a borda fecha em torno de nossas pernas.

O escorpião nos puxa ao longo da nossa rede de armadilha como se estivesse puxando um cachorro na coleira. Seu ferrão sobre nós, pairando de forma impressionante. Outro escorpião caminha ao nosso lado, deixando claro, pelo balançar ritmado de seu ferrão, que devemos fazer o que ele quer.

Eu freneticamente olho para mamãe e Clara, esperando contra todas as

probabilidades que eu não as veja.

Mas lá estão elas, apenas dois grupos imprensados longe de mim. Minha mãe agarra meu ursinho de pelúcia contra o peito como se fosse seu filho há muito perdido, enquanto Clara agarra o braço da mãe como se ela fosse morrer se ela o soltasse.

Ambas parecem petrificadas.

Estou doente.

Doente de medo. Doente de raiva. Doente da estupidez do que eu fiz.

Eu vim aqui por minha irmã e, em vez disso eu acabei de forma imprudente sendo apanhada. Pior, mamãe e Clara foram apanhadas também. E olhando para o grande número de cativos no cais, eu nem sequer imaginava alguém livre.

Vários grupos de seres humanos derrotados convergiam sendo conduzidos para a água. No início, parece que os escorpiões estão nos levando a um novo contêiner de transporte, mas em vez de uma cela, eles nos movem em direção a um barco.

— Brian! — Uma jovem sob a minha rede levanta a mão para um cara preso sob outra quando os nossos dois grupos se aproximam.

— Lisa — o cara a chama com desespero. Eles vão contra a malha e esticam os braços, tanto quanto eles podem tentar se tocar.

Por um segundo, eles conseguem alcançar as pontas dos dedos um do outro.

Então, o nosso grupo se move passando o deles, quebrando o seu toque. A mulher começa a soluçar, com a mão ainda esticada para ele.

Outro grupo fica empurrando na frente de Brian e ele desaparece na multidão, ainda tentando alcançá-la.

O barco é de dois andares e já viu dias melhores. A pintura é tão raspada que estou convencida de que o barco deve ter sido deitado de lado sobre o telhado de um edifício em ruínas antes dos bandidos colocá-lo em uso. De alguma forma, ele ainda consegue flutuar. E ainda ostenta as palavras “Alcatraz - excursão do capitão Jake” em azul, embora com todos os riscos, se parece mais com “nosso Alcatraz”.

O motor começa e nós somos tragados por uma nuvem escura de fumaça. O cheiro de gás polui o ar quase que imediatamente. Um servo humano deve estar manobrando o barco. Eu meio que espero que não seja o capitão Jake.

Todo mundo fica empurrado e sendo empurrado em direção ao barco. Escorpiões começam a liberar-nos das redes.

Nós não temos nenhum lugar para correr, é claro, não se quiser viver mais alguns minutos.

Como somos os primeiros cativos a começar a embarcar, eu consigo chegar perto o suficiente de mamãe e Clara para ficarmos juntas. Mamãe me entrega o urso de pelúcia como se ela o estivesse mantendo seguro para mim.

Eu deslizo o urso para a minha espada, disfarçando-a novamente. Tenho esperanças selvagens de ser capaz de levá-la comigo e talvez usar minhas habilidades incipientes para nos tirar dessa bagunça.

Minhas esperanças são frustradas quando vejo que as armas estão sendo tomadas dos prisioneiros quando eles embarcam.

Há uma pilha crescente de coisas no banco dos réus da rampa para barcos. Machados, bastão com pregos, ferros de pneus, facões, facas e até mesmo algumas armas. Eu ainda tenho esperança que a pilha só tenha armas, mas também inclui bolsas, mochilas, bonecos, e sim, até mesmo animais empalhados.

Há pessoas - humanos – com expressões sombrias enquanto tiram as coisas dos prisioneiros. Eles não falam e não olham ninguém nos olhos. Eles apenas agarram o que está semivisível sobre os prisioneiros e atiram os objetos na pilha.

Eu golpeio o meu urso, querendo saber se esta é a minha melhor chance de escapar. Mesmo se eu não pudesse fugir, talvez eu possa causar distração suficiente para que mamãe e Clara possam. Estamos na breve janela de tempo em que eu ainda tenho a minha espada e não estamos mais presos em uma rede de modo que é agora ou nunca.

A bala explode tão perto que todos nós mergulhamos.

Um homem que, aparentemente, não quer desistir de sua arma e ainda apontou para uma das mulheres asseclas que agora está sangrando na rampa. Ele é imediatamente cercado por escorpiões com seus ferrões.

Seus dentes estão tão perto de seu rosto que eu tenho certeza que ele pode cheirar sua respiração.

Ele treme tanto que realmente deixa cair sua arma e uma umidade se espalhando mancha a frente de suas calças.

Os escorpiões não atacam o atirador, no entanto. É como se eles estivessem esperando por alguma coisa.

— Aqui, pegue a faca. — diz outro servo humano. Seu rosto está alinhado com tristeza, os olhos meio mortos e em estado de choque. Ele pega uma faca de cozinha para fora da mão de um prisioneiro e dá para o atirador.

— Agora, atire na pilha.

O braço do atirador empurra a faca sobre a pilha num espasmo. Ele parece tão assustado que provavelmente nunca considerou esfaquear um dos escorpiões com ele.

Os escorpiões assobiam e recuam, movendo-se para patrulhar a multidão novamente.

Estávamos todos tão fascinados pelo drama que nenhum de nós pensou em fugir enquanto ele estava acontecendo.

Tanta coisa para causar uma distração para deixar mamãe e Clara fugir.

O atirador substitui o servo que ele atirou enquanto ele leva armas e sacos dos outros prisioneiros. Ele não faz contato com os olhos e ele não diz uma palavra. Ele ocasionalmente rouba um olhar sobre a mulher que ele atirou e que está morrendo aos seus pés.

Depois disso, não há mais incidentes enquanto todo mundo entra no barco.

Quando um dos asseclas chega perto da minha espada disfarçada com o urso, eu tenho que me esforçar para levantar a alça por cima do meu ombro e coloco-o sobre a pilha a minha frente. É preciso toda a minha força de vontade para fazê-lo, uma vez que uma parte de mim quer arrancá-la e cortar alguns escorpiões. Mas deve haver vinte, talvez trinta deles aqui.

Eu deslizo a bainha para o fundo da pilha, tentando esconder tanto dele quanto possível.

Alguém acabará por encontrá-la. O que acontece depois disso é uma incógnita.

Mamãe e Clara me puxam para cima e junto com elas. Eu acho que eu parecia que não queria deixá-la para trás. Eu olho para trás, o ursinho bobo parcialmente enterrado sob uma pilha de armas e sacos e não posso deixar de pensar que talvez eu nunca veja Raffe ou sua espada novamente.

Atrás de mim, a mulher que estendeu a mão para seu amante chora baixinho.



ÁGUA BATE nos lado do barco enquanto o deck rola para trás e para frente. Nos embaralhamos no navio, e em pouco tempo, estamos deslizando através das águas escuras.

Alcatraz é lendária por ser a prisão mais inevitável de todos os tempos. Apenas a visão dela na penumbra me faz querer fugir. Penso em mergulhar na água com a mãe e Clara e tentar nossas chances, mas outros chegam antes de mim.

Um casal corre para ele. É Brian e Lisa, o casal que tinha sido separado pelas redes. Meu coração dispara com esperança de que eles vão fazer isso. Não estamos tão longe para que eles não possam nadar para o outro lado, congelante ou não.

Mas os escorpiões são rápidos.

Tão rápido que três deles levam seus ferrões para picar o casal em seu caminho para fora das portas.

Eles não os perseguem, todavia. Eles simplesmente os deixa fazer a escolha. Leva tempo para ficar paralisado, mas sei que a dor excruciante e rigidez começam imediatamente. No momento em que o casal chega à borda do barco, eles estão arrastando os pés.

Seria suicídio saltar. Eles estarão paralisados muito antes de poderem atingir a costa.

Mas a outra opção é ficar congelado entre os escorpiões, completamente à sua mercê.

Escolha difícil. Eu realmente sinto por eles. Eu não tenho certeza do que eu escolheria.

Eles optam por ficar a bordo. Brian se inclina contra o trilho como se pensando em pular, mas ele não consegue. Lisa deita a cabeça para baixo na plataforma ao lado dele.

Eu entendo. Qualquer um que está vivo agora é um sobrevivente. Eles fizeram o que é preciso para chegar até aqui, e eles não podem deixar de continuar. Brian desliza para baixo da via férrea e deita ao lado de Lisa, contraindo-se e perdendo o controle de seus músculos. Os escorpiões principalmente ignoram o casal, aparentemente entediados com eles tentando pular fora do barco, enquanto outros pousam no convés e andam por aí.

Um escorpião se inclina e arranca os óculos de Brian de seu rosto. Ele tenta colocá-los ao contrário. Quando caem, o escorpião pega-os de volta e tenta novamente. Como se já não fosse o suficiente o olhar bizarro sobre o corpo de um homem, asas da libélula, e uma cauda de escorpião. Agora, ele olha em volta com uma lente quebrada em seus óculos de aros de arame.

Sinto-me estranhamente nua sem minha espada. Eu ainda tenho a sensação da pele macia do meu urso de pelúcia e lembro de que não está mais lá. Sento-me entre mamãe e Clara, três mulheres desarmadas cercadas por monstros.

Apenas um par de meses atrás, os turistas se sentaram neste barco com câmeras e celulares, tirando fotos, gritando com seus filhos, beijando-se em frente ao horizonte na cidade. Eles provavelmente passeavam em seus moletons novos, totalmente despreparados para os ventos frios de verão de San Francisco.

Agora, quase não existem crianças e nenhum deles está correndo por aí. Há apenas um par de pessoas mais velhas misturados com os outros, e apenas um quarto da multidão são as mulheres. Todos parecem ter passado muito tempo sem um banho ou uma boa refeição, e toda a nossa atenção está voltada para os escorpiões.

Eles nos deixam em paz por agora. A maioria deles não são tão musculosos e de ombros largos, como eu imaginava que os monstros seriam. Alguns deles são definitivamente magricelas. Eles não são feitos para prender com músculos a sua presa. Eles são projetados para usar seus ferrões como sua principal arma de escolha.

Todos eles têm caudas que parecem ter usado esteroides. Gordura e músculos, estranhamente crescidos, e grotescos. Se eu olhar de perto, eu posso ver uma gota clara de veneno na ponta de cada ferrão, como se mantido prontos, a fim de trabalhar.

Um dos escorpiões usa um par de calças. Mas as calças estão do avesso e penduradas com o fecho aberto para permitir a cauda. Há algo sobre ele que me incomoda, mas eu não consigo saber o que é.

É quando o escorpião puxa para cima suas calças em um gesto totalmente humano em um reflexo. Meu estômago aperta com medo doente quando eu percebo o que é.

É uma aliança de casamento.

O que uma aliança de casamento faz na mão de um monstro?

Deve ser apenas uma coisa brilhante que ele tem de uma de suas vítimas. Como um jogo animal com um brinquedo. Ou talvez tenha descoberto que os anéis eram bons para bater, como soqueiras.

Sim, deve ser isso.

E é pura coincidência que ele está no dedo anelar.

Por alguns minutos, Alcatraz aparece na penumbra. Eu me inclino para trás como se eu pudesse fazer o barco ir devagar. No momento em que vejo a terra, eu estou tremendo toda.

Minha imaginação me mantém pensando no que poderia acontecer com a gente aqui. Tento encurralá-lo de volta, mas eu não sou totalmente bem sucedida nisso.

A ilha parece ser uma rocha gigante. A água está, provavelmente, congelante, para não mencionar cheia de tubarões ou escorpiões debulhando ou dentuços demônios do inferno.

Então, isso é como tudo termina.

O mundo destruído, humanos aprisionados, a minha família dispersa.

O pensamento me deixa com raiva. Espero que a raiva queime todos os outros sentimentos porque é provavelmente a única coisa que me mantém de pé e se movendo agora.

Muitos dos prisioneiros estão encolhendo e soluçando, não querendo sair do barco. As pessoas e os animais não são tão diferentes. Todos nós podemos dizer quando estamos sendo levados para o abate.

A doca da ilha é semelhante à do continente - espetada, escura e úmida. Os ventos frios da baía sopram através da minha camisa, me dando arrepios. Eu estou mais fria do que a temperatura externa. Eu me preparo para enfrentar o que está por vir.

Mas nada pode me preparar para o que está acontecendo além da doca.



Holofotes brilham ao longo dos edifícios, iluminando a passarela enquanto nós marchamos para a ilha. Todo lugar que eu olho, vejo pedra e concreto. Escamando tinta e ferrugem e manchas escorrendo das paredes do edifício mais próximo.

Quatro escorpiões trabalham perto de um contêiner que tem um portão como a do continente.

Agarram entranhas brilhantes e partes do corpo das caçambas e atiram-nos para o concreto. As partes sangrentas fora do alcance dos seres humanos presos no recipiente de metal.

O mau cheiro é insuportável. Essas pessoas foram presas em gaiolas por um tempo mais longo do que eu quero saber. Posso dizer não apenas pelo seu cheiro, mas também pelo fato de que eles estão esticando seus braços magros para tentar agarrar as entranhas e partes do corpo cortadas e deixadas fora de seu alcance.

Essas pessoas soluçam, gemendo em ruídos. Nada agressivo, apenas desesperado. Seus braços estão muito magros, como se eles já estivessem mortos, mas não chegaram a morrer.

Eles não podem estar presos para serem transformados em novos monstros ou até mesmo para ser alimento para eles. Eles estão muito abusados, muito desnutridos. Quanta fome você teria que ter de passar para querer partes cruas de corpos cortados?

— Estúpido como sujeira de muitas formas — diz uma voz familiar. — Mas eles ainda têm o tortuoso instinto torcido dos seres humanos.

É Beliel, o demônio. Suas asas brancas roubadas espalhadas atrás dele, um cenário celestial para o corpo de grandes dimensões. Ele está por trás dos escorpiões que estão jogando o sangue coagulado que está estatelando no chão.

Um coração é jogado em uma placa quebrada, agarrando em uma farpa gigante.

Ao lado de Beliel está um anjo cujo cabelo cor de caramelo e penas cinzas são transportadas pelo vento. Ele veste um terno cinza claro que silenciosamente transmite bom gosto e elegância.

Mesmo sem suas meninas troféu, reconheço o Arcanjo Uriel, o político. Ele é aquele que secretamente orquestrou a perda das asas de Raffe para impedi-lo de ser um candidato competitivo nas próximas eleições dos anjos.

Como se isso não fosse o suficiente para me fazer desprezá-lo, ele gosta de andar por aí com as meninas gêmeas que têm pavor dele.

— Você está se referindo aos gafanhotos ou aos seus brinquedos? — As asas de Uriel espalhadas parcialmente atrás dele como um halo no corpo. Na luz suave do hotel-fortaleza, suas penas pareciam quase brancas com um toque de cinza, mas agora na luz dura das luzes de utilidade, suas asas estavam cinza com um toque de meia-noite.

Gafanhotos?

— Os gafanhotos — diz Beliel. — Os seres humanos são estúpidos como pedras, também. Mas eles estão muito machucados para usar engenhosidade instintiva. Os gafanhotos pensam que este jogo se refere a si mesmo, sabe. Fiquei impressionado. Como são desonestos como qualquer demônio do inferno. — Ele soa quase orgulhoso.

Isso deve se referir aos monstros escorpiões. Eu sempre imaginei gafanhotos que se parecem com gafanhotos, escorpiões não, então eu não sei por que ele os chama assim.

— Você tem certeza de que os que você treinou irão ensinar os outros?

— Quem pode dizer, não? Seu julgamento está nublado, seus cérebros têm diminuído, eles provavelmente ficam insanos com a metamorfose. Difícil prever o que eles vão fazer, mas este lote conseguiu atenção e parecem mais capazes do que o resto. Eles estão tão perto de um grupo líder como você pode conseguir.

Um escorpião com uma faixa branca em seu cabelo fica cansado do jogo e caminha até o recipiente de seres humanos. A floresta de braços esqueléticos se retira para trás através do portão. Os pés dos cativos raspam o chão de metal quando eles se embaralham para longe do monstro.

O escorpião está em pé no interior escuro. Em seguida, ele joga um pouco de sangue na gaiola.

A noite é imediatamente preenchida com sons metálicos, grunhidos de animais e meio gritos de frustração e desespero.

As pessoas lá dentro estão lutando entre si pelos restos sangrentos. Pelo que sei, ele poderia ter sido um deles que foi arrastado para fora e se transformou em isca de tortura.

— Vê o que eu quero dizer? — Beliel soa como um pai orgulhoso.

Eu pego o meu ritmo, querendo passar o recipiente o mais rapidamente possível. Mas os outros se movem com a mesma velocidade, cuidando para não chamar a atenção para si mesmos.

Meu braço está preso em um aperto violento e eu estou puxando com tanta força que meu pescoço parece que está prestes a explodir. Um escorpião

com cabelos oleosos escorrendo de seus ombros me puxa para fora do rebanho.

O branco listrado que jogou as partes do corpo para os prisioneiros olha para mim, o interesse iluminando seu rosto. Ele caminha até mim.

De perto, os seus ombros e coxas são enormes. Ele me agarra fora do alcance do primeiro escorpião e me arrasta atrás de si, segurando meus pulsos em uma mão.

Ele está indo para o recipiente de tortura com suas vítimas desesperadas.

Braços esqueléticos avançam através do portão com seus dedos anormalmente longos.

Eu não posso ter ar suficiente nos meus pulmões e o que eu consigo respirar me faz vomitar. O fedor subindo é feroz.

Eu derrapo em algo irregular e escorregadio, mas o aperto do monstro é tão firme que eu fico em pé.

Meu coração praticamente para com a percepção de que eu não estarei indo até o prédio de pedra, mas em vez disso, irei me juntar às vítimas torturadas.

Eu arrasto meus pés e resisto. Eu me esforço, tentando soltar uma das mãos do monstro. Mas eu sou páreo para sua força.

Alguns passos antes da abertura, o escorpião me joga contra a malha de metal.

Eu bato nele, agarrando as correntes para me manter em pé.

No segundo em que eu bato, as sombras mais escuras na parte de trás da caixa de briga vem em minha direção.

Curvados com ângulos agudos acentuando braços e pernas, trapos arrastando no chão, eles empurram um ao outro para fora do caminho para chegar a mim tão rápido quanto eles podem.

Lágrimas gritam da minha boca enquanto eu freneticamente me esforço para ir para trás.

Braços chegam como uma floresta de ossos brotando através da malha de corrente.

Eles pegam o meu cabelo, meu rosto, minhas roupas.

Eu empurro e grito, tentando não ver seus rostos esqueléticos, seus cabelos, suas unhas sarnentas ensanguentadas.

Eu torço e arranco, desesperada para sair de seu alcance. Há um monte deles, mas eles são fracos, mal se põem em seus pés quando eu me afasto.

O lista branca faz uma série de ruídos e guinchos que soam suspeitosamente como uma risada. Ele acha que isso é engraçado.

Ele me pega e me arrasta para o fluxo de pessoas provenientes do

barco.

Ele nunca teve a intenção de me despejar na caixa de tortura. Ele só queria provocar os prisioneiros e a mim, acho.

Eu nunca desejei matar qualquer coisa antes. Mas eu estou certamente ansiosa para matar este.

SUBIMOS O CAMINHO pavimentado para o prédio principal, que fica no topo da ilha. Acima de nós, enxames de escorpiões voam no que parece ser um enorme caos. Há muitos deles, eles realmente criam ventos que sopram em estranhas mudanças de direção. Eu sei, pelo que eu vi anteriormente, que há um padrão na prática para seu voo, mas daqui, parece como se estivéssemos no meio de um ninho de inseto gigante.

Não há um anjo normal à vista. Esta não pode ser a sua nova fortaleza. Pelo que tenho visto, os anjos preferem as coisas boas da vida, e Alcatraz não é exatamente um resort de alto padrão. Isso deve ser algum tipo de centro de processamento humano.

Eu olho em volta para ver o que Clara e mamãe estão fazendo. Clara é fácil de identificar com sua pele irregular e corpo murcho, mas minha mãe está longe de ser encontrada. Quando Clara me vê procurando, ela olha em volta também, aparentemente surpresa ao descobrir que a minha mãe não está ao seu lado.

Ninguém parece estar à procura de um prisioneiro em falta. Eu não tenho certeza se isso é bom ou ruim.

Eu não consigo ouvir nada além do zumbindo de inseto das asas de escorpião, mas nossos guardas deixam claro onde eles querem que a gente vá. Subimos para o edifício de pedra sobre a rocha gigante que é Alcatraz, seguindo o caminho trilhado por tantos prisioneiros do passado.

O vento estranho joga meus cabelos por toda minha cabeça, refletindo o que eu sinto por dentro.



QUANDO ENTRAMOS no prédio, o barulho e o vento diminuem. Entretanto, há um gemido baixo que ecoa nas paredes. Não apenas o gemido de uma pessoa, mas os gemidos coletivos de um prédio cheio de pessoas.

Eu estou no inferno.

Eu ouvi sobre as condições horríveis de algumas prisões estrangeiras, lugares onde os direitos humanos são um sonho distante visto apenas na televisão ou lidos por estudantes universitários. O que eu não sabia é que os guardas, as péssimas condições e ser preso são apenas parte do inferno.

O resto está na sua cabeça. As coisas que você imagina sobre os gritos que ouve a partir de peças desconhecidas. A imagem que você faz do rosto da mulher que chora sem parar a algumas celas de você.

A história que você junta incorporando o gorgolejar, a batida, e o som estridente do que só pode ser algum tipo de serra elétrica.

Nós estamos amontoados em celas antigas decoradas com ferrugem e pintura entremeadas. Só que eles não colocam um ou dois de nós por cela da forma como foram projetados. É apenas um quarto.

Ainda bem que a cama estreita ocupa espaço, caso contrário, os escorpiões provavelmente teriam esmagado mais de nós aqui. Como está, alguns de nós podem sentar-se na cama de cada vez, o que permite que o cansado faça uma pausa que virá a calhar quando estivermos com calma suficiente para aproveitar o sono.

Como se este lugar não fosse infernal o suficiente, um alarme dispara em intervalos aleatórios, ecoando através da construção e colocando todos nós à deriva. Além disso, a cada poucas horas um grupo de nós fica marchando pelo corredor, o que é ainda mais estressante.

Ninguém parece saber o que acontece com aqueles que são retirados, mas nenhum deles volta. Os guardas que escoltam estes grupos são um casal de seres humanos com um par de escorpiões como retaguarda. Os guardas humanos são estoicos e falam o mínimo possível, o que os torna ainda mais assustadores.

Durante estes ciclos de terror, eu perco a noção do tempo enquanto cochilo um sono inquieto. Eu não sei se nós estamos aqui por horas ou dias.

Quando uma porta range, sabemos que outro grupo está saindo.

Quando eles marcham até nós, eu reconheço alguns dos rostos. Um deles é o pai, que estava separado de seu filho. Seus olhos procuram

desesperadamente por seu filho entre aqueles de nós que foram deixados atrás das grades. Quando ele o encontra, lágrimas escorrem pelo seu rosto.

O menino está na cela em frente à minha. Os outros prisioneiros se reúnem em torno dele quando ele treme em lágrimas, vendo seu pai marchar para longe dele.

Um dos homens começa a cantar *Amazing Grace* em um belo barítono profundo. É uma canção cujas palavras, muitos de nós não sabem, inclusive eu, mas todos nós reconhecemos em nossos corações. Eu cantarolo junto com todos os outros enquanto o grupo condenado passa por nós.

CIGARROS. Quem diria que seria um problema tão grande no fim do mundo?

Há alguns fumantes em nossa cela, e um deles passou-os ao redor. Estamos atolados em conjunto então não importa o quanto os fumantes tentem, eles não podem evitar soprar no rosto de alguém. Na Califórnia, você pode cuspir em alguém tanto quanto jogar fumaça na cara da pessoa.

— Sério, você pode por favor apagar isso? — Um cara pergunta. — Você não acha que é ruim o suficiente aqui sem você poluindo o ar?

— Desculpe. Se alguma vez houve um momento em que eu precisei de um cigarro, é agora. — A mulher esmaga o cigarro contra a parede. — Um latte duplo cairia bem.

Dois outros prisioneiros continuam a fumar. Um deles tem tatuagens em seus ombros e ao longo de seus braços. Os desenhos são intrincadas e coloridos e foram claramente feitos no mundo antigo.

Havia gangues aqui na Área da Baía antes dos anjos virem. Não eram muitos e eles permaneceram em seus pequenos territórios, mas eles estavam aqui. Eles são, provavelmente, a razão pela qual as gangues de rua cresceram tão rápido.

Eles já foram organizados e estabelecidos. Eles foram os primeiros a assumir as lojas e, em seguida, eles começaram a recrutar.

Minha aposta é que esse cara era um dos membros das gangues originais. Ele dá um ar de 'capa' que os engenheiros do Vale do Silício simplesmente não podem copiar, independentemente do que eles fizeram nas ruas nos últimos dois meses.

— O que o preocupa, menino vegano? — Pergunta o Sr. Tatuagem. — Câncer de pulmão? — Ele se inclina para o outro cara e lança uma tosse falsa na cara dele, explodindo fumaça em cima dele.

Todo mundo fica tenso. Pessoas saem fora do seu caminho, mas eles não podem chegar muito longe. Estamos presos tão apertado que, se houver uma

luta estamos todos ferrados. Seria como ser pego em um liquidificador. Não importa o que você faça, você não pode deixar de ser sugado para dentro.

Como se a tensão não fosse pesada o suficiente, o alarme dispara novamente, raspando os nossos nervos.

Você acha que se houvesse um membro da gangue verdadeira no grupo, todo mundo iria recuar.

Mas você pode estar errado.

O vale não é apenas preenchido com engenheiros inteligentes e bem-educados. De acordo com meu pai, que já foi um engenheiro bem-educado, antes que ele se tornasse o atendente da loja de conveniência mais educada por aí, o vale era salpicado de CEOs de alto risco, super poderosos e capitalistas com personalidades mega-alfa. Motivadores e Agitadores. Empresários em ascensão. Do tipo que o presidente dos Estados Unidos vinha visitar no jantar.

Agora, nós vivemos em um mundo onde esses caras formados nas melhores faculdades e mega alfas estão presos atrás das grades com os membros de gangues educados nas ruas - como o Sr. Tatuagem, discutindo sobre quem tem o direito de fumar. Bem-vindo ao Mundo de Depois.

O Sr. Alpha é um grande cara loiro, trinta e tantos anos, que provavelmente trabalhou regularmente em serviços braçais quando a escola era difícil de se frequentar. Aposto que ele tem um sorriso encantador quando quer, mas agora parece que seus nervos foram esticados além do limite, e a única coisa impedindo-o de quebrar é a sua força de vontade.

— Eu sou alérgico à fumaça de cigarro — diz Alfa. — Olha, todos nós precisamos trabalhar juntos para sobreviver a isso. — Ele móis as palavras entre os dentes, claramente tentando manter as coisas frescas.

— Então eu deveria deixar minha fumaça maldita para você? Cai fora. Ninguém é alérgico ao fumo. Eles simplesmente não gostam. — Tatuagem dá uma tragada profunda no seu cigarro.

O terceiro fumante traga calmamente o cigarro, parecendo que ele espera que ninguém repare nele.

— Jogue o cigarro fora! — Há um comando de verdade na voz do Alpha, que pode ser ouvido até mesmo sobre o alarme estridente. Este é um cara que está acostumado a ser ouvido. Um cara que costumava valer algo.

Tatuagem joga a ponta ainda acessa de seu cigarro em Alfa. Por um momento, todo mundo relaxa. Mas, então, tatuagem tira um novo cigarro e acende-o.

O alarme se desliga, mas o mergulho no silêncio parece pior.

O rosto e pescoço de Alfa viram de um vermelho vivo. Ele empurra o outro, parecendo não se importar se ele apanhar até virar um monte de espasmos.

Talvez ele não vire. Talvez isto seja uma saída mais fácil para ele do que o que os anjos têm preparado para nós.

O problema é que ele está fazendo essa decisão para o resto de nós também. Uma briga em uma cela do tamanho de um caixão significa um monte de lesões para todos em um momento em que não podemos nos dar ao luxo de ter qualquer uma.

As pessoas começam a se proteger.

Estou na esquina da frente, ao lado de Clara. Corpos já estão se acotovelando contra as barras. Se o pânico se espalha dessa forma, poderíamos ser esmagados contra as grades de metal. Nós não seremos mortos, mas ossos podem ser quebrados. Não é um bom momento para ossos quebrados.

No centro da cela, Senhor Tatuagem empurra Alfa. Alfa, no entanto, não é para ser subestimado.

Ele pega a jaqueta de um cara e balança a ponta do zíper em direção aos olhos do Tatuagem. Isto atinge uma mulher no rosto.

Tatuagem balança o braço para trás para um golpe desleixado e seu cotovelo cheira como um pescoço de um homem velho.

O homem cai em cima de Clara, fazendo-a bater a cabeça contra as grades. Estou tentando cuidar da minha vida, mas isso não vai acabar bem para nenhum de nós.

Eu abro meu caminho para os lutadores e agarro os ombros do Tatuagem.

Eu coloco meu joelho na parte de trás do dele. Tenho o cuidado de me certificar de deixar o joelho reto, de modo que eu não o quebre. Um joelho quebrado em nossa situação é uma sentença de morte.

Quando ele cai para baixo à minha altura, eu puxo os ombros em direção a mim e envolvo sua cabeça na fronha. Eu aperto a testa dele com um braço e aperto o pescoço com a outra.

Eu aperto meus braços, deixando-o saber o que eu falo sério. Eu não estou tentando deixá-lo sem ar. Parar o fluxo de sangue para o cérebro é mais rápido. Ele tem de três a cinco segundos antes que ele perca a consciência.

— Relaxe — eu digo. Ele imediatamente o faz. Este homem tem estado em bastante lutas para saber quando acabou.

O menino Alfa por outro lado não sabe quando parar. Pelo olhar de seus olhos esbugalhados e rosto vermelho, o seu medo e frustração ainda estão batendo forte dentro dele. Ele move a perna para trás, chutando outra pessoa no processo, e se prepara para chutar o Tatuagem como uma bola de futebol enquanto eu o seguro.

— Você enterre esse chute e eu juro por Deus que vou deixá-lo comê-

lo vivo. — Eu abaixo a minha voz e tento soar como um comandante tanto quanto posso. Mas o Sr. Tatuagem está provavelmente pensando em quão magros e curtos meus braços são. E provavelmente registra agora mesmo que a minha voz é feminina.

Eu vou estar em um mundo de dor se eu não estabelecer o controle enquanto ele está de joelhos. Porque quando ele estiver se elevando sobre mim e olhando para o topo da minha cabeça, ele poderia começar a ter ideias.

Então eu fiz algo que eu nunca faria no Mundo de Antes.

Mesmo que ele tenha desistido, eu o sufoco de qualquer maneira. Seu corpo desaba no chão, batendo a cabeça.

Ele estará desmaiado por alguns segundos, o tempo suficiente para eu cuidar do menino Alfa. E quando esses dois voltam a seus sentidos, encontrando-se desamparados no chão comigo em acima deles, eles vão receber a mensagem alta e clara: eu sou a dominante aqui. Você vive ou morre à minha mercê e eu digo quando você luta e quando você não o faz.

Tudo soa bem na minha cabeça.

Só que não acontece assim.

37

ESTOU PRESTES a agarrar o Alfa quando somos atingidos por uma força tão intensa que eu só posso descrever como um canhão cheio de pelotas de gelo batendo em nós. A força me bate de volta contra a parede. Mas ao contrário de um tiro de canhão, não para.

Leva um segundo para que eu perceba que é um contundente pulverizador de água disparando de uma mangueira de incêndio. Tão gelado e intenso que congela o ar em meus pulmões.

Quando finalmente para, eu sou um pedaço agredido de roupa molhada deitada mole no chão.

Mãos ásperas agarram meus braços, e eu sou empurrada e arrastada para fora da cela. Na minha luta tensa por ar, eu vagamente percebo que homens com rostos sombrios também arrastam para fora Tatuagem e Alfa.

Eu cambaleio para que eu me embaralhe ao lado dos meus captores. É melhor do que ter meus braços puxados para fora dos ombros. Uma vez que fica claro que eu vou andar sem resistir, um dos caras me solta e ajuda os dois puxando Tatuagem. Ele ficou consciente e está lutando com medo e confusão.

Meu guarda caminha até Tatuagem e dá um soco na barriga dele, enquanto os outros dois guardas o seguram parado. Eu tremo em simpatia. Depois disso, todos nós nos embaralhamos pelo corredor central sem resistência.

Os guardas nos conduzem a uma passagem de tijolo com pintura descascada, e nós passamos por uma porta de metal. Um sinal desaparecendo diz:

APENAS PESSOAL AUTORIZADO

A porta se abre para uma escada estreita que faz um ruído metálico oco enquanto caminhamos para baixo. O espaço abaixo parece industrial, quase como uma fábrica. Uma grade de gotas gigantes de água pende do teto quase até o chão.

À medida que nos aproximamos, eu dou uma olhada melhor. Há coisas enroladas no interior das gotas de água.

Pessoas.

Nuas e enroladas em posição fetal. Inconscientes e suspensas na água.

Há algo familiar e horripilante sobre eles.

Eu continuo esperando ver um chupando o polegar ou se contorcer, mas nenhum deles está, de verdade, fazendo essas coisas.

— O que é isso? — pergunta um homem no meio da sala, olhando em nossa direção. Ele usa uma camisa de flanela sobre jeans e tem uma prancheta na mão. Com o cabelo castanho encaracolado e olhos avelã, ele se parece com um estudante universitário fazendo pesquisa. Eu suporia que ele seria um cara legal em qualquer outro ambiente, exceto este.

— Causadores de problemas — diz meu guarda.

— Leve-os para o fundo — diz o homem distraído com a prancheta. — A última fila pode precisar de um pouco de ajuda.

Tatuagem, que agora está andando por conta própria sem causar problemas, é o primeiro a ser levado para dentro do campo das gotas de água. O guarda de Alfa puxa-o ao longo do próximo. Até agora, meu guarda tem deixado que eu ande por conta própria, sem me tocar. Agora, ele agarra meu braço como se tivesse medo que eu vá correr.

— Quais, Doutor? — pergunta meu guarda.

— Qualquer um deles vai servir, desde que estejam na última fileira — diz Doutor enquanto passa por nós em direção a um escritório com uma janela com vista para as gotas.

Entramos na matriz de gotas d’água. A primeira fileira contém pessoas.

À medida que caminhamos para o fundo da sala, as pessoas dentro das gotas começam a mudar. É como ver um vídeo, com o tempo decorrendo, de desenvolvimento fetal.

Em um terço do caminho para dentro da matriz, eles têm caudas.

Do meio para trás, começaram a crescer asas finas neles.

Por dois terços do caminho, eles são reconhecíveis como monstros escorpião.

A sala cavernosa está cheia de escorpiões em várias fases de desenvolvimento.

Centenas deles.

E todos eles começam a partir de seres humanos.

Quando chegamos à última fileira, os escorpiões parecem completamente formados, completos com o cabelo até os ombros e os dentes que evoluíram de humanos para dentes de leão. Aqueles nesta última fileira estão se mexendo, alerta, e assistindo enquanto nos aproximamos.

Este laboratório está várias gerações à frente do que eu vi no porão da fortaleza. É mais sistemático, com os fetos parecendo mais robustos e perigosos. Quantas destas fábricas de escorpião existem?

Tatuagem começa a lutar contra os guardas dele novamente. Há três deles, e por todos os músculos e atitude, as habilidades de luta de Tatuagem são desleixadas e inexperientes.

Ele empurra os guardas, os músculos no pescoço e braços tensos contra o aperto deles. Os guardas estão prestes a empurrá-lo em uma gota quando ele se empurra inesperadamente, batendo o cotovelo de um dos guardas na gota.

A coisa na água se move tão rápido que eu não tenho certeza do que está acontecendo.

Num segundo, o guarda está segurando o ombro de Tatuagem enquanto o cotovelo dele rompe a água.

No próximo segundo, o guarda está metade dentro da gota com as pernas chutando o ar e a água virando sangrenta.

Nós todos encaramos com temor enquanto o guarda desafia a gravidade – e não sei quantas outras leis da física – ficando pendurado lá, parcialmente dentro, parcialmente fora. No interior da gota, o monstro bombeia veneno no pescoço do guarda, enquanto suga o rosto dele. Nuvens de sangue rodam em torno deles, na impossível gota que, de alguma forma, mantém a sua forma e retém o líquido, apesar de ser perfurada pelo corpo da guarda.

Os olhos de Tatuagem estão enormes conforme ele percebe o que está guardado para ele. Ele olha para mim e Alfa. Ele provavelmente vê a mesma expressão em nossos rostos.

Depois dele, nós somos os próximos.

Alfa acena para Tatuagem como se eles estivessem acabado de concordar em alguma coisa. Eu acho que não há nada como uma terrível morte iminente para fazer as pessoas ignorarem suas diferenças. Eles pegam um dos guardas restantes ainda segurando Tatuagem. Agrupando-se, eles enfiam a cabeça dele em outra gota.

O escorpião na gota se arrasta ao redor da água para se trancar nele. O guarda freneticamente se puxa para trás, instintivamente empurrando as mãos contra a gota para se impulsionar.

As mãos dele deslizam direto para dentro da água.

Então, ele não consegue tirá-las também.

As costas, pescoço e braços dele se esforçam para se tirar dali.

Os pés dele deslizam para frente. Mas nem uma polegada dele volta para fora da gota.

O guarda começa a convulsionar. Cada músculo do corpo treme com o abafado grito dele enquanto ele empurra desesperadamente contra o feto escorpião.

Eu não posso olhar mais.

O resto dos guardas, não mais nos ultrapassando em número, correm. Dois correm para a porta dos fundos enquanto o meu guarda corre em outra direção.

O gorgolejo das bolhas e os sapatos da vítima arrastando contra as grades de piso se batem contra as minhas emoções cruas. Mas em pouco tempo, ambas as vítimas se acalmam enquanto ficam paralisados.

O lugar está muito quieto de repente.

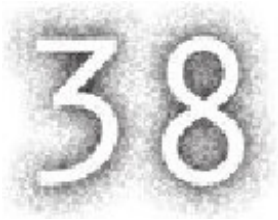
— E agora? — pergunta Tatuagem. Apesar dos músculos, ele parece um menininho perdido.

Nós todos olhamos em volta, para a floresta de monstros suspenso em gotas.

— Nós saímos daqui — diz Alfa.

O silvo de um escorpião vem da porta dos fundos.

Nós corremos através da matriz em direção às escadas da frente, com cuidado para não bater em nenhuma das gotas.



UM ESTRONDO ecoa pelo cavernoso quarto. Fileiras de gotículas oscilam, ameaçando cair. Eu odeio pensar sobre o que vai acontecer se caírem. Em minha mente, a água já está espirrando no chão e os fetos-monstros estão desenrolando enquanto corremos por eles.

A estrutura no teto que oscila as filas de gotas se desloca lentamente de volta. A água está espirrando atrás de nós ou é a minha imaginação?

A matriz se move para trás uma fileira, em seguida, para.

A sensação estranha de correr através de ventres transparentes parece ainda mais surreal quando os fetos-escorpião mudam em cada fileira de volta para seres humanos. No momento em que alcançamos a nova primeira linha de gotas vazias, um ressoar oco de passos ecoa nas escadas à frente de nós. Nós derrapamos em uma parada, olhando ao redor.

O único lugar restante para ir é o escritório elevado, com vista para a matriz de monstro. Nós corremos os poucos passos para o escritório e nos apressamos para dentro.

Doutor, o cara de camisa de flanela e calças de brim, olha para cima de suas notas em sua prancheta na frente de um aparelho de TV antigo.

Alfa pega uma caneta com uma mão e agarra o cabelo de Doutor com a outra. Ele aponta a caneta perto do olho de Doutor, pronto para apunhalar.

— Eu vou empurrar isso no seu olho, a menos que você tire esses monstros das nossas costas — sussurra Alfa. Eu ainda acho que ele costumava ser um cara de escritório, mas ele parece como se realmente fosse fazer aquilo. Talvez a vida em um escritório seja mais dura do que eu pensava.

— Um humano é tão bom quanto qualquer outro para eles — diz Doutor olhando para a caneta. — Eles não estarão procurando por vocês.

Como que para provar seu ponto, ele desvia o olhar para a grande janela com vista para o laboratório. Um grupo está vindo para a fábrica abaixo de nós. Vários escorpiões arrumando uma linha de pessoas sujas e nuas.

Na frente deles está a nova linha de gotas de água vazias.

Um dos lacaios humanos está na frente do grupo. Podemos ouvi-lo abaixo de nós através da porta aberta quando ele diz, — Vai ser melhor para vocês apenas fazer o que lhes foi dito. — Ele, na verdade, soa como se acreditasse nisso e está fazendo um favor a eles, deixando-os saber um segredo. — Caso contrário, poderiam ser vocês. — Ele acena para dois dos outros lacaios.

Eles agarram a pessoa mais próxima e a arrastam algumas fileiras para baixo, onde o empurram numa gota.

Mesmo daqui, eu posso ouvir o grito de terror abafado. O meio formado escorpião sacode como se estivesse tentando picar sua presa com o ferrão que ainda não tem, então aferrolha com a boca ainda humana.

Eu olho para longe enquanto posso.

As pessoas nuas na frente da porta estão congeladas, tanto fascinadas quanto horrorizadas.

— A escolha é de vocês — diz o cara que eu assumo ser o capataz. — Você pode ser como ele. — Ele aponta para a vítima do escorpião. — Ou você pode optar por entrar em uma dessas coisinhas de água, sem qualquer problema. As primeiras quinze pessoas a se oferecerem para ir para a água, vão para lá.

Todos dão um passo à frente.

O capataz começa a escolher pessoas ao acaso e eles escorregam em suas gaiolas aguadas.

— Como faço para respirar? — pergunta um homem grande, cujo corpo já está na gota com a cabeça para fora.

Um dos lacaios humanos empurra a cabeça do homem o resto do caminho para dentro, sem responder.

A questão parece ocorrer para todos logo que eles estão na água. Eu acho que toda a situação era tão estranha e surreal que as vítimas devem ter percebido que esses detalhes seriam cuidados por eles. Ou talvez eles simplesmente assumiram que poderiam colocar a cabeça para fora para respirar.

Quando eles percebem que estão presos e não podem se empurrar para fora, seus rostos mudam de ansiedade para pânico.

A fila da frente de gotas balança e sacode de forma irregular conforme os novos habitantes enlouquecem dentro de suas gaiolas agudas. Bolhas preenchem as gotas quando o último precioso ar das vítimas escoa para fora de suas bocas. Alguns gritam dentro da água. Ecos abafados ressaltam nas paredes do laboratório.

As pessoas restantes recuam, agora claramente lamentando sua decisão. Mas os lacaios as agarram e empurram para dentro das gotas. É um trabalho mais fácil para eles, porque, eu percebo agora, que todas as primeiras pessoas que foram escolhidas eram as maiores e mais fortes das vítimas.

No momento em que se torna óbvio que isto não é nenhuma barganha, apenas os mais fracos do grupo sobraram.

39

TATUAGEM, SILENCIOSAMENTE, fecha a porta do escritório, calando o ruído abaixo.

Alfa empurra a cabeça de Doutor para trás, ainda segurando a caneta no olho dele. — Como você pode viver com isso em sua consciência? — rosna Alfa.

— Pergunta o homem que está ameaçando esfaquear outro ser humano no olho — diz Doutor.

Tatuagem se inclina sobre Doutor. — Seus privilégios humanos estão sendo revogados, idiota.

O escritório tem uma mesa, uma cadeira e redomas antiquadas com manchas cor de carne, que eu não quero olhar. Eu não ficaria surpresa se este material fosse utilizado antes, quando Alcatraz era uma prisão real para verdadeiros criminosos.

— Eu sou um prisioneiro aqui, assim como você — diz Doutor através de dentes cerrados. — Eu faço o que eles me obrigam a fazer, assim como você. E assim como você, Eu. Não. Tenho. Escolha.

— Sim, — diz Alfa — só que ao contrário de nós, você não é nem papinha de monstro nem biomassa para o que quer que sejam essas coisas.

Atrás do Doutor, há várias caixas retangulares do tamanho de livros. Cada um tem uma imagem colada com um nome escrito abaixo. Estou prestes a examiná-los quando um deles me chama a atenção.

As letras de feltro sobre uma das caixas diz PAIGE. A imagem granulada é muito ruim, mas os olhos escuros e rosto de fada são inconfundíveis.

— O que é isso? — Meu coração está batendo rápido, me dizendo para esquecer sobre isso.

— A raça humana está sendo dizimada e você acha que eu estou feliz com isso? — pergunta Doutor.

— O que é isso? — Eu seguro a caixa que diz PAIGE.

— Deixe-me adivinhar, você está bravamente lutando para nos libertar — diz Alfa.

— Eu estou fazendo o que posso.

— Nos bastidores, sem dúvida — diz Alfa.

— Muito nos bastidores, mano — diz Tatuagem.

— Ei! — eu digo. — O que é isso?

Eles finalmente olham para mim segurando a pequena caixa com o nome e a imagem de Paige.

— É um vídeo — diz Doutor.

As campainhas de alarme guincham novamente, ecoando nas paredes.

— Que droga é essa? — pergunta Tatuagem. — E por que continua disparando?

— Há uma senhora louca à solta — Doutor diz. — Continua segurando as saídas de emergência aberta. Dispara o alarme. Você vai me soltar?

Bem, pelo menos a minha mãe deve estar indo bem.

— Eu quero ver este vídeo — eu digo.

— Sério? — pergunta Tatuagem. — Quer pipoca também?

— Eu acho que essa é a minha irmã. — Eu levanto o vídeo. — Eu preciso ver isso.

— Paige é sua irmã? — Doutor pergunta. Ele parece realmente me notar pela primeira vez.

Um choque se envia através de mim, ao saber que este homem conhece Paige.

Doutor tenta chegar a mim, mas Alfa puxa o cabelo dele para trás.

— Apunhale-me nos olhos ou me solte. — Doutor irrompe do aperto de Alfa, parecendo pronto para socá-lo.

— Eu preciso ver este vídeo.

— Se aquela menininha era sua irmã — diz Doutor — Eu tenho receio de que ela morreu no ataque à fortaleza.

— Não, ela não morreu — eu digo.

Ele pisca para mim, surpreso. — Como você sabe?

— Eu estava com ela ontem ou, de qualquer maneira, o tempo que passou desde que cheguei aqui.

Os olhos de Doutor se concentram tão intensamente em mim que é como se eu fosse a única no mundo do Doutor agora. — Ela não te atacou?

— Ela é minha irmã. — Como se isso respondesse à pergunta.

— Onde ela está agora?

— Acho que ela veio aqui. Nós a seguimos.

O alarme desliga e todos nós relaxamos nossos ombros um pouco.

— Não temos tempo para assistir um vídeo, querida, você está louca? — pergunta Tatuagem. — Leve isso com você.

— É Betamax, — diz Doutor. — Este é, provavelmente, o único tocador de Betamax que sobrou na área da Baía. É antigo, como tudo o mais que ficou por aqui.

— O que é Betamax? — Eu pergunto.

— Um formato de vídeo obsoleto — diz Alfa. — Mais velho do que você.

— Então você não pode vê-lo em qualquer lugar, além desta máquina — diz Doutor.

— Qual é o plano de vocês? — pergunto a Alfa e Tatuagem. — Existe alguma maneira de que eu possa assistir isto e encontrar vocês?

Eles olham um para o outro, e é claro que nenhum deles tem um plano.

— Nós o levamos como prisioneiro e saímos daqui — diz Alfa.

— Então, todos nós morremos — diz Doutor. — Eu não significo mais para os gafanhotos do que vocês.

— Gafanhotos?

— Aquelas coisas. — Ele balança a cabeça em direção à janela. — É como os anjos os chamam. Não tenho certeza do porquê. Essas coisas vão ser o fim da humanidade. — Ele desaparece em seu próprio mundo por um minuto, enquanto olha para a fábrica de escorpião, em seguida, parece se lembrar de nós. — Olha, se vocês quiserem escapar, esta noite é a hora de fazê-lo. Há algo programado que fará todos os gafanhotos voarem para fora em uma missão.

— E nós acreditamos em você por quê? — pergunta Tatuagem. Ele encontrou um abridor de cartas em algum lugar e está verificando o gume.

— Porque eu sou um ser humano e vocês também são. Isso nos coloca na mesma equipe, goste ou não.

— Quanto tempo as criaturas vão ficar fora? — pergunta Alfa.

— Não sei.

— A que horas eles vão sair?

— Eu só sei o que eu acabei de dizer a você. Hoje à noite será sua melhor e única tentativa.

— Se eles se forem, poderíamos libertar todo mundo — eu digo, pensando em Clara e mamãe e todos que cantaram *Amazing Grace* quando as pessoas estavam marchando para a morte. Agora eu sei para onde eles foram.

— Difícil esgueirar-se para fora com todo mundo a reboque — diz Alfa.

— Não há como esgueirar com aquele barco — eu digo. — A menos que você planeje nadar com os tubarões para sair daqui. Quanto mais pessoas, melhor a chance de que alguns de nós consigamos fugir.

— Se todo mundo está correndo — diz Alfa, — é garantido que muitos de nós *não vai* conseguir.

— Se nós deixarmos as pessoas para trás, é garantido que *nenhum* deles vai conseguir — eu digo.

— A menina tem razão — diz Tatuagem.

Alfa toma um grande fôlego e o deixa sair lentamente.

— As chaves das celas estão na sala do guarda — diz Doutor. — Convençam os guardas humanos que vocês vão libertar todo mundo, inclusive eles. Eles vão pegar as chaves, espalhar a palavra e desbloquear as celas para vocês.

— Você está mentindo — diz Tatuagem.

— Não estou. Você acha que há uma única pessoa aqui que quer estar aqui? Você acha que nós não sairíamos se pudéssemos? Vocês só precisa convencê-los de que as chances deles de sobrevivência são maiores com vocês do que contra vocês. Essa é a parte que vai ser mais difícil do que você pensa.

— Por que vocês não estão partindo hoje à noite, se os guardas estarão fora? — pergunta Alfa. — Por que esperar por nós para tirar todo mundo?

— Porque tem apenas um barco. E quando eles saírem, vai ser ancorado em San Francisco, não aqui. Isto é Alcatraz, senhores. Eles não precisam de guardas. Eles têm a água.

— Podemos nadar nisso? — pergunta Tatuagem.

— Talvez. Para o atleta certo que tem treinado para isso e não tem medo de tubarões. Alguém em uma roupa de mergulho e nadando durante o dia, com uma equipe de apoio em um barco. Conhecem alguém assim?

— Há uma saída — diz Tatuagem. — Pense, homenzinho. Ou eu vou garantir que você seja o primeiro a ser jogado na água hoje à noite.

Doutor me olha. Eu quase posso ver as engrenagens na cabeça dele se pondo em marcha até exaustão. — Eu ouvi que o condutor do barco está preso no cais, quando o barco ancora lá. Eu poderia conseguir colocar a garota a bordo. — Ele balança a cabeça em minha direção. — Talvez ela possa libertar o motorista e convencê-lo a trazer o barco de volta.

— Eu vou — diz Tatuagem. — Vou fazer uma pelo time.

— Eu tenho certeza que você vai, mas precisa ser ela — Doutor diz.

— Por quê?

— Há uma equipe aqui recrutando mulheres para a fortaleza. Quando elas saem, eu posso me certificar que ela esteja incluída. Portanto, a menos que você seja uma jovem fêmea, você não pode dar um passeio lá fora.

Tatuagem me avalia. Ele está tentando decidir se eu vou fugir no segundo em que eu chegar ao continente.

— Minha mãe está aqui, e minha amiga também — eu digo. — Eu vou fazer tudo que puder para ajudar com a fuga.

Os caras se olham de novo, como se tendo uma conversa silenciosa.

— Como sabemos se o condutor da balsa vai arriscar a vida dele voltando para nós? — pergunta Alfa. — A mãe dele está aqui também?

— Ela só vai ter que ser persuasiva — diz Doutor.

— E se ela não for? — pergunta Tatuagem.

— Então nós vamos encontrar alguém mais para conduzir a balsa — diz Doutor confiante.

— Se você tem tanta certeza, por que você já não fez isso? — pergunta Alfa.

— Esta é a primeira vez que todas as criaturas e anjos têm se programado para sair. O que te faz pensar que nós não teríamos feito isso sem você?

Os caras assentem. — Você está pronta para isso? — Alfa me pergunta.

— Sim. Vou trazer o barco de volta eu mesma, se for preciso.

— Seria ótimo se o barco não afundasse no caminho para cá — diz Alfa.

— Certo — eu digo. — Eu vou falar com alguém que sabe o que está fazendo. — Eu soo mais confiante do que eu me sinto.

O alarme guincha novamente, ecoando nas paredes e agredindo nossos ouvidos.

— Talvez você possa pegar essa mulher para te ajudar — diz Doutor. — Ela pode te mostrar todas as saídas.

— Vão — eu digo. — Consigam abrir as portas das celas quando chegar a hora. Eu vou libertar o capitão do barco no continente.

Tatuagem e Alfa olham um para o outro, ambos não parecendo convencidos. O alarme desliga novamente.

— A menos que vocês tenham um plano melhor? — diz Doutor.

Os homens assentem um para o outro. — É melhor você estar dizendo a verdade, Doutor — diz Tatuagem. — Ou você vai ser isca de tubarão de manhã. Você me entendeu?

Alfa parece estar prestes a perguntar se eu vou ficar bem, mas depois, talvez se lembrando de onde estamos, ele se vira para ir embora.

— Caso você veja a mulher da saída de emergência — eu grito atrás dele, — diga a ela que Penryn te enviou. Tome conta dela, ok? Eu acho que é a minha mãe.

Tatuagem dá a Doutor uma última encarada e sai.

40

— VOCÊ ESTAVA realmente dizendo a verdade a eles? — Eu pergunto.

— Na maior parte — diz Doutor enquanto insere o vídeo na máquina retangular abaixo da TV. Ambos parecem antigos. Mesmo que a tela seja pequena, o resto da TV é gorda e pesada, como algo saído de uma das fotos antigas do meu pai. — Foi a maneira mais rápida de tirá-los daqui para que possamos conversar sobre o que realmente importa.

— E o que é isso?

— A sua irmã.

— Por que ela é tão importante?

— Ela provavelmente não é. — Ele olha para mim de lado, dando-me a impressão de que ele pensa o contrário. — Mas eu estou desesperado.

Ele não está fazendo muito sentido, mas eu não me importo, desde que eu possa ver o vídeo. Ele pressiona um botão sobre a máquina embaixo do aparelho de TV.

— Essa coisa realmente funciona?

Ele zomba. — O que eu não daria por um computador. — Ele brinca com os mostradores e botões na velha TV.

— Não é como se ninguém estivesse te parando. Computadores têm a ninhadas na área da baía, prontos para serem tomados.

— Os anjos não são exatamente fãs de máquinas do homem. Eles preferem jogar com a vida e a criação de novas e híbridas espécies. Embora eu tenha a impressão de que eles não deveriam realmente estar fazendo isso. — Ele diz esta última parte em um murmúrio, como se ele estivesse falando sozinho.

— Eu contrabandeei alguns equipamentos aqui dentro, mas a infraestrutura desta pedra estava longe de ser de última geração, para começar.

— As coisas lá fora parecem bem modernas. — Eu aceno em direção à janela. — Muito mais do que a que estava no porão da fortaleza.

Doutor levanta as sobrancelhas. — Você viu o porão da fortaleza?

Eu assinto.

Ele inclina a cabeça como um cão curioso. — No entanto, aqui está você. Viva para me contar sobre isso.

— Acredite em mim, eu estou tão surpresa quanto qualquer um.

— O laboratório da fortaleza foi o nosso primeiro — diz ele. — Eu

ainda me agarrava aos velhos tempos, então – as maneiras humanas. Eram necessários tubos de ensaio, eletricidade e computadores, mas eles não me deixavam ter um monte de coisas que eu precisava. A resistência dos anjos à tecnologia humana me prejudicou de uma maneira que tornou aquele laboratório algum tipo de porão do Frankenstein dos anos 30.

Ele pressiona PLAY na máquina de vídeo. — Desde então, eu aprendi a gostar da maneira angelical. Eles são mais elegantes e eficazes.

Uma imagem granulada e cinza de um quarto sombrio aparece na tela. Uma cama, uma mesa de cabeceira, uma cadeira de aço. É difícil dizer se costumava ser uma cela para confinamento solitário ou quartos de dormir para um burocrata triste.

— O que é isso? — Eu pergunto.

— Em algum lugar ao longo do tempo, alguém instalou um sistema de vigilância sobre esta pedra. Não é surpreendente, considerando que foi uma movimentada atração turística. Eu adicionei o som em alguns dos quartos. Os anjos, obviamente, não sabem que estão sendo observados, então não saia por aí anunciando isso.

Na tela, a porta de metal da sala bate aberta. Dois anjos sem camisa se embaralham para dentro segurando um gigante entre eles. Mesmo através do vídeo granulado, eu reconheço o demônio Beliel. Ele tem um curativo sangrento envolto em torno de seu estômago.

Atrás deles, está outro anjo que parece familiar. Eu não posso dizer a cor das asas dele pelo vídeo granulado, mas estou supondo que é laranja-queimado. Eu me lembro dele da noite em que Paige foi levada, a noite em que ele e os seus amigos cortaram as asas de Raffe. Ele segura a pequena Paige em um braço como um saco de batatas.

O rosto dela está sem cortes e as pernas balançam, atrofiadas e inúteis. Ela parece pequena e indefesa. Esta deve ser a noite em que Paige foi sequestrada.

— Aquela é sua irmã? — o Doutor pergunta.

Assinto, incapaz de dizer qualquer coisa.

O anjo queimado joga Paige para o canto sombrio da sala.

— Você tem certeza que quer ver isso? — pergunta o Doutor.

— Tenho. — Eu não tenho. Quero vomitar ante ao pensamento de qualquer coisa que possa ter acontecido enquanto eu não estava por perto para protegê-la.

Mas eu não tenho escolha. Eu sou compelida a ver o resto do vídeo.

41

O BORRÃO voando pelo corredor se mostra sendo minha irmã novamente quando ela pousa com um baque. Eu me encolho enquanto ela se afasta da parede e se dobra sobre suas pernas inúteis.

Um fino som de dor escapa dela, mas ninguém no lugar parece perceber.

O anjo queimado já tinha se esquecido dela enquanto ele levantava as pernas de Beliel. Eles o jogaram na pequena cama.

Atrás deles, minha irmãzinha se arrasta mais longe no canto mais escuro e se curva lá. Ela puxa as pernas com suas mãos para curvá-las contra o peito em uma posição fetal enquanto observa os anjos com grandes olhos assustados.

A cabeça inconsciente de Beliel descansava em um ângulo desconfortável contra a barra de metal que servia de cabeceira. Tudo o que eles teriam que fazer era puxá-lo um pouco para baixo e ele poderia ter certo conforto. Mas não fizeram isso.

Outro anjo entra com um prato de sanduiches e um grande copo de água. Ele coloca a comida e a água no criado mudo. Enquanto ele faz isso, dois anjos saem, deixando Burnt[{13}] e o entregador.

— Não é tão mandão agora, né? — diz Burnt.

— Queria saber quão profundo é esse corte nos músculos de seu estômago — disse o que levou os sanduiches. — Você acha que ele alcança a comida?

Burnt casualmente afasta a mesa do alcance de Beliel.

— Não mais.

Os anjos deram uns aos outros sorrisos astutos.

— Nós trouxemos comida e água como deveríamos fazer. É nossa culpa se ele não consegue se sentar e alcançar?

Burnt curva o lábio como se quisesse chutar Beliel.

— Ele deve ser o sujeito mais mandão, mais nojento, mais cheio de si com quem eu tive que trabalhar.

— Já trabalhei com piores.

— Quem?

— Você — o anjo ri enquanto fecha a porta ao saírem.

Paige se amontoa no escuro, aparentemente, completamente esquecida.

Ela deve estar ficando com fome e com sede.

Se ela conseguisse andar, ela poderia ter dado uma escapada e pego um sanduiche. Mas sem sua cadeira de rodas, ela teria que se arrastar devagar pelo chão, pegá-lo, e se arrastar de volta. Ela poderia fazer isso, mas entendo por que ela não tenta. É difícil sentir que você pode roubar algo quando você não consegue correr.

O vídeo esmaece.

Quando ele volta a aparecer, há luz entrando no quarto, provavelmente de alguma janela pequena fora do ângulo da câmera. O tempo passou. É difícil imaginar quanto tempo.

Um grunhido doloroso cresce para um grito de frustração. Beliel estava acordado e tentava se sentar. Ele caiu de volta na cama com um gemido enojado.

Ele ficou lá gemendo, sem parecer saber que Paige ainda estava curvada no chão de pedra no canto. Sangue fresco manchava os curativos em volta de sua cintura. Ele virou sua cabeça e encarou a água. Ele se esticou sem se inclinar para frente. A mesa com os sanduiches estava fora de alcance.

Por mais que ele estivesse com fome e com sede, Paige deveria estar mais ainda. Ela estava magra. Ela não devia ter muita coisa armazenada.

Ele toma fôlego como se fosse se preparar e tentar novamente. Desta vez, ele tenta se esticar um pouco mais longe mas não foi o suficiente. Ele geme com os dentes fechados enquanto se estica em direção à água. A dor devia ser enorme. Se fosse outra pessoa, eu teria sentido pena dele.

Ele desiste com um resmungado frustrado e cai de volta para trás. Seu rosto está contorcido de dor.

Paige devia ter se mexido ou feito um barulho porque ele de repente olha para o canto.

— O que você está fazendo aqui?

Paige se encolhe contra a parede.

— Eles te enviaram para me espionar?

Ela balança a cabeça.

— Saia — ele praticamente cospe as palavras. — Espere. Seja útil e me traga a água e os sanduiches daquela mesa.

Paige o encara com medo. Pobre bebezinho. Uma parte de mim quer desligar o vídeo. O que aconteceu, aconteceu. Eu assistir ao vídeo não muda nada.

Mas eu fiquei hipnotizada por esta janela para o passado de minha irmã. Se ela teve que passar por isso porque eu não estava lá para protegê-la, então eu não mereço ser protegida de assistir ao que ela passou.

— Agora! — Beliel berra para ela. Grita tão alto e enérgico que eu pulo.

Paige se encolhe ainda mais.

Então, ela se deita no chão de concreto e se arrasta na direção dele. Seus olhos parecem enormes e as pernas de sua calça parecem vazias enquanto se arrastam.



— Qual é o seu problema? Você está paralisada?

— Não. Eu só não consigo andar como as outras pessoas — ela estica o braço e se puxa para a frente mais alguns centímetros.

— Quer dizer que você está paralisada.

Ela para no chão duro, apoiada nos cotovelos.

— Quer dizer que eu me movo de um jeito diferente.

— É, rastejando no chão como um verme. Mostre-me, Vermezinho. Divirta-me. Rasteje até aqui e eu deixo você tomar um pouco da minha água.

Eu quero dar um soco nele pela tela da TV.

Onde você estava quando ela precisava de você?

Minha irmãzinha olha para a água e engole seco.

— Dá pra ver que você quer. A sede deve estar rachando sua garganta nesse momento — sua voz soa seca e rachada. — Logo, você vai ficar com dor de cabeça e começar a ficar tonta. Depois, sua língua vai inchar e cada instinto seu vai sussurrar para você mordê-la para que você possa beber seu próprio sangue. Já esteve sedenta o suficiente para querer matar um homem por causa de um copo d'água? Não? Você vai conhecer essa sensação logo.

Ele toca o curativo cheio de sangue como se quisesse compartilhar a dor.

— Vem aqui, Vermezinho. Me mostre como os paralíticos e abandonados — andam — de jeito diferente, e eu te dou algo para beber.

— Não estou abandonada.

Beliel escarnece.

— Cite uma pessoa que não te abandonou.

Ela olha para ele com seus grandes olhos e um rosto de fada.

— Minha irmã.

— Sério? Então onde ela está?

— Vindo para cá. Ela virá me buscar.

— Não foi isso que ela disse.

— Você falou com ela? — A esperança em seu rosto parte meu coração.

— Claro, eu falei com ela. Quem você acha que me entregou você?

Fechei meu punho tão forte que os nós dos dedos estavam prontos para se separar.

— Mentira.

— É a verdade. Ela disse que se sentia mal por isso, mas ela não aguentava mais a responsabilidade de cuidar de você.

— Você está mentindo — sua voz falhou. — Ela não disse isso.

— Ela está exausta. Tão cansada de acordar toda manhã, sabendo que tem que encontrar comida para você, carregar você, dar banho em você, fazer tudo por você. Ela tentou, mas você é um fardo.

Toda a força se esvai de mim e eu tenho que me firmar e me apoiar na parede para ficar de pé.

— Todos são assim — a voz de Beliel é amigável. — No final, eles sempre nos abandonam. Não importa o quanto nós os amamos ou o quanto fazemos por eles. Nunca somos bons o suficiente. Somos os rejeitados, você e eu. Os abandonados.

— Você é um mentiroso — seu rosto se enrugou e suas palavras se borraram. Ela soluça enquanto chora, parada no chão frio, completamente desamparada. Seu tom de voz quase implora para que esse monstro a conforte.

Sinto como se houvesse um peso sobre meu peito, e não consigo respirar direito.

— Você vai ver. Nada vai ser dado para nós livremente do jeito que é dado para outras pessoas. Sem amor, sem respeito, nem mesmo amizade. O único jeito de conseguirmos isso é colocando eles em seu lugar de direito, abaixo de nós. A última coisa que podemos nos dar o luxo é ser desamparados e fracos. Você tem que ser forte e resistir à submissão. E se eles implorarem e se comportarem, então talvez nós os deixemos ser nossos cães de colo. É o mais próximo de se sentir querido que forasteiros como nós podem chegar.

É muito ruim que ele esteja acabando com as esperanças frágeis de uma garotinha inocente de sete anos. Mas o que me mata é que nós provamos que ele estava certo. A imagem de ela amarrada e jogada como um animal selvagem vai ficar gravada para sempre na minha memória.

— Quer mais água? — A voz de Beliel é neutra. Não boazinha mas também não muito cruel.

Minha irmã engole seco e passa a língua nos lábios rachados. Desesperadamente com sede apesar de estar chorando.

— Rasteje até mim, Vermezinho, e eu te dou um pouco.

Ela continua no chão com a parte superior do corpo apoiada nos braços. Ela olha para ele com desconfiança. Fico absolutamente horrorizada por ela cair no jogo dele, e mesmo assim há uma parte de mim que quer que ela vá até ele porque ela precisa beber algo.

Paige coloca o braço para frente devagar e se arrasta trabalhosamente. Uma, duas vezes, até ela conseguir um ritmo lento rastejando pelo quarto. Suas

pernas mortas e secas arrastam atrás dela.

Beliel aplaude devagar.

— Bravo, Vermezinho. Bravo. Uma semelhança pequena de sua espécie. Vocês macacos são tão desesperados para fazer o que for preciso para sobreviver. Comparado com seu povo e com as coisas que alguns deles fariam, sou praticamente um cara legal.

Paige alcança a mesa em que estão o prato com sanduíches e o copo de água. Ela sobe na cadeira metálica que está do lado.

— Eu não disse que você pode ter isso — Beliel grunhe. — Falei para vir até mim, não até a mesa — ele começa a se inclinar com raiva mas para com dor com a mão em seu estomago sangrando, soltando um longo suspiro.

Ela alcança o copo, olhando para a água com óbvio desejo e sede.

— É claro, você é como o resto — seus lábios zombam dela. — Não há uma criatura viva que tenha cuidado com alguém exceto a si mesmo. Mesmo um vermezinho como você. Então você aprendeu a lição com sua irmã, não foi? A única coisa que importa no final é sua própria sobrevivência. É no que os humanos e as baratas são melhores.

Paige olha para a água. Depois para Beliel. Uma batalha está crescendo dentro dela, e eu a conheço bem o suficiente para saber que ela está pensando.

— Não faça isso — eu sussurro. — Cuide-se primeiro — pelo menos uma vez.

Sem dar um gole, ela segura o copo de água para Beliel onde ele possa pegar.

Eu resmungo com desespero. Eu quero pegar o copo e fazê-la beber.

— Minha irmã vai vir me buscar — sua voz falha, como se ela não tivesse certeza. Seu rosto se contorce enquanto ela luta contra as lágrimas.

Ele olha para a água.

Ele olha para ela.

— Você não está com sede, Vermezinho? Por que você mesma não bebe? — Sua voz cheia de suspeita.

Ela funga.

— Você precisa mais — ela está sendo teimosa. Presa em quem ela é mesmo sob essas circunstâncias.

— Você não sabe que vai morrer se não tomar água?

Ela segura firme o copo.

Ele esticou o braço sem mover o corpo e o pegou. Ele o cheirou como se suspeitasse de que não era somente água.

Tomou um gole.

Depois engoliu.

Então tomou dois terços do copo.

Pausou para respirar. Ele encara Paige como se ela o tivesse insultado.

— O que você está olhando?

Ela somente pisca para ele.

Beliel põe o copo na boca, mas desta vez ele só toma um gole. Ele olha para Paige como se pensasse em dar a ela o resto.

Então ele toma tudo em um gole só.

— É isso que acontece quando você é legal. Você podia aprender essa lição mais cedo. Ser legal pode ter funcionado pra você no passado mas não mais. Essa estratégia só funciona quando você é querida. Mas agora, você não é diferente de mim. Feia. Rejeitada. Não amada. Eu entendo.

Não consigo esperar para matá-lo.

Ele entrega o copo a ela. Ela o pega, desesperada. Ela o vira na boca.

Uma pequena gota cai em sua boca.

43

O ROSTO DELA se contorce mas nenhuma lágrima cai desta vez. Talvez ela esteja muito desidratada.

— Me entregue os sanduíches.

Ela o encara.

— Eles não te farão bem. Você só vai ficar com mais sede se comê-los.

Ela pausa, e então pega os sanduíches. Ela os joga nele.

Ele ri enquanto os sanduiches caem de seu peito e pousam aos pedaços em seu curativo sangrento. Ele junta o sanduíche novamente e dá uma mordida.

— Não é muito esperta, é?

Ela apoia a cabeça nos braços sobre a mesinha e afunda como se tivesse desistido.

O vídeo escurece.

Me contenho antes de perguntar se ela saiu bem disso tudo. Por um momento, eu esqueço como ela está agora. Com certeza ela não está bem.

Doc passa o dedo sobre o botão de ejetar.

— Já basta?

— Não — digo com os dentes fechados. — Ainda não.

Ele abaixa a mão.

— É seu castigo. Quem sou eu para discutir?

A tela liga novamente.

O tempo passou. A luz havia diminuído e as sombras são maiores agora. A porta abre e um anjo entra. É o Burnt.

Paige levanta a cabeça. Quando ela vê quem é, ela desce da cadeira e freneticamente rasteja para debaixo da cama de Beliel.

— Ah, então é para lá que ela foi — disse Burnt olhando para Paige.

— E aonde você foi? — Pergunta Beliel.

— Parece que você não precisa de nós, então nós trouxemos um pouco de comida e água e te deixamos descansar. Como você está? — Burnt se inclina para olhar para Paige.

— Simplesmente fantástico, obrigado por perguntar — o sarcasmo na voz de Beliel é evidente. — O que você está fazendo?

Paige grita enquanto ele a arrasta de debaixo da cama.

— Solte-a — Beliel berra.

Burnt solta Paige, surpreso.

— Não faça nada sem minha permissão — Beliel agarra Burnt pelo braço e o puxa até seu rosto. Deve doer bastante nas suas condições, mas Beliel não demonstra isso. — Não toque nesta garota. Nem mesmo respire sem minha permissão. Uriel te entregou para que eu o comande. Você acha que ele gastaria um segundo de sua ilustre vida se perguntando o que aconteceu com você se você acabasse morto?

Burnt olhou para ele desafiadoramente mas com um toque de nervosismo.

— Por que você faria isso?

— Você pensou mesmo que eu não perceberia que você estava tentando me matar de fome e me secar de sede?

— Nós deixamos água e comida — Burnt resmunga entre dentes enquanto tenta soltar seu braço do aperto de Beliel. O demônio segura firme apesar da dor. — Nós te trouxemos de volta também, quando nós podíamos ter deixado você na rua para morrer.

— Uriel teria feito você viver se você não tivesse. Vocês ainda não têm nervos para mentir para ele, têm? Receio que vocês vão receber um castigo divino. Bem, o castigo dele parecerá divertido comparado com o que eu vou fazer se eu acordar e o jantar não estiver ao meu alcance. Entendido?

Burnt acena ressentido.

Beliel o solta.

Burnt dá um passo para trás.

— Traga alguma comida decente e água. Carne fresca, cozida à temperatura corporal. Não sou uma criança que vive de sanduíches de manteiga de amendoim e geleia.

Burnt se vira para ir embora com escárnio.

— Traga uns sanduíches para ela — ele balança a cabeça na direção de Paige. — Nada como algo quebrado e morto no canto do seu quarto para acabar com seu dia.

Burnt olha para Paige, que estava encolhida debaixo da cama, depois para Beliel como se ele tivesse enlouquecido.

— Algum problema? — Pergunta Beliel.

Burnt balança a cabeça lentamente.

— Que pena. Agora, vou ter que esperar para fazer pintura de dedo nas paredes com seu sangue.

Burnt se vira para ir.

— Traga uma jarra de água e um pouco de leite para a garota também. Rápido, garoto das penas. Não tenho a semana inteira para descansar. Quanto mais rápido eu puder voar para falar com seu precioso arcanjo, mas rápido você

poderá se libertar de seu trabalho.

Burnt vai embora.

— Saia, Vermezinho. O grande anjo mau foi embora.

Paige espreita para fora da cama.

— É um bom bichinho de estimação — ele fecha o olho. — Cante uma música enquanto eu caio no sono — ele faz uma careta com a dor que se recusou a demonstrar para o anjo. — Cante. Qualquer música.

Paige hesitantemente começa a murmurar — Brilha, brilha, estrelinha...

A tela fica branca.

44

— É isso aí — diz Doc quando ele desliga a TV.

Preciso engolir as lágrimas antes que eu possa perguntar.

— O que aconteceu depois?

— Beliel a mantinha na sala como seu animal de estimação, até que ele se recuperou o suficiente para ir para a fortaleza. Ele teve que reportar ao Arcanjo Uriel. Algo sobre um anjo lendário que esteve afastado por um longo tempo.

Raffe. Beliel deve ter dito que Raffe fugiu.

— Seja o que for — diz Doc — Uriel estava descontente. Beliel estava com um sério mau humor depois disso, e ele descontou em sua irmã. Depois de tratá-la como um animal de estimação por dias – alimentando, confiando nela, levando-a com ele em todos os lugares, ele a abandonou para a equipe médica. Ele a jogou para nós e não olhou para trás.

Ele surge no vídeo.

— Ela ficava perguntando por ele até que nós – eles – a transformamos no que ela é agora.

— Ela perguntou por ele?

Ele encolhe os ombros.

— Ele era o único familiar dela em seu novo ambiente.

Concordo com a cabeça, querendo vomitar.

— E no que exatamente você a transformou?

— Você não acha que já teve punição suficiente por um dia?

— Não finja que você se importa. Diga-me.

Ele suspira.

— As crianças eram os animais de estimação de Uriel. Às vezes, eu acho que ele só gosta de brincar de Deus – algo que as pessoas costumavam me acusar de fazer uma vida atrás. Ele queria que as crianças se parecessem com algo que ele não podia sequer descrever. Disse que nunca tinha visto as coisas que ele queria que as crianças imitassem, exceto aquelas que importavam.

Estou com medo de perguntar, mas pergunto mesmo assim.

— O que ele quer que eles sejam?

— Abominações. Elas deveriam se parecer com as crianças não naturais que comiam pessoas. Eles estavam vagando pela Terra e aterrorizando a população, como parte de maquinações políticas intermináveis dos anjos.

Assim, ele poderia passá-las como Nephilim e culpar Raffe por não fazer o seu trabalho. Assim, ele poderia arruinar a reputação de seu concorrente e ganhar a eleição para Mensageiro.

— Você transformou crianças em abominações de propósito?

Ele suspira, como se ele nunca esperasse que eu entendesse.

— A raça humana está prestes a chegar ao fim e eu, por exemplo, estou morrendo de medo. A menos que possamos descobrir uma maneira de impedi-lo, é isso para nós.

Ele mexe o braço como se estivesse me convidando a olhar em volta na fábrica de escorpião.

— Eu estou em um lugar muito especial para fazer a diferença, para ajudar a descobrir uma maneira de pará-lo. Eu tenho acesso a suas instalações e conhecimentos. Eu tenho a confiança deles e um pequeno grau de liberdade para trabalhar debaixo de seus narizes.

Ele se inclina para trás contra a parede como se ele estivesse cansado.

— Mas a única maneira que eu posso ajudar a raça humana é fazendo o que me dizem para fazer. Mesmo que seja horrível. Mesmo que seja uma maldita destruição de almas.

Doc se afasta da parede e caminha no escritório.

— Eu faria qualquer coisa para não ser aquele cara que tem que fazer escolhas que o assombram, noite após noite. Mas aqui estou eu. Sou eu e mais ninguém. Você entendeu?

O que eu entendo é que ele picou minha irmãzinha e a transformou em uma “abominação”.

— E como você está ajudando a raça humana?

Ele olha para seus sapatos.

— Eu tentei algumas experiências que mantive em segredo dos anjos. Roubei um pouco de ciência angelical, ou magia, ou como queira chamá-lo, e implementei aqui e ali. Eles me matariam se soubessem. Mas tudo o que tenho até agora são possibilidades tentadoras. Sem sucesso confirmado ainda.

Eu não estou interessada em fazer este açougueiro de crianças se sentir bem sobre o seu trabalho. Mas acusá-lo não vai me dar respostas.

— Por que você fez minha irmã se mexer como uma máquina?

— O que você quer dizer?

— Ela se senta com as costas retas, move-se rigidamente a cada movimento, vira a cabeça como se o pescoço não funcionasse mais do mesmo jeito, essas coisas – como uma máquina. — Exceto quando ela está atacando, é claro.

Ele olha para mim como se eu tivesse enlouquecido.

— A menina foi cortada e costurada em toda parte como uma boneca de pano. E você tem que perguntar por que ela se move com dificuldade? — O cara que fez isso com ela olha para mim como se *eu fosse* a pessoa insensível.

— Ela está com dor — Ele diz isso como se estivesse dizendo *Dãã*. — Só porque ela é totalmente funcional, não significa que ela não está sofrendo de uma dor insuportável, de abalar a alma. Imagine ser cortado em todos os lugares, ter seus músculos arrancados e substituídos, costurados, cada fibra do seu corpo alterado. Agora imagine que ninguém lhe dá analgésicos. É assim para ela. Acho que podemos seguramente presumir que você nem sequer lhe deu uma aspirina?

É como se ele estivesse me perfurando nos pulmões.

— Se isso nunca lhe ocorreu, então não é nenhuma surpresa que ela foi embora, não é?

Nem consigo pensar sobre como deve ser para ela sem sentir que eu estou quebrando por dentro.

Eu até ofereci aspirina para Raffe quando ele estava inconsciente antes de conhecê-lo. Eu ofereci o alívio da dor ao inimigo, mas nunca considerei isso para minha própria irmã. Por quê?

Porque ela parecia um monstro, é por isso. E nunca me ocorreu que os monstros podem sentir dor.

— Você tem algum palpite a respeito de onde ela possa estar? — Ouvir o tremor em minha própria voz suga a minha confiança.

Ele olha para a TV escura.

— Ela não está aqui. Eu teria ouvido falar sobre isso agora. Mas se você está certa e ela estava aqui, mesmo que brevemente, então ela está à procura de algo. Ou alguém.

— Quem? Ela já veio para mim e minha mãe. Nós somos tudo que ela tem no mundo.

— Beliel — diz Doc com certeza. — Ele é a única pessoa que entenderia. O único que poderia aceitá-la e não julgá-la.

— O que você está falando? Ele é o último a quem ela iria correr.

Ele encolhe os ombros.

— Ele é um monstro. Ela é um monstro. Quem mais vai aceitá-la sem considerá uma aberração, muito menos entender o que ela está passando?

— Nós... — As palavras murcham na minha boca.

O pensamento de Paige se voltando para Beliel me surpreende.

Mas se tivesse sido Paige e Beliel juntos no acampamento de resistência, as pessoas não tentariam encurralar os dois como uma equipe de monstros? Como se eles pertencessem um ao outro e não ao resto de nós humanos?

— Ela pode até ter um toque de síndrome de Estocolmo.

Eu não gosto do som disso.

— O que é isso?

— É quando uma vítima de sequestro forma um vínculo de afeto pelo sequestrador.

Eu fico olhando para ele, estupefata.

— Não é comum, mas pode acontecer.

Eu seguro o encosto da cadeira e sento trêmula como uma mulher velha. O pensamento da pequena Paige sentindo como se não tivesse a quem recorrer exceto um pesadelo como Beliel me atinge de uma forma que o fim do mundo não podia atingir.

— Beliel — eu digo sem fôlego. Fecho os olhos e me seguro para não deixar as lágrimas saírem. — Você sabe onde ele está? — Minhas próprias palavras me esfaqueiam.

— Ele deve estar na nova fortaleza até agora. Alguma coisa grande está acontecendo lá, e Beliel tem um trabalho a fazer para o arcanjo.

— Que trabalho?

— Não sei. Eu sou apenas o macaco de laboratório. Do tipo sabe-o-que-precisa-saber. — Ele me observa. — Fale com o capitão da balsa sobre o resgate dos prisioneiros de Alcatraz, em seguida vá para a Fortaleza.

— E se...

— Quer você consiga convencer o capitão do resgate ou não, vá para a fortaleza. O número de pessoas que morrem aqui não é pior do que o que está acontecendo lá fora. Sua irmã é mais importante do que a libertação de prisioneiros em um abatedouro maior, que é o que o mundo será se não pudermos descobrir uma maneira de impedi-lo.

Isso fez o meu cérebro pensar.

— Por que é que Paige é tão importante? — Eu não posso evitar a desconfiança amarrada à minha voz.

— Ela é uma garota muito especial. Ela pode ser útil em nossa luta contra os anjos. Se você encontrá-la na fortaleza, traga-a de volta para mim. Eu vou trabalhar com ela. Eu vou ajudá-la, se puder.

— Ajudá-la como?

Ele esfrega a parte de trás do seu pescoço, olhando meio envergonhado, meio animado.

— Para ser honesto, eu não tenho certeza ainda. Eu alterei as crianças neste último lote na esperança de que eu poderia ser capaz de aumentar a nossa chance de sobrevivência como espécie. Um movimento desesperado em tempos de desespero. Os anjos me despedaçariam se souberem disso. Mas as crianças

alteradas têm sido dizimadas durante o ataque a fortaleza antes mesmo que eu tivesse a chance de ver se algo funcionou.

Ele caminha ao redor do pequeno escritório.

— Agora, você está me dizendo que sobra uma. Precisamos encontrá-la. Eu realmente não sei o que ela pode fazer, ou mesmo se funciona da maneira que eu acho. Mas é uma chance para a humanidade. Um chance minúscula mas isso é melhor do que o que temos agora.

Eu não confio nele mais do que eu confio em um anjo raivoso. Mas se ele pode me ajudar a encontrar Paige, eu sigo com seu plano por enquanto.

— Tudo bem. Ajude-me a encontrar Paige e eu vou trazê-la de volta para você.

Ele olha para mim como se soubesse que não confio nele.

— Deixe-me deixar isso bem claro. Nós não podemos ter alguém como Beliel no controle de sua irmã. Você entendeu? Sob o controle do Beliel, ela pode acabar sendo um dos principais instrumentos da nossa destruição. Você tem que atraí-la para longe dele. Ela pode ser a nossa última esperança.

Ótimo.

Antes de tudo isso acontecer, eu poderia realmente ter outra manhã de sábado, onde Paige e eu comemos cereais e assistimos a desenhos animados em nosso condomínio durante a calmaria pacífica antes de Mamãe se levantar. Nossa maior preocupação nas manhãs como aquelas era se ainda tínhamos de sobra nossos cereais favoritos no final da semana ou se teríamos que nos contentar com o tipo sem-açúcar.

— Se eu não sobreviver fora desta ilha, ou se você não puder me encontrar... — Dr faz uma pausa como se se alongasse em todas as coisas terríveis que poderiam acontecer com ele — vai depender de você descobrir o que ela pode fazer e se ela pode ajudar as pessoas. Se sua irmã não puder ajudar a humanidade, eu serei apenas um médico mau fazendo atos terríveis para o inimigo. Por favor, não me deixe ser essa pessoa.

Eu não tenho certeza se é comigo que ele está falando, mas eu aceno mesmo assim.

Ele acena de volta.

— Tudo bem. Venha comigo.



Saímos do coração da fábrica de monstros, pelo corredor de tijolos, e entramos em outro cômodo. Suponho que isso já tenha sido uma loja de presentes pela aparência dos cartões postais e chaveiros em um carrinho esquecido perto da porta.

No interior, vários criados humanos juntos com os prisioneiros. Os criados se destacam com seus rostos limpos, cabelo arrumado e roupas frescas. Há também um ar de confiança sobre eles que os prisioneiros não têm.

— Madeline — diz o doutor.

Uma mulher com linhas fortes e a aparência de modelo parecida com uma instrutora de balé caminha. Cada movimento é elegante e fluido, como se estivesse acostumada a estar no palco ou na passarela. O coque de seu cabelo grisalho só enfatiza os olhos cor de esmeralda.

— Você pode encontrar um lugar para ela? — Dr pede em voz baixa.

Madeline me olha dos pés à cabeça. Ela não está apenas olhando para mim para obter uma impressão rápida de quem eu sou. Ela avalia, absorvendo meu cabelo, minha altura, cada curva e plano do meu rosto. É como se ela estivesse me memorizando, catalogando os aspectos da minha aparência. Ela olha para trás na coleção de prisioneiros.

Os presos são todos do sexo feminino e estão em duplas. Há duas gêmeas combinando com o cabelo ruivo e pele rosada sardenta. O resto das duplas provavelmente não é de gêmeas, mas, à primeira vista, elas parecem ser. Um conjunto de mulheres com curvas e pele chocolate, um conjunto de meninas magras com cabelo mel em cascata para baixo dos ombros, um conjunto de mulheres altas, com os olhos e pele mediterrâneas.

Madeline olha ao redor da sala, depois olha de volta para mim.

— Tipo de corpo errado, idade errada — diz ela.

A porta se abre e um homem traz um par de meninas adolescentes. Cabelo escuro, maçãs do rosto salientes, pequenas como eu.

— Que tal isso? — Pergunta Dr.

Madeline balança seu foco de laser sobre as meninas. Então ela olha para mim.

— Estas duas combinam mais — diz o cara bronzeado que as trouxe, apontando para as garotas ao lado dele.

— Nós vamos ter que nos contentar com um presente — Madeline

acena com a cabeça para mim.

— Você vai dizer ao arcanjo que este é o melhor jogo que poderíamos encontrar? — Pergunta o rapaz.

Minha pele se arrepia ao ouvir a palavra “arcanjo”.

— Mesma coloração, mesmo tipo de corpo — diz Madeline. — Depois de uma maquiagem e um corte de cabelo, elas vão parecer gêmeas.

— Se não o fizerem, nosso pescoço também está em jogo, não apenas o seu — diz o cara.

Madeline olha para o doutor, que acena com a cabeça.

— Troque elas.

O rosto do rapaz escurece.

— Só porque ele está com o seu marido escondido em uma cela de prisão não significa que você pode trocar as nossas vidas pela sua sempre que o bom médico estala os dedos.

— Daniel, só faça o que está sendo pedido, por favor — a voz de Madeline comandava com uma pitada de ameaça.

Daniel respira fundo. Todo mundo olha para nós, sentindo a tensão.

Ele avalia as duas meninas, em seguida, pega uma pelo braço e a carrega.

A parte fria de mim diz — não pergunte —. Pelo que eu sei, é para meu benefício. E poderia ajudar a minha irmã.

— Você está mantendo algum refém?

Um dia desses, eu vou aprender a manter minha boca fechada.

— Nós somos todos reféns aqui — diz Dr. — Eu estou fazendo o que posso para manter uma pessoa viva.

Absorvo isso.

Eu o levo de lado e sussurro:

— Se a fuga da prisão não acontecer do jeito que deveria, você vai verificar se a minha mãe está segura?

— Sua mãe, a senhora correndo por aí acionando os alarmes?

Concordo com a cabeça.

— Eu não acho que eu posso prometer isso.

Surpreendentemente, eu me sinto melhor sobre sua resposta do que se ele tivesse prometido cuidar dela, porque é mais honesto.

— Você vai tentar?

Ele não parece feliz com isso.

— Paige vai ouvi-la também — Não é inteiramente verdade, considerando algumas das coisas que minha mãe nos diz para fazer, mas não preciso entrar em detalhes com ele.

Ele pensa sobre isso, então concorda.

— Eu vou tentar.

Isso é tão bom quanto eu posso esperar.

— E há uma mulher chamada Clara...

Ele balança a cabeça.

— Eu não sou um mágico. Eu não posso fazer o inferno que é Alcatraz ir embora. Um é tudo o que posso prometer para tentar manter a segurança.

Ele dá um passo para trás de mim e leva Madeline para o lado. Eles sussurram no canto, dando-me a oportunidade de compreender a situação.

A adolescente de cabelos escuros passa mais perto de mim. Ela tem a minha altura. Nós temos o mesmo número e o mesmo tom de cabelos e olhos escuros.

Combinando pares de meninas.

Arcanjo.

Uma imagem de Uriel, o político, andando pelo clube da fortaleza com suas mulheres iguais e aterrorizadas vem à mente.

Eu instintivamente acaricio minha espada-urso, tentando obter algum conforto com a pele macia, mas não há nada lá além do ar vazio.



O PASSEIO DE BALSA para San Francisco é tão quieto e sombrio quanto o que me levou para Alcatraz. A grande diferença é que humanos estão nos vigiando, ao invés de escorpiões.

Madeline e a tripulação dela andam ao redor, perguntando às duas dúzias de nós se podemos costurar ou desenhar trajes, ou se sabemos como fazer joias. Se respondermos sim, elas escrevem coisas em suas pranchetas. Eu não sei como fazer qualquer uma dessas coisas, mas elas não parecem se importar.

Eu já perdi a noção de quanto tempo passou desde meu último passeio nesta balsa. É alvorecer agora. O céu está tingido com o que eu sempre pensei como rosa avermelhado, mas que esta manhã parece mais a cor de uma nova contusão.

Eu tento ver se consigo falar com o capitão, mas os guardas firmemente me redirecionam para o banheiro. No meu caminho de volta, acho uma caneta e papel em uma prancheta pendurada na parede na escada. Então, eu passo o resto do passeio escrevendo o que eu quero dizer para o condutor do barco, no caso de eu ter de escorregar uma nota para ele, em vez de ser capaz de falar com ele.

Eu, cuidadosamente, formulo meu argumento para tentar ser tão persuasiva quanto posso. Quando eu termino, eu dobro o papel e o deslizo no bolso, esperando que eu não vá precisar dele. Vai ser muito melhor se eu puder persuadir o condutor em pessoa.

Uma vez que atracamos, saímos para a luz do sol, incapazes de acreditar que estamos livres de Alcatraz. Os escorpiões que foram feridos na noite em que fomos capturados estão longe de ser vistos. Sangue risca todo o cais lascado e dentro das sombras da madrugada.

Nossos guardas humanos não se desviam do curso pretendido, embora não existam escorpiões ou anjos ao redor.

— Por que você não corre? — Eu não posso evitar de perguntar a um dos guardas.

— E fazer o quê? — diz ele alto o suficiente para todos os prisioneiros ouvirem. — Lutar para furtar migalhas na lata de lixo? Não ser capaz de dormir porque eu tenho muito medo que anjos vão me caçar?

Ele olha em volta para todas as presas. Nós todas parecemos inseguras, hesitantes e perdidas. — Anjos podem machucar os outros, mas não a mim. As

criaturas deles saem do meu caminho quando eu passo por elas. Eu como três refeições completas a cada dia. Eu fico quente e protegido. E vocês também podem. Vocês foram escolhidas. Tudo que vocês têm a fazer é seguir instruções.

Ele deve ter sido um especialista em relações públicas no Mundo de Antes, a forma como ele transforma minha questão simples em um momento de propaganda. Percebo que ele não diz que ele é livre.

As pilhas de armas, bolsas e outros itens preciosos que foram deixados no cais parecem como se tivessem sido apressadamente selecionadas e estão espalhadas perto da doca. As únicas coisas que permanecem são as mais fracas das armas, sacos derrubados e brinquedos. Eu examino as coisas até que eu vejo as duas coisas que eu estou procurando.

O rastreador da mamãe está ao lado de uma bolsa, parecendo como um telefone celular desajeitado. E a espada de Raffe está perto dele, exatamente onde eu deixei, meio escondida sob uma mochila remexida com roupas derramando dela. O ursinho de pelúcia que ainda esconde a espada olha para o céu como se estivesse esperando Raffe voar baixo e resgatá-lo.

Alívio enorme me inunda. Eu corro para pegar o rastreador e a espada, abraçando o urso como um amigo perdido há muito tempo.

— Você vai ter que deixá-los aqui — diz Madeline. — Você não poderá levar nada para a fortaleza.

Eu deveria saber. Odeio deixá-los, mas pelo menos eu posso ser capaz de escondê-los. Os outros guardas me deixam sozinha, provavelmente percebendo que Madeline que tem algo comigo, e eles não querem ter problemas com ela.

Eu olho para o rastreador de mamãe. Na tela, minha seta aponta para o cais de San Francisco. A seta de Paige aponta para perto da Half Moon Bay, na costa do Pacífico.

— Onde está a nova fortaleza? — pergunto a Madeline.

— Half Moon Bay — diz ela.

Paige está realmente procurando Beliel? Eu fecho meus olhos, sentindo-me como se tivesse sido apunhalada no estômago.

Eu desligo o rastreador. Eu quero muito levar ele e a espada comigo, mas eu não tenho uma escolha. Por mais que eu queira esconder o rastreador, eu quero que a minha mãe o tenha se eu não puder mantê-lo.

O mundo está cheio de telefones abandonados. As chances das pessoas deixarem o rastreador para lá são muito boas. Eu o desligo e coloco de volta onde eu encontrei, me forçando a me afastar.

A espada, por outro lado, precisa ser escondida. Tive sorte que os saqueadores estavam, provavelmente, em uma pressa enorme, caso contrário eles

teriam notado que o vestido do urso é muito grande. Eu não posso resistir a dar ao urso um carinho final antes de escondê-lo com a espada sob uma pilha de madeira e telhas que antes eram parte de uma loja.

Estou prestes a deixar a espada quando minha visão oscila e se desvanece.

A espada quer me mostrar alguma coisa.

EU ESTOU NA suíte do hotel de vidro e mármore da velha fortaleza, onde Raffe e eu passamos algumas horas juntos. Este deve ser o momento depois de visitarmos o clube clandestino e antes do transplante de asa dele.

O chuveiro está funcionando, no outro extremo da suíte. Aqui seria pacífico e elegante, exceto pela vista panorâmica de San Francisco de paisagem urbana carbonizada dominando a sala de estar.

Raffe sai do quarto, parecendo fantástico em seu terno. Com o cabelo escuro, ombros largos e construção muscular, ele parece melhor do que qualquer estrela de cinema que eu já vi. Ele parece um cara que pertence a uma suíte de hotel de mil dólares por noite. Cada movimento, cada gesto transmite elegância e poder.

Algo chama a atenção dele e ele caminha para a janela. Uma formação de anjos voa sob a lua. Ele se inclina em direção ao vidro, quase pressionando o rosto nele, conforme olha para os anjos. Cada linha dele me diz que ele anseia por voar com eles.

Eu suspeito que seja mais do que apenas querer as asas dele de volta. Nós, uma vez, tivemos peixes exóticos em uma bacia que Paige e eu tínhamos decorado com conchas. Meu pai nos disse que sempre tínhamos que ter certeza de que havia pelo menos dois peixes na bacia, porque algumas espécies precisavam pertencer a um grupo. Se um deles fosse deixado sozinho tempo suficiente, ele morreria de solidão.

Eu me pergunto se os anjos são assim.

Quando os anjos desaparecem no céu noturno além da lua, Raffe vira de lado e olha para o seu reflexo na janela. As asas que espreitam através das fendas no paletó dele parecem com as outras asas que eu vi nos anjos no clube no andar de baixo, mas não são. As asas cortadas estão amarradas sob as roupas dele e arrumadas para parecem normais.

Ele fecha os olhos por um momento, engolindo a tristeza dele. Estou tão acostumada a ver Raffe com sua cara de jogador que é difícil vê-lo assim.

Ele respira fundo e deixa sair lentamente. Em seguida, ele abre os olhos. Ele está prestes a se afastar da janela quando vê algo em sua camisa branca.

Ele arranca isso e levanta. É um fio de cabelo. Ele passa os dedos ao longo dele. É escuro e longo e parece com o meu.

Os lábios dele se contorcem como se fosse engraçado pensar sobre como o meu cabelo poderia ter acabado em sua camisa. Meu palpite é que deve ter acontecido quando eu o beijei no corredor lá embaixo no clube. Ele acha que é divertido.

Se eu tivesse um corpo neste sonho, minhas bochechas estariam queimando. É constrangedor apenas pensar nisso.

Ele caminha até o balcão de mármore forrado com garrafas de vinho. Ele olha por baixo e vem com um pequeno pacote de costura do hotel. Por que qualquer um que pode pagar um quarto como este, gostaria de ter um conjunto de emergência de linhas e botões, eu não sei, mas está lá. Ele rasga o pacote para abrir e pega a linha. É o mesmo branco neve que as asas dele.

Ele segura a linha e o cabelo juntos e os gira com o polegar e o indicador, de modo que os dois fios se entrelacem.

Segurando as pontas juntas, ele os passa por cima da espada que está sobre o balcão e envolve o fio em torno do cabo da espada.

— Pare de reclamar — diz ele à espada. — É para dar sorte.

Sorte. Sorte. Sorte.

A palavra ecoa na minha cabeça.

EU COLOCO minha mão na doca lascada para me equilibrar. O mundo vem de volta ao foco enquanto eu respiro fundo.

Raffe realmente mantém uma mecha do meu cabelo?

Difícil de acreditar.

Eu olho atentamente para o punho da espada. Por incrível que pareça, lá está, no punho na base do guarda mão. Linha branca neve misturada com escuro da meia-noite.

Eu corro meu dedo sobre o cabelo-linha e fecho meus olhos. Eu penso sobre Raffe fazendo a mesma coisa enquanto sinto a textura alternada da linha e do cabelo contra o meu dedo.

Foi a espada me desejando sorte?

Eu sei que ela sente falta de Raffe. Se eu não voltar, eu acho que ela não tem chance de, alguma vez, vê-lo novamente. Mesmo que se una com alguém, essa pessoa não terá qualquer ligação com ele e nenhum conhecimento do que ela é. Então, talvez tenha uma razão para me desejar sorte, juntamente com um pequeno lembrete de Raffe.

Eu odeio deixar a espada, mas eu não tenho nenhuma escolha. Eu a cubro, urso e tudo, com telhas quebradas e tábuas estilhaçadas.

Eu me levanto e vou embora, sentindo-me nua. Eu espero que os saqueadores não tenham o luxo de cavar através de pilhas de escombros por tesouros escondidos.

47

NO MOMENTO em que o capitão sai do barco, o nosso grupo está sendo guiado para uma pequena caravana de vans, SUVs e um pequeno ônibus escolar. Madeline escolta o capitão para um daqueles odiosos contêineres de barco. Eu casualmente me junto a eles.

— Há uma fuga planejada para hoje à noite — eu digo em voz baixa.

Ele olha para mim, depois para Madeline, em seguida, volta para mim. Ele é mais jovem do que eu esperava – provavelmente não mais do que trinta – com um rosto limpo e uma cabeça completamente careca. — Boa sorte para você. — A voz dele não é hostil, mas não é convidativa também.

Madeline desbloqueia o contêiner de transporte e balança as portas de metal abertas. Tem prateleiras repletas de sopa e legumes, juntamente com fileiras de bebidas alcoólicas e livros. Luzes movidas a bateria ficam no canto e uma cadeira estofada está ao lado de uma pequena mesa lateral. Pelos padrões do Mundo de Depois, é francamente acolhedor.

— Eles precisam de você para levar o navio de volta e pegar os prisioneiros — eu digo. A expressão dele é cética, então eu me apresso antes que ele possa dizer não. — Vai ser totalmente seguro. Todos os escorpiões e anjos terão ido. Eles têm uma missão hoje à noite.

Ele dá um passo para dentro do contêiner e liga as luzes. — Nada é totalmente seguro. E essa balsa me mantém vivo e alimentado. Eu não posso arriscar. Eu não vou te dedurar, mas eu não vou deixar ninguém tocar na balsa, também.

Eu olho para Madeline para obter ajuda. — Você pode falar com ele? Quero dizer, você tem alguém preso na ilha também, certo?

Ela olha para baixo, recusando-se a encontrar meus olhos. — O doutor irá mantê-lo seguro por tanto tempo quanto eu o ajude com os pequenos projetos dele. — Ela encolhe os ombros. — Nós precisamos ir.

Eu olho de Madeline para o capitão, que agora está servindo-se de uma bebida. — Este é sua chance de fazer a diferença, — eu digo. — Você pode salvar todas aquelas vidas. Compensar por qualquer coisa que você sentiu que tinha que fazer para sobreviver. Você sabe o que acontece lá.

Ele bate o copo sobre a mesa. — Onde você a encontrou, Madeline? O que nós passamos não é ruim o suficiente sem a Pequena Miss Chata nos dando sermões?

— É a coisa certa a fazer — eu digo.

— A coisa certa é um luxo para ricos e pessoas abrigadas. Para o resto de nós, a única coisa certa é ficar fora de problemas e sobreviver o melhor que pudermos. — Ele senta na cadeira e abre um livro, sugestivamente não olhando para mim.

— Eles precisam de você. Você é o único que pode ajudá-los. Minha mãe e minha amiga –

— Saia antes que você me convença a te delatar apenas para me livrar de você. — Ele tem a decência de parecer desconfortável sobre isso.

Madeleine fecha a porta. — Eu vou deixa-la destrancada.

— Isso é bom — diz ele com uma voz que deixa claro que ele acabou a conversa.

Eu tinha subestimado completamente o quão difícil seria convencer alguém a arriscar sua vida pelos outros. Quaisquer que sejam as questões que a Resistência tem, eles teriam se reunido em torno de uma causa como esta.

— Qualquer outra pessoa pode dirigir o barco? — pergunto à Madeline.

— Não sem afundá-lo tentando sair da doca. Você não pode fazer alguém ser um herói. Deixei a porta aberta para Jake, caso ele mude de ideia.

— Isso não é bom o suficiente. Eu preciso encontrar alguém para levar o barco de volta hoje à noite.

Daniel, assistente de Madeline, enfia a cara bronzeada para fora da janela do ônibus. — Vamos lá!

Madeline pega o meu braço e me puxa para o ônibus. — Vamos. Não é mais nosso problema.

Eu me arranco fora do alcance dela. — Como você pode dizer isso?

Ela puxa uma pequena pistola do bolso e aponta para mim. — Eu disse ao médico que eu te levaria para a fortaleza e é isso que eu vou fazer. Sinto muito, mas a vida do meu marido depende disso.

— Muitas vidas podem ser salvas, incluindo a do seu marido, se pudermos apenas –

Ela balança a cabeça. — Não há ninguém mais que pode conduzir a balsa. E mesmo que encontrássemos alguém, ele não iria arriscar sua vida mais do que Jake faria. Eu não vou jogar a vida do meu marido fora por um plano de fuga que é pura fantasia. Vamos. Agora. — Ela tem um brilho determinado nos olhos como se estivesse pronta para atirar no meu braço e me arrastar para o ônibus.

Relutantemente, sigo em direção ao ônibus com Madeline.

48

NÓS TECEMOS o caminho através dos carros abandonados para a Interestadual 280 e seguimos para o sul. Quanto mais longe ficamos do cais, pior eu me sinto sobre o plano de fuga de Alcatraz. Capitão Jake parecia muito confortável com a posição dele como capitão escravo. Existe alguma chance de que ele possa jogar fora a situação que tem estado mantendo-o vivo e arrisque sua vida para resgatar as mesmas pessoas que ele transportou para a morte?

Há uma pequena chance de que ele poderia. Ele é humano e os humanos, por vezes, fazem coisas assim.

Mas é mais provável que ele vai beber constantemente durante todo o dia, até que ele esteja em um estado de estupor induzido por culpa quando os escorpiões decolarem em sua missão.

Isso é demais. Mamãe e Paige são demais. A espada e Clara e todos aquelas pessoas em Alcatraz...

Eu empurro tudo para o cofre na minha cabeça e mentalmente me inclino forte para fechar a porta. Eu tenho um mundo inteiro lá agora. Eu não posso me dar ao luxo de abrir sem o sério risco de ser esmagada por todo o material que vai se derramar. Alguns dos meus amigos tinham terapeutas no Mundo de Antes. O que eu tenho naquele cofre precisaria de toda a carreira de um terapeuta para resolver.

Sentada na parte de trás do ônibus, eu olho para fora pela janela aberta sem realmente ver alguma coisa. É tudo um borrão de carros mortos, lixo, edifícios queimados e quebrados.

Até que dirigimos com cautela por duas SUVs pretos.

As SUVs têm motoristas neles, mesmo que estejam estacionados. Eles estão vigiando, e parecem prontos para se mover em um instante de aviso. Três homens estão brincando com algo sobre o solo ao lado da estrada. É tão pequeno que não posso ver claramente.

Conforme passamos por eles, eu consigo dar uma boa olhada nos motoristas. No início, eu não os reconheço por causa do cabelo recém-loiro. Mas os rostos sardentos de Dee e Dum são inconfundíveis.

Eu me lembro da carta que escrevi para o capitão da balsa, no caso de eu não ter tempo suficiente para falar com ele. Eu a arranco para fora do meu bolso e encaro firme os gêmeos, desejando que eles me vejam. Eles estão nos observando cuidadosamente enquanto passamos, e seus olhares se prendem em

mim.

Eu movo meu corpo para bloquear os guardas de verem o que eu estou fazendo. Eu ergo a carta para me certificar que Dee e Dum a vejam e então eu a deslizo para fora da janela.

Ela cai no chão, mas os olhos deles não a seguem. Em vez disso, eles mantêm a calma e continuam a vigilância do resto do ônibus. Eles não saem de seus carros para buscá-la, embora eu tenha certeza de que eles viram a carta cair.

Eu casualmente olho para os guardas, para ver se alguém notou o que eu fiz. A única me observando é a minha menina-sósia sentada ao meu lado, e ela não parece como se estivesse prestes a contar para alguém. Todo o resto está observando o grupo da Resistência com uma intensidade que beira a paranoia, se alguma coisa ainda pudesse ser chamada de paranoica.

Todos nós observamos os caras ao lado da estrada, até que eles encolhem para um ponto. Meu palpite é que eles estão instalando câmaras de algum tipo para o sistema de vigilância deles em volta da Área da Baía. Faz sentido que eles possam querer algumas câmeras ao longo das rodovias.

Demora um tempo para meu coração voltar ao ritmo normal, e eu realmente tenho que suprimir um sorriso. Eu nunca pensei que eu imaginaria coisas boas sobre a Resistência novamente. Mas se alguém vai arriscar o pescoço e fazer um grande resgate, serão aqueles caras. Nenhuma garantia de que vai acontecer, mas com certeza é melhor do que contar com Capitão Jake Cuide-De-Si-Mesmo-Em-Primeiro-Lugar.

49

HALF MOON BAY é delimitada por uma praia em forma de meia-lua na costa do Pacífico. Os terremotos e tempestades do mar destruíram a costa até o ponto de estar irreconhecível. Half Moon Bay agora parece mais como uma Baía de Crateras da Lua{14} com todos os recentes entalhes e impactos ao longo da costa.

A nova fortaleza é um hotel elegante que costumava estar fixado nos penhascos com vista para o oceano. Agora está fixado em um pedaço de terra que, milagrosamente, não foi levado embora com o resto dos penhascos que o rodeiam. Uma ponte de terra estreita liga o que sobrou da baía com o hotel da ilha, fazendo todo o lugar parecer como um buraco de fechadura.

A ponte de terra não é a antiga estrada que costumava levar para o hotel. Deve ter, uma vez, feito parte do campo de golfe. Fosse o que fosse, o caminho é tão instável e nervoso quanto minhas emoções conforme nos aproximamos do espaçoso hotel tipo fazenda. Estando tão perto do mar, é incrível o hotel estar intacto.

Nós dirigimos através da entrada principal, que dá de cara com um grande caminho circular com uma fonte de cor clara que, estranhamente, ainda está funcionando. A entrada está no fim de uma estrada, que agora leva a um penhasco.

Nos conduzimos para o terreno do lado, onde o pavimento ainda é sólido e a maior parte do campo de golfe estende-se sobre a espetacular vista para o oceano abaixo. A grama está verde e cortada, como se ainda fosse o Mundo de Antes.

A única coisa estragando a ilusão é uma piscina vazia, pendurada no meio do caminho do penhasco, à beira do terreno. Conforme passamos por ela, uma onda grande e assustadora colide contra o penhasco, ventilando um espetacular spray e levando um pedaço da piscina com ela, conforme recua.

O edifício principal parece uma propriedade rural de um romance do período da Regência. Logo que paramos, somos conduzidos para a porta de entrada traseira. Nós subimos as escadas e entramos em um salão de banquetes cor creme-e-ouro, que tem sido transformado no que parece os bastidores de uma peça de teatro.

Araras de trajes estão em toda parte. Vestidos estilo flapper, semi-máscaras com penas de pavão e avestruz, chapéus e fitas brilhantes de cabelo

dos anos 1920, ternos Zoot, ternos risca de giz e smokings elegantes. Como se isso não fosse suficiente, haviam asas de fada feitas de gaze de todas as cores penduradas em todas as prateleiras e luminárias ao redor da sala.

Um exército de pessoas de uniformes de hotel faz rebuliço sobre os trajes e as mulheres em choque. Mulheres e meninas se sentam na frente de espelhos, colocando maquiagem ou sentadas em silêncio enquanto alguém trabalha nelas. Também há mulheres sendo vestidas e, em seguida, desfilando na frente do pessoal com glamorosos vestidos Speakeasy{15} e saltos à moda antiga.

Maquiadores correm de uma estação espelhada para outra com pó e pincel na mão. Uma estação tem tanto spray de cabelo e perfume no ar que parece que um nevoeiro se mudou para aquele local.

Trajes estão sendo rolados ao redor tão rápido que é incrível que eles não estejam batendo um contra o outro. Eles dão a impressão de penas e lantejoulas fechando toda a sala com energia nervosa. Todo mundo está visivelmente nervoso.

Há muitas mulheres aqui para servirem como troféus gêmeos de Uriel. Embora deva haver pelo menos uma centena de pessoas, dificilmente alguém está falando. A tensão é mais parecida com a de uma casa funerária do que uma sala de preparação para uma festa elaborada ou jogo ou o que quer que seja isso.

Eu fico na entrada, olhando. Eu não tenho nenhuma ideia do que eu tenho que fazer. Eu gosto do caos. Poderia me dar uma chance de me esgueirar para longe e procurar por Paige ou Beliel. Fica ainda melhor quando Madeline parece esquecer-se de nós e marcha para dar ordens a um grupo de cabeleireiros.

Eu derivo em torno da sala entre as fitas e brilhos. As únicas conversas sussurradas que eu ouço repetem o mesmo mantra: — Arranje para si um anjo protetor, ou então...

Eu me encontro me fundindo no grupo de mulheres combinando que estão sendo preparadas em um canto do salão. Minha sósia já está lá. As mulheres são maquiadas em pares para parecerem gêmeas idênticas, o que várias delas são.

Então é por isso que as mulheres troféu de Uriel pareciam tão apavoradas quando eu as vi na última fortaleza. Elas tinham sido apresentadas às celas de prisão de Alcatraz e provavelmente tinham conhecido os horrores que as esperavam se não agradassem Uriel. Eu pensei que a cena no clube da fortaleza era surreal quando eu estava lá, mas agora eu percebo o quão insano a coisa toda deve ter sido para as meninas que vieram daquela fábrica do pesadelo.

Logo quando eu acho que nós ficamos sozinhas o suficiente para eu passar despercebida, Daniel, o assistente de Madeline, corre para falar com ela. A voz dele é carregada sobre o silêncio assustador.

— “Morenas. Pequenas, mas bem proporcionadas” — ele diz. — Daniel dá a ela um olhar de eu-te-disse.

Madeline verifica o grupo de meninas em pé em pares. Todo mundo congela como um coelho à espera de um falcão para arrebatar para baixo. Todas as meninas tentam escapar da observação de Madeline encolhendo e olhando para qualquer lugar, menos para ela.

Ela olha para mim e meu par combinando, Andi. Somos as menores das morenas. Os lábios dela se afinam em uma linha teimosa.

— Você não vai arriscar a todos nós de verdade, vai? — pergunta Daniel. Ele soa como se achasse que ela iria. — Nós temos que dar a ele a coisa mais próxima que temos do que ele quer. Você sabe disso. — O medo vibra nele através da intensidade dos olhos e a tensão dos ombros dele.

Madeline fecha os olhos e toma uma respiração profunda. Quem quer que Doutor esteja protegendo deve ser muito especial para ela.

— Ok — ela expira. — Deixe-as prontas.

Daniel olha para nós. Todas seguem seu olhar e nos observam. Eu não gosto da mistura de simpatia e alívio nos olhos delas.

Ganhamos atenção especial, embora os trabalhadores pareçam exaustos e atormentados. Após um turbilhão de banhos, loções, perfumes, cortes de cabelo, vestidos e grandes reformas, nós ficamos na frente de Madeline.

Nossas máscaras são maquiagem brilhante, ao invés de um disfarce de plástico. Fitas divertidas, do azul e prata da maquiagem, se enrolam umas com as outras em nossas testas e se curvam em torno de nossos olhos e sobre as nossas bochechas.

Nós usamos vestidos combinando com cortinas de seda, da cor Borgonha, que se agarra a cada curva. Fitas de cabelo com plumas de penas de pavão. Meias calças de nylon, na altura da coxa, com elásticos para mantê-las para cima. Saltos simétricos, brilhantes e lindos, mas desconfortáveis.

As pessoas estão lutando por suas vidas nas ruas, e eu estou aqui cuidando das minhas maneiras em saltos de dez centímetros que apertam meus dedos dos pés.

Madeline anda em um círculo lento em torno de nós. Eu tenho que admitir, nós parecemos gêmeas. Meu cabelo foi cortado no comprimento do ombro de Andi, e há tanto laquê nele que precisaria de ventos com força de um furacão para desajustar um fio dos cachos correspondentes enrolados em torno das nossas cabeças.

— Toque legal com os cílios — diz Madeline. Nós usamos longos cílios falsos tingidos de prata nas pontas. Duvido que Uriel se lembraria de mim do breve vislumbre no porão da antiga fortaleza, mas é reconfortante saber que

mesmo a minha própria mãe provavelmente não me reconheceria agora.

Madeline assente depois que ela termina sua inspeção. — Venham comigo, meninas. Vocês vão pegar o próximo turno com o arcanjo.

50

A SUÍTE DE URIEL é espetacular. A sala de estar é enorme – o tipo de coisa que você vê em filmes de Hollywood. Duas das paredes são revestidas com grandes janelas que dão a uma deslumbrante vista de 180 graus do oceano. Um banco de nevoeiro está rolando no horizonte, enrolando e caindo por cima da água. A vista é de tirar o fôlego, e não podemos deixar de desacelerar para nos embasbacar assim que nossos saltos batem no tapete de pelúcia.

— Por aqui, meninas — diz Madeline. Ela caminha para a grande mesa que fica em um dos lados da sala, além dos sofás de couro bege e cadeiras. Ela aponta para os dois lados da mesa na parede. — Enquanto o arcanjo está em sua suíte, vocês ficam nestes dois lugares. Não se movam a menos que ele lhes diga para se moverem. Não *como* uma estátua – você *é* uma estátua. Vocês estão autorizadas a respirar, mas é só isso. Entendido?

Nós caminhamos para nossos lugares. Há um sutil pedaço de fita adesiva no chão que marca onde deveríamos ficar.

— Vocês são artes vivas. Vocês são os troféus do arcanjo, e vocês vão permanecer em cada lado dele enquanto ele se senta.

Tomamos nossas posições. Madeline se endireita, estufando o peito, soltando um ombro e enfatizando suas curvas para nos mostrar como devemos parecer. Nós a imitamos. Ela vem e nos ajusta, colocando uma mão na minha coxa, inclinando minha cabeça, arrumando meu cabelo. Eu vi vendedoras fazerem isso com seus manequins.

— Quando o arcanjo deixar a suíte, vocês o seguem. Fluem em torno da mesa e todos os obstáculos em uníssono. Caminhem dois passos atrás dele em todos os momentos. Se vocês se encontrarem ficando para trás, não corram. Gentilmente aumentem o seu ritmo até que você estejam acompanhando-o. Graça em todos os momentos, senhoritas. Suas vidas dependem disso.

— E se a gente precisar ir ao banheiro? — pergunta Andi.

— Segure. A cada poucas horas, você vai ter uma rápida pausa para alimentação e ir ao banheiro. Alguém da nossa equipe virá para você com alimentos e kits de maquiagem para refrescar o seu cabelo e maquiagem durante esses momentos. Às vezes, o arcanjo vai se lembrar de te dar uma pausa antes de uma longa reunião. Ele pode ser bom com seus animais de estimação, enquanto eles fizerem o que eles deveriam fazer. — A voz dela faz com que seja claro que isto é um aviso e não uma garantia.

Ela caminha até o outro lado da mesa e nos olha criticamente, enquanto mantemos nossas posições artificiais. Ela assente e nos diz para irmos ao banheiro. Quando voltamos, assumimos nossas poses sem a sua ajuda. Ela olha para nós de novo e faz pequenos ajustes.

— Boa sorte, meninas. — Ela soa sombria.

Ela se vira e sai da suíte.

FICAMOS ali por quase uma hora antes que a porta se abra. É tempo suficiente para que eu me preocupe com todas as razões possíveis pelas quais Uriel nos quer aqui. Eu estou no meio de outro pensamento deficiente e descuidado de um esquema que arrisca não só a minha vida, mas todas as outras vidas ao meu redor. Como eu vou me esgueirar para fora e encontrar Paige, enquanto eu estou sendo uma decoração para Uriel?

Nós murchamos com o tempo conforme os minutos se arrastam. Mas, assim que ouvimos vozes do lado de fora, eu posso ver com o canto do meu olho que Andi se ajeita tanto quanto eu. Meu coração martela tão rápido que eu realmente posso ver meu peito vibrando.

A porta se abre e Uriel caminha para dentro. O sorriso amigável dele parece genuíno, atingindo os olhos. No brilho do oceano que vem através das janelas, as asas dele parecem quase brancas de novo. O que parecia um toque de escuridão na doca em Alcatraz agora se parece com um blush de calor nesta luz rosada. Eu acho que o sol de final da tarde refletindo na água pode fazer até mesmo um assassino como ele parecer jovial. Não é de admirar que todo mundo quer viver na Califórnia.

— ... devemos ter os relatórios dos laboratórios secundários amanhã. — Uma mulher caminha atrás dele. Cabelo como ouro fiado em cascata sobre os ombros. Características perfeitas. Grandes olhos azuis. A voz de... bem, um anjo. Laylah.

Cada um dos meus músculos fica tenso e eu me preocupo que eu vou tombar em meus saltos altos com todo esse enrijecimento. Laylah. A médica-chefe que operou Raffe. Aquela que deveria ter costurado as asas dele de volta e, em vez disso, costurou asas de demônio nas costas dele. Eu me pergunto se pela satisfação de um grande soco na mandíbula perfeita dela valeria a pena morrer uma morte horrível.

— O que está demorando tanto? — pergunta Uriel conforme fecha a porta.

Laylah dá a ele uma encarada de olhos arregalados, parecendo ferida e irritada ao mesmo tempo. — É um milagre estarmos tão longe quanto estamos. Você sabe disso, certo? Em apenas dez meses, nós conseguimos deixar uma

máquina apocalíptica inteira funcionando.

Dez meses?

— A maioria dos projetos mal estariam sendo começados naquele tempo. Uma equipe normal ainda estaria experimentando com seu primeiro lote e estariam anos, talvez décadas, distante de ter uma horda de gafanhotos maduros que estão prontos para atacar o mundo. Minha equipe está quase morta de cansaço, Uriel. Eu não consigo acreditar –

— Relaxe — diz Uriel. A voz dele é calmante, a expressão gentil.

A invasão dos anjos aconteceu menos de dois meses atrás. Eles tinham criado laboratórios meses antes da invasão?

Ele a guia para o sofá de couro e a senta nele. Ele descansa na cadeira ao lado do sofá e coloca os pés na mesa de café de mármore.

As solas pretas dele parecem sujas ao lado da garrafa de vinho e flores dispostas em cima da mesa. De outra forma, eles fazem uma bela imagem. Dois anjos requintados descansando na mobília cara.

Uriel respira fundo. — Respire. Desfrute as maravilhas da Terra de Deus. — Ele orgulhosamente varre a mão para as janelas com vista para o surfe espetacular como se ele tivesse algo a ver com isso. Ele toma mais uma respiração profunda, como se para mostrar a ela como se faz.

Laylah segue a liderança dele e respira profundamente um par de vezes. Até agora, nenhum dos dois anjos tem olhado para nós mais do que olharam para a mesa de jantar. Somos apenas móveis para eles.

Eu mantenho meus olhos fixos em um ponto na estante de livros, condizente com uma estátua. A última coisa que eu quero é que eles percebam que eu estou observando-os. De acordo com meu sensei, é melhor você observar seus inimigos através de sua visão periférica, de qualquer maneira.

— Se eu não achasse que você pode liderar este projeto, eu não teria te pedido para dirigi-lo. — Uriel pega a garrafa de vinho e remove a rolha no topo. — Não há melhor quimerologista do que você, Laylah. Todos nós sabemos isso. Bem, todo mundo, além de Gabriel sabia disso.

A voz dele tem uma pitada de sarcasmo quando ele menciona o Mensageiro. — Ele nunca deveria ter nomeado aquele idiota senil, Paean, como Médico-Chefe do reino. Deveria ter sido você. E vai ser assim quando eu for eleito o Mensageiro. Talvez possamos até mesmo alterar seu título para Criador-Chefe.

Os lábios perfeitos de Laylah se separam em surpreendido prazer. Oh, ela gostaria daquilo.

— Se Paean tivesse sido responsável por este projeto — diz Uriel enquanto trabalha com o saca-rolha mais profundamente na rolha, — ele teria

começado com culturas celulares e estaríamos esperando anos antes que algo acontecesse.

— Séculos — diz Laylah. — Ele acha que tudo deve começar com culturas celulares só porque essa é a especialidade dele.

— Os métodos dele estão eras desatualizados. Você, por outro lado – eu sabia que você conseguiria passar através disto. Você é um gênio. Por que se preocupar com a construção de uma espécie de baixo para cima quando podemos misturar e combinar o que já está lá fora? Não que isso não seja extremamente complicado. — Ele estoura a rolha. — Seu trabalho é absolutamente brilhante. E eu sei que este projeto está progredindo numa velocidade inacreditável, quebrando recordes.

Ele assente. Fixa-a com um olhar.

— Mas eu preciso que vá mais rápido. — O aspecto amigável dele endurece em algo inflexível. Ele derrama um copo de vinho tinto. Parece um fluxo de sangue se acumulando no copo.

— E eu sei que você pode fazer isso, Laylah. — A voz dele é suave, encorajadora, mas com um tom de comando. — Eu não teria lhe dado o trabalho se eu não achasse que você poderia fazê-lo acontecer. Triplique sua equipe, corte os cantos, faça nascerem gafanhotos prematuramente se você tiver que fazer. — Ele entrega a ela o copo e derrama um para ele mesmo.

— Triplicar o meu pessoal com quem? Mais seres humanos? Eu poderia muito bem tentar treinar cães para trabalhar com a gente por tudo o que eles sabem sobre criação de espécies.

— Esta área do globo é a melhor que os humanos têm a oferecer. Isso é o que você disse. É por isso que estamos aqui neste lugar sem alma, ao invés de em Meca ou Jerusalém ou a Cidade do Vaticano, onde os moradores teriam se ajoelhado e nos tratado com o adequado respeito do mundo antigo. Em vez disso, optamos pelos equipamentos, laboratórios, os biólogos altamente treinados. Lembra? — Ele toma um gole. — Foi você quem quis vir aqui. Assim, faça isso funcionar, Laylah.

— Eu estou fazendo o meu melhor. — Ela toma um gole, manchando os lábios de vermelho escuro. — O mais recente lote de gafanhotos têm os dentes de leão e cabelo de mulheres que você pediu, mas não podem mexer a boca corretamente. Se você os quiser mais próximos da descrição bíblica, precisamos de mais tempo.

Ele pega um charuto de uma caixa sobre a mesa de café e oferece a ela. — Charuto?

— Não, obrigada. — Ela cruza suas pernas de modelo, o que enfatiza as graciosas curvas e linhas enquanto ela descansa no sofá. Ela se parece com

uma rendição artística da forma feminina perfeita, mais como uma deusa do que um anjo.

— Tente um. Você vai gostar.

Presumo que ela vai dizer não. Mesmo eu posso dizer que um gordo charuto com ponta de cinzas não faria um bom acessório para ela. Mas ela hesita.

— De verdade, quem sabia que o néctar dos deuses estava destinado a ser fumado, em vez de sorvido? Não é de admirar que muitos do nosso escalão superior se entregaram a isso.

Ela se inclina para frente para tomá-lo. As costas dela se tornam rígidas. As pernas parecem desconfortáveis na nova posição. Os dedos parecem inseguros e desajeitados enquanto ela acende a ponta marrom.

— Os gafanhotos não precisam ser perfeitos — diz Uriel. — Eles só precisam simular um bom show. Eles nem sequer precisam sobreviver muito – só tempo suficiente para causar estragos, torturar humanos do bom e velho jeito, o estilo bíblico, e escurecer o céu com seus números.

Laylah toma um sopro. Eu espero que ela tussa como um amador, mas ela não tosse. Ela se aproxima de franzir o nariz, no entanto. — Vou tentar acelerar as coisas.

— Tentar não é um compromisso. — A voz de Uriel é suave, mas firme.

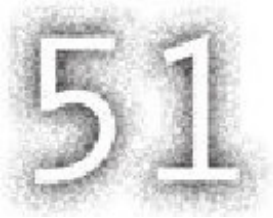
Ela respira fundo. — Eu não vou te desapontar, Arcanjo.

— Bom. Eu nunca duvidei disso. — Ele sopra fumaça. Deve ser um bom charuto. Ele parece satisfeito. Ele se levanta e Laylah segue. — Devo fazer as rondas na festa. As coisas provavelmente estão prestes a ficar um pouco selvagens lá embaixo. Quando você vai se juntar às festividades?

Laylah parece ainda mais desconfortável, se isso é possível. — Eu preciso voltar ao trabalho. Minha equipe precisa de mim.

— É claro que eles precisam de você. Mas eles terão que gerenciar sem você por uma noite. Parte do trabalho de ser Médico-Chefe é frequentar grandes cerimônias. E acredite em mim, esta vai entrar para a história. Você não vai querer perder isso. — Uriel a encaminha para a porta. — O macaco chamado Madeline vai ver sua aparência.

— Sim, Sua Graça. — Laylah quase foge para fora.



PELAS próximas duas horas, Uriel se arruma para a festa. Aparentemente, é outra fantasia de traje de época, só que desta vez, parece que o objetivo é realmente estar semi-disfarçado.

— Deixe as máscaras e revestimentos de asa disponíveis em todos os lugares — ele diz ao seu anjo assistente enquanto Madeline e duas outras pessoas cobrem as asas de coloração cinza dele com um material branco transparente. Mesmo que seja Madeline e sua equipe que arrumariam os trajes para os anjos, Uriel se dirige apenas ao assistente angelical dele. — Eu quero que todos os anjos se sintam anônimos. E as Filhas dos Homens – se certifique de que elas estejam usando asas.

— Asas? — pergunta o assistente. As asas dele são de um tom azul céu e eu posso entender por que os anjos precisariam cobrir suas asas se realmente querem estar disfarçados. — Mas, Vossa Graça, se me permite. Com todo o vinho e fantasias, as Filhas dos Homens podem ser confundidas com anjos por alguns dos soldados bêbados.

— Isso não seria uma vergonha? — O tom de Uriel implica que não seria uma vergonha de forma alguma.

— Mas se alguns dos soldados estiverem cometendo um erro... — ele rompe com delicadeza.

— Então é melhor que eles rezem para que eu me torne o Mensageiro e não Michael. Ao contrário de Michael, que está fora em uma de suas intermináveis campanhas militares em todo o mundo, eu vou frequentar a festa. Eu estarei aqui para entender como um erro tão terrível pode ser cometido. E, quanto ao Raphael, mesmo que eles não aceitem que ele caiu, eles certamente se lembrarão de quão maçante ele ficou acerca de confraternizar com as Filhas dos Homens, depois que os Vigilantes dele caíram fazendo exatamente isso.

Madeline e suas assistentes colocam uma camada de penas pretas sobre as asas de Uriel, de modo que o material branco espreita para fora entre as lacunas de penas.

— O que você está fazendo? — pergunta Uriel, irritado.

Madeline olha com olhos arregalados para o assistente de Uriel, parecendo aterrorizada que Uriel se dirigiu a ela. Em seguida, ela se curva e tenta se encolher em si mesma. — Eu, hum, pensei que você queria estar na fantasia. Vossa Graça. — Estou começando a suspeitar que apenas o Mensageiro

pode ser chama-lo de “Vossa Graça”, e que os bajuladores dele o chamam assim para agradá-lo.

— Eu vou usar uma máscara e revestimentos de asa, mas eu preciso ser reconhecido, mesmo de longe. São as massas que precisam estar anônimas. Eu pareço com as massas para você?

— Absolutamente não, Vossa Graça. — Madeline soa sem fôlego pelo terror. Ela e seus homens sacodem fora as penas pretas e o material transparente com as mãos trêmulas. — Nós voltaremos com uma roupa mais adequada. — Eles se atropelam para fora, arrastando penas.

— Minhas desculpas, Vossa Graça. — O assistente faz uma reverência.

— Eu suponho que inteligência é pedir demais deles.

Eles se lançam em uma discussão sobre vinho e licor. Pelo som das coisas, eles devem ter limpado cada bar na área da baía para fornecer um fluxo constante para os anjos esta noite. Eu sou atingida, uma vez mais, como nós estamos em guerra, mas eles não estão. Para eles, nós, seres humanos, somos apenas incidentes.

Apesar do nosso ataque na última fortaleza deles, eles estão mais preocupados com bebidas e fantasias do que sobre a defesa contra os humanos. Naturalmente, o fato de que praticamente todos os anjos estavam apenas feridos e iriam se recuperar totalmente, se já não tiverem, provavelmente só reforça a ultrajante confiança deles.

Discretamente, eu esfrego os dedos contra o tecido no meu quadril, onde a minha espada vestida de urso estaria. O tecido parece frágil e vulnerável.

Em pouco tempo, Madeline irrompe de volta na suíte de Uriel com uma tripulação inteira, completa com araras de fantasias de cerca dos anos 1920, repleta de penas brilhantes. Eles começam a trabalhar em Uriel.

Ele acaba em um terno branco com asas de ouro brilhante e uma máscara combinando que é mais uma coroa do que uma cobertura para o rosto. Estende-se acima da testa dele, dando a ilusão de altura adicional, e se enrola ao redor dos olhos dele sem realmente esconder suas feições.

Quando ele olha para si mesmo no espelho de corpo inteiro, ele ordena a Andi e eu que fiquemos atrás dele. Nossa maquiagem foi atualizada e, agora, usamos asas de gaze cintilante, mais fadas do que anjos. Nós somos o perfeito acessório para a fantasia dele.

Agora eu entendo por que ele queria morenas pequenas. Os nossos pequenos corpos o fazem parecer grande. As asas dele parecem gigantes, a altura parece interminável. Nós somos o fundo de seda escura para as regalias de ouro e diamante dele.

NÓS CHEGAMOS assim que a festa está começando. Homens alados e mulheres glamorosas misturam-se no terraço multicamadas e sobre o campo de golfe abaixo. Tochas e fossas de fogo resplandecem contra o brilho dourado do céu antes do pôr do sol, iluminando os jardins.

Lanternas coloridas estão amarradas e soprando no vento como correntes de balões. Altas mesas de bistrô estão espalhadas pela festa com fitas de ouro e prata e confete brilhante nos saca-rolhas, acentuando toda a cena com uma atmosfera festiva.

A rebentação bate nos penhascos à beira do campo de golfe, enquanto ondas espirram suavemente na praia do outro lado. O ritmo da água se mistura elegantemente com a música do quarteto de cordas.

Eu olho para o oceano e imagino como os planos de fuga estão indo em Alcatraz. A Resistência está a caminho de lá? O Capitão Jake vai sair da cadeira reclinável dele e fazer a coisa certa? Então eu varro meu olhar sobre a reluzente e glamorosa multidão e me pergunto como eu, supostamente, encontro a minha irmã aqui.

Uriel brilha, claramente em seu elemento, conforme ele cumprimenta o povo dele. No começo, Andi e eu andamos exatamente dois passos atrás dele, mas depois de um tempo, a multidão fica mais apertada e só temos espaço para ficar um único passo atrás dele. Fica um pouco mais difícil quando ele caminha para o campo de golfe. Nada como saltos na grama para fazer uma garota se sentir desajeitada.

Pedaços de conversa transbordam enquanto caminhamos por ali. As duas palavras que eu ouço repetidamente são *Apocalipse* e *Mensageiro*. “Apocalipse” é dito em voz alta e com prazer, enquanto “Mensageiro” é dito em voz baixa com um tom de cautela.

As mulheres estão vestidas tão caprichosamente e coloridas quanto nós. Asas delicadas, cabelo enrolado em camadas, semi-máscaras brilhantes e coloridas em seus rostos. Algumas estão cobertas com longos de seda, enquanto outros estão em vestidos curtos.

Os anjos têm os cabelos penteados e estão vestidos em smokings ou ternos antiquados. Eles usam máscaras pela metade e disfarces de asas que alteram as cores e os padrões das asas deles. Alguns, como nós, têm maquiagem ou tatuagem desenhada em torno dos olhos em vez de máscaras. Outros usam ternos com correntes entrelaçadas e chapéus.

As mulheres se inclinam sobre os anjos, rindo e flertando. Os olhos delas, porém, estão longe de relaxados. Muitas delas parecem sombriamente determinadas a conseguir um anjo para elas mesmas, enquanto mais do que algumas parecem completamente assustadas. Elas estão, obviamente, levando a

sério as instruções para conseguir um anjo protetor.

Nessa festa, o par de meninas combinando de Uriel não são as únicas que estão gritando-por-dentro de tão apavoradas.

Há um monte de mulheres, mas há muito mais anjos nessa festa do que havia na última na antiga fortaleza. E, ao contrário de antes, essa festa está repleta de musculosos guerreiros de olhar duro.

Resulta que a maioria das mulheres está em asas que são mais de fadas do que de anjo. Mesmo as asas de penas são pequenas asas de querubim em vez de o verdadeiro tipo angelical. De forma alguma ninguém poderia confundir essas mulheres com anjos.

Se um anjo cedeu à tentação hoje à noite, haveria culpa de manhã. E o conhecimento de que ele não conseguiria convencer os outros de que foi apenas um erro.

E Uriel seria a única chance de salvação dele.

Eu acho que eu já sabia que Uriel é um manipulador bastardo. Eu suspeito que ele tinha estado fortalecendo até isto ao longo de semanas de festas, lentamente introduzindo as Filhas dos Homens aos anjos, as bebidas ilimitadas, as fantasias. E agora, as máscaras e disfarces de asa que permitem o anonimato para que os anjos possam fazer o que quer que os tentem, sem sentir como se alguém estivesse assistindo. Teria sido completamente estranho se Uriel houvesse sugerido tal coisa assim que eles chegaram à Terra.

A palavra — premeditado — vem à mente.

O fato de que eu tenho permissão para ouvir o suficiente para começar a juntar essas coisas me deixa preocupada.

Muito preocupada.



DO QUE eu posso reunir a partir de trechos de conversa entre os funcionários do hotel, não é apenas uma festa, é um banquete. Na agenda estão bebidas, Filhas dos Homens escassamente vestidas, e mais bebidas. Em seguida, jantar com mais bebidas. Depois, dançar com as Filhas dos Homens e mais bebidas.

Basicamente, há um monte de embriaguez planejada para a noite. Eu acho que se os anjos não quebrarem suas próprias regras esta noite, o plano reserva de Uriel deve ser certificar-se que eles não se lembrem de que eles não quebraram as regras.

Uriel desliza de um grupo para outro, apertando mãos e garantindo que todos estão aproveitando. Ele oferece Andi e eu para aqueles sem meninas nos braços, mas todos eles educadamente recusam, sem sequer olhar para nós.

Eu consigo uma melhor noção da tarefa monumental de Uriel. Esta não é uma multidão fácil de manipular. Assim, muitos dos soldados estão rejeitando drinques extras e recusando as atenções das mulheres.

Alguns da multidão o recebem calorosamente e com uma breve abanar de asas. Parece com o equivalente a uma saudação – não que ocupe muito espaço, mas o suficiente para mostrar respeito. Eles não fizeram isso na antiga fortaleza. Ele deve ter feito progressos na campanha dele. Eles também não o tinham chamado de Vossa Graça então.

Estou feliz em ver que outros grupos o cumprimentam apenas com acenos simples e sorrisos educados. Eles o chamam de Uriel, Arcanjo e, ocasionalmente, Uri ao invés de Vossa Graça.

— Você realmente acha que estamos nos aproximando do Dia do Julgamento, Uri? — pergunta um guerreiro. Ele não tinha saudado com as asas e não se dirige a ele com muito respeito, mas há um genuíno interesse e – esperança? – na cara dele.

— Absolutamente acho — diz Uriel. A voz dele tem convicção de verdade. — O Arcanjo Gabriel nos trouxe aqui por uma razão. Trazer dois outros arcanjos para a Terra, juntamente com uma legião de guerreiros, isso não é nada menos do que apocalíptico.

Não é verdade.

Eu me pergunto o que Raffe pensaria desta festa.

Antes que Uriel possa continuar com a conversa, outros intervêm, e

Uriel volta a acenar saudações e esticar a boca com um sorriso mais brilhante.

Meus pés já estão doendo e a festa está apenas começando. Meus dedos sentem como se estivessem em um vice[{16}] que fica mais apertado a cada minuto, e meus calcanhares como se furadeiras elétricas estivessem perfurando-os.

Eu fantasio em caminhar no meio da multidão e me perder dentro dela. Eu poderia flutuar para fora e desaparecer?

Justo quando estou pensando nisso, uma mulher grita da praia, seguido por rosnado anormal. O som penetrante é engolido rapidamente pelo barulho das ondas, da conversa e da música.

Andi e eu trocamos um olhar rápido antes de voltarmos às nossas poses combinando. Moldamos nossos rostos em faces de manequim – plásticas e distantes. Mas tenho certeza que se alguém realmente olhasse, eles poderiam ver o medo alerta em nossos olhos.

Uriel faz o seu caminho para um palco improvisado na borda da festa. Conforme ele serpenteia pelo caminho, ele olha para alguém por um segundo a mais de tempo que o habitual. Eu ainda não tinha percebido o quão intimamente eu estive olhando para ele até que eu noto uma mudança na atitude dele. Seus ombros e expressão congelam em piloto automático enquanto a mente dele muda para outra coisa.

A mudança é tão sutil que eu tenho certeza que ninguém mais percebeu isso, exceto, talvez, por Andi que tem estado observando-o tanto quanto eu.

Uriel olha para um anjo de grandes dimensões à beira da multidão. Ele tem asas de neve recheadas com penas de ouro e uma máscara de ouro combinando sobre os olhos. Ele parece angelical em todos os sentidos, exceto pelo escárnio nos lábios.

Ele resguarda as asas cobertas de neve um pouco como se estivesse inseguro de que ele pertence aqui. Uma das asas dele tem o entalhe de tesoura que agora está gravado na minha memória para sempre.

Beliel.

Eu também reconheço dois anjos ao lado dele do vídeo que Doutor me mostrou. As asas dele são bronze e cobre cintilantes, mas eu apostaria minha próxima refeição que um deles tem asas laranja queimado sob aquela fantasia. É Burnt, o Sequestrador de Menininhas.

Eu cerro meus punhos automaticamente e tenho que forçá-los a relaxar.

Beliel e Uriel trocam um olhar. Beliel assente muito levemente em direção a Uriel. O arcanjo olha para longe, sem responder, mas ele sorri

brilhantemente para a próxima pessoa e parece mais relaxado.

Eu faço uma varredura das pessoas ao redor de Beliel. Claro, Paige não está em nenhum lugar para ser vista no mar de anjos e nem Raffe. Eu não estou nem mesmo certa se acredito no que o Dr disse sobre Paige sendo atraída para Beliel, mas aparentemente meu coração acredita.

Uriel caminha para outro grupo de guerreiros. Este é parte da multidão do “Sua Graça”. Sorrisos e asas abanando ao redor. Conforme Uriel faz o seu caminho através dos vários anjos mascarados e disfarçados, um deles me chama a atenção.

Ele é um guerreiro com os exigidos ombros largos e corpo de Adonis. Este tem cobertura de asa de penas brancas salpicada com prata que brilha no crepúsculo. Uma máscara combinando de espirais e curvas com penas, ricamente cobrindo tudo, menos os olhos e boca. Mesmo a testa dele está parcialmente escondida pelo cabelo escuro desgrenhado.

Há algo sobre ele que me faz esquecer meus saltos beliscando meus dedos dos pés, a multidão muito perto, e até mesmo o monstruoso Político. Algo parece familiar sobre ele, embora eu não possa dizer exatamente o quê. Talvez seja a maneira orgulhosa como ele mantem a cabeça, ou o jeito que ele corta através da multidão com absoluta confiança, como se assumisse que todos vão sair do caminho dele.

Embora ele não observe Beliel mais do que qualquer outro, ele se move quando Beliel se move, para quando Beliel para.

Toda a minha atenção é atraída para o guerreiro enquanto eu procuro pela menor prova dele ser Raffe. Se ele estivesse em uma multidão de homens humanos, seria fácil escolhê-lo como um deus entre eles. Apenas minha sorte que estamos em uma multidão de montanhas andantes de músculos e o tipo de beleza física pelo qual as mulheres em todo o mundo morreriam. Pena que há também um grande risco de realmente morrer em volta deles.

Meu estudo intenso dele deve alertar o sentido espião dele, porque ele olha para mim.

Eu sei que, como um soldado, ele provavelmente avaliou todos os outros ao redor dele, as armas que eles carregam, a melhor rota de fuga. Mas, como um anjo, eu duvido que ele se preocupou em avaliar os humanos.

Quando ele olha para mim, é o olhar de alguém notando uma pessoa pela primeira vez, provando mais uma vez que a arrogância de um anjo não conhece limites. O que, agora que penso sobre isso, aumenta a probabilidade de que este seja Raffe.

Ele faz uma avaliação completa de mim, assimilando o cabelo cortado e enrolado acentuado com penas de pavão, a maquiagem azul e prata, fitas

pendendo ao redor dos meus olhos e bochechas, o vestido de seda que se agarra a cada parte do meu corpo.

Mas não é até que os olhos dele encontram os meus que um choque de reconhecimento passa entre nós.

Eu não tenho nenhuma dúvida de que é Raffe.

Mas ele luta contra seu reconhecimento de mim.

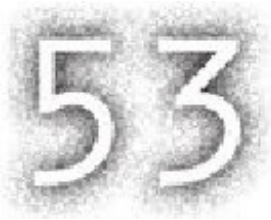
Por um segundo, as defesas dele caem e eu posso ver o tumulto por trás de seus olhos.

Ele me viu morrer. Isto deve ser um erro.

Esta menina brilhante não parece nada com a criança de rua com a qual ele viajou.

Ainda...

O passo dele vacila e ele faz uma pausa, me encarando.



O RIO de pessoas se descola ao redor dele enquanto ele fica parado como uma rocha no canal. Ele me encara, aparentemente alheio ao tráfego de tecido brilhante, plumagem de todas as cores, rostos mascarados e taças de champanhe fluindo ao redor dele.

O tempo pode ter parado para ele, mas não parou para o resto do mundo. Beliel continua a se mover mais para dentro da multidão enquanto Uriel caminha para mais perto de Raffe. Se Raffe não se mover em breve, ele ficará preso tendo que cumprimentar Uriel.

Os anjos ao redor de Raffe abanam as asas conforme Uriel se aproxima. Se Raffe não abanar as asas dele também, Uriel será compelido a notá-lo. Talvez ele vá parar para falar com ele. Ele vai reconhecer a voz de Raffe? Caminhar para uma festa de anjo com asas de demônio é um pouco como andar em um campo de tiro disfarçado de alvo.

Eu tento alertar Raffe com os meus olhos enquanto flutuamos ao redor dele, mas ele parece estar em um transe enquanto me encara.

Só quando é praticamente tarde demais ele pisca para fora do transe e, finalmente, olha para Uriel. Ele abaixa a cabeça e se afasta, mas fica preso tentando ir à direção errada conforme os anjos ao redor dele avançam para cumprimentar Uriel.

Eu não consigo pensar em maneira alguma para ajudar Raffe que não envolve perder minha cabeça ou algo igualmente terrível.

Mas se eu fizer alguma coisa para distrair Uriel, ele provavelmente vai esperar até que estejamos em particular para me cortar e alimentar seus cães com cauda de escorpião.

Pelo menos, eu espero que sim.

Eu tomo dois pequenos passos fora de sincronia da minha gêmea combinando. Eu tropeço.

Eu cambaleio para cima de Uriel, batendo nele mais forte do que eu pretendia.

Uriel tropeça em um de seus bajuladores e champanhe chapinha na mão dele. Ele gira para olhar para mim com uma carranca. Existe a promessa de tortura eterna nos olhos dele.

Eu quase espero que monstros escorpião saltem e me agarrem no local, me arrastando para as profundezas de algum calabouço, onde criados mortos vão

afundar para me cortar em pedaços na escuridão solitária. Eu não preciso fingir meu terror quando Uriel me olha.

Mas, assim como eu suspeitava, ele vai esperar para lidar comigo até que ele tenha terminado de acariciar penas ou o que quer que os anjos políticos façam. Eu tenho até lá para descobrir como sair dessa bagunça.

Pelo momento quando ele recompõe a violência crua no rosto dele em algo mais adequado para um político e se volta para seus admiradores, Raffe não está à vista.

Demora alguns minutos antes de meu coração desacelerar de volta ao normal. Eu mantenho meus olhos para frente e me comporto como um acessório de modelo, com vergonha de olhar para Andi e ver o medo no rosto dela. Ela não é muito útil para Uriel sem mim, não é?

Espero que Raffe tenha se escondido em um canto sombrio em algum lugar. Espero que Paige esteja bem e que eu vá encontrá-la em breve. Espero que mamãe e Clara estejam indo bem e fugindo com sucesso. E agora, há Andi, que eu claramente preciso levar comigo quando eu sair, porque vai ser uma sentença de morte para ela se a irmã gêmea for embora ou esteja morta. E depois há todas aquelas pessoas em Alcatraz....

Muitas.

Ser responsável por mamãe e Paige já está quase me esmagando. Eu tenho conforto em me lembrar de que sou apenas uma criança, não um herói. Heróis têm uma tendência a morrer de maneiras horríveis. De alguma forma, eu vou passar por isso, e então eu vou levar a vida mais sossegada que alguém poderia ter no Mundo de Depois.

Nós seguimos Uriel conforme ele trabalha na multidão e faz o seu caminho para o palco improvisado para o lado do oceano do gramado. O palco tem uma longa mesa com uma toalha branca. O pano se arrepia ao vento do oceano, pressionado por pratos e talheres. Anjos estão sentados em ambos os lados de uma cadeira de centro vazia como discípulos na Última Ceia.

Uriel anda na frente da mesa e fica no centro, olhando para a festa abaixo dele. Eu me pergunto se deveríamos encontrar assentos, mas Andi e eu hesitamos tempo o suficiente para que nós apenas assumamos as nossas poses de troféu em ambos os lados dele.

Como se na sugestão, o barulho da festa se acalma e todos os olhos estão sobre nós. Em Uriel, claro, mas eu estou perto dele para que pareça como se todo mundo estivesse me encarando, apesar de ninguém estar.

Eu me encontro examinando as massas atrás de certo anjo sarcástico.

Eu respiro fundo. Estou realmente desejando que Raffe ainda esteja aqui? Ele quase já foi pego. Vai ser o suicídio para ele se ele não sair daqui

rápido.

Mas eu não posso evitar me perguntar se ele me vê.

Eu deveria estar olhando para um ponto acima da multidão como a minha postura dita, mas meus olhos continuam flutuando de volta para examinar os rostos abaixo de nós.

— Bem vindos irmãos e irmãs — Uriel diz quando todos se acalmam. — Estamos reunidos hoje para nos unir em uma única causa e para comemorar. Tenho notícias tanto apavorantes quanto surpreendentes. Primeiro, a apavorante. — O público escuta com silenciosa curiosidade.

— Até que os humanos atacarem a nossa fortaleza, nós assumimos que eles estavam se comportando bem como poderia ser esperado. Mas agora chegou a minha atenção que eles têm estado atrás de coisas sinistras que não podemos tolerar.

Uriel faz um gesto para alguém vir à frente. Um anjo arrasta um homem encolhido para o palco. Ele veste jeans desbotados, uma camiseta do Rolling Stones e óculos. Ele está tremendo e suando, claramente aterrorizado. O anjo entrega um pano enrolado para Uriel.

Ele desenrola, permitindo que seu conteúdo caia sobre o palco.

— Diga-nos, Homem — diz Uriel. — Diga a todos o que você tinha escondido neste pano.

O homem começa a hiperventilar em voz alta, respirações roucas, olhando freneticamente para a multidão. Quando ele não diz nada, o guarda agarra o cabelo dele e puxa a cabeça para trás.

— Penas — o prisioneiro suspira fora. — Um... um punhado de penas.

— E? — pergunta Uriel.

— Ca... cabelo. Uma mecha de cabelo dourado.

— E o que mais, Homem? — pergunta Uriel em uma voz congelante.

Os olhos do prisioneiro se lançam ao redor, parecendo preso e desesperado. O guarda puxa a cabeça dele de novo, de modo que seu pescoço parece estar prestes a estalar.

— Dedos. — O homem soluça. Lágrimas caem pelo rosto dele, e eu me pergunto o que ele fazia da vida antes que o mundo civilizado chegasse ao fim. Um médico? Um professor? Um funcionário de supermercado?

— Dois... dedos... decepados — ele diz entre suspiros. O guarda o solta. Ele se amontoa no palco, balançando.

— Qual era a fonte dessas penas, cabelo e dedos?

O guarda levanta a mão e o homem se encolhe, protegendo o rosto.

— Eu os peguei de outra pessoa — diz o homem. — Eu não machuquei ninguém. Eu juro. Eu nunca machuquei ninguém.

— De onde é que eles vêm? — pergunta Uriel.

— Eu não sei — grita o homem.

O guarda o agarra pelos braços e eu quase posso ouvir os ossos dele se esmagando.

O homem grita de dor. — Anjo. — Ele cai de joelhos, chorando. Os olhos se lançam ao redor da multidão hostil em terror. — Eles são partes de anjo. — Ele quase sussurra, mas a audiência está silenciosa e tenho certeza que eles podem ouvi-lo.

54

— PARTES DE ANJO — diz Uriel em seu vozeirão. — Os macacos estão cortando nossos irmãos feridos antes que eles possam se recuperar. Eles estão barganhando nossas penas, dedos e outras partes como moeda. E todos sabem quanto tempo e quão doloroso pode ser para voltar a crescer dedos, e sem mencionar as partes que não podem voltar a crescer.

Os Anjos rugem, inquietos com violência.

Uriel permite que a raiva justificada se construa com as massas. — Por muito tempo temos esperado. Por muito tempo temos deixado macacos infestar esta bela terra, deixando-os acreditar que *eles* são as espécies mais favorecidas no universo de Deus. Eles ainda não entendem por que eles tiveram rédea solta sem precedentes sobre a Terra durante tanto tempo. Eles são tão arrogantes e estúpidos que nem sequer percebem que ninguém mais é burro o suficiente para fazer da casa dele um campo de batalha lendária.

A multidão ri e grita.

Uriel sorri para eles. — Mas eu tenho notícias surpreendentes, irmãos e irmãs. Notícias que vão colocar humanos como este em seu devido lugar. Notícias que vão nos permitir puni-los com a benção de Deus.

A multidão se acalma.

— Vocês têm ouvido rumores — diz Uriel. — Você têm ouvido as especulações. Estou aqui para dizer a vocês que elas são verdadeiras. Os sinais estão aqui. Nós temos a *prova* definitiva da razão pela qual Gabriel o Mensageiro nos trouxe aqui para Terra.

A plateia murmura entusiasmada.

— Nós não temos mais que imaginar, irmãos e irmãs. Não temos que discutir e debater sobre se este é um treinamento ou um conflito com os Caídos ou apenas mais um aviso para os humanos, enquanto eles nos bicam com suas pedras e rochas. — Ele faz uma pausa para efeito dramático.

A multidão se aquieta.

Uriel varre a multidão com seus olhos. — Gafanhotos bíblicos estão aqui.

Um murmúrio baixo explode rapidamente em um animado rugido.

Ele permite a construção do ruído antes de levantar as mãos para acalmá-los. — Como muitos de vocês sabem, parte do meu trabalho é visitar o Abismo. Ontem, eu abri a Cova Sem Fundo. Dela, fumaça preta subiu e

escureceu o sol e o ar. Para fora da fumaça saíram gafanhotos em direção a terra. Assim como foi predito, os rostos deles eram os rostos dos homens e eles tinham caudas semelhantes às dos poderosos escorpiões. Milhares e milhares. Derramando-se para o céu.

Como se na sugestão, todos os anjos na multidão giraram na mesma direção para olhar para o céu. Eu vejo a nuvem escura no horizonte antes de ouvir o que eles ouvem.

A nuvem explode, cuspindo mais trevas, cada vez maior. Um baixo zumbido rapidamente se transforma em um rugido ensurdecedor.

Eu já ouvi isso antes.

O som de um enxame de escorpiões.

Todo mundo está em silêncio e imóvel, enquanto todos nós assistimos a nuvem turva se arremeter em nossa direção.

Uriel levanta os braços como se estivesse pronto para abraçar a multidão. — Nós temos a nossa confirmação, irmãos e irmãs. O que temos estado esperando. Pelo que fomos *criados*. O que temos *vivido*, *respirado* e *sonhado* está finalmente aqui!

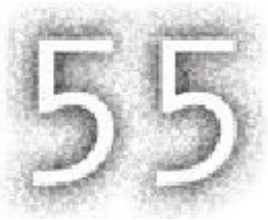
A voz de Uriel parece como um comando crescendo na minha cabeça.

— Nós vamos ser como –

Deuses.

— - Heróis de Antigamente!

Ele toma uma respiração profunda. — Finalmente. — Outra respiração, o peito dele inchando com satisfação. — É tempo para o Dia do Juízo Final. O lendário apocalipse está AQUI!



ENQUANTO TODO MUNDO toma um momento para absorver o que ele está dizendo, a horda de gafanhotos-escorpião se arremessa em nossa direção.

Eu quero gritar que ele está mentindo. Que os escorpiões são criações dele, não gafanhotos bíblicos. Mas eu perdi a minha chance porque a multidão vai à loucura.

Guerreiros levantam suas espadas e apunhalam o céu. Eles bradam gritos de guerra que quebram o crepúsculo.

As asas deles flexionam, irrompendo os revestimentos que as disfarçam.

Penas cuidadosamente colocadas por Madeline voam por todos os lugares. Glitter e penugem flutuam no ar e derivam como uma cena em um desfile com confetes dos velhos tempos.

Eu me encolho, desejando que eu pudesse desaparecer. Ironicamente, Andi se encolhe também, então continuamos a parecer um par combinando.

Sede de sangue pulsa no ar como sprays de feromônio. O ar está denso com isso e ficando mais denso.

Então, uma coisa terrível acontece.

Ao nosso lado do palco, um guerreiro agarra o revendedor de partes de anjo e o levanta acima da cabeça. O cara se contorce como uma criança conforme os óculos dele caem. O anjo ergue-o na multidão.

Cem braços agarram o pobre homem e o puxam para dentro do centro engolidor da massa angelical. O homem grita e grita.

A multidão se empurra para tentar atingir o homem. Pedaços sangrentos de tecido, pedaços maiores e úmidos, que eu não quero pensar a respeito, voam para fora do lugar onde ele caiu.

Os anjos guerreiros se enraivecem e gritam enquanto inquietamente empurram uns ao outros, torcendo por aqueles rasgando o homem que está se afogando na violência deles.

A multidão está salpicada com seres humanos.

Daqui, os humanos parecem pequenos e aterrorizados conforme eles percebem o que está acontecendo. A maioria deles são mulheres, e elas parecem especialmente vulneráveis em seus vestidos escassos e saltos.

Os escorpiões trovejam acima, escurecendo o céu enquanto voam por

ele. O vento ganha força das inúmeras asas, misturando-se com os gritos da multidão. A energia frenética se agita com a sede de sangue nos guerreiros bêbados.

Pessoas ficam em pânico e correm.

E como gatos cujos instintos se desencadeiam por um rato em fuga, os guerreiros atacam.

É um massacre.

Aqueles presos no centro da multidão não têm nenhum lugar para correr, embora eles tentem. Está muito lotado para os anjos usarem as espadas. Eles pegam os humanos com as próprias mãos.

Gritos enchem a noite conforme o centro da multidão se aperta em si mesmo, enquanto as bordas se dispersam e as pessoas se espalham. Os anjos parecem apreciar a perseguição enquanto deixam os humanos correrem para longe da multidão antes de abordá-los.

Um guerreiro dá um soco no estômago de um garçom e tira uma massa pegajosa e sangrenta que só podem ser os intestinos dele. Ele os coloca sobre uma mulher gritando como joias finas. Os anjos ao redor dele rugem em aprovação e socam os punhos para o céu em um frenesi enlouquecido.

Do palco, eu posso ver a cor do sangue se espalhando por todo o público em um derramamento que apenas não vai parar.

Andi está guinchando em pânico. Ela se vira e corre, saltando para baixo do palco e em direção à noite.

Meus instintos gritam comigo para fazer o mesmo, mas o palco é a área menos lotada e a mais segura de todas as áreas que posso ver. Mas estar no palco durante uma rebelião é como estar debaixo de um holofote de dez mil watts quando cada célula do meu corpo precisa estar se escondendo no escuro.

Mesmo Uriel parece estar perdido sobre o que fazer. Os movimentos bruscos da cabeça dele e a expressão tensa em seu rosto quando ele se vira para falar com seus assessores me diz que isso não faz parte do plano.

Ele queria que todos ficassem bêbados, animados e irritados o suficiente para quebrar tabus hoje à noite. Mas ele claramente não esperava isso. Talvez se ele fosse um guerreiro em vez de um político, ele teria previsto a resposta deles. Ele teria sabido que o verniz de comportamento civilizado estava apenas esperando por uma desculpa para ser descascado.

Nos bolsos da multidão, anjos que tem estado empurrando uns aos outros na corrida para pegar um humano começam a dar socos uns nos outros.

Está se transformando em uma rixa, bem como em um massacre. Alguns deles vão para o ar para ganhar mais espaço e o caos se torna tridimensional.



MINHA VISÃO PERIFÉRICA acompanha um movimento que acabou de chamar minha atenção. Alguém está correndo através da multidão em direção ao palco.

Eu tento não deixar minha imaginação saltar para onde ela quer ir. Mas eu não consigo evitar. Eu não costumo ser uma garota que espera por um resgate de uma donzela em apuros, mas não importa as probabilidades contra isso, essa poderia ser uma hora fantástica para Raffe vir e me levar para o céu.

Mas não é ele.

É Beliel. Seus ombros gigantescos cortam através do caos enquanto ele empurra seu caminho a frente. Meus olhos procuram a multidão por trás de Beliel, procurando Raffe, mas eu não vejo sinal dele.

O desapontamento me chuta tão forte que eu quero começar a chorar.

Eu preciso achar uma saída para isto.

Sozinha.

Muitas distrações - isto é bom. Anjos assassinos por todo lugar – isto é ruim.

Isso é o mais longe que o meu cérebro congelado pode ir.

Beliel sobe no palco e faz seu caminho através dos anjos que cercam Uriel.

Os gritos, os berros, o cheiro de sangue, tudo me atinge. Meu cérebro e músculos querem aproveitar e levar tudo que eu tenho para me impedir de saltar na letal multidão como Andi fez. Minhas escolhas estão em permanecer aqui até que os anjos se foquem em mim ou correr para a matança e esperar, contrariando a esperança, que eu consiga escapar daqui.

Eu nunca tive um ataque de pânico e eu espero que não esteja a ponto de ter um agora. Mas eu estou hiper consciente de quão frágil e inconsequente criatura que eu sou comparada a estes semideuses. Eu pensei por um segundo que eu pudesse ter horário marcado com eles? Que eu poderia vencer qualquer um deles? Eu não sou ninguém, um nada. Por todas as leis da natureza, eu deveria estar rastejando sobre uma mesa e chorando pela mamãe.

Só que, contar com a mãe é o que as pessoas fazem.

Eu me identifico pouco com isso. Eu sempre estive por minha conta e eu consegui ir bem até agora, não consegui?

Na minha cabeça, eu corro através de uma lista de partes do corpo

mais vulneráveis que tornam o tamanho e a força irrelevante. Olhos, garganta, virilha, joelho – até mesmo o maior e mais resistente dos homens tem pontos vulneráveis, com muito pouca força para danos. Este pensamento me acalma o suficiente para que eu possa começar a procurar uma saída.

Enquanto eu examino a cena com um pouco menos de pânico, eu percebo alguém novo na escada do palco.

Raffe está parado nos degraus, imóvel como uma estátua, me observando.

No crepúsculo, sua asa branca coberta, brilha como estrelas no céu de verão. Eu nunca teria imaginado que, sob aquela cobertura, encontra-se um par pontiagudo de asas demoníacas.

Ele me reconhece ainda?

O grupo de Uriel começam a pular para fora do palco e tomar o ar como organismos multi-alados. Beliel é o último a sair. Ele abre sua asa roubada para toda sua glória e começa a bater no ar.

Raffe salta e o ataca.

Eles batem sobre o palco com um estrondo, mas ninguém percebe mais um par de guerreiros lutando.

Nós agora somos os únicos no palco. Abaixo de nós está a gritaria do massacre. Acima de nós está uma massa aparentemente interminável de escorpiões trovejando através de seu sobrevoo. No meio está um anjo bêbado liberto chegando inclusive a ter algumas colisões em pleno ar.

Um anjo ensanguentado choca-se em cima do palco.

Muito sangue jorra dele no qual espirram sobre meu vestido. Seu ombro está gravemente rasgado como se ele tivesse se arranhado contra a ponta pontiaguda de um poste. Mas ele não pareceu notar enquanto se levanta, imediatamente pronto para mais.

Eu estou ciente que eu sou a única humana ao redor.



O QUE EU NÃO daria pela espada de Raffe agora mesmo.

O anjo ensanguentado dá um passo em minha direção.

Eu pego uma sofisticada faca de bife da mesa e me levanto sob meus calcanhares.

Ou tento.

Um dos meus calcanhares se recusa a sair sem uma ajudinha. Ou meu pé cresceu ou o sapato era pequeno demais para mim.

Eu não conheço uma única arte de luta que não requer um bom jogo de perna, e eu tenho certeza que ter um pé descalço e outro com salto alto não é uma técnica recomendada.

Meu vestido também é um problema. É muito comprido e bem torneado. Parece ótimo mas não me dá exatamente espaço suficiente para chutar. Minhas pernas são as mais fortes partes do meu corpo e eu não vou me dar ao luxo de entrar mancando em uma luta por uma questão de modéstia. Eu escorrego minha faca através da costura, rasgando a saia por todo o caminho até minha coxa.

Eu ajeito a faca para que ela escorregue entre as costelas dele quando eu apunhalá-lo.

A garganta é um alvo melhor, mas eu sou muito pequena para fazer isto com esta besta. Pelo menos não no primeiro impulso. O segundo movimento, depois que ele tomou o golpe é outra história.

Ele quase sorri para minha faca como se isso apenas adicionasse mais diversão. Ele ergue uma sobrancelha quando ele vê que eu estou segurando-a como se eu soubesse como usá-la. Mas sua espada permanece intocada em sua bainha como se este massacre e essa briga não merecesse o uso de sua espada.

Seus olhos estão focados em minha faca e rosto. O que é fácil, já que minhas mãos estão até perto do meu rosto em posição de combate.

Mas meu salto ainda está em meu pé de trás, vários centímetros mais alto que o meu pé da frente. Não há chances de eu poder ter um decente jogo de pernas mancando por aí assim. Então eu faço a única coisa que posso fazer.

Eu chuto-o diretamente no rosto com meu salto alto.

Ele não estava esperando por isso.

O Anjo voa do palco.

— Realmente é você — diz Raffe.

Ele está me encarando, chocado. Seu punho está em meio ao ar mas parou no meio do espancamento de Beliel que sangra e cambaleia.

Ele inicia um lento sorriso que queima meus ossos.

Beliel interrompe o momento dando uma cabeçada em sua cabeça.

Raffe cambaleia de volta.

Beliel dá uma boa olhada em mim. Ele sorri como se agora ele soubesse um segredo. Seus dentes estão cobertos em sangue escorrendo de suas gengivas.

Ele pula para fora do palco, batendo suas asas.

Raffe pula e agarra a perna de Beliel. Ele puxa para trás, impedindo-o de tomar voo. Raffe está a ponto de pegar suas asas de volta.

Eu arranco o meu sapato restante, pronta para mergulhar e ajudá-lo.

Antes de eu poder me mover, porém, o anjo sangrento que eu chutei para fora do palco arrasta ele mesmo de volta da massa de corpos fervente.

Cara, ele parece puto.

Meu calcanhar pegou-o no nariz, que agora parece explodir em seu rosto. Sua máscara uma vez festiva é agora como algo saído de um filme de horror.

Eu recuo, olhando rapidamente para Raffe. Ele está puxando com todas as suas forças para impedir Beliel de sair voando. Esta é a oportunidade perfeita para pegar suas asas de volta. Quem questionaria mais um ato de brutalidade entre tantos. Ele pode não ter uma chance boa como essa de novo.

Raffe olha para mim e nossos olhos se encontram.

O vento sopra meu cabelo no meu rosto e ondeia meu vestido cortado em torno das minhas pernas.

Eu não tenho certeza do que é mais humilhante – que os náilons na altura da coxa estão mostrando todo o caminho até o seu topo ou minhas asas de fada que estão tremulando ao vento bem antes de uma luta.

Meu oponente recua seu punho para um soco que pode a todo vapor me matar se ele acertar.

Eu estou pronta para desviar e golpear. Eu digo para mim mesma que eu posso lutar contra ele, mas eu não posso fugir do fato que eu somente estarei adiando o inevitável. Eu sei quando estou desarmada.

Seu punho voa em mim.

Antes que eu possa reagir, ele é desviado por um antebraço tão grande quanto o dele, Raffe soca-o tão forte que ele cai de costas deitado e fica ali.

Beliel se posicionou na ponta do palco, nos observando com seu sorriso sangrento como se ele gostasse do que ele vê.

Ele pula para o ar.

Nas costas de Beliel, as bonitas asas brancas de Raffe batem para frente e para trás. Uma, duas vezes. Acenando um gracioso adeus.

O demônio gigante desaparece num piscar de olhos, num voo saltante na multidão.

58

RAFFE ARRANCA o paletó do smoking do meu agressor atordoado e me cobre. Ele cobre toda parte superior do corpo incluindo minha cabeça. Eu posso espiar pela fresta da gola enquanto me escondo no paletó enorme.

Um braço quente me envolve como um escudo ao redor do meu ombro e me vira para o lado do palco.

— Fique comigo — disse um sussurro familiar masculino de cima da minha cabeça. Mesmo sobre a multidão gritante e o bramido das ondas, alguma coisa desenrola em meu peito ao som daquela voz.

Eu olho para cima para dizer algo, mas ele coloca seus dedos em meus lábios e sussurra: — Não fale. Você só vai estragar minha fantasia de salvar uma donzela em apuros inocente assim que abrir sua boca.

Eu estou tão aliviada que eu poderia rir histericamente se eu abrir minha boca de qualquer maneira.

Minha visão encolhe para uma tira entre a gola do paletó enquanto eu troto junto do calor de seu casulo. Ele me segura firmemente contra ele, guiando e me protegendo com seu corpo. Eu me misturo ao lado dele, tentando me tornar invisível.

Nós descemos quatro degraus pela massa fervente de violência.

Assim que nós descemos, nós fomos empurrados. Eu agarro minha faca com mais força, tentando estar pronta para qualquer coisa que poderia vir em seguida. Raffe livremente desviava e acotovelava num jeito extremamente dominante. Ele me segura atrás dele enquanto ele desvia pela multidão na nossa frente.

Nós estamos perto do limite da multidão, mas nós ainda temos que avançar adiante para alcançar um espaço aberto. Nós passamos por cima de corpos e tentamos não olhar para baixo.

A maioria da multidão está tão ocupada com suas próprias lutas para nos incomodar. É agora a maioria anjo com anjo, mas há ainda poucos humanos no chão com seus braços levantados protegidamente contra surras e chutes. Alguns guerreiros mexem suas cabeças em repulsa com a visão, mas não é muito consolador. Uma parte minha quer golpear os ataques dos anjos enquanto o outra parte minha quer correr e se esconder.

Raffe me arrasta adiante muito rápido para eu não me deter nisso. Eu não consigo ver muito no esmagamento de corpos e eu trombo nele enquanto ele

para de repente.

Nós estamos no fim da multidão com muito dos lutadores atrás de nós. A frente de nós está o penhasco que desce para a praia escura. A única coisa entre nós e a liberdade é uma pancadaria.

Dois anjos vão para lá enquanto outros dois circulam um ao outro. Nenhum deles tem suas espadas sacadas. Estas lutas não são destinadas para dano real, pelo menos não um para o outro. Eles são como os guerreiros bêbados Vikings com um traço de vícios notáveis que Uriel pensou que ele poderia controlar.

Um dos anjos é jogado em nosso caminho. Seus braços raspam em mim enquanto ele passa correndo. Eu dou meia volta e cambaleio, minha cabeça acidentalmente pula para fora do paletó enorme.

— O que você tem aí? — Ele ainda, em pé, pergunta. — Há ainda um lado esquerdo? — Ele elogia mais e me agarra.

Sem aviso, Raffe dá um soco em seu rosto, seguido por dois golpes tão rápidos que seus punhos são quase um borrão.

Eu saio fora do caminho e saio de sua sombra. Quando o outro anjo cambaleia de volta, Raffe não o segue.

Eu estou totalmente visível agora. Eu jogo o paletó, fico em posição de defesa e levanto minha faca na minha frente.

Como o anterior, este anjo sorri quando ele vê minha lâmina. Ele está animado para mais um desafio de esmagar uma formiga. Pelo menos esta formiga tem uma faca afiada e uma atitude.

Minhas costas parece exposta mas eu vou ter que assumir que os anjos são mais esportivos do que atacar por trás enquanto eu estou lutando, pois isso nada mais é do que um esporte para eles de qualquer forma.

Atrás de mim, Raffe já está trocando golpes com um anjo. Ele bate em seu oponente com a força de uma cabeça em colisão.

Meu próprio oponente faz o primeiro movimento. Seu sorriso é tão grande, que você pensaria que eu era um deleite para ele.

Homens – todos eles tem treinado um contra o outro. Eles esperam que os ataques à certas partes de seus corpos e de alguém que está acostumado a usar a força da parte superior. E eles sempre, sempre subestimam as mulheres.

Eu, eu não tenho muita força na parte superior do corpo, nada comparada com a maioria dos homens, muito menos com estes caras. Como muitas mulheres lutadoras, meu poder vem dos meus quadris e pernas.

Ele mergulha para mim, com as mãos para agarrar minha faca, esperando que eu vá direto para ele.

Eu me movo rapidamente, agachando-me com os joelhos dobrados,

deixando-o quase navegar sobre mim.

Eu salto no último segundo e apunhalo com minha lâmina em sua virilha com todas as forças de minhas pernas flexíveis.

Por que se preocupar em atacar seus pontos fortes quando você pode ir direto nos seus pontos fracos?

Ele rola na areia como se fosse qualquer outro cara que leva um chute em seu saco. Ele irá curar-se. Mas ele não irá quebrar tabus tão cedo.

Um anjo então é jogado passando pela minha cabeça primeiro. Eu giro para ver Raffe esmurrando o último. Mais estão vindo em nossa direção do multidão, atraídos pela boa luta.

Raffe olha para a faca ensanguentada em minha mão. — Como se eu ainda tivesse alguma dúvida de que você o faria. — Ele apontou em direção para meu oponente rolando no chão com suas mãos segurando seu pacote.

— Ele poderia ter sido educado e somente nos deixado ir — eu disse.

— Um jeito de ensiná-lo algum respeito. Eu sempre quis conhecer uma garota que luta sujo — disse Raffe.

— Não há tal coisa como lutar sujo em legitima defesa.

Ele bufa. — Eu não sei se tiro sarro dele ou respeito você.

— Vamos lá, esse foi fácil.

Ele sorri para mim. Há alguma coisa em seus olhos que fazem minhas entranhas derreterem um pouco, como se algo profundo dentro de nós está se comunicando sem eu estar plenamente consciente disso.

Eu sou a primeira a desviar o olhar.

Eu deslizo a lâmina para dentro da tira elástica de minha meia que vem até a coxa. Se elas são apertadas o suficiente para manter os nylons levantados quando eu luto, então elas poderiam fazer um trabalho decente de segurar minha faca. Fico contente dessas coisas servirem para alguma coisa.

Eu olho para cima e vejo Raffe me observando. Eu sinto uma onda de constrangimento.

Raffe me agarra pela cintura e me levanta em seus braços como em filme antigo. Seus braços seguram minhas costas e joelhos.

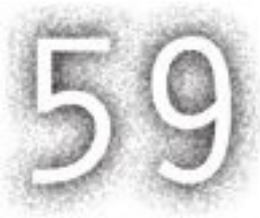
Instintivamente, eu envolvo meu braços ao redor de seu pescoço. Por um momento, Eu me sinto confusa e os pensamentos mais bobos fluem através de minha cabeça.

— Não me deixe ir — ele disse.

Ele corre comigo em direção ao penhasco. Dois passos para ele, suas asas soltam-se de uma das coberturas de suas asas. As penas brancas e brilhantes de Madeline explodem atrás de nós quando gigantes asas de morcego se espalham.

Liberdade na forma de asas de demônio. Eu quero rir e chorar ao mesmo tempo.

Eu estou nos braços de Raffe, voando.



NÓS ESTAMOS NO AR.

Eu me agarro mais forte, e ele me afasta de modo que eu estou segurando-o como uma criança com minhas pernas enroladas em torno de sua cintura. Ele está quente mesmo enquanto o vento do oceano sopra contra minhas costas. Nós ganhamos altitude a uma altura assustadora, mas seus braços ao redor de mim são seguros e eu não posso deixar de me sentir tranquila.

Essa sensação não dura por muito tempo. Entre as asas de Raffe, eu vislumbro o que está por trás de nós.

Embriagados ou não, os anjos não tem problemas em decolar pelo ar. A visão das asas do demônio deve tê-los incitado porque há mais deles perseguindo-nos comparado com o que vimos na praia. Eles voam através dos tufos de nevoeiro iluminados por pontinhos de luzes de fogo enquanto nós deslizamos sobre as ondas negras.

Anjos deveriam ser criaturas bonitas da luz mas aqueles que estão nos perseguindo parecem mais com uma nuvem de demônios vomitando da névoa. Raffe deve estar pensando a mesma coisa porque ele aperta ainda mais ao redor da cintura como se dissesse “Não essa aqui”.

Ele dá volta, voando o mais longe da costa para onde a névoa vira uma cobertura. Ele desliza mais abaixo em direção a água onde a neblina está mais espessa e as ondas estão mais altas.

Nós estamos tão abaixo que o mar borrifa sobre mim assim que surge. A água aumenta de volume transformando-se em águas bravas e revirando-se abaixo de nós.

Raffe move-se por um caminho e então pelo outro. Ele faz voltas acentuadas e inesperadas depois de ir reto por um momento. Manobras de escape.

A neblina é tão espessa que há uma chance de os anjos estarem perseguindo sombras. O rugido das ondas e do vento significa que os anjos não podem ouvir as asas de Raffe conforme eles bombeiam vigorosamente através do ar.

Eu estou tremendo contra seu corpo. O borrifo gelado e vento do oceano estão me congelando à ponto de não ser capaz de sentir meus braços em volta do seu pescoço ou minhas pernas ao redor do seu tronco.

Nós deslizamos em silêncio, cortando a noite. Eu não tenho ideia o

quão perto os anjos estão ou se eles estão mesmo ou não mais na nossa cola. Eu nada ouço e vejo no fulgor da neblina. Nós damos uma outra pronunciada de volta no oceano.

Um rosto aparece na neblina.

Atrás dele, gigante asas com penas da cor da névoa.

Ele está muito perto

Ele bate em nós.

Nós giramos fora de controle, asas de morcegos defrontando com as penas do outro.

Raffe chicoteia suas asas com suas foices estendidas e ranhuras para as asas emplumadas. As lâminas rasgam através das camadas de penas até que elas capturam o osso da asa do anjo.

Todos nós tombamos juntos em uma massa quando caímos através do ar.

Raffe estabiliza-nos com uma boa varredura mas ele não pode lutar com suas asas e voar ao mesmo tempo. Ele desembaraça suas asas conforme o anjo pega sua espada.

Raffe não tem uma espada.

E ele tem a mim – cem quilos de peso morto que só pode atrapalhar o equilíbrio e sua técnica da luta. Seus braços estão me envolvendo ao invés de estarem livres para lutar. Suas asas precisam trabalhar muito mais para nos manter no ar.

Meu único pensamento é que eu não irei acabar morta de verdade desta vez nos braços de Raffe. Eu não irei ser mais uma ferida na sua alma.

O anjo puxa sua espada.

Tendo treinado com a equipe, eu sei que há armas que precisam de distância para serem usadas eficientemente. A espada é uma delas.

Agora, o anjo tem espaço suficiente para estender e nos espetar ou levantar sua espada e nos cortar. Mas se ele estava nos abraçando, um corte fraco poderia ser o máximo que ele poderia fazer.

É somente a água. Poderá ser mais frio como o inferno, mas não irá me matar se eu cair.

Não de imediato de qualquer maneira.

É incrível como muitas vezes nós temos de ir contra nosso instinto de sobrevivência para sobreviver. Eu aperto minhas pernas mais apertado em torno da cintura de Raffe e puxo minha parte superior do corpo para longe dele.

Seus braços cedem de surpresa antes de apertar de volta ao meu redor. Isto é tempo suficiente para mim debruçar e agarrar o braço do anjo com a espada em uma das mãos e o colarinho da camisa do seu smoking com a outra.

Eu travo meu cotovelo e seguro o braço da espada para mantê-lo balançando conosco. Eu espero que ele não seja forte o suficiente para esmagar o meu ombro. Com minha outra mão, eu o empurro para frente.

Tudo acontece em um segundo. Se o anjo estava esperando aquele movimento, não há como ele me deixar fazer isso. Mas que atacante espera de sua vítima que o puxe para perto?

Sem suas asas totalmente sob seu controle para equilibrar, eu consigo puxar excepcionalmente o anjo luz em nossa direção.

De perto, sua espada é menos de uma ameaça para espetar, mas Raffe é forçado a voar desajeitadamente para evitar retalhar sua asa na lâmina. Nós oscilamos no ar, não tão acima das nuvens negras.

Raffe me segura firme com um braço enquanto usa a outra para afastar o anjo que está tentando socá-lo.

Eu me inclino e seguro o cabo da espada. Eu não tenho chance de afastá-lo dele, mas eu conseguiria distraí-lo de sua luta com Raffe. E se eu sou realmente sortuda, eu poderia até mesmo convencer a espada de que um usuário não autorizado está tentando levantá-la.

Nós lutamos no ar, mergulhando desajeitadamente, então ganhando um pouco de altitude, balançando e girando para cima e para baixo acima da água. Eu consigo segurar o cabo da espada com ambas as mãos e embora eu não possa movê-la das garras do anjo, eu posso direcioná-la.

Assim como eu, a espada de repente torna-se pesada, tão pesada que o braço do anjo pende para baixo.

— Não — o anjo grita. Há um horror de verdade em sua voz conforme a espada ameaça cair de nossas mãos.

Raffe bate nele com o punho do seu braço livre. O anjo cai de novo.

Sua espada cai. E desaparece na água.

— Não! — ele grita de novo, a descrença horrorizada em seus olhos conforme ele olha para a água escura onde sua espada afundou. Eu acho que eles não tem anjos mergulhadores para recuperar espadas e outros objetos do fundo do mar.

Ele ruge um grito de Guerra para nós, com sede de sangue em seu rosto contorcido. Então ele ataca.

Mais dois anjos surgem da nevoa espessa.

Nada surpreendente com todo o barulho que o primeiro está fazendo, mas meu coração pula de qualquer maneira quando eu os vejo.

Todos os três vêm até nós. Raffe gira e voa em direção ao mar aberto.

Não há nenhum jeito dele ultrapassar eles comigo sobrecarregando-o.

— Solta. — Eu digo em seu ouvido.

Raffe me abraça apertado como se não houvesse espaço para discussão.

— Nós dois iremos ficar salvos comigo na água do que sobrecarregá-lo durante a luta. — Ainda assim, ele agarra. — Eu consigo nadar, Raffe. Não é grande coisa

Alguma coisa grande bate em nós por trás.

E o braço de Raffe perde o controle. Eu me afasto.

Esse primeiro momento da queda parece câmera lenta, onde cada sensação é amplificada. A reação instintiva de sobrevivência pura me fez balançar e agarrar a primeira coisa que eu puder.

Uma mão agarra o ar. A outra mão segura a ponta de uma asa emplumada.

Com meu peso inteiro em uma asa, o anjo gira e sai fora do controle. Eu canalizo todo o meu pânico em um aperto firme.

Nós mergulhamos juntos para dentro do oceano.

60

CADA CÉLULA DO MEU CORPO congela, então explode em fragmentos de gelo. Agulhas de gelo me furam e colidem em tudo através de mim. Pelo menos, isso é o que parece.

É mais intenso quando a água engole minha cabeça, como se o topo da minha cabeça fosse o último bastião de calor no meu corpo. Eu preciso gritar com o choque, mas meus pulmões estão tão congelados e contraídos que gritar está além de mim.

Uma turbulência negra me envolve, enquanto eu rolo para baixo. Eu perco a noção do corpo e direção.

Eu finalmente paro de rolar, mas assim que eu paro, eu não tenho certeza de qual lado é para cima. Meu corpo tenta se contorcer enquanto o cronômetro de ar em meus pulmões corre.

Eu nunca pensaria que eu não diferenciaria para cima de para baixo, mas sem a gravidade e a luz, eu não posso dizer o que é o quê. Estou aterrorizada em escolher uma direção.

Bolhas passam por mim e eu tenho pensamentos de coisas horríveis que vêm a mim a partir das profundezas das águas do inferno. Todas aquelas noites semi-lúcidas com a mãe cantando no escuro, pintando imagens de demônios me arrastando para o inferno, vêm à tona no enorme caixão que é o mar. São essas formas escuras se movendo na água ou-?

Pare com isso.

Ar. Nade. Pense.

Estou sem tempo para ser sugada para um redemoinho de asneiras sem sentido que não vai ajudar de forma alguma. Bolhas.

Algo sobre as bolhas. As bolhas não flutuam?

Eu coloquei minha mão na boca para sentir as bolhas e deixar um pouco do precioso ar sair dos meus pulmões em chamas. Elas fizeram cócegas enquanto flutuam pelo meu rosto e passam pelo meu ouvido.

Eu as segui de lado, ou algo que presumi ser o lado. Correntes de água podem levar bolhas para qualquer direção, mas, eventualmente, elas vão para cima, certo? Eu definitivamente espero que sim.

Eu soltei mais bolhas de ar, tentando não deixar sair mais do que preciso, até que as bolhas de forma consistente tocam meu nariz em seu caminho para cima. Eu chuto tão forte quanto posso, seguindo as bolhas tão rápido quanto

meus pulmões queimando me deixam.

Eu começo a me desesperar achando que estou indo na direção errada, quando eu noto que a água está se tornando mais iridescente, mais leve. Eu nado mais forte.

Finalmente, a minha cabeça rompe a superfície e eu tomo um enorme folego. Água salgada caí em minha boca enquanto o mar agitado me dá um tapa na cara. Meus pulmões se contraem e eu desesperadamente tento controlar minhas tosses para que eu não tome outro gole de água.

O mar estoura ao meu lado e alguma coisa explode.

Cabeça, braços, asas. O anjo com quem caí encontrou seu caminho também.

Ele se debate desesperadamente engolindo ar e espirrando água em toda parte. Suas penas estão encharcadas e ele não parece que pode nadar muito bem. Seus braços se debatem e suas asas batem, acertando a água inutilmente.

Ele se mantêm boiando e se debatendo, mas deve ser uma maneira muito desgastante para nadar. Se ele fosse humano, ele teria gastado toda a sua energia e se afogado.

Eu me afasto e chuto a água. Estou tão gelada que mal posso levantar meus braços.

As asas do anjo varre a frente e me bloqueia. Ele me cerca enquanto ele se debate.

Eu tateio pela minha faca, esperando que ela ainda esteja presa no meu cinto. Minha mão está tão congelada, que mal posso sentir a faca, mas está lá. Ela é apenas uma faca comum, não uma lâmina de anjo, mas ainda irá cortá-lo. Ele ainda vai sentir a dor e sangrará. Bem, talvez com este frio ele não sinta muita dor, mas eu tenho que tentar.

Ele me alcança e eu corto a sua mão.

Ele puxa de volta, em seguida, tenta me alcançar com a outra mão, agarrando o meu cabelo. Eu o esfaqueio em seu antebraço. Ele me solta, mas me agarra com a mão cortada enquanto se debate.

Ele me puxa para ele, seus braços tentam me envolver me empurrando para baixo no tipo clássico de afogamento que os salva-vidas sempre nos alerta sobre.

Eu tomo uma respiração profunda. Ele enfia a minha cabeça na água gelada e ela engole novamente.

Eu não sei se ele está tentando me afogar em um final “vou-levar-você-comigo” ou se ele está se debatendo por instinto. De qualquer forma, eu vou acabar morta se ele continuar assim.

Eu corto com todo o pânico que eu sinto, cortando-o profundamente

em seu peito e braços. De novo e de novo.

O sangue aquece a água.

Seu aperto se afrouxa e eu consigo colocar minha cabeça para engolir uma golfada de ar. Ele não está me empurrando mais, mas ele ainda se segura em mim.

— Você não é o único monstro neste mundo — eu suspiro. Há grandes tubarões brancos no norte da Califórnia. Nossos surfistas e tubarões parecem ter uma trégua na maior parte do tempo, exceto por um ataque de tubarão raro. Mas ninguém jamais entra em nossa água enquanto sangra.

Eu esfaqueio forte seu peito. Fitas de sangue fluem em torno dele.

Meus olhos encontram os dele. Ele acha que estou falando sobre eu ser o monstro. Talvez ele esteja certo.

Eu não sou nenhum grande tubarão branco, mas todo esse esfaqueamento e cortes está me lembrando de mamãe e suas vítimas. Pelo menos uma vez, me apego a suas loucuras para ter forças. Às vezes, eu só tenho que deixar rolar e deixar a minha mãe interna sair.

Eu o esfaqueio repetidamente como uma louca.

Ele finalmente afrouxa seu aperto sobre mim.

Eu chuto o mais rápido que eu posso. Eu não estava blefando sobre os tubarões.

Nadar com a faca fica mais difícil, mas eu a mantenho na minha mão, até que eu fique fora do alcance do anjo sangrando. Então, eu escondo a faca novamente no meu cinto.

Estou tão excitada que leva alguns golpes antes de eu perceber o congelamento frio novamente. Minhas névoas de respiração na frente do meu rosto e meus dentes conversam, mas eu me forço a me manter em movimento.

61

UMA ENORME colisão balança a água.

Um emaranhado de asas e membros explode através da superfície, rasgando um canal através do mar.

É Raffe e os dois anjos enveredados em um jogo de luta. Eles se contorcem e lutam enquanto cortam através das ondas.

Eles logo se separam e acabam gastando suas energias chapinhando e balançando quase se afogando. Os dois anjos inimigos têm suas espadas na mão o que torna nadar ainda mais difícil. Eles se penduram nelas, lutando contra a água com suas asas inclinadas e inúteis.

Raffe não está melhor. As asas de couro dele vertem líquido melhor do que as penas dos anjos, mas elas são grandes e desajeitadas e ele, obviamente, não tem ideia de como nadar com elas. Talvez não haja oceano no céu.

Eu nado em direção a ele.

Um dos anjos deixa cair sua espada, chorando de dor e frustração. Ele provavelmente a segurou pelo maior tempo possível, mas é difícil ficar à tona enquanto coloca uma espada na bainha, e ainda mais difícil nadar com uma espada na mão.

O outro anjo se sacode na superfície, tentando se manter à tona com uma mão apertando sua espada. Na terceira vez, o anjo mergulha debaixo d'água, a ponta da lâmina oscila para baixo como se muito pesada para ele. A cabeça do anjo emerge e ele arfa — Não, não, não — com real angústia.

A ponta da lâmina cai na água e desaparece. A espada do anjo fez a decisão por ele.

Além de seus camaradas de armas, não me surpreenderia se a espada fosse a única coisa com a qual a maioria dos guerreiros se vincula. O que traz de volta as memórias de um aturdido choque e mágoa de Raffe quando a espada dele o rejeitou.

Eu nado mais rápido. Ou eu tento. O frio me deixou tão entorpecida e trêmula que é difícil me sentir como se eu estivesse no controle do meu corpo.

Eles estão todos permanecendo à tona, mas por pouco. Eu imagino quanto tempo eles podem se manter flutuando.

Do lado de fora da envergadura de Raffe, eu grito. — Raffe, pare de se debater. — Ele se vira para mim. — Acalme-se e eu vou te buscar.

Eu ouvi dizer que a maioria das vítimas de afogamento não podem se

acalmar. Eles têm de impor a sua vontade contra todos os seus instintos de sobrevivência para parar de se debater e deixar-se sentir como se estivessem se afogando. É preciso uma quantidade infinita de confiança para contar com alguém para te salvar.

Raffe deve ter enorme força de vontade, porque ele para imediatamente de chapinhar. Ele move os braços e as pernas suavemente, mas não o suficiente para mantê-lo à tona.

Ele começa a afundar.

Eu nado com cada bocado de força que eu tenho.

A cabeça dele está dentro da água antes que eu possa alcançá-lo. Eu o puxo para cima, mas as asas gigantes dele são uma enorme resistência e eu sou puxada para baixo em vez disso.

Nós dois afundamos mar adentro.

Mesmo quando submergimos, ele ainda não chapinha. Estou impressionada com quanta vontade de ferro seria necessária para substituir as necessidades instintivas dele. E quanta confiança.

Debaixo d'água, eu não posso dizer a ele para fechar as asas inteiras para reduzir a resistência. Freneticamente, eu alcanço as asas dele e as empurro.

Ele entende e fecha as asas enormes firmemente ao longo do corpo. Elas parecem tão leves e finas quanto ar. Tenho certeza de que se ele soubesse como usá-las na água, ele poderia deslizar como uma arraia.

Chutando e puxando tão forte quanto posso, eu nos arrasto para a superfície. Eu não sou uma nadadora superforte, mas como a maioria das crianças da Califórnia, eu passei tempo suficiente no mar para me sentir confortável nele. Com os ossos ocos de Raffe, ou o que seja que o torna leve, ele não é um fardo pesado.

Alívio inunda através de mim quando a cabeça dele surge e ele consegue respirar. Eu nado com um braço em ângulo com o ombro e o peito dele, mantendo nossos rostos para cima.

— Faça movimentos de tesoura com suas pernas, Raffe. Mantenha-as chutando. — As pernas dele são um motor poderoso. Uma vez que conseguimos ir, nós entramos em um ritmo constante e fazemos um bom progresso para longe dos anjos chapinhando.

Aquele que eu cortei ainda está balançando debilmente na água sangrenta não muito longe dos outros. Eu não sei o que aconteceria em uma luta entre uma gangue de anjos e os velhos grandes tubarões brancos, mas eu estou feliz que eu não estarei perto o suficiente para ver isso.

Já que os anjos estão diretamente no território dos tubarões, minha aposta é nos tubarões. Quem disse que os anjos não podem ser mortos?

Eles rapidamente desaparecem na névoa e eu confio no instinto sobrenatural de Raffe para direções para nos levar para a praia.

Eu ouvi que a água do sul da Califórnia é quente, mas ninguém nunca diz isso sobre a água do norte da Califórnia. Não é exatamente o Alasca, mas está fria o suficiente para me dar hipotermia ou, pelo menos, o que se sente como hipotermia. Eu nunca vi um surfista entrar na água aqui sem uma roupa de mergulho. Mas o corpo de Raffe é quente mesmo na água gelada, e eu suspeito que o calor dele está me mantendo viva.

Quando ficamos cansados, nós descansamos com as asas dele abertas. As asas flutuantes nos mantem estáveis e à tona sem qualquer esforço da nossa parte.

Quando nos aproximamos da costa, as ondas tornam-se turbulentas[{17}] e nós tombamos desajeitadamente. Nós sincronizamos, então mergulhamos debaixo d'água quando uma grande onda atinge e emergimos de volta quando está mais calmo.

Nós lançamos na areia. Rastejamos apenas o suficiente para estar acima da arrebentação antes de desmoronar em um monte de cabelo e roupas encharcadas.

Eu examino para ter certeza de que ele está bem.

Ele está ofegando por ar e olhando diretamente para mim com um olhar tão intenso que me faz contorcer.

Eu procuro por algo a dizer. Nós não temos realmente conversado desde que ele partiu para a cirurgia do nosso quarto de hotel na antiga fortaleza. Muita coisa tem acontecido desde então. Até um par de horas atrás, ele pensava que eu estava morta.

Eu abro a boca para dizer algo significativo, memorável. — Eu ...

Nada vem.

Estendo a mão, pensando que talvez pudéssemos tocar as mãos, querendo conectar. Mas algas estão emaranhadas entre meus dedos e, reflexivamente, eu agito-as para fora. Elas aterrissam no rosto dele com um ruído viscoso antes de escorregar.

Ele estende-se na areia, silenciosamente rindo.

A risada dele é fraca com a necessidade de ar, mas ainda pode ser o melhor som que eu já ouvi. É cheio de calor e alegria genuína, como só uma pessoa viva e respirando pode ter.

Ele estende a mão e agarra meu braço. Ele me arrasta para ele ao longo da areia. Meu vestido se amontoa para cima, mais areia do que tecido, mas eu não me importo.

Ele me puxa para seus braços e me segura apertado.

Ele é o calor em um mar de gelo. Estar nos braços dele parece como a casa que eu nunca tive. Ele ainda está ofegante em seu riso, que estronda através de seu peito. Meu peito se move com o dele, me fazendo sorrir.

Mas em algum lugar ao longo do caminho, o clima muda. Ele continua, o peito convulsionando em espasmos que soam muito como uma risada fraca, mas não é. Ele me abraça tão apertado que se um exército de escorpiões viesse e tentasse me arrastar para fora dos braços dele, eles não conseguiriam.

Eu acaricio o cabelo dele e repito as palavras de conforto que ele sussurrou para mim da última vez que estivemos juntos. — Shhh, — eu digo. — Eu estou aqui. Eu estou bem aqui.

Ele é tão quente como o sol da tarde em um dia de verão.

Nós seguramos um ao outro em nosso pequeno bolso de calor, escondidos dos monstros da noite pelo turbilhão de névoa em torno de nós e pela sangrenta arrebentação aos nossos pés.

62

CONSEGUIMOS cambalear até uma casa de praia entre uma fileira de casas envolta na névoa. No Mundo de Antes, estas casas estavam a uma curta distância da água, mas não eram propriedades à beira-mar. No Mundo de Depois, elas se situam em um mar de escombros e são as casas mais próximas à água. Muitas delas ainda parecem imperturbáveis com suas bandeiras de cavalos-marinhos e cadeiras de descanso de madeira na varanda, como se esperando por seus moradores voltarem para casa.

Eu tropeço para a sala atrás de Raffe, tão exausta que estou quase distraída dos meus arredores. No interior, estamos protegidos do vento, e embora a casa não seja aquecida, parece como se estivesse, em comparação com onde temos estado. Estou molhada e cheia de areia com meu vestido frágil agarrado a mim como papel de seda molhado.

Ao contrário de mim, Raffe está em alerta total. Ele verifica todos os cantos da casa, antes de relaxar sua guarda.

Não há eletricidade, então os quartos estão escuros, exceto pelo brilho da lua enevoada entrando pelas janelas panorâmicas. Estamos com sorte, no entanto. Há uma lareira com uma caixa de madeira ao lado, junto com fósforos e velas decorativas na prateleira.

Tento acender uma vela. Minha mão treme tanto que eu quebro três fósforos antes que eu possa finalmente conseguir acender um. Raffe começa um fogo. Assim que a pequena chama se acende, algo em mim relaxa um pouco, como se uma parte de mim estivesse seriamente preocupada que minhas funções básicas começassem a se desligar.

Apesar de seus tremores, ele se levanta e puxa as persianas verticais fechadas nas janelas. Eu não sei como ele consegue fazê-lo. Tenho que fazer muita força para me impedir de rastejar para dentro da lareira para chegar mais perto do calor.

Ele ainda toma um tempo para pegar cobertores e toalhas de algum lugar nos recessos sombrios da casa, e ele coloca um cobertor em volta de mim. Minha pele está tão congelada que eu mal posso sentir o calor suave da mão dele roçando meu pescoço.

— Como você se sente? — ele pergunta.

Eu respondo através dos dentes batendo. — Tão bem quanto se pode esperar depois de um mergulho em águas infestadas de anjos.

Raffe põe a mão na minha testa. — Vocês, humanos, são tão frágeis. Se o tempo não te matar, germes ou tubarões ou hipotermia mata.

— Ou anjos enlouquecidos por sangue.

Ele balança a cabeça. — Num minuto você está bem, no minuto seguinte você se foi para sempre. — Ele encara meditativamente o fogo tremulante.

Meu cabelo ainda está pingando água gelada no meu pescoço e costas, e meu vestido se cola em mim como se fosse feito de areia molhada. Como se pensando a mesma coisa, ele envolve uma toalha de praia em torno de sua cintura e a amarra perto do estômago tanquinho para mantê-la no lugar.

Então ele tira suas botas. E puxa as calças fora.

— O que você está fazendo? — eu soo nervosa.

Ele não pausa enquanto tira as roupas debaixo da toalha. — Tentando me aquecer. Você deveria fazer o mesmo se você não quer que seu precioso calor seja sugado por suas roupas molhadas. — As calças dele pousam com um som molhado no tapete.

Eu hesito enquanto ele se senta perto de mim na frente do fogo.

Ele abre as suas asas de demônio. Suponho que ele faz isso para secá-las, mas tem o efeito adicionado de ser uma armadilha de calor. Os músculos ao longo das minhas costas e ombros relaxam assim que eu sinto o calor girando atrás de mim.

Eu tremo, tentando me livrar do máximo de frio que eu posso. Ele aperta o círculo das asas dele, mantendo o calor do fogo crescendo entre nós.

— Bom trabalho lá fora — diz ele. Ele olha para mim com aprovação silenciosa.

Eu pisco para ele com surpresa. Não é como se ninguém jamais tivesse me dito isso. Mas, de alguma forma, isto é diferente. Inesperado.

— Você também. — Eu quero dizer mais. Eu quebro o cofre na minha cabeça para ver se eu posso espiar e talvez ver algo que vale a pena dizer, mas tudo empurra contra a porta, querendo inundar fora. Eu bato a porta, inclinando-me contra ela para evitar que estoure. Ainda assim, minha língua fica emaranhada com todas as coisas que eu quero dizer. — Sim, você também.

Ele assente como se entendesse, como se eu realmente *tivesse* dito todas aquelas coisas que saem do cofre e ele as aceita.

Nós ouvimos o crepitar do fogo por um tempo.

Eu já me aqueci o suficiente para querer me livrar do meu vestido arenoso e molhado, que está sugando o incipiente calor da minha pele. Eu envolvo meu cobertor em torno de mim e mordo a ponta da junção para mantê-lo no lugar, como um escudo.

Ele sorri quando me vê contorcendo embaixo, lutando com o vestido molhado. — Tenho certeza que um homem moderno e respeitável viraria de costas para que ele não visse se houvesse um deslize.

Concordo com a cabeça, mantendo uma mordida apertada no meu cobertor.

— Mas nós perderíamos nosso abrigo de calor. — Ele levanta uma asa uns poucos centímetros para demonstrar. Ar frio imediatamente toca minhas pernas. Ele abaixa a asa de volta no lugar novamente. Ele encolhe os ombros. — Eu acho que você apenas vai ter que não deixar escorregar.

Eu continuo a me contorcer, ficando livre da manga esquerda.

— Não ria ou qualquer coisa — diz ele, — porque isso poderia ser desastroso.

Eu olho de soslaio para ele, dando-lhe uma encarada que diz para ele não tentar me fazer rir.

— Você já ouviu aquela piada sobre –

Eu rasgo o vestido frágil sob o meu cobertor. Estava arruinado de qualquer maneira. Eu o arranco e lanço para fora por debaixo do cobertor.

Ele pousa em cima das calças dele no tapete.

Raffe cai na gargalhada. É uma bela coisa – despreocupada e rica. Me faz rir junto com ele.

— Você é tão boa em soluções criativas — ele diz ainda rindo. — Elas geralmente envolvem rasgar, arrancar, chutar, ou esfaquear, mas elas são criativas.

Eu solto o cobertor dos meus dentes agora que eu posso segurá-lo firmemente em torno de mim com minhas mãos. — Eu apenas cansei da umidade grudada em mim, isso é tudo. Eu acho que eu estava bem a salvo da ameaça de sua piada ser engraçada.

— Estou ferido por seu comentário — ele diz com um sorriso.

A palavra *ferido* ecoa na minha cabeça, e eu vejo que na dele também, porque seu sorriso se desvanece.

— O que aconteceu lá, na velha fortaleza? Eu vi você ser picada pelo escorpião. Eu vi você morrer. Como você sobreviveu?

Eu explico sobre a picada de escorpião paralisar e abrandar o coração e a respiração, parecendo que a vítima está morta.

— Eu tinha certeza de que tinha te perdido.

Me perdido?

Eu encaro o fogo sem vê-lo. — Eu pensei que tinha perdido você também. — As palavras mal saem.

O fogo crepita e estala, corroendo a madeira. Lembra-me do fogo na

fortaleza quando Raffe me levou para a segurança, mesmo embora ele pensasse que eu estava morta.

— Obrigada por me devolver à minha família. Aquilo foi uma coisa louca e perigosa de se fazer.

— Eu estava me sentindo um pouco louco e perigoso naquela hora.

— Sim, eu vi isso. — Eu nunca vou me livrar da imagem dele esmagando os tubos gigantes de escorpião com raiva e matando todos os monstros, depois de me ver morrer.

Os lábios dele se contorcem como se rindo de si mesmo. — Aquilo deve ter sido divertido.

— Não, não foi realmente. Foi meio que... — de partir o coração. — De partir o coração. — Eu pisco quando percebo o que apenas saiu da minha boca. — Quero dizer... — Nada vem à mente para que eu possa substituir o que eu disse.

— Coração. — Ele olha profundamente para as chamas. — Partindo. — Os sons fluem entre os lábios dele como se fossem novos para ele, como se ele nunca tivesse dito antes. Ele assente. — Sim. Eu suponho que essa é uma maneira de colocar isso.

O fogo crepita. É surpreendente quão rapidamente um fogo pode te aquecer.

— Eu não estava dizendo que você estava com o coração partido. — Eu soo como se o Inglês fosse uma língua nova para mim, o jeito como eu gaguejo as palavras. — Eu só quis dizer que foi difícil para mim... assistir.

Ele nem confirma nem nega que ele pode ou não ter tido mesmo um pequenino pedaço do coração partido.

— Bem, ok, talvez você parecesse apenas ter um *pouco* de coração partido. — Tão embaraçoso. Agora, eu estou totalmente pescando. Uma parte de mim está me punindo por ser tão idiota. O resto de mim está ouvindo com atenção para uma reação.

As chamas laranja e vermelho crescem maiores e mais quente. O estalo e a crepitação são rítmicos e hipnóticos. O calor é requintado.

— Você está tremendo — ele diz. Ele soa relutante. Talvez até mesmo triste. — Tome um banho. Talvez a gente tenha sorte e vai ter água quente.

Ele hesita, enquanto eu prendo a respiração.

Então, ele se afasta de mim.

Ele se levanta e se dirige para a escuridão da casa.

Assim que ele move o abrigo das asas dele, o frio escoa de volta para dentro. Eu o observo desaparecer nas sombras. As asas escuras e a cabeça inclinada desaparecem primeiro, depois os ombros largos e os braços.

Então, nada.

63

EU SENTO LÁ, observando-o ir, querendo dizer alguma coisa, mas sem saber o quê.

Relutantemente, eu me levanto e me afasto da lareira. A casa parece mais fria agora, enquanto eu subo as escadas até encontrar um banheiro.

Há toalhas felpudas lá, dobradas de um jeito que sugere que elas não foram utilizadas desde que foram lavadas. Isso foi, provavelmente, meses atrás.

Tomo banho à luz de velas. A água está morna, mas em comparação com o oceano, a sensação é boa na minha pele ainda congelada. Eu não demoro, no entanto. Apenas o suficiente para enxaguar a areia, o sabão e o shampoo tão rápido quanto posso. Eu ainda estou tremendo do frio escorrendo em meus ossos e eu mal posso esperar para estar seca e quente de novo.

Há um roupão grosso pendurado na porta do banheiro que eu desejo poder me aconchegar dentro. Mas esses tipos de luxos são para pessoas do Mundo de Antes, não para as pessoas que poderiam ser expulsas daqui a qualquer momento por monstros ou saqueadores.

Rapidamente, vasculho os armários e gavetas a procura de roupas. O melhor que posso encontrar é um vestido suéter que, provavelmente, foi fabricado para ser apenas um suéter. Todo o resto é cerca de quatro tamanhos maior. Eu amarro o suéter ao redor da minha cintura com um lenço e visto um par de calças elásticas. As pernas se encaixam confortavelmente abaixo dos meus tornozelos, embora elas provavelmente fossem calças capri.

Tenho certeza de que eu poderia ter encontrado algo melhor, mas eu não quero demorar com a minha vela iluminando a janela do segundo andar. O nevoeiro deve manter a pequena luz de viajar longe, mas por que convidar problemas?

No térreo, a sala de estar está calorosamente iluminada pelo brilho da lareira. Raffe está em pé sobre uma cadeira, colocando cobertores sobre as janelas. Ele deve ter tido o mesmo pensamento que eu, sobre o brilho da vela sendo visível.

Há algo sobre ele em pé em cima de uma cadeira para alcançar o topo das janelas que me deixa à vontade. É uma coisa tão normal a fazer.

Bem, é normal se você ignorar as asas escuras suavemente deslizando para trás e para frente nas costas dele. Acho que ele está secando-as. Os ganchos e foices estão para fora e brilhando a luz das velas. Não há penas para alisar. Eu

me pergunto se ele lustra suas foices?

— Você não está Caído, está? — A questão sai da minha boca antes que minha cabeça possa censurá-la.

— De tudo que eu tenho ouvido, isso apenas me faria mais sexy para vocês, Filhas dos Homens. — Ele termina de colocar o último pedaço do cobertor. — O que é que vocês todas veem nos bad boys?

— Eu faço as perguntas aqui, Raffe. Isso é sério.

— É uma oportunidade para que você forneça redenção? — Ele pula da cadeira e, finalmente, se vira para olhar para mim.

Quando ele me vê, os ombros dele se agitam numa risada silenciosa que se constrói rapidamente em uma risada completa. A risada de Raffe é algo que eu normalmente desfrutaria, exceto que ele claramente está rindo de mim.

Eu olho para as minhas roupas. Eu admito que eu posso ter me apressado um pouco demais enquanto me vestia lá em cima.

O que parecia ser um suéter num modelo discreto à luz de uma vela, acaba sendo manchas de leopardo pela luz de várias velas. E porque é tão grande em mim, dobra e sobra em todos os lugares. O que eu tomei por um lenço escuro ao redor da minha cintura acaba por ser uma gravata vermelha e minhas meias da cor marrom são, na verdade, um par incompatível de rosa e roxo.

— Por que é que todo mundo pode parecer como se fossem parte de uma festa de caça aos zumbis, mas eu ainda tenho que me preocupar com a moda?

Ele não para de rir em silêncio. — Você parece um Sharpei com manchas de leopardo.

Eu acho que esses são aqueles cachorrinhos tipo pug que se afogam em dobras maciças de pele. — Você está me deixando cicatrizes, sabe. Poderia me assombrar pelo resto da minha vida ser chamada de cãozinho enrugado na tenra idade de dezessete anos.

— Claro. Uma menina sensível. Isso define você, Penryn. — A luz do fogo suaviza as feições dele e aquece sua pele. — Mas se você precisa ter um impulso do ego para o seu lado terno, eu vou admitir que você parecia ótima com asas. — Raffe diz esta última parte em voz melancólica.

De repente, eu me sinto estranha. — Obrigada... Eu acho.

— Você não quer parecer ótima com asas?

— Eu só estou com medo disso poder ser o início de mim sendo alvo de uma piada chamada, por exemplo, hum, como eu posso parecer com um cachorro enrugado com asas, mas tenho uma personalidade agradável ou coisa do tipo. — Eu olho para o teto enquanto penso sobre isso. — Ok, isso não saiu engraçado de jeito algum, por isso teria sido uma piada muito ruim.

— Oh, não se preocupe. Você está segura — ele diz em uma voz reconfortante. — Eu nunca te diria que você tem uma personalidade agradável.

Eu dou a ele um olhar sujo e ele ri ante o próprio comentário de provocação.

E apenas assim, ele volta a ser o mesmo Raffe que eu conheci na estrada.

NÓS AQUECEMOS água no fogão a gás, que ainda funciona desde que você acenda-o com um fosforo. Então, nós nos sentamos em frente à lareira, bebendo água quente em canecas enquanto eu conto a ele o que eu tenho feito desde a última vez em que vimos um ao outro. O calor é tão bom que eu quero me enrolar e adormecer.

— Onde está a minha espada?

Eu respiro fundo. Eu não mencionei os sonhos da espada. Pareceria um pouco demais admitir que eu bisbilhotei a vida dele. — Eu tive que deixá-la em uma pilha de coisas no Píer 39 em San Francisco, quando eu fui pega.

— Você a deixou?

Eu assinto. — Eu não tive escolha.

— Ela não foi feita para ficar sozinha.

— Eu acho que nenhum de nós foi.

Nossos olhos se encontram e um zumbido elétrico corre através de mim.

— Ela sentia falta de você — eu digo em um sussurro.

— Ela sentiu? — A voz dele é uma suave carícia. Seu olhar nos meus olhos é tão intenso que eu juro que ele vê direto dentro da minha alma.

— Sim. — Calor ruboriza minhas bochechas. *Eu*... — Ela pensou em você o tempo todo.

A luz da vela cintila um brilho suave ao longo do queixo dele, ao longo dos lábios. — Eu odiei perdê-la. — A voz dele é um rosnado baixo. — Eu não tinha percebido o quão dependente eu tinha ficado. — Ele se aproxima e move uma mecha de cabelo molhado para fora do meu rosto. — Quão perigosamente viciante ela pode ser.

O olhar dele me fixa no meu lugar e eu não posso me mover, não consigo respirar.

— Talvez uma garota precise ouvir isso. Talvez ela queira ficar com você, também. — As palavras saem em um sussurro apressado.

Ele fecha os olhos e respira fundo. Ele balança a cabeça. — Não pode ser.

— Por quê?

— Regras. Costumes. Perigo. É perigoso estar comigo.

— É perigoso estar sem você. — Eu cutuco, mais perto do fogo.

Ele estende a mão e ajusta meu cobertor em volta dos meus ombros. — Isso não muda as regras, no entanto.

Fecho meus olhos e sinto o calor dos dedos dele roçando meu pescoço. — Quem se preocupa com as regras? É o fim do mundo, lembra?

— Regras são importantes para nós. Anjos são uma raça de guerreiros.

— Eu notei. Mas o que isso tem a ver?

— A única maneira de manter uma sociedade de assassinos juntos por eras é ter uma cadeia estrita de comando e tolerância zero para quebra de regras. Caso contrário, todos nós teríamos nos abatido há muito tempo.

— Mesmo que as regras não façam sentido?

— Às vezes elas fazem sentido. — Ele sorri. — Mas esse não é o ponto. O ponto é ter guerreiros que seguem suas ordens, não que as julgue.

— E se o impede de coisas e pessoas com quem você se importa?

— Especialmente então. Essa é, muitas vezes, a punição mais eficaz. A morte não é muito uma ameaça para um verdadeiro guerreiro. Mas tirar a sua Filha do Homem, seus filhos, seus amigos, sua espada – estas são verdadeiras punições.

Eu não posso evitar. Eu me inclino para perto dele para que meu rosto fique apenas um beijo de distância. — Somos muito assustadoras, não somos?

Ele olha para os meus lábios quase involuntariamente. Mas ele não se afasta ou se inclina para frente um milímetro. Ele arqueia a sobrancelha para mim. — Filhas dos Homens são verdadeiramente perigosas. Para não mencionar realmente irritantes. — Ele encolhe os ombros. — De um jeito falante, ocasionalmente bonito.

Eu me inclino para trás. — Eu estou começando a entender porque sua espada te deixou. — Ouch. Isso saiu errado. — Desculpe, eu não quis dizer –

— Ela partiu porque tinha ordens permanentes para partir se ela alguma vez sentisse a escuridão.

— Por quê?

Ele olha para dentro da caneca dele. — Porque um Caído com uma espada de anjo é muito perigoso. As asas deles mudam ao longo do tempo e, eventualmente, crescem suas próprias armas se eles sobreviverem a batalhas suficientes. Ter ambas, asas Caídas e uma espada de anjo, é uma combinação muito perigosa para se permitir.

— Mas você não é um Caído, é? Por que sua espada te deixaria?

— As asas a confundiram. — Ele toma um gole, parecendo que ele deseja que fosse mais forte que água. — Ela é parcialmente senciente, mas não é

como se ela tivesse um cérebro. — Ele meio que sorri.

Eu suspiro e abaixo minha caneca. — Seu mundo é tão diferente do meu. Vocês têm qualquer coisa em comum com os seres humanos?

Ele olha para mim com aqueles olhos de assassino naquele rosto perfeito sobre o seu corpo de Adonis. — Nada que vamos admitir.

— Não há nenhuma maneira em torno disso, não é? — Eu pergunto. — Somos inimigos mortais e eu deveria estar tentando te matar e a todo mundo como você.

Ele se inclina, toca a ponta da testa dele na minha, e fecha os olhos. — Sim. — A respiração suave dele acaricia meus lábios quando ele diz a palavra.

Eu fecho meus olhos também, e tento me concentrar no calor da testa dele descansando na minha.

64

RAFFE VOLTA da busca por alimentos com uma caixa de cereal e um pote de manteiga de amendoim. Eu queria me mover, mas ele insistiu que soldados precisam de alimentos para combater adequadamente. Além disso, ele disse que precisava de tempo para pensar sobre o seu próximo passo. Então ele partiu na noite com sua visão noturna muito útil, enquanto eu me sentei na casa ao lado de minhas velas.

O cereal é farelo de passas e as passas têm gosto de céu – quero dizer, nirvana – ou qualquer lugar que seja maravilhoso e não me lembre de anjos mortais.

Finalmente, nossas mãos estão limpas, de modo que nós comemos punhados de cereal e lambemos a manteiga de amendoim direto de nossos dedos. Suponho que este lugar provavelmente tem utensílios na cozinha, mas por que se incomodar? Há algo meio que divertido em escavar a bondade pegajosa com nossos dedos e lambê-los como sorvete.

Farelo de passas e manteiga de amendoim. Quem diria que podia ter um gosto tão bom? Se pudéssemos apenas acrescentar um pouco de chocolate, provavelmente faria uma grande barra de chocolate de amendoim crocante para a venda de bolos no ensino médio. Ok, talvez não tivesse um sabor tão bom em comparação com a comida do Mundo de Antes, mas agora mesmo, tem um gosto incrível.

— Eu preciso voltar para a fortaleza — diz Raffe enquanto escava os dedos dentro do pote.

Meu punho com cereal para no meio do caminho para minha boca. — Sério? O lugar cheio de Neandertais loucos e sanguinários, de onde nós mal escapamos com nossas vidas?

Ele arqueia a sobrancelha para mim. Suga a manteiga de amendoim dos dedos dele.

Eu coloco o cereal na minha boca e começo a triturar. — Só porque o seu povo é bonito, não significa que eles não são Neandertais por dentro.

— Baseado no que você me disse, eu estou supondo que o motim não era o que Uri tinha em mente. Qualquer soldado poderia ter dito a ele que aquilo é o que iria acontecer. Você balança o apocalipse na frente de guerreiros frustrados, incertos sobre a missão deles, e você tem um pouco de contenda em suas mãos.

— Um pouco de contenda?

— Muito antiquado. — Ele apanha mais manteiga de amendoim. Ele parece preferir não misturar isso com cereais.

— As pessoas estavam em pedaços. Literalmente. Em pedaços sangrentos, pequenos e horríveis. Aquilo não é exatamente uma contenda.

— E eu sinto muito por aquilo, mas não havia nada que eu pudesse fazer para detê-los. — Ele não soa pesaroso. Ele soa frio, calculista e pragmático.

— O que é isso com toda a torcida durante o apocalipse, afinal? Oh, hei, nós podemos matar pobres seres humanos indefesos. — Eu soo irritadiça. Eu mergulho meu punhado de cereais na manteiga de amendoim, garantindo que eu deixe algum cereal nela. Para completar, eu largo um par de uvas passas nela também.

— O entusiasmo sobre o apocalipse não tem nada a ver com os humanos.

— Poderia ter me enganado.

Ele espreita dentro do pote contaminado de manteiga de amendoim. Ele me lança um olhar arqueado e desce o pote de volta, sem pegar nada dele. — Os seres humanos são incidentes.

— Matar e destruir uma espécie inteira é incidental? — Eu não posso evitar soar como se eu estivesse acusando-o, apesar de saber que ele não era parte do plano para nos eliminar.

Ou, pelo menos, eu acho que ele não estava pessoalmente envolvido, mas eu realmente não sei disso, não é?

— Seu povo tem feito isso com todos os tipos de espécies. — Ele pega a caixa de cereal.

— Isso não é o mesmo. — Eu pego o pote de manteiga de amendoim.

— Por que não?

— Podemos, por favor, voltar a como o seu povo está festejando sobre matar o meu povo? — Eu retiro mais manteiga de amendoim.

Ele me observa lamber a manteiga de amendoim dos meus dedos. — Eles estão comemorando a possibilidade de libertar os amigos deles.

— Os anjos têm amigos? — Eu franzo os lábios em volta do meu dedo, sugando cada pedacinho de deleite dele.

Ele se mexe desconfortavelmente no assento e me encara. — Quando você luta lado a lado com outros guerreiros, eles se tornam seus irmãos. Cada um de nós tem um irmão que caiu. A única coisa que oferece alguma esperança para eles é o Dia do Julgamento. Naquele dia, eles finalmente conseguem o seu julgamento.

— Uma eternidade de castigo vem antes do julgamento? — Estou prestes a mergulhar meus dedos no pote de novo quando ele despeja cereal dentro dele. Eu vou ter que comer o cereal antes de poder lamber mais manteiga de amendoim.

— O sistema é propositalmente duro para manter todos na linha. É o que mantém nossa sociedade guerreira junta.

Eu empurro meu dedo na mistura de cereal – manteiga de amendoim, imaginando se ele está irritado. — E se eles são julgados culpados? — Meu dedo sai com um pouco de manteiga de amendoim na ponta. Eu lambo isso, saboreando o resto do sabor doce.

Ele se levanta abruptamente e começa a andar pela sala. — Então a eternidade fica mais longa.

Eu sei a resposta para a minha próxima pergunta, mas eu preciso perguntar de qualquer maneira. — E quando o Dia do Julgamento acontece?

— No final do apocalipse.

Eu assinto. — Certo. Aquele que todo mundo está tão ansioso para ver. — Estar certa nunca parece me fazer sentir melhor nos dias de hoje.

Ele respira fundo e libera isso como se precisando desabafar. — Vamos encontrar minha espada.

Eu odeio perder tempo voando ao Píer 39, mas a espada e o rastreador da mamãe estão lá. Aquele rastreador ainda é a minha melhor aposta para encontrar Paige. Além disso, eu poderia ter uma chance de ver se Mamãe, Clara e os outros fugiram da ilha. Se não eles não conseguiram, talvez haja algo que eu possa fazer para ajudá-los.

Dr tinha dito que os escorpiões estariam fora em algum lugar hoje à noite e agora eu sei que Beliel deve ter orquestrado o sobrevoo dos gafanhotos sobre o comício da morte dos anjos. A fuga de Alcatraz deve ter ou tido êxito, ou falhado, por agora. Eu não posso nem tolerar pensar no que pode estar acontecendo agora se falhou.

Rapidamente, encontro um casaco de grandes dimensões e um par de tênis que me cabem surpreendentemente bem. Nesse meio tempo, Raffe escolhe uma faca perversa da cozinha e a prende nos cós da calça dele, bainha e tudo.

Lá fora, o nevoeiro levantou, mostrando uma noite fresca com a lua minguante e as estrelas refletindo o oceano. Entre nós e o mar, está uma praia coberta por pedaços de madeira e vidro pulverizado das casas.

O vidro quebrado reflete a luz do céu como um tapete de vaga-lumes piscando que se estende tanto quanto eu posso ver. É tão inesperadamente bonito que eu paro para olhar para isso. Como algo tão maravilhoso pode sair de tanta devastação?

Eu relanceio um olhar para Raffe para ver se ele está apreciando a mesma coisa. Mas ele está me observando em vez disso.

Vou até ele, me sentindo autoconsciente. Voar nos braços dele mais cedo foi negócio de guerra, e nós não tínhamos muito tempo para pensar sobre outra coisa senão fugir.

Desta vez é por escolha, e eu não posso evitar pensar nos braços fortes dele me segurando e a pele quente roçando a minha.

Eu levanto os meus braços como uma criança que quer ser pega.

Ele hesita por um segundo, olhando para mim. Ele está se lembrando de me segurar em seus braços na antiga fortaleza quando ele pensava que eu estava morta? O que deve parecer para ele segurar alguém tantas vezes, depois de ter estado isolado por tanto tempo?

Ele me levanta em seus braços, me embalando enquanto eu envolvo meus braços em volta do pescoço dele. Minha bochecha roça contra a dele conforme ele me pega. Calor flui do toque e eu resisto ao impulso de acariciá-lo.

Ele corre dois passos e estamos no ar, indo em direção a Alcatraz. Se eu já não tivesse voado com ele, eu estaria com medo. Estou acima da água com nada além de seus braços entre mim e um mergulho gelado. Mas os braços dele estão bem embrulhados em torno de mim e seu peito está quente. Eu inclino a minha cabeça contra ombro musculoso dele e fecho meus olhos.

Ele esfrega o rosto contra o meu cabelo.

Eu sei que logo vou ter que pensar sobre Paige, Mamãe e Clara. As minhas prioridades serão todas sobre sobreviver e reunir minha família e mantê-la a salvo de monstros e das pessoas iguais a eles.

Mas, por enquanto, apenas por este momento, eu me deixo ser uma menina de dezessete anos de idade nos braços fortes de um cara. Eu me permito até mesmo alguns dos E SE infiltrar-se, os tipos de possibilidades que poderiam ter florescido entre nós no Mundo de Antes.

Só por um pouco de tempo.

Antes que eu dobre cuidadosamente meus sonhos para longe, dentro do cofre na minha cabeça.

65

EM VEZ DE voar até a península, nós voamos através dela até chegarmos à Baía de San Francisco. A partir daí, o plano é voar o comprimento da baía, grosseiramente seguindo o litoral da península. É um caminho mais longo para Alcatraz, mas a névoa espessa fica sobre a água, justo como suspeitávamos. Com todos os anjos e escorpiões no ar hoje à noite, Raffe percebeu que seria melhor voarmos sobre a água, e ele estava certo.

O ar está úmido e o vento áspero. Apesar do meu casaco, Raffe é a minha verdadeira fonte de calor, e eu não posso deixar de me aquecer na sensação do corpo dele enquanto voamos numa lufada através da névoa.

Raffe inclina a cabeça enquanto ouve alguma coisa.

Ele se desvia para investigar. Eu não tenho ideia de como ele sabe mesmo que estamos indo na direção correta no meio dessa nuvem, muito menos como ele consegue identificar algum ruído menor que eu não posso nem ouvir, mas ele consegue.

Nós deslizamos para fora da mais espessa neblina e roçamos silenciosamente ao longo dos tentáculos inferiores da névoa pairando sobre a baía. O luar enfumaçado brilha fracamente contra a escuridão oleosa abaixo.

Eu ouço o som abafado de motores trabalhando na água antes de ver os barcos.

Abaixo de nós, meia dúzia de barcos abrem seu caminho através da baía. Eu não vejo a balsa do Capitão Jake. Claro, não há nenhuma razão pela qual deveria estar aqui, mas eu não posso evitar esperar que estes sejam os fugitivos de Alcatraz. Estes barcos são menores e mais elegantes, mas ainda grandes o suficiente para levar dezenas de pessoas.

Dee e Dum conseguiram reunir uma equipe de resgate?

Se sim, estou impressionada. Isso significaria que eles foram capazes de reunir barcos suficientes para, esperançosamente, tirar todos em uma viagem. E parece que eles também, inteligentemente, decidiram tomar vantagem da escuridão e nevoeiro, viajando sobre a água, em vez de terra.

Raffe desliza para baixo, circulando silenciosamente perto dos navios, tão curioso quanto eu estou sobre o que está acontecendo.

Os conveses estão cobertos com pessoas amontoadas juntas para aquecer. Alguém deve ter um vislumbre de nossa forma mais escura contra o

céu, porque os motores desligam e os barcos flutuam silenciosamente durante a noite. Há homens com rifles apontados para o céu, mas a maioria deles não está apontando para nós, então não devemos estar muito visíveis. E a melhor notícia é que nenhuma das armas dispara.

Eu estou supondo que eles têm ordens para atirar apenas como um último recurso, uma vez que o ruído de um único tiro poderia acenar uma horda de monstros para eles. Os barcos parecem estar indo bem silenciosamente à deriva em meio à neblina. Se esta é a fuga de Alcatraz, eles provavelmente já estiveram na água por horas, o que significa que eles tiveram seus motores desligados a maior parte do tempo.

Não há luz, movimento ou som em qualquer lugar, exceto no telhado do barco maior que está liderando a frota. O reflexo das ondulações da água e o brilho do luar na névoa são o suficiente para ver que há algo amarrado ao telhado.

É um escorpião surrado.

Alguém paira sobre o monstro se contorcendo. À medida que deslizamos silenciosamente ao lado, eu pego uma visão melhor.

O corpo e cauda da besta estão firmemente atados. A boca está amordaçada e fazendo um silvo abafado enquanto tenta freneticamente picar a mulher que se inclina sobre ele.

A mulher está absorta no que quer que ela esteja fazendo e não nos nota. Ela está desenhando algo no peito dele. Eu não posso ver o rosto dela, mas só há uma pessoa quem ela poderia ser.

Minha mãe está viva e aparentemente ilesa.

Dois homens segurando rifles estão em ambos os lados dela. Eu estou supondo pelos braços protuberantes de um e do colarinho yuppie do outro que eles provavelmente são Tatuagem e Alfa. Se for assim, Mamãe deve ter impressionado muito eles durante a fuga, ou eles não estariam protegendo-a enquanto ela desenha em um escorpião.

Nós fazemos uma varredura sobre o barco, mas está muito escuro para que eu veja o que ela está escrevendo.

— Ela desenhou um coração no peito com batom e está escrevendo ‘Penryn e Paige’ dentro do coração, — Raffe sussurra no meu ouvido. Nós circulamos de volta em nosso caminho para o cais. — Agora ela está desenhando flores no estômago dele.

Eu não posso evitar sorrir e balançar a cabeça.

Eu me sinto mais leve.

E por um momento, eu seguro Raffe mais apertado, tanto algumas pessoas poderiam confundir com um abraço.

66

O PIER 39 é principalmente como eu me lembro. Tábuas quebradas que apontam para fora em todas as direções, edifícios demolidos, um barco de lado.

A balsa do capitão Jake foi levada para o cais, parecendo tábuas quebradas em uma coroa de farpas irregulares. O navio aparenta ser menor do que deveria, afundando lentamente. Um foco de luz a partir do convés permanece acesa e joga um raio espectral da luz através do cais.

Assim, nem todos optaram por ir para baixo da baía para a península. Alguns quiseram tomar a travessia mais curta para o continente e depois se dispersaram. Isso faria sentido se você pensasse que suas chances eram melhores em terra do que na água, ou se você tivesse pessoas queridas na cidade. Mas quem pilotou o navio provavelmente não era o capitão Jake. A menos que ele estivesse seriamente bêbado, o que é uma possibilidade real.

Nós circulamos acima do cais, observando a situação. Saqueadores se espalham quando vislumbram nossa sombra na lua. Alguns deles são apenas crianças. Devem saber sobre os objetos de valor deixados no cais. Eu me pergunto se eles têm alguma ideia de como é perigoso para eles estarem aqui?

Logo que todo mundo desaparece, nós pousamos silenciosamente nas sombras.

Raffe me segura um segundo a mais do que o necessário, antes que ele me põe para baixo. E então ele me dá um segundo a mais do que o necessário para deslizar meus braços longe de seu pescoço e um passo atrás do seu calor. Qualquer um poderia nos observar, achando que éramos um casal se beijando no escuro.

As luzes iluminam as vigas e tábuas salientes no cais. O ar úmido da nossa respiração se condensa em neblina e roda em conjunto, enquanto observamos e ouvimos para nos certificar de que ninguém está por perto.

Alguém está chorando.

Há uma figura solitária sentada nos escombros de uma loja semidestruída de doces. Ela está tentando ficar quieta, mas os soluços suaves são inconfundíveis.

Há algo sobre a figura enrugada e a voz que parece familiar. Faço um gesto para Raffe ficar atrás, enquanto eu vou falar com a pessoa. Eu contorno o feixe de luz para chegar até ela.

É Clara. Ela abraça o corpo murcho, parecendo ainda menor do que o habitual. As bochechas que se parecem com carne vermelha brilham com lágrimas enquanto ela chora sozinha.

— Ei, Clara. Sou eu, a Penryn — Eu a chamo baixinho alguns metros ao longe, para não assustá-la até a morte. Ela engasga, e é claro que eu praticamente dou-lhe um ataque cardíaco de qualquer maneira.

Ela meio que sorri e meio que soluça quando percebe que sou eu. Eu ando mais perto e sento ao lado dela. As tábuas quebradas são duras e úmidas. Eu não posso acreditar que ela está sentada aqui por horas.

— Por que você ainda está aqui? Você deveria estar o mais longe que possa conseguir.

— Este lugar é o mais perto que eu posso chegar da minha família agora — sua voz falha. — Tivemos felizes domingos aqui. — ela balança a cabeça lentamente. — Isso, e não tenho outro lugar para ir.

Estou prestes a dizer-lhe para ir para o campo de resistência quando me lembro de como eles a trataram e as outras vítimas de escorpião. Pessoas que preferem enterrar seus entes queridos vivos do que o risco de tê-los mudado como Clara, provavelmente nunca vão aceitar alguém como ela. Não admira que ela não desceu a baía com a resistência.

Eu coloquei meu braço em torno do seu ombro e dou-lhe um aperto. É tudo que eu consigo pensar em fazer.

Ela me dá um sorriso fraco, mas as lágrimas caem por seu rosto de novo e seu rosto se franze. Algo estala nas proximidades.

Nós duas ficamos tensas, provando que Clara não está completamente pronta para desistir.

Uma menina suja com uma massa de cabelos emaranhados finalmente corre alguns passos e esconde-se atrás de um carro. Um braço adulto alcança e tenta agarrá-la.

— Não, não é ela — diz a menina. — Eu a ouvi. Ela está aqui. — Alguém sussurra urgentemente de trás do carro.

A menina balança a cabeça. Ela se vira e corre em direção a nós.

— Volte aqui! — sussurra a voz urgente de trás do carro. Um homem sai correndo meio agachado. Ele arrebata a coisa pequena em seus braços e corre de volta. A criança se contorce como um saco de filhotes. Ela chuta e se contorce e tenta gritar, mas ele tem a mão sobre sua boca.

Seus gritos abafados soam um pouco como: — mamãe! — ao meu lado, Clara fica perfeitamente imóvel.

O rosto de uma segunda menina espreita para fora detrás do carro. Ela é um pouco maior, mas com o cabelo tão emaranhado e sujo. Ela olha com os

olhos arregalados para nós.

— Ella? — Clara sussurra tão baixo que até eu tenho dificuldade em ouvi-la. Ela se levanta ofegante. — Ella — ela dá uma guinada, em seguida, corre em direção a eles.

Uh- oh. Isso poderia ser realmente maravilhoso ou realmente horrível.

Está escuro e estamos longe o suficiente para que eu tenha certeza que eles não podem ver os detalhes do que Clara se parece ainda. Levanto-me e sigo discretamente em caso dela precisar de apoio. Não que eu realmente possa ajudá-la se sua família rejeitá-la, mas pelo menos ela vai saber que tem uma pessoa do seu lado.

O homem congela em seu caminho para o carro. Ele se vira com a menina em seus braços. A criança vai como uma bala com seus gritos abafados de — mamãe! —

A segunda menina sai detrás do carro com passos cautelosos. — Mãe? — ela parece totalmente perdida e insegura.

— Chloe — Clara soluça o nome dela enquanto ela corre em direção a eles.

A menina mais velha se aproxima de Clara. Estou prestes a ter um sorriso explodindo no meu rosto quando a menina para bruscamente, olhando com olhos arregalados para a mãe dela. Ela está perto o suficiente agora para nos ver melhor. Vejo Clara novamente do jeito que minha mãe vê, a forma como os outros a veem. Ela realmente se parece como se tivesse se arrastado para fora de seu túmulo depois de estar morta por um tempo.

Por favor, não grite, Chloe. Isso seria o fim de Clara.

Ela foi forte o suficiente para sobreviver a um ataque de escorpião, forte o suficiente para rastejar para fora de ser enterrada viva e escapar de monstros em alcatraz. Mas ouvir sua menina gritando ao vê-la, iria quebrá-la em tantas peças que nada poderia colá-la de volta.

Os passos de Clara vacilam e ela para também. Seu rosto muda de prazer surpreso à incerteza horrível.

A menina mais nova conseguiu se contorcer nos braços do homem e corre para nós. Ao contrário de sua irmã, ela não hesita em saltar para os braços de Clara.

— Eu sabia que era você! — a menina olha para ela como se estivesse prestes a derreter com a felicidade com que abraça sua mãe. — Papai nos fez esperar até sabermos com certeza. — Nós ficamos te observando por muito tempo. Você só chorava e chorava e não podíamos dizer se era você. Então você começou a falar e eu sabia! Eu ouvi a sua voz e eu sabia. Veja papai, eu lhe disse.

Mas papai está congelado há alguns passos de distância, olhando para Clara.

Clara acaricia o cabelo de Ella com a mão trêmula. — Sim, menina, você estava certa. Eu senti tanto sua falta. Muito. — Ela olha com medo para Chloe e seu marido, seus olhos implorando.

Chloe dá um passo hesitante em sua direção. — Mãe? É você mesmo? O que aconteceu com você?

— Sim, querida. Sou eu. Estou bem — diz Clara. — Eu estou bem agora. — Clara coloca o braço em um convite e Chloe cuidadosamente dá passos em direção a ela.

Papai puxa a menina de volta. — É contagiosa?

— O quê? — Clara parece confusa.

— Você é contagiosa? — O pai enuncia cada palavra como se ela já não falasse a sua língua.

— Não — sussurra Clara. Seu tom de voz é trêmulo e eu sei que ela mal está se contendo. — Eu juro.

Chloe desliza para fora do abraço de seu pai. Ela faz uma pausa, olhando para Clara. Então ela hesitante vai para os braços de Clara. Uma vez lá, no entanto, a menina mais velha se agarra a mãe tão firmemente como sua irmã pequena.

O marido de Clara olha para eles, parecendo que ele está dividido entre correr para se juntar à sua família e simplesmente fugir. Ele fica lá, observando suas crianças conversando com sua mãe sobre como eles vieram aqui para vasculhar, que tinham ouvido falar de coisas valiosas que foram deixadas aqui na doca. Como elas imploraram para seu pai para vir aqui pela última vez. Como elas fingiram que estavam vindo aqui para o seu almoço de domingo como antigamente.

Ouvindo Clara conversar baixinho com suas meninas traz uma imagem de uma mãe que toda criança merece ter. As meninas parecem aconchegadas e felizes no abrigo de sua mãe. Eu acho que isso parece ótimo.

Eventualmente, o pai delas vai até Clara como um homem sonhando. Sem dizer uma palavra, ele envolve todos em um abraço e começa a chorar.

Eu quase posso ver esse cais do jeito que era quando Clara e seu marido traziam as crianças aqui para o almoço. O som das gaivotas, o cheiro salgado da brisa do mar e o calor do sol da Califórnia. Eu consigo ver o casal andando de mãos dadas enquanto as meninas corriam na frente. Clara, a forma como ela costumava ser, com a pele fresca e um sorriso, segurando flores de mercado dos agricultores, rindo com o marido em uma tarde preguiçosa de domingo.

Eu derreto de volta para as sombras.

67

ME PREPARO PARA RAFFE ser sarcástico sobre a pequena reunião de Clara. Ele está encostado numa parede da loja que está em grande parte, intacta, uma figura escura, ameaçadora contra a noite. Se eu não o conhecesse, eu passaria longe para evitá-lo.

Quando eu chego perto o suficiente para ver seu rosto, não há sarcasmo. Ele assiste a reunião de Clara com sua família com muito mais simpatia do que eu jamais poderia ter previsto num anjo, mesmo Raffe.

Mas então eu relembro do comentário de Beliel sobre como anjos não foram feitos para estarem sozinhos. Então talvez ele entenda melhor do que eu achava.

— Eu estou cancelando seu status de guerreira. — Ele diz enquanto observa Clara e sua família.

— Eu tenho status de guerreira?

— Por quase 30 segundos.

— Qual crime hediondo eu cometi para perder meu status?

— Um verdadeiro guerreiro teria recuperado sua espada antes de tratar de negócios com pessoas.

— Eu sou toda sobre negócios pessoais. Cada batalha que eu tenho é pessoal. — Eu levo Raffe em direção à pilha de madeira quebrada e telhas onde eu escondi a espada.

— Hmm. Boa resposta. Talvez você recupere seu status.

— Eu mal posso esperar. — Eu empurrei os detritos de madeira para fora do caminho até que vejo o rosto borrado do ursinho de pelúcia. — Lá está ela. — Eu cuidadosamente retiro o urso e a espada. Eu orgulhosamente tiro a saia de véu de noiva para mostrar-lhe a bainha.

Raffe olha para a espada disfarçada por um segundo antes de comentar. — Você sabe quantas mortes esta espada causou?

— É um disfarce perfeito, Raffe.

— Esta espada não é apenas uma espada de anjo. Ela é uma espada de arcanjo. Melhor do que uma espada de anjo, caso isto não esteja claro. Ela intimida as outras espadas de anjo.

— O quê? As outras espadas tremem na base quando a veem? — Vou até a pilha de lixo espalhada pelo barco do capitão Jake.

— Sim, se você quer saber — diz ele me seguindo. — Ela foi feita

para ser respeitada. Como é que ela deveria ficar se disfarçando como um ursinho de pelúcia em um vestido de noiva?

— Não é um vestido de noiva, é uma saia para a bainha dela. E é fofo.

— Ela odeia fofura. Ela mutila e deixa cicatrizes no que é fofo.

— Ninguém odeia fofura.

— Espadas de anjos sim. — Ele arqueia a sobrancelha e olha para mim.

Eu acho que não que vou contar a ele sobre o quanto eram fofas as figuras e pinturas de anjos que nos costumávamos ter no Mundo de Antes.

O rastreador da mamãe deveria estar aqui, mas eu não o vejo nos escombros espalhados. Eu vejo uma alça destacável de suspensão de uma bolsa com chaves amarrados a ele, no entanto. Eu tenho tentado amarrar o urso na bainha e isso parece perfeito. Eu prendo uma extremidade em torno da fita costurada no pescoço do urso e do outro lado a cinta da bainha.

— Você já a nomeou? — Ele pergunta. — Ela gosta de nomes poderosos, então talvez você pudesse apaziguá-la, dando-lhe um bom.

Eu mordo meu lábio enquanto eu me lembro de contar a Dee-Dum que eu nomeei minha espada. — Hum, eu poderia chamá-la de qualquer coisa que ela goste. — Dou-lhe um sorriso falso.

Ele parece que está se preparando para o pior. — Ela foi nomeada por cada dono. Se você a nomeou, ela está presa a isto até que ela não esteja mais com você.

Droga.

Ele me olha como se ele já odiasse. — O que é?

Considero mentir, mas que diferença faz? Eu limpo minha garganta. — Pooky Bear.

Ele fica em silêncio por tanto tempo que eu estou começando a pensar que ele não me ouviu quando ele finalmente diz: — Pooky. Bear.

— Foi apenas uma brincadeira. Eu não sabia.

— Eu mencionei que os nomes têm poder, certo? Você percebe que quando ela luta batalhas, ela vai ter que anunciar-se à espada adversária? Ela vai ser forçada a dizer algo ridículo como, 'eu sou Pooky Bear, de uma antiga linha de espadas arcanjo.', Ou 'Curve-se a mim, o Pooky Bear, que apenas dois tem outro igual em todos os mundos'. — ele balança a cabeça. — Como ela vai obter qualquer respeito?

— Oh, vamos lá, fala sério? Ninguém vai respeitar esse tipo de anúncio pomposo de qualquer maneira, independentemente do nome. — Eu afundo a correia da espada em volta do meu ombro, e a espada urso se instala no meu quadril onde ela pertence.

Eu detecto o Rastreador da mamãe perto de uma bolsa. Corro para ele e o ligo.

— Você ficaria surpreso com quantas candidatos a adversários eu acabei apenas ao anunciar que eu sou Rafael, o grande arcanjo, a ira de Deus. — Ele me dá um olhar intimidador.

Ocorre-me que, por causa das asas de demônio, ele perdeu o poder de usar seu nome e título também. Eu vejo a tristeza em seus olhos e posso dizer que ele está pensando a mesma coisa.

No rastreador, uma seta amarela aparece na Half Moon Bay perto da fortaleza. Eu suspiro pesadamente. Apenas uma vez, eu não poderia encontrar minha irmã em algum lugar seguro e fácil?

— Paige está na fortaleza.

Raffe me dá um olhar do tipo *Não se atreva*. — Você quer dizer o lugar de onde eu mal consegui nos tirar vivos, porque eles estavam matando todos os seres humanos que poderiam ter em suas mãos?

— Obrigada, por sinal.

Ele junta os dedos pelos cabelos, parecendo agitado. — Olha, eu tenho certeza que eu poderia encontrar um pequeno e agradável abrigo antibomba para você em algum lugar com dois anos de suprimentos.

— Eu acho que estão todos tomados.

— E eu estou supondo que alguém ficaria feliz em dar um para você, especialmente se eu perguntar gentilmente. — Ele me dá um sorriso seco. — Você poderia tirar um pouco de férias de tudo isso e sair depois que as coisas se acalmarem. Se esconda, espere para sair, fique a salvo.

— É melhor você tomar cuidado. Você pode ser confundido com alguém que está preocupado comigo.

Ele balança a cabeça. — Eu só estou preocupado que alguém reconheça a minha espada em suas mãos. Se eu puder te esconder por um par de anos, então talvez eu possa me salvar do embaraço.

Eu mordo meu lábio para não perguntar, mas ela sai de qualquer maneira. — E o que você faria enquanto eu estaria escondida?

— Pegaria minhas asas de volta. Descobriria o que está acontecendo com o meu povo e acertaria as coisas. — Ele respira fundo. — E quando eu conseguir resolver tudo isso, eu voltaria para casa com eles.

Concordo com a cabeça, cravando as unhas na minha mão para me ajudar a focar. — Eu não posso dizer que não estou tentada, Raffe ficar segura soa maravilhoso. — Dou-lhe um sorriso triste. — Talvez eu possa até aceitar a sua oferta, assim que toda a minha família estiver junta. Quero dizer, se você ainda estiver por perto e disposto a ajudar.

Ele suspira. — Eu sinto falta dos dias em que as mulheres poderiam ser mandadas e elas não tinham escolha.

— Tem certeza de que não era apenas um mito? Tenho certeza de que ninguém ordenaria a minha mãe a sair do caminho, jamais.

— Provavelmente você está certa. A indisciplina das mulheres em sua família deve vir de gerações. Você é como uma praga sobre a Terra.

— Tanto quanto nós também somos uma praga sobre os anjos, eu tenho certeza que todo mundo vai nos perdoar.

— Oh, você definitivamente é uma praga para pelo menos um anjo. Existe alguma coisa que eu possa dizer para te impedir de ir para a fortaleza?

Faço uma pausa para pensar sobre isso. — Eu gostaria que houvesse. Minha vida seria muito mais fácil.

— E se eu me recusar a ajudá-la a chegar lá?

— Então eu vou a pé ou de carro.

— E se eu te arrastar para uma prisão e trancá-la?

— Então eu vou usar a minha pequena espada bacana para fugir.

— E se eu deixar a espada fora da prisão?

— Você não vai. Se você não pode tê-la, você prefere que eu a tenha, certo? Estamos melhor juntos do que separados.

Nossos olhos se encontram.

— Além disso, quem iria me deixar sair se acontecesse alguma coisa com você?

Ele me lança um olhar de soslaio, como o pensamento de alguma coisa acontecendo com ele ser ridículo. — Beliel provavelmente ainda está na fortaleza — eu digo.

— E por que você acha isso?

— O médico que operou Paige acha que ela está atraída por Beliel. Quem sabe o sentido animal estranho que eles colocaram nela? Ela poderia ter uma noção de onde ele está. — Eu levanto Rastreador da mamãe.

— Estou rastreando Paige. Ela está rastreando Beliel. Você não pode me impedir de seguir Paige, então por que não tira proveito da situação e só me leva voando para lá?

Ele olha para mim. — Eu tive que assistir você morrer uma vez, não é o suficiente?

— Tudo o que você tem a fazer é se certificar de que isso não aconteça novamente. — Eu dou-lhe um sorriso ensolarado. — Simples.

— A única coisa simples é você. Sua teimosa... — seus resmungos desaparecem até o ponto onde eu não podia ouvi-los, mas eu suspeitava que eles não eram elogios.

Eventualmente, ele me põe nos braços.

É irritante estar tão perto dele ao ponto de sentir seu coração bater contra meus seios. Eu o seguro firmemente enquanto ele abre suas asas e decola na noite.

68

NÓS DESLIZAMOS tão perto da água que podíamos muito bem estar nadando. Continuo esperando que voamos através de uma grande onda. Como deveria ser, o espirro é como uma ducha gelada. Eu enterro meu rosto no pescoço do Raffe, buscando seu calor sem fim.

É tão frio que meus braços querem se abrir e cair em protesto. Não é nenhum consolo que esse seja apenas o único caminho que temos para chegar perto do ninho de águia sem sermos vistos. Se tivéssemos sobrevoado sobre a terra, eles poderiam ter nos avistados.

Raffe é estoico e calmo estando perto da água, apesar de ter nadado provavelmente apenas uma vez em toda a sua existência. Estou um pouco menos calma. Eu não posso evitar mas acho que isso pode ser a última coisa que faço. Não consigo tirar as imagens dos guerreiros enlouquecidos jorrando sangue da minha cabeça.

Raffe me segura apertado. — Já era hora de você mostrar algum senso. Você deveria estar assustada.

— Eu estou tremendo porque eu estou congelando.

— Você é fofa quando você está assustada.

Eu dou a ele um olhar sujo. — Yeah, você é fofo quando você está assustado também.

Ele na verdade cai na gargalhada. — Você quer dizer que eu sou devastadoramente bonito quando eu não estou assustado. Porque você nunca me viu assustado.

— Eu digo que você fica fofo, não devastadoramente bonito.

Estamos nos aproximando da costa. É tão perto, os sons das ondas batendo na areia e rochas que devem ter disfarçado a nossa brincadeira. Mas nós estamos chegando perto o suficiente para que nós dois instintivamente calemos a boca.

Nós, é claro, não temos um plano. Vamos simplesmente ver o que está acontecendo e partir daí. Nós flutuamos um pouco para o lado da nova fortaleza, para que possamos pousar na terra despercebidos. Aterrissamos na praia abaixo do penhasco à beira do recinto do hotel. Nos escondemos entre as rochas, cercas e arbustos, espiamos tão perto quanto ousamos próximos do círculo de luz na beira do gramado do hotel. Novas tochas foram criadas para substituir as antigas que foram derrubadas durante a

briga. Mas elas são colocadas de forma aleatória e em ângulos tortos como se quem as tivesse colocado não estivesse se importado com elas.

Eu tento imitar a discrição e suavidade dos movimentos de Raffe, mas minhas pernas congeladas estão desajeitadas, e eu tenho que agarrá-lo várias vezes para não ficar tropeçando. Ele me dá um olhar com uma clara mensagem que eu deveria lidar com meus problemas.

Enfiamo-nos numa fileira de arbustos e seguimos para mais perto do gramado. As bordas dos terrenos estão cheios com os restos da festa como se os restos foram levados para acima na costa. Mesas partidas jaziam caídas, cadeiras de cabeça para baixo, trajes rasgados, e outras coisas quebradas.

O gramado também tem um tapete heterogêneo de revestimentos pisoteado de asas, máscaras e coisas quebradas que são agora difíceis de identificar. Há manchas escuras na grama que provavelmente são vermelhas à luz do dia. Se houver algum servo restantes, eles não estão dispostos a sair e limpar.

Os anjos espalhados no gramado parecem muito de ressaca para notarem alguma coisa. Um grupo está cantando no meio da grama, ainda usando suas máscaras. Suas vozes se misturam muito bem, mas com todo o seu andar oscilante e chutes nos restos, eles se parecem mais com piratas bêbados depois de uma invasão.

O outro grupo está colocando algo próximo ao hotel do tipo mansão. Eles estão montando uma mesa com caixa de madeira. Ao lado, estão postes de diferentes alturas.

Um anjo paira no alto dos postes, amarrando bandeiras triangulares que ondulam coloridas na brisa do mar como bandeiras de castelo. Dois anjos voam acima com um banner em suas mãos. Eles amarram a parte superior dos dois lados nos maiores postes. Possui vários símbolos que percorrem a bandeira como um manuscrito.

Os olhos de Raffe tornam-se frios e hostis enquanto ele olha para o banner. Dou-lhe um olhar interrogativo, perguntando-lhe o que diz.

Ele se inclina, suas palavras apenas deslizando em meu ouvido. — Vote para Uriel hoje, comece o apocalipse até amanhã.

Eu não entendo todas as implicações da política de anjo, mas eu sei que isso não é bom. Eles estão na criação de uma cabine eleitoral para o Mensageiro.

Outro banner sobe, este virado para cima para que ele possa ser visto do alto. Um dos anjos desenrolando a bandeira é um gigante com asas brancas de neve. Beliel.

Raffe e eu trocamos um olhar e nos dirigimos até ele. Enquanto nos esgueiramos para mais perto, Raffe encontra asas revestidas num arbusto. Uma camada rasgada de lantejoulas paira sobre as penas escuras, mas ele facilmente descarta-as, deixando apenas as coberturas de pena. Ele coloca sobre suas asas e eu ajudo as penas a ficarem na posição horizontal.

Ele também pega uma das máscaras descartadas, uma vez que cai no gramado com a brisa do oceano. Eu amarro para ele. A máscara é de um vermelho escuro e prata ao redor dos olhos e bochechas. Ele cobre todo o rosto, exceto a boca.

Ele se levanta e sem dizer uma palavra me puxa para trás dele, colocando-se entre mim e o gramado do hotel. Eu tenho de espiar em torno dele para ver os anjos, o que significa que eles não podem me ver também. Raffe é grande o suficiente para me esconder. De longe, parecemos um guerreiro caminhando para o outro lado do que já foi a festa.

Me preocupa que os anjos possam voar e me ver. Felizmente, eles devem estar de ressaca ou algo assim, porque nenhum deles tem energia o suficiente para voar além do que é necessário. Caminhamos rapidamente perto da beira do gramado, chegando cada vez mais perto de Beliel. Eu acompanho Raffe, o que não é muito difícil, pois ele está andando em um ritmo casual.

Beliel está por trás de Uriel. Ele está à beira da comitiva de Uriel enquanto Uriel lhe dá ordens.

Raffe olha para o céu e me pergunto se ele ouve alguma coisa. Beliel também olha para o mesmo lugar. Ele se inclina para Uriel e eles têm uma rápida conversa.

Um por um, os anjos pausam suas tarefas e todos olham para cima. O rugido surdo que se mistura tão bem com as ondas quebrando está se tornando estrondoso e difícil de ignorar.

Uma nuvem mais escura do que o céu noturno vem em direção a nós. Ela torce, se expande, em seguida, se contrai, balançando para lá e para cá.

O som irado de mil asas de escorpiões é inconfundível enquanto eles voam sobre nossas cabeças.

69

SOMBRAS SE MOVEM para baixo e para fora do alcance das tochas na beira do gramado. Raffe assiste uma cena que está escuro demais para eu ver. Eu pego um vislumbre de uma sombra voando pelo ar, dando a impressão de asas iridescentes de inseto.

Na escuridão, a pequena Paige caminha.

Ela se move rigidamente e cuidadosamente como se fosse parte máquina, parte garota. A luz das tochas faz a costura que cruza seu rosto ser vermelho escuro e seus dentes de navalha refletem as chamas quando ela passa pelas tochas. Agora que estou olhando, ela realmente se move como se estivesse com dor, mas sua expressão não mostra isso. Ela está resistindo à dor, talvez porque provavelmente dói estremecer ou fazer qualquer expressão. Eu nunca soube que ela tinha tanta força em si mesma.

Beliel inclina sua cabeça, assistindo-a enquanto ela anda em sua direção.

— Pequeno Verme — ele diz. — É você? — Sua boca se curva num sorriso que é parte surpresa e parte orgulho. — Você não está mais rastejando na imundice. — Ele estende sua mão. — Você está sozinha, não é?

Me mata ver minha irmãzinha deslizar sua mão na dele.

O doutor estava certo. Em algum lugar em mim, eu me agarrei à esperança de que ele estava fora de si. Mas vendo-a virar um demônio como Beliel apenas me lembrou como deve ter sido horrível para ela ficar com o resto de nós.

Paige olha para cima, para ele. Seu pescoço se estica quando ela olha para ele. Segurando mãos desse jeito, eles quase poderiam ser pai e filha.

Beliel abre parcialmente suas asas roubadas enquanto se vira para sorrir para Uriel. Seu sorriso diz:

Vê? Olhe meus troféus.

Paige puxa seu braço para que Beliel se incline na direção dela. Por um segundo, eu pensei que ela lhe daria um beijo. O pensamento faz meu estômago rodar. Ao invés disso, ela salta e morde seu pescoço. Ela sacode sua cabeça como um cachorro raivoso enquanto um pedaço do pescoço dele sai junto na sua boca

Beliel grita.

Sangue voa para todo lugar.

Uriel e seu séquito pulam para o ataque. Todos os outros apenas param no meio de qualquer coisa que estavam fazendo e encaram.

O zumbido sobre todos se torna mais frenético enquanto o vexame de escorpiões vira e se prepara para um voo rasante. Os escorpiões não estavam seguindo o comando de Beliel por todo esse tempo? Estarão eles com raiva?

Paige cospe o pedaço de pele de sua boca e agarra a cabeça de Beliel antes que ele possa colocar-se fora do alcance dela. Ela rasga seu rosto.

Três escorpiões mergulham do céu na direção deles.

Eu engasgo, achando que estão atacando Paige.

Mas ao invés, eles agarram Beliel.

Seus ferrões se movem sobre ele, enchendo-o com o veneno da paralisia. Ao invés de acabar com ele, Paige começa a chutá-lo. A gritar com ele. Arrancar pedaços de seu cabelo e de sua pele. Ela arranca nacos da pele dele e joga-os no rosto dele. E durante tudo isso, ela está chorando. Estou hipnotizada pela vista da minha irmãzinha investindo contra Beliel. Ele não é um oponente pequeno, mas ela o pegou completamente de surpresa.

Eu nunca vi uma criança de sete anos de idade com tanta fúria. Eu certamente nunca vi Paige com nada perto dessa raiva. Ela o soca com seus pequenos punhos de um jeito que eu sei que é mais sobre lidar com seus demônios internos do que com o demônio que é Beliel. Parece que meu coração se desintegra e vira cinzas enquanto eu assisto os restos de minha irmã. Uma umidade salgada toca meus lábios antes que eu perceba que estou chorando. O vento do oceano sopra contra mim, me fazendo tremer como uma frágil pétala numa tempestade.



RAFFE CORRE pelo penhasco e mergulha em direção ao escorpião. Ele o agarra logo antes dele enfiar suas garras que são como dedos nas costas de Beliel.

No começo estou confusa. Por que Raffe está protegendo Beliel?

Mas quando o sangue jorra do pescoço de Beliel para suas asas cor de neve, eu entendo. Raffe impede as mãos de Paige de arrancar um punhado de penas. Ao invés disso, ela agarra o cabelo de Beliel e arranca-o. Penas brancas caem durante a luta.

Enquanto Raffe, Beliel, Paige e os três escorpiões lutam, os anjos assistem curiosamente. Eles não pareciam inclinados a saltar e salvar Beliel.

Meu palpite é que aqueles que já se encontraram com ele não gostam dele, e aqueles que nunca o encontraram devem ter sentido que ele não pertencia a eles.

A máscara de Raffe continua em seu rosto, mas ele não é o único que ainda está vestindo fantasia. Ninguém me nota, como se os humanos os quais eles tanto se focaram apenas algumas horas atrás não importassem de verdade agora.

Eu olho ao redor para ver se tem algo para que eu possa me esconder atrás. Não há nada a não ser que eu vá me esconder atrás de um arbusto que está longe demais para que eu veja qualquer coisa. Por perto há apenas o oceano, rochas, e tochas.

O pingo de anjos rapidamente se torna uma inundação. A singularidade do momento deve ter alimentado suas curiosidades. Eles se aglomeram e me empurram. Espectadores anjos atrasados tinham que ficar no ar para assistir. Acima de nós uma nuvem de escorpiões mergulha e desce, se aproximando, e então sobem como um enxame de abelhas que se agitam em torno de sua colmeia.

Eu acabo na borda da parede de corpos. Tanto para não chamar atenção. Eu acaricio o pelo macio da minha espada Pooky Bear, tentando ficar calma.

Os gritos torturados de Beliel enchem a noite. Todos observam enquanto ele fica impiedosamente rasgado e picado. A não ser Raffe, que está apenas protegendo suas asas, nada nem ninguém vai para seu socorro. Ninguém nem mesmo se encolhe simpaticamente por ele.

Beliel estava certo. Ele não era amado e ninguém o queria.

Paige, que estava ofegando e chorando sobre Beliel, finalmente olhou para cima e pareceu perceber os anjos pela primeira vez.

Mesmo nessa luz, eu posso ver o medo e a incerteza surgindo em seu rosto enquanto seus olhos passam pelos rosto dos guerreiros sem compaixão, de guerreiro em guerreiro.

Os anjos estão parcialmente iluminados pelas tochas, dando-lhes um aspecto selvagem com as sombras tingidas de vermelho pestanejando por seus rostos.

Seus olhos param quando ela me vê. Ela pisca várias vezes como se não tivesse certeza que fosse eu. Seu rosto se contrai, dando a assustadora ilusão de que a costura monstra não está mais em seu rosto, deixando uma Paige terrivelmente chateada no lugar.

Ela parecia do jeito que estava no vídeo na cela de Beliel — pequena, sozinha, perdida. Uma criancinha tentando continuar acreditando que sua irmã mais velha virá e a salvará.

Eu abro meus braços em sua direção, percebendo quanto tempo faz desde que toquei nela. Ela não é a mesma Paige que eu conhecia, mas também não posso vê-la como um monstro. Se vamos todos morrer, pelo menos eu serei capaz de confortar minha irmãzinha durante os últimos momentos de nossa vida.

Paige deixou cair o seu olhar e olhou insegura para si mesma. Lágrimas deixavam um caminho pelo sangue em seu rosto.

Dei um passo para o centro do círculo e andei em sua direção. Quando a alcancei, ela envolveu minha cintura com seus braços fortemente. Minha irmãzinha olhou para cima. Mamãe estava certa. Seus olhos são os mesmos de sempre. Olhos marrons adornados com longos cílios e cheios com a memória da bondade e de luz, riso e alegria — presos no corpo cadavérico e mutilado.

— Está tudo bem, bebezinha. — Eu sussurro em seu cabelo enquanto a abraço. — Estou aqui. Eu vim por você.

Seu rosto se enrugou e seus olhos brilharam

— Você veio por mim.

Eu acaricio seu cabelo. Está tão sedoso quanto sempre foi.



BELIEL ENCONTRA-SE NA TERRA, aos pés de Raffe. Ele sangra através de seus cortes, mordidas, e pedaços faltantes. Os três escorpiões travam a boca para suas feridas abertas e começam a sugá-lo como enormes sanguessugas com ferrões.

Beliel grita, desajeitadamente jogando os escorpiões para longe com suas últimas energias.

A pele de Beliel torna-se seca e começa a enrugar. Logo, eu sei que ele vai murchar e a sua carne ficará parecido com carne seca.

Raffe observa os anjos olhando, depois se volta para a pele enrugada de Beliel. Mesmo com sua máscara, eu posso dizer que ele não quer fazer nada drástico na frente dos anjos. Mas ele não pode deixar suas asas serem sugadas e murchar. E mesmo se ele pudesse retirar esses escorpiões fora de Beliel, mais poderiam vir do céu.

Ele espalha uma das asas roubadas de Beliel e prende-a firmemente em uma mão. De sua cintura, ele puxa a faca de cozinha que ele tomou da casa de praia. Ela reflete as chamas da tocha quando ele a levanta, antes de oscilar a lâmina para baixo.

Beliel, ainda não totalmente paralisado, grita quando Raffe corta o conjunto de asas.

A asa cai no chão.

Os anjos assistem, atordoados.

Raffe levanta a faca novamente.

Alguns guerreiros saltam em direção a Raffe com as suas asas para trás e os punhos prontos. Eles pensam que ele está cortando as asas de um anjo e que eles estão defendendo as dele. Eu acho que é uma coisa deixar um anjo cuidar de si mesmo contra uma menina e seus animais de estimação, mas não contra um outro anjo amputando suas asas.

Mas eles não podem alcançá-lo rápido o suficiente. Raffe corta a segunda asa de Beliel.

A asa de neve cai no chão, ainda gloriosa e cheia de vida.

Raffe chuta o primeiro anjo que o alcança.

Ele luta corpo-a-corpo com os dois primeiros anjos que vêm para ele. Ele grita com eles, provavelmente, tentando explicar o que realmente está acontecendo, mas suas palavras se perdem entre o rugido dos escorpiões acima,

o clamor furioso dos anjos, e o bater das ondas.

Ele segura os dois primeiros, mas um terceiro saca sua espada.

A única arma eficaz que Raffe tem são as asas do demônio que ainda estão escondidas sob o disfarce de penas. Ele olha para trás, hesitando em mostrar-se a tantos anjos, mesmo que seja pouco provável que alguém vá reconhecê-lo com sua máscara. Mas o atacante não lhe dá escolha quando ele acaba de sacar a espada.

As asas de demônio de Raffe se abrem.

A multidão torna-se silenciosa. O zumbido do escorpião desaparece à medida que termina seu sobrevoo. E as asas em forma de foice de Raffe deslizam para fora com um pequeno ruído seco.

Suas foices tinem e desviam a espada de seu oponente. A espada voa no ar e cai no gramado.

Raffe abaixa o queixo e olha para os anjos com um olhar ameaçador. Com suas asas de morcego gigante em suas costas e as foices vermelhas brilhando na luz de tochas, ele é a imagem perfeita do diabo.

As duas asas cortadas encontram-se em ambos os lados de Beliel. As penas brancas soprando na brisa são surreais e estão fora de lugar na terra encharcada de sangue. A máscara festiva de Raffe só contribui para o horror quando ele paira sobre Beliel.

Com todos olhando, o único som é o zumbido dos escorpiões que voam ao longe e as ondas quebrando contra os rochedos abaixo.

Em seguida, o som de uma centena de espadas de anjo sendo puxadas de suas bainhas enchem a noite.

72

MINHA RESPIRAÇÃO sai trêmula e eu não acho que eu posso sentir meus dedos. Eu não consigo ver uma maneira de sair disto.

Raffe está sobre Beliel, observando todos os guerreiros ao seu redor. Seus olhos são ferozes, mas é óbvio que a nossa situação é muito ruim. Mesmo Raffe estando em sua melhor forma, ele não poderia lutar contra uma legião inteira de seu próprio povo, mesmo admitindo que ele queria.

Paige e eu estamos tão cercadas quanto Raffe. Minha irmã parece ter alguns novos truques na manga, mas as chances não estão exatamente a nosso favor. Eu olho em volta para ver se há uma lacuna na parede de anjos aonde eu poderia esgueirar Paige em segurança, mas não há nenhuma.

Estamos presos.

Eles se espalharam ao redor de nós, em todas as direções da terra, água e ar. Eu acho que essa não é a primeira vez que eles prendem sua presa. Eles sabem como se mover para matar, isso é verdade.

Vários anjos dão um passo em direção a Raffe com suas espadas. Ele as avalia, em seguida, olha para as suas asas no chão como se memorizasse sua localização. Ele pisa na cabeça de Beliel para chegar na frente de suas asas e lutar.

Os escorpiões observam Raffe com um olhar desconfiado, mas continuam a sucção de vida de Beliel quando ele encolhe. Quando as espadas de anjo colidem com as foices da asa de Raffe, os escorpiões se assustam e voam para longe.

Os olhos estão fixos em Beliel enquanto o resto dele sangra através de cortes, mordidas, e pedaços faltando. Se eu não o conhecesse, eu poderia supor que ele estava morto.

Raffe tenta afastar os anjos longe de suas asas, mas há pouca coisa que você pode fazer quando está lutando por sua vida.

Eu fico no chão e pego uma asa de neve antes que alguém pise nela. Eu rapidamente dobro e entrego a Paige.

— Segure isso. Não deixe que nada aconteça a ela.

Eu passo para o outro lado de Raffe e rastejo no chão para pegar a outra asa, quando um anjo está prestes a pisar nela. Acima de mim, Raffe fatia em blocos em um frenesi de movimento com suas asas de demônio.

Eu rastejo para trás com a asa para sair do caminho. Eu dobro a asa e dou a Paige. As asas são leves, mas elas praticamente cobrem todo o seu corpo quando ela as segura em seus braços.

Eu guio Paige afastando-nos da luta. Mas o nosso caminho está bloqueado por um guerreiro que olha para baixo nos encarando.

À luz das tochas, suas asas se parecem mais com as chamas, mas eu sei que elas seriam de um laranja queimado sob um poste de luz. É Burnt, quem sequestrou Paige.

Ele parece o mesmo do vídeo de vigilância do Doutor — amargo e mau. Ele dá um passo em nossa direção.

— Aí está você — diz Burnt quando ele chega até Paige. — Você finalmente veio a calhar para alguma coisa, não é? Já era hora de alguém tirar esse rejeitado daqui.

Eu empurrei Paige para trás de mim e arranquei a espada das minhas costas. Estava quase feliz de poder ter a chance de lutar com ele. Eu sinto um ódio especial de Burnt, o sequestrador de Meninas Indefesas.

73

BURNT ME ENCAROU como se eu fosse um mosquito.

— O que você vai fazer? Me socar com o seu ursinho?

Eu tiro a minha espada e fico em minha posição de combate.

Ele simplesmente explode em risadas. — Você vai lutar comigo com a sua espada de lata, garotinha?

Eu quase posso sentir a raiva pulsando de Raffe, que está lutando com diversos guerreiros.

Burnt casualmente bate fortemente em mim com sua espada.

Eu automaticamente pego seu golpe com minha espada. O treino nos sonhos deve ter funcionado, pelo menos até certo ponto.

Burnt parece surpreso. Mas isso não o faz parar imediatamente e ele se curva para o próximo golpe. Eu tenho certeza que ele levou esse mais a sério.

Sua espada desce até mim como uma marreta.

Eu giro a minha espada para encontrar a dele.

O choque do impacto balança meus ossos por todo o caminho até os meus tornozelos. Meus dentes estalam tão forte que eu fico surpresa por eles não caírem.

Surpreendentemente, eu ainda estou em pé.

Mas só um pouco.

Fica claro que eu não aguento muitos golpes diretos. Agora eu sei por que nenhum dos meus treinos em sonhos envolveram um oponente com uma espada.

Burnt esperava que eu caísse com apenas um golpe. Ele eleva sua espada mais uma vez, parecendo incomodado.

Eu desvio e arrasto-me por baixo de sua espada. Provavelmente não um movimento recomendado, mas há uma razão pela qual desvio. Comigo tão perto, ele pode cortar, mas não pode fazer muito dano com impacto.

Eu tento chutar seu joelho, mas ele está pronto para mim e gira, saindo do caminho. Ao contrário dos outros oponentes com quem eu venho lutando ultimamente, Burnt não está nem bêbado e nem é um amador.

Ele balança a espada para outro golpe.

Eu o evito. Eu sinto o vento feito por sua espada no topo de minha cabeça.

Eu estou desequilibrada e não tenho tempo suficiente para me colocar

em uma boa posição de defesa.

Eu tenho apenas o tempo suficiente para levantar a minha espada e bloquear.

Ele me acerta novamente com uma força esmagadora.

Quando o impacto chega, meu esqueleto balança tanto que parece que minha espinha vai sair de tanto vibrar. Eu quase perco a espada, mas milagrosamente consigo segurá-la.

Eu cambaleio e caio de joelhos.

Eu registro vagamente Paige gritando atrás de mim. Paige pode ter uma mordida assassina, mas ela não está à altura de um anjo guerreiro com uma espada, e eu sou grata que ela perceba isso.

Uma parte de mim vê Raffe avançando por entre espadas e golpes, tentando chegar a mim. Mas há muitos oponentes em cima dele.

Ondas de fúria me enchem. O que eu pensei ser raiva pulsando de Raffe, na verdade está vindo de mim.

Não, não de mim.

Da espada.

Burnt fez parte do grupo que cortou as asas de Raffe. Por causa disso, a espada teve que deixar Raffe. Agora ela está presa comigo, uma humana fraca e pequena. Ela teve que aguentar insulto por cima de insulto desde então, inclusive sofreu chacota. E agora, a humilhação final - Burnt está prestes a nos derrubar com nada mais do que dois ou três golpes.

Cara, ela está puta.

Ótimo. Eu também estou. Esse bastardo pegou minha irmã e olha o que aconteceu.

Nós podemos cair juntas. Pelo menos nós podemos desafogar um pouco de nossa raiva em um último impulso. Eu espero que possa acertá-lo em algum lugar que realmente doa.

Burnt tem saco para, impacientemente, fazer um gesto para eu me levantar. Ele provavelmente nunca desceria à Terra se ele se preparasse para o seu golpe fatal enquanto sua oponente magricela estivesse caída.

Eu canalizo toda a minha raiva enquanto eu me posiciono e me preparo.

Burnt e eu levamos nossas espadas para trás.

Com toda a minha força, eu grito e balanço ao mesmo tempo que ele.

Paige chora meu nome. Raffe berra enquanto ele empurra guerreiros de lado, tentando me alcançar.

Quando as duas espadas colidem, o impacto nem vibra meus ossos, nem me faz sentir o gosto de sangue. É como se toda a força tivesse parado na

lâmina antes de vibrar até mim. Como se todo o tremendo poder de matar tivesse sido redirecionado.

A lâmina de Burnt se estilhaça.

Soa, simultaneamente, como vidro quebrando e alguém gritando. Um pedaço afiado acerta a asa de Burnt, cortando diretamente.

Eu continuo balançando e minha espada corta através do peito de Burnt.

É um golpe limpo que não deixa marcas até que o sangue passa através de uma linha, de um braço ao outro.

Ele se dobra.

Burnt cai na grama pisoteada, sangrando. Seus olhos estão bem abertos em um choque de descrença. Seu corpo treme. Sua respiração é irregular e tensa.

Ele luta para respirar.

Um... Dois...

Seus olhos perdem o foco e fixam o nada.

Não há vida neles.

Eu o encaro por um segundo a mais para ter certeza de que ele está morto, me reassegurando de que espadas de anjos podem matar anjos.

Eu olho para cima. Raffe e os outros estão congelados no meio da briga. Todos estão nos encarando.

Uma garota humana. Matando um anjo guerreiro. Em uma luta de espadas.

Impossível.

Estou congelada também. Meus braços continuam para cima, segurando a lâmina, posicionada para acertar de novo.

Eu olho de relance para o corpo de Burnt, tentando voltar minha mente para o fato de que eu matei um anjo guerreiro.

Então, outra coisa incrível acontece.

Em um instante, estamos cercados por anjos segurando suas espadas. No outro, o braço de um deles escorrega e sua espada cai com um baque no gramado, como um peso. O anjo encara sua lâmina sem compreender.

Outra espada cai.

Então outra.

Então um monte delas, até que todas as espadas desembainhadas caem, batendo na grama como plebeus que se ajoelham diante da rainha.

Os anjos encaram as espadas à seus pés em choque absoluto.

Então todos olham para mim. Na verdade, é provavelmente mais certo eu dizer que eles estão olhando para a minha espada.

— Uau — essa é a coisa mais inteligente que eu consigo dizer agora.

Raffe disse algo sobre uma espada de arcanjo intimidar outra espada de um anjo, se ela ganhasse seu respeito?

Eu giro meus olhos para olhar para a espada em minhas mãos. Foi você, Pooky Bear?



PAIGE CORRE ATÉ MIM, ainda segurando as asas. Ela tenta enterrar o rosto entre minhas costelas como ela costumava fazer quando tinha um pesadelo e precisava de um abraço.

Eu ponho meu braço ao seu redor. Eu posso jurar que seus ombros estão mais magros do que nunca. Mas esse pensamento me leva para todos os lugares escuros onde eu não quero ir, então eu o ignoro. Julgando pela parede de guerreiros ao nosso redor, a fome dela não será um problema por muito mais tempo.

Eu a puxo para mim, enquanto cautelosamente dou um passo na direção de Raffe. Todos ainda estão em choque, então ninguém me para, mesmo que agora eu seja uma assassina de anjos. Eu fico de costa-a-costa com Raffe, colocando Paige e as asas decepadas entre nós.

Eu sei que Paige é fatal agora. Mas isso não muda o fato de que ela não irá sobreviver a isso mais do que o resto de nós. E se tem uma coisa que eu sei que uma criança da idade dela não deveria estar fazendo, é estar lutando por sua vida enquanto sua irmã mais velha está por perto.

Eu espero que seus últimos instantes sejam cheios da certeza de que ela está cercada por aqueles que tentaram protegê-la.

Nós devemos ser uma bela coisa de se ver. Raffe em sua máscara vermelha com suas asas de demônio espalhadas com toda sua glória com pontas-de-foice. Uma adolescente magricela, Filha do Homem, brandindo uma espada de arcanjo. E uma pequena garota que parece inofensiva ao se olhar, mas se comporta como um pesadelo que segura um par de asas de anjo.

Meu cabelo voa por todos os lados, e eu percebo que o zunido do escorpião vêm crescendo em um rugido novamente. Eles devem ter dado a volta e estão vindo em nossa direção. Parece que uma tempestade se forma conforme eles se aproximam.

Os guerreiros superam o choque e começam a se movimentar em nossa direção, de mãos vazias. Só agora há tantos vindo em minha direção quanto na de Raffe. Eu acho que eles têm algo contra garotas humanas matando um deles. Ou isso, ou eles querem tentar pegar minha espada de volta.

Eu movimento minha espada na direção de um anjo que está perto demais de mim. Ele desvia e tenta agarrar meu cabelo. Eu chuto seu estômago.

Pelo que posso notar, há um suplemento infinito de guerreiros. O

resultado é óbvio. Não demorará muito até que nos esgotemos.

Nós sabemos disso. Eles sabem disso.

Mas nós continuamos lutando.

Eu estou atacando com uma espada um enorme guerreiro, tentando alcançar sua garganta quando algo o derruba.

Um escorpião.

Por um momento, é uma confusão de asas e um animal peçonhento rolando na grama pisoteada. O escorpião não está realmente lutando com o anjo. Eu acho que está apenas tentando levantar e voar. Mas o anjo não deixará isso acontecer.

Outro escorpião colide com o oponente de Raffe. Eles rolam pela sujeira, caindo em uma confusão de membros e asas. Outros três escorpiões desajeitadamente colidem com anjos.

Eu levo um momento para realmente entender o que está acontecendo.

O enxame acima de nós desceu, mergulhando e se enroscando como uma nuvem de vespas. Conforme eles mergulham mais, os escorpiões da ponta do enxame colidem com anjos. As colisões derrubam os guerreiros como grama sendo cortada.

Eu não tenho dúvida de que um anjo consegue derrubar um escorpião sem suar. Mas há bem mais escorpiões do que anjos, e os escorpiões agem como bestas desnorteadas batendo em corpos. Mesmo que alguns deles guinassem no último segundo tentando desviar de colisões fatais, eles não parecem conseguir parar seu próprio grupo enquanto trombam com anjos.

A pura força dos corpos forçando repetidamente contra a multidão, leva todos eles abaixo, para o gramado.

Todos, menos eu, Raffe e Paige.

O enxame quebra ao nosso redor, derrubando tudo em seu caminho, mas nos deixando intocados.

O vento causado pelas asas deles me faz cambalear para trás até Paige, até que ela esteja esmagada entre Raffe e eu. Eu alcanço sua mão para segurá-la. Sua pequena mão agarra-se fortemente a mim.

Raffe espalha suas asas para nos proteger, até que ele esteja em nossas costas com suas asas nos protegendo em ambos os lados.

Doutor podia estar errado sobre os sentimentos de Paige por Beliel, mas estou me convencendo de que ele estava certo sobre Paige ter algo especial nela. O que quer que seja que Doutor tenha feito à ela secretamente, isto lhe deu algum tipo de conexão com os escorpiões. Eles estão voando ao seu redor e protegendo-a com seus próprios corpos.

Eles continuam vindo. Alguns dão ferroadas, outros não, como se eles

estivessem confusos sobre o que deveriam fazer. Mas mesmo os que ferroam, não hesitam. É muito mais um ato de — batida-e-fuga — como se eles soubessem que estariam em grandes problemas se ficassem.

O enxame se eleva, deixando a grama cheia de anjos de joelhos e de barriga. Todos encaram o céu para ver o que vem a seguir. Nós somos os únicos em pé.

O enxame gira e volta para fazer outra passagem. Os anjos que estão de joelhos, caem de barriga, e todos cobrem as cabeças.

Talvez se eles pudessem usar suas espadas, a dinâmica se alterasse. Mas ninguém parece querer arriscar ter a sua espada lhe recusando mesmo que seja apenas para uma batalha.

Eu olho ao redor para ver o que deveríamos fazer. Visto que eles não se lançaram contra nós, correr para se proteger não parece fazer muito sentido.

O enxame continua vindo. Uma grande poeira de vento faz meus olhos arderem e quase me derruba.

Mas eles voam ao nosso redor como antes, deixando-nos em pé enquanto todos os outros estão no chão.

Ainda segurando as asas dobradas, Paige escapa de entre nós dois e deita em cima de Beliel. As asas estão esmagadas entre eles com as sedosas penas esvoaçam com o vento.

Beliel se encolheu e está quase irreconhecível deitado como se estivesse morto, de barriga. As asas cobrindo suas costas, entretanto, parecem contrastantes e cheias de vida, inclinando-se sobre ele como um cobertor.

Um escorpião paira sobre Paige, tentando levantá-la, mas ela não solta de Beliel.

Minha pele fica fria com a visão da curva cauda com o ferrão tão perto de minha irmã. Eu estou tentada a cortá-lo. Mas Raffe põe sua mão para me parar, como se soubesse o que quero fazer.

— Coloque-a longe — ele sussurra enquanto acena para minha espada.

Eu hesito, pensando em todas as razões pelas quais eu devo mantê-la longe. Mas eu limpo o sangue em minhas calças e deslizo-a de volta na bainha, em meu quadril. Não é hora de discutir.

Mais escorpiões desaceleram e pairam sobre Paige. Quatro deles agarram Beliel pelas axilas e pernas, enquanto outros dois puxam o cinto. Eles o levantam com Paige em cima, como uma princesa em um palanque-demoníaco.

Eu me aproximo, querendo tirá-la de lá.

Raffe pega minha mão e começa a correr atrás deles enquanto o resto do enxame passa. Ele me balança e me puxa para seus braços.

Eu o seguro tão forte quanto meus músculos trêmulos me deixam.

Alguns passos correndo e nós estamos pulando de um penhasco para o ar.

75

ANJOS IMEDIATAMENTE saem de suas posições de bruços e começam a nos seguir.

Alguns parecem lentos e doloridos, mas muitos conseguem melhorar. As asas de Raffe batiam poderosamente conforme nós voávamos acima das ondas que se quebravam.

Atrás de nós, uma horda de anjos decola do penhasco.

O som ensurdecedor das asas dos escorpiões aumenta conforme o enxame se enrosca e dobra para trás. Os escorpiões voam tão perto de nós, que suas asas de insetos praticamente escovam minha cabeça quando eles mergulham em direção aos anjos.

Eu olho de soslaio para a pressa de corpos de insetos. Assistindo por cima do ombro de Raffe, meu campo de visão estreita e alarga ritmicamente conforme Raffe bate suas asas.

O enxame mergulha, colidindo com os anjos atrás de nós.

O choque titânico derruba os anjos e tudo o que eu vejo são ferrões e asas de insetos. Nenhum anjo consegue penetrar na massa. Eu imagino que não era isso que Uriel tinha em mente quando criou os escorpiões.

Os escorpiões mergulham e dobram de volta para nós, sem um único anjo à vista.

Estamos no enxame.

Corpos voam acima, à frente e abaixo de nós. Atrás de nós, a massa de ferrões e asas é tão densa que se torna uma parede gigante de insetos.

Nós olhamos ao redor nervosamente tempo o suficiente para pararmos de nos preocupar se eles iriam ou não nos atacar.

Ao meu lado, minha pequena irmã cavalga no que sobrou de Beliel. Suas pernas envolvem a cintura dele e ela pressiona as asas cortadas de Raffe nele com seu corpo. As pontas com neve das asas caem, tremulando ao vento.

Beliel é uma imagem horrível, com sua cabeça pendurada. Pedaços dele estão faltando e ele ainda sangra. Sua pele e músculos estão murchos e secos, fazendo-o parecer frágil e morto há tempos.

Eles estão sendo carregados por seis escorpiões monstros tremulando as asas iridescentes, e eles são uma visão assustadoramente bizarra. Paige vira para mim e me lança um sorriso tímido, que para quando os pontos cruzados em seu rosto se movem muito.

Meu pai uma vez me disse que a vida ficaria complicada quando eu crescesse. Acho que isso não é o que ele quis dizer. Minha mãe, por outro lado, concordou com ele, e eu acho que esse tipo de coisa é exatamente o que ela quis dizer.

Eu me enrolo nos braços de Raffe. Nosso voo está em sincronia com o enxame, como se seus instintos estivessem perfeitamente afinados para sincronizar-se com seus companheiros de voo. É claro que ele estava destinado a ser parte de algo maior do que si mesmo.

Raffe é quente e forte e ele se sente em casa. Nossos rostos ficam mais perto com as mudanças do enxame. Por um momento, eu consigo sentir sua respiração em minha bochecha.

Voaremos para onde o enxame nos levar, e pousaremos onde eles quiserem. E quando chegarmos, eu não tenho dúvidas de que terei que estar completamente alerta e pronta para qualquer coisa. Até lá, eu posso aproveitar o conhecimento de que minha família está segura e de que estou com Raffe novamente.

O sol está nascendo, dando um brilho ao oceano entre azul, dourado e verde.

É um novo dia no Mundo de Depois.

{1} SUV (do inglês *Sport Utility Vehicle*) que significa —veículo utilitário esportivo—. É um tipo de automóvel com características dos veículos de passeio e dos veículos todo o terreno (*off-road*) aliando conforto, espaço e versatilidade. Tem origem nos veículos para fins militares, fabricados por ocasião da II Guerra Mundial tais como os das marcas Jeep, popularmente conhecidos no Brasil como jipe.

{2} O **tijolo de adobino** é um material vernacular usado na construção civil. É considerado um dos antecedentes históricos do tijolo de barro e seu processo construtivo é uma forma rudimentar de alvenaria. Adobinos são tijolos de terra crua, água e palha e algumas vezes outras fibras naturais, moldados em fôrmas por processo artesanal ou semi-industrial.< http://pt.wikipedia.org/wiki/Adobe>)

{3} ***O Flautista de Hamelin*** *é um conto folclórico, reescrito pela primeira vez pelos Irmãos Grimm.*

{4} Pooky é o ursinho e melhor amigo de Garfield, que ele descobriu em uma gaveta.

{5} Gigante+enorme

{6} Estádio localizado em Oakland, Califórnia, Estados Unidos. É utilizado pelos times de futebol americano Oakland Raiders e de baseball Oakland Athletics

{7} A **World Series** (—série mundial—, em português) é a série final do campeonato de basebol da Major League Baseball

{8} **Argumentum ad nauseam** (em português, —argumentação até provocar náusea—) refere-se à argumentação por repetição, ou seja, a mesma afirmação é repetida insistentemente até o ponto de causar —náusea— ou aversão ao interlocutor objetor, fazendo-o desistir da discussão, mesmo que não esteja persuadido ou não concorde com a afirmação do seu oponente.)—.

{9} O **Vale do Silício** (em inglês: Silicon Valley), na Califórnia, Estados Unidos, é uma região na qual está situado um conjunto de empresas implantadas a partir da década de 1950 com o objetivo de gerar inovações científicas e tecnológicas, destacando-se na produção de circuitos eletrônicos, na eletrônica e informática.

{10} Aeroporto Internacional de São Francisco.

{11} Aperitivos

{12} Capaz de sentir ou perceber através dos sentidos. Que possui ou consegue receber impressões ou sensações.

{13} Anjo de asas laranja-queimado

{14} Trocadilho com o nome da baía.

{15} Vestido comum nos anos 20

{16} Ferramenta usada para prender as coisas juntas; https://www.google.com/search?q=vice+tool&espv=210&es_sm=93&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=7KXyUtHICczksATH5oCQCg&ved=0CAcQ_AUoAQ&biw

{17} Whitewater = água branca é formada em uma corredeira, quando o gradiente de um rio aumenta o suficiente para perturbar seu fluxo laminar e criar turbulência,i.e., forma uma corrente instável borbulhante ou aerada; a água espumosa aparece em cor branca. O termo também é usado livremente para se referir ao fluxo menos turbulento, mas ainda agitado.